

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro



Cartas Brasileiras **(1809 - 1904)**

Um estudo lingüístico-filológico

Volume 1

Campinas, 2005.

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

Cartas brasileiras (1809–1904):
um estudo lingüístico-filológico

Tese de Doutorado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas.

Orientadora:

Prof^a Dr^a Charlotte Marie Chambelland Galves

Campinas, 2005.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

C215c

Carneiro, Zenaide de Oliveira Novais

Cartas Brasileiras (1808-1904): um estudo lingüístico-filológico/ Zenaide de Oliveira Novais Carneiro. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador: Charlotte Marie Chambelland Galves.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Cartas brasileiras. 2. Lingüística histórica. 3. Mudança. I. Galves, Charlotte Marie C
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Títu

Título em inglês: Brazilian Letters (1809-1904): a linguistic-philologic study

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Brazilian Letters; Historical Linguistics; Change

Área de concentração: Lingüística Histórica/Gramática.

Titulação: Doutorado.

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Sônia Maria Lazzarini Cyrino, Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Morais,

Prof^ª. Dr^ª. Tânia Conceição Freire Lobo e Prof^ª. Dr^ª. Maria Clara Paixão de Souza

Suplência: Prof^ª. Dr^ª. Maria Eugênia Lamoglia Duarte; Prof^ª. Dr^ª. Filomena Sândalo e Prof^ª. Dr^ª. Denilda Moura

Data da defesa: 13/12/2005.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Sônia Maria Lazzarini Cyrino (UNICAMP)

Prof^ª. Dr^ª. Tânia Conceição Freire Lobo (UFBA)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Morais (USP)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Clara Paixão de Souza (UNICAMP)

Suplência:

Prof^ª. Dr^ª. Maria Eugênia Lamoglia Duarte (UFRJ)

Prof^ª. Dr^ª. Filomena Sândalo (UNICAMP)

Prof^ª. Dr^ª. Denilda Moura (UFAL)

À Carmélia Laura, minha avó (*in memoriam*)
pela dedicação e orações.

Aos meus pais, Clóvis e Hilda
pelo amor
e pela origem.
Um lugar
cuja paisagem quase sempre é amarela
e onde um mundo se desenha em nuvens muito brancas

Aos queridos
Antonio, Leonardo, Maria Clara e Maria Laura,
simplesmente e tudo,
encontro de pura felicidade.

Ao Profº Jerônimo de Moraes,
um mestre generoso.

Agradecimentos

Agradecer é tão íntimo, pode prescindir até de palavras. Quantos gestos grandes para pequenos problemas! Sem dúvida, muitos anônimos nos vários arquivos tornaram mais leve o “peso” do volume 2 que, ao sair, afinal, não fica concluído, pois é novo e antes de seu uso, precisa deformar o gume, como diria o poeta Marcus Accioly.

À Prof^a Dr^a **Charlotte Marie Chambelland Galves** pela competente orientação acadêmica. O seu incentivo constante e sua paciência foram fundamentais.

Ao PICDT/CAPES pela concessão da bolsa de Doutorado e à Universidade Estadual de Feira de Santana e, em particular, ao Departamento de Letras e Artes, pela liberação de minhas atividades por quatro anos.

Aos excelentes professores da Unicamp, Charlotte M. C. Galves, Eduardo Guimarães, Eni Orlandi, Mary Kato e Jairo Nunes. Aos colegas de turma pela troca saudável de conhecimentos. Agradeço a ajuda despretensiosa de Maria Clara Paixão e de Cristiani Namiuti, pesquisadoras dos “Corpora Históricos Anotados do Português Tycho Brahe”, sediado na Unicamp e coordenado por Charlotte Galves. No Ifch, também na Unicamp, sou grata à Lucilene Reginaldo. E à Mary Kato, Maria Aparecida Torres, Sônia Cyrino e Eugênia Lamoglia Duarte, agradeço pelo envio de material bibliográfico. E a Afrânio Barbosa e Heitor Megale por decisiva conversa.

E por este trabalho, que começou bem antes nas proveitosas reuniões do “Programa Para a História da Língua Portuguesa (Prohpor)”, cujo contato com todos os colegas foi essencial, sou grata, sobretudo, pelo feliz e fecundo convívio com Rosa Virgínia Mattos e Silva, também com Dante Lucchesi e, em especial, com Tânia Lobo.

E, duplamente na Uefs e no Prohpor, à Norma Lúcia Fernandes de Almeida, co-autora de vários projetos e grande amiga. Também na Uefs, à Ilza Ribeiro pelos cursos com Helena Ochi Flexor, Maria Luiza Braga, Mary Kato, Ana Maria Martins, Jairo Nunes, Eduardo Raposo e Eduardo Molina, oferecidos durante a sua atuação no Departamento de Letras e Artes. Também lhe devo a oportunidade ímpar de participar do “Projeto Para a História do Português Brasileiro (Phpb)”. A

contribuição dos colegas desse projeto aparece em várias partes desta pesquisa. Aproveito ainda menção ao Phpb para agradecer o incentivo de Ataliba Castilho.

Pelo acesso ao material de pesquisa, agradeço as pessoas que indicaram os caminhos. Os documentos do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (Ighb) foram apresentados de maneira magnânima por Consuelo Pondé de Sena, que também permitiu as reproduções fotográficas feitas por Aldo Lima, um trabalho já iniciado no Arquivo Público da Bahia, através das indicações das cartas de Maria Augusta Ferrão de Argollo por Anna Amélia Vieira Nascimento. No Ighb, agradeço ao arquivista Fernando da Costa Pinto.

Pelas fontes do arquivo do barão de Jeremoabo, agradeço a indicação de José Calasans (*in memoriam*). Essa indicação culminou em um encontro feliz e produtivo com o Sr. Álvaro Dantas de Carvalho, a quem vou ser sempre grata por ter aberto as portas de sua casa para que eu e Norma Lúcia Fernandes de Almeida pudéssemos conhecer o fascinante arquivo do barão de Jeremoabo, totalmente inédito na época. Com sua generosidade ímpar, disponibilizou-me suas anotações preciosas. Agradeço a Álvaro Dantas de Carvalho Jr., seu filho, que não poupou esforços para que eu fotografasse e editasse as cartas de sertanejos baianos ainda durante o processo de depósito desse arquivo na Fundação Clemente Mariani, trabalho facilitado por Maria das Graças Nunes Cantalino. À Karina Uchôa, agradeço o auxílio por parte da transcrição das cartas do barão de Jeremoabo.

Na fase de edição, pude contar com a colaboração de várias outras pessoas. Em algumas das cartas da primeira parte, tive a ajuda inestimável de Maria Helena Ochi Flexor no esclarecimento de dúvidas com a transcrição e com as abreviaturas. Agradeço à Norma Lúcia Fernandes de Almeida pela colaboração na fase inicial desta pesquisa, em 1999, e às bolsistas de Iniciação Científica Aldísia Malafaia, Hilmara Moura e Vanúzia Batista, pela primeira leitura de 100 cartas de “Baianos Ilustres”.

E, ainda, durante o processo de pesquisa biográfica dos remetentes, agradeço a boa vontade de várias pessoas do Arquivo Público de Sergipe e de diversos arquivos baianos, a saber: Cachoeira, Santo Amaro da Purificação, Rio de Contas, Caitité e, sobretudo, dos arquivos da Cúria Diocesana, em Salvador, Feira de Santana, Alagoinhas, Paulo Afonso e Senhor do Bonfim. Em especial, menciono a disponibilidade do bispo Dom Jairo, a colaboração de Alana Brito, Vera Nathalia e Adriana Soares. Para a identificação de dados biográficos dos remetentes do barão de Jeremoabo, contei, também, com a colaboração de diversos secretários de prefeituras do interior da Bahia. Cito, em especial, o Prof. Nelson Almeida Santiago, de Crisópolis, e Marcos Antonio Dantas de Almeida, de Jeremoabo. Várias outras pessoas foram importantes no esclarecimento de dúvidas, em particular, agradeço aos historiadores, João José Reis, Cândido da Costa e Silva, Heloísa Belloto,

Eduardo Silva (Fundação Rui Barbosa) e, também, a Luís Leal Filho (biógrafo da família Almeida Couto).

Na pesquisa sobre escolarização, agradeço à Antonieta de Aguiar Nunes e aos bolsistas de seu projeto do Arquivo Público do Estado da Bahia. Ao genealogista Dr. João da Costa Pinto, pelas deliciosas conversas durante as pesquisas na Cúria Diocesana de Feira de Santana, quando, muitas vezes, me senti transportada ao recôncavo baiano oitocentista, um ambiente que lhe é, literalmente, familiar.

A continuação dessa pesquisa teria sido mais difícil sem o préstimo de amigos queridos do Departamento de Letras e Artes da Uefs, agradeço, em especial, a Iderval Miranda, Clodoaldo Moraes e Lenilda David Carneiro. Sou muito grata, também, pela disponibilidade de Reijane Ribeiro, Denise Sampaio e Graça Simões da Biblioteca Central Julieta Carteado, Cristiana Barbosa de Oliveira Ramos (Centro de Estudos Feirenses) e Norma Gonçalves.

Aos amigos e familiares (filhos, marido, pais, meus seis irmãos, enfim, toda a minha enorme família sertaneja) o meu reconhecimento pelo carinho e compreensão. E, pelo convívio na minha casa, agradeço à Semiralva Reis, à Marizete Souza e à Jaciara Sena pelos cuidados com Maria Laura. Em Campinas, sou grata pelas carinhosas acolhidas de Telma Vianna Magalhães e sua doce Laiane.

Por fim, não posso deixar de registrar, como uma forma de homenagem, a um decisivo encontro com Fernando Tarallo através do seu instigante “**Tempos Lingüísticos**”.

Resumo

Tento mostrar a essencialidade da integração entre filologia e história para a seleção de amostras de língua externa, o material empírico para estudos lingüísticos diacrônicos. As fases da elaboração da pesquisa foram as seguintes: (i) seleção e identificação da autenticidade das cartas; edição; localização espacial e temporal; (ii) identificação de dados relevantes sobre os remetentes e os destinatários; (iii) contextualização da amostra com base na história externa do português brasileiro e (iv) descrição lingüística, enfocando padrões de colocação dos clíticos. Como resultado final mais importante, há a identificação, a partir de um modelo de representação de linguagem, de um interessante processo de competição de gramáticas em textos escritos por brasileiros nascidos entre fins do século 18 e meados do século 19. Atestam-se três padrões distintos na colocação dos clíticos: 1) construções equivalentes à escrita do português europeu em sua fase clássica; 2) construções que refletem as mudanças em direção ao português europeu moderno, e 3) construções que definem o português brasileiro. Esses padrões mostram o efeito nos documentos de duas mudanças, diferentemente do que comumente tem sido demonstrado.

Abstract

I try to show the main aspect of the integration between Philology and History in the choice of the samples of external language as a provider of empirical raw material to diachronic linguistic studies. The phases of the elaboration of the research were as the following: (i) choice and identification related to authenticity of letters; editing, spatial and temporal localization; (ii) identification of relevant data on senders and addressees; (iii) contextualization of the sample based on external history of the Brazilian Portuguese and (iv) linguistic description focusing patterns of locating clitics. The most important result of it is the identification, from a model of language representation, of a interesting process of competition among grammars with texts written by Brazilians born between the end of 18th century and the middle 19th century. There are three distinct patterns of locating clitics: constructions equivalent to the written Modern European Portuguese in its classic phase; constructions that reflect the changes in direction toward the Modern European Portuguese and constructions that define the Brazilian Portuguese. These patterns show the effect of two changes in the Brazilian Portuguese differently for what has commonly been asserted.

Sumário

Agradecimentos	[vi]
Resumo	[ix]
Abstract	[x]
Lista de tabelas	[xvi]
Listade gráficos/figuras	[xix]

VOLUME 1

Apresentação	.01
---------------------	-----

Primeira Parte

Preliminares

Capítulo 1: Pressupostos e metodologia	05
1.1 A teoria, língua-I e língua-E	06
1.1.1 Mudança sintática	05
1.1.1.1 O problema das construções de língua-E	08
	16
1.2 Estudos diacrônicos sobre o português brasileiro	16
1.3 Alguns aspectos da sintaxe dos clíticos no português brasileiro e no português europeu	16
1.3.1 Estudos sobre a ordenação dos clíticos no português brasileiro	16
1.3.1.1 Pagotto (1992, 1993)	16
1.3.1.2 Lobo (2001)	23
1.3.1.3 A posição dos clíticos em grupos verbais	28
1.3.2 Estudos sobre a ordenação dos clíticos na história do português europeu e os resultados de Galves, Britto, Paixão de Souza (2005) com base em CTB	35
1.4 Metodologia utilizada no levantamento dos dados	44
1.4.1 Organização dos dados	45
1.4.1.1 Ambientes considerados	46
1.4.1.1.1 Considerações preliminares	46
1.4.1.1.1.1 Tipo de clíticos	48
1.4.1.1.1.2 A organização e classificação dos dados	51
1.4.1.1.1.2.1 Construções com verbos simples	51
1.4.1.1.1.2.1.1 Orações com prevalência para a ênclise	51
1.4.1.1.1.2.1.2 Orações com prevalência para a próclise	53
1.4.1.1.1.2.1.3 Constituintes que precedem o conjunto verbo/clítico	55
1.4.1.1.1.3.1 Construções com grupos verbais	60
1.4.1.1.1.3.1.1 Construções com elevação do clítico	61

1.4.1.1.1.3.1.2 Construções sem elevação do clítico	61
1.4.1.1.1.3.1.3 Classificação do verbo finito nas construções com grupos verbais	62
1.4.1.1.1.3.1.3.1 Verbos auxiliares, temporais e aspectuais	63
1.4.1.1.1.3.1.3.2 Verbos modais, volitivos, epistêmicos e conativos	64
1.4.1.1.1.3.1.3.3 Verbos causativos e perceptivos	65
1.4.1.1.1.3.1.3.4 Construções com verbos seguidos de preposição	66
1.4.1.1.1.3.1.3.5 Construções passivas	67

Capítulo 2: Sobre a natureza do *corpus* ou as cartas e os remetentes do volume 2 69

2.1. A constituição de <i>corpora</i> diacrônicos para o estudo da língua portuguesa no e do Brasil	69
2.1.1 As cartas como <i>corpus</i> de pesquisa	71
2.1.1.1 Modos de circulação e condições de produção dos documentos	73
2.1.1.1.1 Modos de circulação	73
2.1.1.1.2 Condições de produção	74
2.1.1.2 Da localização temporal e espacial	88
2.1.1.2.1 A temporal	88
2.1.1.2.2 A espacial	90
2.1.2 Os remetentes	98
2.1.2.1. Indicadores individuais: nacionalidade	98
2.1.2.1.1 1ª parte: os brasileiros de várias províncias	100
2.1.2.1.2 2ª parte: parentes, amigos e correligionários de Severino Vieira	109
2.1.2.1.3 3ª parte: parentes, amigos e correligionários do barão de Jeremoabo	113
2.1.2.2 Data de nascimento dos remetentes	120

Segunda Parte

Descrição dos dados

Capítulo 3: A colocação dos pronomes em orações simples finitas e em grupos verbais: *variação em “Cartas Brasileiras”* 123

3.1 Descrição preliminar	126
3.1.1 Mudanças no sistema pronominal	126
3.1.2 Tipos de clíticos	134
3.2 Orações finitas com verbos simples e em grupos verbais	146
3.2.1 Classe de orações	146
3.2.1.1 Orações com prevalência para a ênclise	147
3.2.1.1.1 Verbo em posição inicial absoluta	148
3.2.1.1.1.1 Verbo precedido de vocativo e saudações	152
3.2.1.2 Orações com verbos simples: V2	153
3.2.1.2.1 Constituintes que precedem o conjunto verbo/clítico	153
3.2.1.2.2 Contexto de variação I: sujeitos não focalizados-V; sintagma preposicional-V e sintagma adverbial-V	153
3.2.1.3 Contexto de variação II: verbo em posição inicial em segunda coordenada e verbo	157

precedido de orações dependentes	
3.2.1.3.1 Verbo em posição inicial de coordenadas	157
3.2.1.3.2 Verbo precedido de orações dependentes reduzidas e orações desenvolvidas	157
3.2.1.4. Ativadores de próclise	159
3.2.1.4.1 Orações precedidas de quantificadores, advérbios modais, complementos diretos, predicativos, sujeitos quantificados, focos morfológicos, sujeito de passiva e sujeito do verbo parecer	159
3.2.2 Orações imperativas	163
3.2.3 Orações parentéticas e apositivas	164
3.2.4 Orações com prevalência para a próclise	166
3.2.4.1 Orações negativas	166
3.2.4.2 Orações com sintagma-Q	167
3.2.4.3 Orações interrogativas diversas	171
3.2.4.4 Expressões fixas	172
3.2.5 Orações coordenadas ou subordinadas com “porque”	172
3.3.6 Estudo comparativo: Cartas Brasileiras (CB), GBPS (2005) e Pagotto (1992)	173
3.3.6.1 A variação diacrônica e as implicações para a gramática do português brasileiro	174
3.3.6.1.1 Próclise em posição inicial absoluta	175
3.3.6.1.2 Contexto de variação I: estudo comparativo	176
3.3.6.1.3 Contexto de variação II: GBPS (2005) e Cartas Brasileiras (CB)	185
3.4 Orações com grupos verbais	190
3.4.1 Elevação e não elevação de clíticos	191
3.4.2 Classificação do verbo finito nas construções com grupos verbais	196
3.4.2.1 Verbos auxiliares	196
3.4.2.2 Verbos modais e volitivos	198
3.4.2.3 Verbos causativos e perceptivos	199
3.4.2.4 Verbos seguidos de preposição	201
3.4.2.5 Verbos em construções passivas	203
3.4.3 Colocação dos clíticos em grupos verbais: por data de nascimento e por data de produção	204
3.5 A interpolação	208
3.6 Algumas considerações finais	210

Terceira Parte

Sócio-história: configuração do *corpus* e estudo contrastivo

Capítulo 4: Algumas considerações sobre a expansão da língua portuguesa no Brasil e a sua relação com o <i>corpus</i>	213
4.1 Sobre a formação sócio-histórica do português brasileiro	213
4.2 A re-ocupação territorial brasileira: séculos 16-19	216
4.2.1 Da costa para o interior	216
4.2.2 Rumo ao “íntimo” dos sertões baianos e os indícios da configuração das variedades semi-culta e popular no interior da Bahia: contextualizando os remetentes de Cícero Dantas Martins (barão de Jeremoabo) e do coronel Exupério Pinheiro Canguçu	221
Capítulo 5: Do desenvolvimento do sistema de escolarização no Brasil em fins do século 18, sua relação com o <i>corpus</i> e indicadores sociais	230
5.1 Breve histórico da educação no Brasil	231
5.1.1 Universidades e os remetentes cultos	
5.1.2 Instrução primária e secundária a partir do ato adicional no interior da Bahia: 1834-1889	235
5.2.2.1 O interior da Bahia: onde estudaram os remetentes sertanejos?	243
5.2 Indicadores sociais: classe social e ocupação	252
5.3 Gênero	254
Capítulo 6: Estudo comparativo em Cartas Brasileiras (CB): costa/culto <i>versus</i> interior/semi-culto	256
6.1 Divisão dos dados em Cartas Brasileiras (CB): costa/culto <i>versus</i> interior/semi-culto	256
6.1.1 Diferenças entre tipos de clíticos	258
6.2 Orações finitas com verbo simples e com grupos verbais	259
6.2.1 Prevalência dos clíticos em 1ª posição na amostra do português brasileiro do interior/semi-culto	262
6.2.2 Contextos de variação na história do português: oposição variante da amostra do português da costa/culto <i>versus</i> interior/semi-culto	267
6.2.3 Variação na colocação dos clíticos em contextos não variáveis para a próclise na amostra do interior/semi-culto	283
6.3 Grupos verbais: comparação entre a amostra da costa/culto <i>versus</i> interior/semi-culto	288
6.3.1 Elevação e não elevação de clíticos: algumas diferenças	288
6.3.2 A inovação brasileira: próclise ao verbo não finito	290
6.3.3 Colocação dos clíticos em grupos verbais: por data de nascimento e por data de produção em Cartas Brasileiras (CB), costa/culto <i>versus</i> interior/semi-culto	293
6.3.4 Resumo do capítulo	300
7. Considerações finais	301
8. Fontes e referências	307

VOLUME 2

Edição fac-similada de cartas brasileiras

9. Siglas e abreviaturas	332
10. Normas de transcrição para cartas particulares do século 19 e 20 provenientes de arquivos baianos	333
11. Apresentação	336
11.1 As cartas, os remetentes e os arquivos	336
11.1.1 As cartas avulsas para vários destinatários	336
11.1.1.1 Os arquivos	337
11.1.1.2 Quem eram os destinatários?	339
11.1.2 As cartas para Severino Vieira	350
11.1.3 As cartas para Cícero Dantas Martins	352
11.2. Sobre a pesquisa de dados biográficos dos remetentes	358
11.2.1 Levantamento das fontes de pesquisa e dos dados	359
11.2.2 As fontes e os arquivos pesquisados	360
11.3 Crédito das ilustrações	371
11.4 Referências bibliográficas	372

Primeira Parte

Cartas avulsas para vários destinatários

12. Índice analítico das cartas	373
12.1 Fichas dos remetentes	401
12.1.1 Índice onomástico	401
12.2 A edição fac-similada	585

Segunda Parte

Cartas para Severino Vieira

13. Índice analítico das cartas	1001
13.1 Fichas dos remetentes	1151
13.1.1 Índice onomástico	1151
13.2 A edição fac-similada	1183

Terceira Parte

Cartas para Cícero Dantas Martins

14. Índice analítico das cartas	1549
14.1 Fichas dos remetentes	1575
14.1.1 Índice onomástico	1575
14.2 A edição fac-similada	1647

Lista de tabelas

Capítulo 2

Tabela 2.1	Modos de circulação e de produção das cartas da 1ª parte
Tabela 2.2	Modos de circulação e de produção das cartas da 2ª parte
Tabela 2.2	Modos de circulação e de produção das cartas da 3ª parte
Tabela 2.4	Localização geográfica das cartas da 1ª parte
Tabela 2.5	Localização geográfica das cartas da 2ª parte
Tabela 2.6	Localização geográfica das cartas da 3ª parte
Tabela 2.7	Dados sobre os remetentes de cartas da 1ª parte
Tabela 2.8	Dados sobre os remetentes de cartas da 2ª parte
Tabela 2.9	Dados sobre os remetentes de cartas da 3ª parte

Capítulo 3

Tabela 3.1	Tipos de clíticos em todas as orações em CB
Tabela 3.2	Dados comparativos dos tipos de clíticos: CB; Monteiro (1991); Abaurre e Galves (1996) e Galves (2001)
Tabela 3.3	Distribuição dos valores do SE em orações com verbo único em CB
Tabela 3.4	Ênclise/próclise por tipo de clítico no contexto I de variação com verbo único em CB
Tabela 3.5	Ordenação dos clíticos em orações finitas simples e em grupos verbais em CB
Tabela 3.6	Ênclise/próclise em posição inicial absoluta por tipo de orações em CB
Tabela 3.7	Ênclise/próclise com verbo precedido de vocativos em CB
Tabela 3.8	Classes de constituintes que precedem o verbo ou o clítico nas orações matrizes e principais no contexto I de variação em CB
Tabela 3.9	Sujeito com clítico SE e outros tipos em CB
Tabela 3.10	Ênclise/próclise no contexto de variação II em CB
Tabela 3.11	Classes de constituintes que precedem no contexto de não variação em CB
Tabela 3.12	Ênclise/próclise em orações dependentes em CB
Tabela 3.13	Ênclise/próclise em posição inicial absoluta em CB. Por data de nascimento
Tabela 3.14	Ênclise/próclise no contexto de variação I em CB. Por data de nascimento
Tabela 3.15	Ênclise/próclise no contexto de variação I em CB. Por data de produção
Tabela 3.16	Ênclise/próclise com sujeito pré-verbal I em CB. Por data de nascimento
Tabela 3.17	Ênclise com sujeito pré-verbal (excluindo o clítico SE) em CB. Por data de nascimento
Tabela 3.18	Ênclise/próclise no contexto de variação I (excluindo S-V com nome próprio) em CB. Por data de nascimento
Tabela 3.19	Ênclise/próclise no contexto de variação I (excluindo S-V com nome próprio e sujeito com o clítico SE) em CB. Por data de nascimento
Tabela 3.20	Contexto de variação II, raízes declarativas afirmativas, segundas

	coordenadas em CB
Tabela 3.21	Contexto de variação II, verbo precedido de orações dependentes reduzidas e desenvolvidas em CB. Por data de nascimento
Tabela 3.22	Construções em grupos verbais em CB
Tabela 3.23	Colocação de clíticos em grupos verbais por tipo de estrutura em CB. Por data de nascimento
Tabela 3.24	Colocação de clíticos em grupos verbais por tipo de estrutura em CB. Por data de produção

Capítulo 4

Tabela 4.1	Distribuição das etnias no terço do mestre-de-campo Morais Navarro
Tabela 4.2	Composição da população por etnia no Piauí (1697-1723)
Tabela 4.3	Distribuição demográfica no Brasil do século 16-19
Tabela 4.4	Patentes da Guarda Nacional dos autores das cartas da 3ª parte do volume 2
Tabela 4.5	Quantidade de escravos por propriedade na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Coité, na Bahia
<i>Mapa 4.1</i>	<i>Expansão do povoamento não autóctone na Bahia: 1539-1899</i>

Capítulo 5

Tabela 5.1	Distribuição de estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra (1772-1872)
Tabela 5.2	Distribuição de estudantes brasileiros em faculdades nacionais em meados do século 19
Tabela 5.3	Nível superior comprovado dos remetentes da 1ª parte
Tabela 5.4	Nível superior comprovado dos remetentes da 2ª parte
Tabela 5.5	Aulas existentes na província da Bahia (1808-1840): resoluções da Assembléia Legislativa da Bahia e os atos dos presidentes da província (1835-1889)
Tabela 5.6	Dados do relatório do Ministro Paulino José Soares de Souza
Tabela 5.7	Distribuição do índice de alfabetizados nas províncias em fins do século 19
Tabela 5.8	População geral e escolar com base no recenseamento (1875) e das impressões de Durval Vieira Aguiar (1882) sobre a região do semi-árido baiano
Tabela 5.9	Classificação da população (livre ou escrava), nacionalidade (brasileira ou outras), por instrução (alfabetizados ou analfabetos) e por localidade (Censo de 1872)
Tabela 5.10	Indicadores sociais no período colonial e imperial (Vilhena, 1969 [1798-1799]) e Mattoso (1992:259-599)

Capítulo 6

Tabela 6.1	Comparação da distribuição dos clíticos: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto)
Tabela 6.2	Ordenação dos clíticos em orações finitas e em grupos verbais: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto)
Tabela 6.3	Ênclise/próclise em posição inicial absoluta: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto)
Tabela 6.4	Ênclise/próclise em posição inicial absoluta em cartas brasileiras: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento
Tabela 6.5	Classes de constituintes que precedem o verbo ou o clítico nas orações matrizes e principais no contexto de variação I: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto)
Tabela 6.6	Ênclise/próclise no contexto de variação I: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento
Tabela 6.7	Ênclise/próclise no contexto de variação I: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto). Por data de produção
Tabela 6.8	Ênclise/próclise em sujeito pré-verbal: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento
Tabela 6.9	Contraste entre os sujeitos com o clítico SE e os outros tipos: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto)
Tabela 6.10	Ênclise/próclise com sujeito (excluindo o clítico SE) CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento
Tabela 6.11	Ênclise/próclise no contexto de variação I: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto), excluindo sujeito com nome próprio. Por data de nascimento
Tabela 6.12	Ênclise/próclise no contexto de variação II, raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto)
Tabela 6.13	Contexto de variação II, raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas e com verbo precedido de orações dependentes reduzidas e desenvolvidas: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento
Tabela 6.14	Contexto de variação II, verbo precedido de orações dependentes reduzidas e desenvolvidas. Por data de nascimento
Tabela 6.15	Classes de constituintes que precedem o verbo no contexto de não variação: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto)
Tabela 6.16	Próclise/ênclise em orações dependentes: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto)
Tabela 6.17	Grupos verbais: verbo finito e verbo não finito: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto)
Tabela 6.18	Estruturas de elevação/não elevação em orações com grupos verbais: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto)
Tabela 6.19	Colocação dos clíticos em grupos verbais por tipo de estrutura: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento
Tabela 6.20	Colocação de clíticos em grupos verbais por tipo de estrutura: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/não culto). Por data de produção

Lista de gráficos/figuras

Capítulo 1

- Gráfico 1.1 Percentual da retenção do objeto direto anafórico em cinco momentos históricos (Tarallo, 1993)
- Gráfico 1.2 Percentual de resumo da retenção pronominal em cinco momentos históricos (Tarallo, 1993)
- Gráfico 1.3 Distribuição de posições nulas por período de 100 anos (Cyrino, 1995)
- Gráfico 1.4 Clítico neutro em posição de início de sentença *versus* posição nula (elipse sentencial) por período de 100 anos (Cyrino, 1995)
- Gráfico 1.5 Clítico neutro em posição enclítica na estrutura AUX+V (ênclise ao auxiliar) *versus* posição nula (elipse sentencial) por período de 100 anos (Cyrino, 1995)
- Gráfico 1.6 Ênclise/próclise ^{em verbos em verbos sozinhos} de sentença raiz, século 16-20 (Pagotto, 1992)
- Gráfico 1.7 Ênclise/próclise por estrutura básica de sentença em três períodos de tempo (Pagotto, 1992)
- Gráfico 1.8 Colocação de pronomes átonos por tipo de sentença com verbos simples finitos (Lobo, 2001)
- Gráfico 1.9 Colocação de pronomes átonos com verbo em posição inicial absoluta (Lobo, 2001)
- Gráfico 1.10 Colocação pós-verbal de pronomes átonos em sentenças simples com verbos finitos: elementos em posição pré-verbal (Lobo, 2001)
- Gráfico 1.11 Frequência da variante cl-V V nos grupos verbais *com* e *sem* atratores, século 16-20 (Pagotto, 1992)
- Gráfico 1.12 Frequência da variante V cl-V nos grupos verbais *com* e *sem* atratores, século 16-20 (Pagotto, 1992)
- Gráfico 1.13 Colocação de pronomes átonos em grupos verbais (Lobo, 2001)
- Gráfico 1.14 Ênclise/próclise no contexto de variação I (Galves, Britto e Paixão de Souza (GBPS), 2005). Por data de nascimento
- Gráfico 1.15 Ênclise/próclise em sentenças não dependentes por período de tempo (Paixão de Souza, 2004 e Pagotto, 1992). Por data de produção
- Gráfico 1.16 Ênclise/próclise em sentenças não dependentes por período de tempo Galves, Britto e Paixão de Souza, 2005 (por data de nascimento) e Pagotto, 1992 (por data de produção)

Capítulo 3

- Gráfico 3.1 Percentual de clíticos fortes, fracos, clítico SE e grupos clíticos: CB *versus* Português Europeu Moderno atual (Galves, 2001)
- Gráfico 3.2 Ênclise/próclise por tipos de clíticos em orações raízes declarativas, principais com verbo único no contexto de variação I (Suj. V, Adv.-V e PP -V)
- Gráfico 3.3 Ênclise/próclise em posição inicial absoluta (V1) CTB e CB. Por data de nascimento
- Gráfico 3.4 Ênclise/próclise no contexto de variação I GBPS (2005) e CB. Por data de

- nascimento
- Gráfico 3.5 Ênclise/próclise no contexto de variação I, Pagotto (1992) e CB. Por data de produção dos documentos
- Gráfico 3.6 Ênclise/Próclise no contexto de variação I, CTB (Paixão de Souza, 2004), Pagotto (1992) e CB. Por data de produção dos documentos
- Gráfico 3.7 Ênclise/Próclise no contexto de variação I, GBPS (2005). Por data de nascimento dos autores e Pagotto (1992) e CB. Por data de produção dos documentos
- Gráfico 3.8 Ênclise/próclise com sujeito pré-verbal no contexto de variação I, GBPS, 2005; CB. Por data de nascimento
- Gráfico 3.9 Ênclise/próclise com sujeito pré-verbal (excluindo o clítico SE) (GBPS, 2005 e CB). Por data de nascimento
- Gráfico 3.10 Ênclise/próclise no contexto de variação I, GBPS, 2005 e CB (excluindo S-V com nome próprio). Por data de nascimento
- Gráfico 3.11 Ênclise no contexto de variação I Sujeito, GBPS, 2005 e CB (excluindo S-V com nome próprio e o sujeito com o clítico SE). Por data de nascimento
- Gráfico 3.12 Ênclise/próclise em V1 de coordenada, GBPS, 2005 e CB. Por data de nascimento
- Gráfico 3.13 Ênclise/próclise com oração dependente precedendo o verbo (GBPS, 2005; CB). Por data de nascimento
- Gráfico 3.14 Frequência da variante nos grupos verbais em CB. Construções do português clássico e europeu moderno. Por data de nascimento
- Gráfico 3.15 Frequência da variante V cl-V nos grupos verbais em CB. Inovação brasileira. Por data de produção dos documentos
- Gráfico 3.16 Frequência da variante nos grupos verbais, Pagotto (1992) e CB. Construções do português clássico e europeu moderno. Por data de produção dos documentos
- Gráfico 3.17 Frequência da variante V cl-V nos grupos verbais, Pagotto (1992) e CB. Inovação brasileira. Por data de produção dos documentos

Capítulo 6

- Gráfico 6.1 Ênclise/próclise em posição inicial absoluta em CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto)
- Gráfico 6.2 Ênclise/próclise em posição inicial absoluta, CTB e CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento
- Gráfico 6.3 Ênclise/próclise no contexto de variação I, GBPS (2005) e CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento
- Gráfico 6.4 Ênclise/próclise no contexto de variação I, Pagotto (1992) e CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto). Por data de produção dos documentos
- Gráfico 6.5 Ênclise/Próclise no contexto de variação I, GBPS (2005) por data de nascimento dos autores e Pagotto (1992) e CB. Por data de produção/publicação dos documentos
- Gráfico 6.6 Ênclise/próclise com S-V pré-verbal no contexto de variação I, GBPS (2005) e CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento
- Gráfico 6.7 Ênclise/próclise com sujeito pré-verbal (Excluindo o SE), GBPS (2005) e CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento
- Gráfico 6.8 Ênclise/próclise no contexto de variação I (S-V excluindo nome próprio), GBPS (2005) e CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto). Por data de

	nascimento
Gráfico 6.9	Ênclise/próclise em V1 de coordenada, GBPS (2005) e CB (costa/culto) CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento
Gráfico 6.10	Ênclise/próclise com oração dependente precedendo o verbo, GBPS (2005) e CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento
Gráfico 6.11	Frequência da variante os grupos verbais em CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto). Construções do português clássico e europeu moderno Por data de nascimento
Gráfico 6.12	Frequência da variante V cl-V nos grupos verbais em CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto). Inovação brasileira. Por data de nascimento
Gráfico 6.13	Frequência da variante os grupos verbais em Pagotto (1992) e CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto). Construções do português clássico e europeu moderno. Por produção dos documentos
Gráfico 6.14	Frequência da variante V cl-V nos grupos verbais em Pagotto (1992) e CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/semi-culto). Inovação brasileira. Por data de produção dos documentos

0.

Apresentação

Depois de pouco mais de três séculos de expansão pelo território brasileiro, a língua portuguesa que se firma como língua hegemônica no século 19 não apresenta a mesma gramática do português europeu. Identificar quando e como aconteceu essa transição é um dos desafios para os estudos diacrônicos. O século 19, tomado sob essa perspectiva, é visto como uma etapa importante na história do português brasileiro porque parece apontar para a conclusão desse processo de mudança.

O objetivo desta pesquisa é estudar o século 19 sob uma perspectiva histórica com base em textos oitocentistas, focalizando a colocação dos pronomes clíticos em dois tipos principais de construções, orações finitas com um único verbo e orações com grupos verbais. A ordenação dos pronomes clíticos (**me, te, nos, vos, o, lhe, se** e variantes), dada a sua visibilidade gramatical, tem especial relevância para os estudos do português brasileiro, por ser um dos aspectos que o distinguem do português europeu. As conclusões apontam para o instanciamento de padrões rítmicos diferentes que, no português brasileiro, parecem ter se dado na direção contrária à do português europeu, o de integrar fonologicamente o clítico, naquele, da esquerda para a direita e, nesse, da direita para a esquerda, em algum momento entre o século 17 e o século 18.

Embora seja esse um tópico amplamente descrito por apresentar diferenças profundas com o português europeu, a questão que se pretende abordar é ainda pouco explorada, a integração entre **sintaxe** (1ª e 2ª partes, volume 1), **sócio-história** (3ª parte, volume 1) e **filologia** (volume 2, que traz a edição de 500 cartas manuscritas datadas entre 1809-1904).

Esse *corpus* foi constituído de forma a representar as duas formas principais de diversificação externa do português no Brasil, a ocupação do litoral e a do interior, durante o século 17, que se maximizam, por dispersão, no século 19. Ambas resultantes de contato lingüístico. Logo, para além de uma descrição do português brasileiro desse período, os documentos analisados permitem opor duas possíveis variantes geográficas, com o objetivo de verificar a relação entre história interna e externa no português brasileiro. A organização da tese em 2 volumes reflete esses objetivos.

O **volume 1** compõe-se de 6 capítulos divididos em **três partes**. A **primeira parte**, que trata de considerações gerais, foi constituída com o objetivo de montar um quadro de referências

teóricas que servisse de guia de trabalho. As pesquisas mais empregadas foram as que trataram diacronicamente do português brasileiro na linha da gramática gerativa. A intenção do **capítulo 1** é enfocar as mudanças no comportamento dos clíticos em etapas anteriores do português e fornecer um quadro de sua evolução. Traz, ainda, a metodologia e a hipótese de trabalho. No **capítulo 2**, detalho o tipo de documentação, o contexto de produção, localização espacial e temporal, e os diversos dados sobre a biografia dos remetentes, destacando, principalmente, os que interessam diretamente a esta pesquisa, a naturalidade/nacionalidade. Esse capítulo, que resulta de um estudo das cartas e seus remetentes (cf. volume 2), é fundamental para uma adequada interpretação dos dados.

A **segunda parte** (capítulo 3) é dedicada, exclusivamente, à descrição da sintaxe dos clíticos. No **capítulo 3**, são analisados os contextos de colocação dos pronomes clíticos no *corpus* em sentenças simples finitas e, em separado, neste mesmo capítulo, trato dos grupos verbais. As discussões dos resultados, sob uma perspectiva diacrônica e comparativa, encerram o capítulo.

A **terceira parte** é composta por 3 capítulos (4, 5 e 6). No **capítulo 4**, relaciono fatos históricos à amostra. Apresento as propostas de autores que defendem que o português brasileiro contemporâneo resulta de pelo menos dois processos, um de fixação da língua portuguesa na costa, onde passa a viver a maioria dos reinóis, e um outro que se disseminou pelo interior, a partir de amplo contato com línguas autóctones e as línguas chegadas, posteriormente, sobretudo, as línguas africanas, até meados do século 19. O outro aspecto externo considerado refere-se à questão da escolarização no Brasil, de fins do século 18 a meados do século 19, tratado no **capítulo 5**. Esse estudo informa sobre a situação educacional dos remetentes, aspecto que assume especial relevância nos estudos sobre o português brasileiro no século 19, uma vez que os brasileiros cultos se viam diante de uma situação bastante complexa, frente às mudanças sofridas no português europeu, a gramática que lhes servia de modelo. E, por fim, no **capítulo 6**, que apresenta uma descrição dos clíticos a partir de critérios externos, submeto os dados a critérios de variação geográfica e à influência da escolarização. A intenção é verificar se há diferenças intralingüísticas. Esse estudo contrastivo, em última instância, pode tornar visíveis os efeitos da norma culta sobre os usos vernáculos e vice-versa, por um lado e, por outro, opor vertentes históricas distintas do português brasileiro. Finalizo o volume, em **considerações finais**, com a discussão dos resultados.

A edição de fontes fidedignas para uso lingüístico é o segundo objetivo desta pesquisa. Essas fontes compõem o **volume 2**. Trata-se de uma edição fac-similada das 500 cartas particulares já citadas. Parte dessas cartas foi escrita por pessoas que se fixaram na costa, e parte foi escrita por

pessoas radicadas, principalmente, no sertão da Bahia. Embora seja constitutiva da tese e também *corpus* de trabalho, a organização das cartas, nesse volume, funciona também de forma independente como anexo ao volume 1.

Esse volume divide-se em 3 partes: **1ª, cartas avulsas para vários destinatários; 2ª, cartas para Severino Vieira e, 3ª, cartas para Cícero Dantas Martins, barão de Jeremoabo.** Cada parte é precedida de um índice analítico e de um estudo detalhado da biografia de seus remetentes. Os critérios da edição fazem parte da apresentação. No início constam, ainda, as siglas e as abreviaturas usadas nesse volume.

1

Pressupostos e metodologia

Neste capítulo, falo sobre a distinção entre língua interna (**Língua-I**) e língua externa (**Língua-E**), segundo a concepção da gramática gerativa (seção 1.1). Será tematizado o reflexo dessa distinção sobre a análise de *corpora* diacrônicos. Sumarizo os aspectos relevantes da mudança ocorrida na colocação dos clíticos na língua portuguesa do século 16-20 (seção 1.2). As bases da descrição são estabelecidas a partir dos resultados das análises diacrônicas sobre a colocação dos clíticos no português brasileiro e no português europeu (seção 1.3). Em seguida, apresento a metodologia utilizada na descrição da colocação dos clíticos (seção 1.4) que, tal como foi concebida, pode receber também uma interpretação dentro da teoria gerativa, além de possibilitar que os resultados sejam comparados com estudos nessa linha teórica. Por fim, finalizo o capítulo com a hipótese de trabalho (seção 1.5).

1.1 A teoria, língua-I e língua-E

As pesquisas na área da gramática gerativa que investigam a natureza cognitiva da linguagem vêm passando por diversas revisões conceituais. Um dos desafios tem sido o de tentar compreender como o cérebro marca os valores que determinam a aquisição de uma língua particular ou língua-I¹, ou gramática interna². A língua-I é definida como o estado final de uma capacidade inata para a linguagem ou gramática universal, resultante da marcação de parâmetros³, durante a aquisição da linguagem, a partir da exposição a amostras de língua-E, é constituída por uma gramática nuclear abstrata e uma periferia marcada que inclui fenômenos adquiridos ao longo da vida do indivíduo, tais como empréstimos lingüísticos, resíduos de mudança e outros (cf. Kato no prelo)

Os parâmetros são definidos como a contraparte de uma capacidade biológica constante, a faculdade da linguagem (cf. Chomsky, 1981, 1988, Chomsky & Lasnik, 1991, Chomsky, 1995, entre

¹ Por “I” entenda-se “interno”, estado interno da mente/cérebro de um indivíduo, opõe-se ao conceito de “E” “externo”, construto independente das propriedades mente/cérebro.

² A referência à gramática de determinado período, ao longo deste trabalho, deve ser entendida como **padrões convergentes de gramáticas individuais**.

³ A variação lingüística seria limitada por parâmetros.

outros)⁴. A língua-E, definida como o produto cotidianamente exteriorizado em situações de uso, ativa essa capacidade inata.

1.1.1 Mudança sintática

A distinção entre língua-I e língua-E, fundamental para o programa de investigação da gramática gerativa, que tem como objeto de estudo a língua-I, ganha especial relevância nos estudos diacrônicos, uma vez que as mudanças definidas a partir dessa concepção de gramática são tratadas como alterações paramétricas.

Essas alterações seriam decorrentes de falhas de transmissão lingüística durante o processo de aquisição da linguagem por crianças (língua materna ou L1), ou por adultos em situação de contato lingüístico (segunda língua ou L2).

A concepção da gramática gerativa, construída segundo o pressuposto de que há princípios universais e princípios parametrizáveis responsáveis pela variação que se observa de língua para língua, permitiu que a mudança adquirisse um novo enfoque dentro dessa teoria. A conclusão imediata dessa formulação é que a mudança se daria durante o processo de aquisição da linguagem. Essa formulação teve grande aceitação e logo se tornou consensual. O problema passou a ser o de dimensionar a forma como a experiência lingüística atua nesse processo. Assim sendo, a relação entre mudança paramétrica e aquisição da linguagem motivou diversas tentativas de elaboração de uma teoria de mudança que viesse a dar uma resposta adequada a um dos problemas cruciais dessa teoria: o que leva uma criança a marcar diferentemente dos seus pais, ou da geração anterior, os parâmetros da língua que lhe serviram de *input*. Destacam-se as contribuições de Lightfoot (1979, 1991, 1993, 1999), Kroch (1989, 1994, 2001) e Roberts (1993a e 1993b), entre outros⁵.

Por outro lado, o fato de a lingüística histórica não ter acesso a dados introspectivos, mas apenas dados de língua-E foi alvo de discussões importantes⁶ na linha de interpretação da gramática gerativa. Para os pesquisadores dessa área, a mudança paramétrica é por definição abrupta⁷ diferindo de outras interpretações tradicionais que defendem a sua natureza lenta e gradual, expressa através de processos de coexistência e concorrência das formas variantes pelo período que a antecede.

⁴ Cf. Kato (2003a) sobre as diferentes formulações e a evolução do conceito de parâmetro.

⁵ A mudança é interpretada como proveniente de diglossia interna para Lightfoot (1999) ou por competição de gramáticas nos termos de Kroch (1989 e outros textos que tratam de desenvolvimentos teóricos mais recentes).

⁶ Cf. outras contribuições dos estudos que relacionam o processo de alterações diacrônicas como resultantes de marcação paramétrica durante a década de 80 (cf. Adams, 1987, Vance, 1989 e Roberts, 1993a), entre outros.

⁷ “Catastrófica” nos termos de Lightfoot (1989, 1991).

Para resolver esse impasse, estudiosos na área da gerativa defendem que a mudança é gradual nos textos porque a mudança paramétrica é o fim de um processo, como Roberts (1993) que reinterpreta as fases da lingüística histórica tradicional e diz que é possível ver isso através de alterações de frequência, baixa na frequência, reanálise e o seu desaparecimento. Ou seja, em seus termos, a mudança paramétrica é captada nessa última fase. Do seu ponto de vista, assim como o de Lightfoot (1999), nesse momento é que a mudança se torna abrupta, daí ser vista como o fim de um processo. Por outro lado, Kroch (1994, 2001), ao associar a relação entre língua-I e alterações de frequência, defende que o que se vê nos textos é a tensão entre a gramática nova e a gramática antiga captada através de alterações na frequência que atingem um conjunto de propriedades associadas a um determinado parâmetro, resultando na denomina Hipótese da Taxa Constante⁸. Segundo essa assunção o que aparece nas amostras de língua-E é apenas o efeito da mudança.

A natureza da mudança, se endógena ou exógena, não será aprofundada nesta pesquisa. Entretanto, assumiremos com Kroch (1989, 1994, 2001) a origem externa da mudança, especificamente no ponto sobre o qual defende que a interação de fatores ambientais com princípios da gramática universal durante a aquisição, tanto de língua materna quanto de segunda língua, em situação de contato lingüístico, pode provocar alterações na marcação paramétrica e, conseqüentemente, desencadear a mudança lingüística, via aprendizagem imperfeita⁹. Esse será o pressuposto assumido implicitamente na interpretação dos dados na terceira parte deste volume, sobretudo no capítulo 6.

1.1.1.1 O problema das construções de língua-E

Os estudos em lingüística histórica, numa perspectiva gerativa, utilizam os dados reais de língua-E para extrair uma gramática abstrata, a língua-I¹⁰. A metodologia impõe o **como analisar as construções de língua-E**¹¹. Por exemplo, se ao filólogo, no cumprimento de suas funções, cabe a preocupação com a autenticidade do texto, localização espacial e temporal, etc., ao lingüista cabe saber se se trata de documentos escritos por pessoas que têm essa língua como materna (L1) ou segunda língua (L2), uma vez que se defende que a gramática é construída durante a aquisição da

⁸ Ou seja, a *Constant Rate Hypothesis* seria expressa pela alteração da frequência de uso em todos os contextos onde se manifesta uma dada mudança. Isso se refletiria através da substituição gradual de uma forma gramatical por outra.

⁹ A situação de aquisição imperfeita parece se adequar à situação das cartas dos remetentes que chamo de semi-cultos (cf. capítulos 4, 5 e, em especial, o capítulo 6).

¹⁰ Para Galves (2002:14), essas novas regras lingüísticas aprendidas integram outros saberes, podendo ser definidas como competência lingüística por oposição à competência gramatical.

¹¹ Cf. para uma discussão sobre o assunto (Ramos, 1992 e Paixão de Sousa 2004a).

linguagem. Por outro lado, o conhecimento prévio do que determina uma mudança paramétrica é também crucial para que as construções que a representam, normalmente pouco representativas nos textos, não sejam ignoradas, principalmente em se tratando de amostras de língua escrita, por natureza conservadora e que podem estar refletindo a norma ou a tradição escrita de um dado período. A separação entre usos provocados por influências artificiais como, por exemplo, as influências de cunho estilístico ou discursivo, é importante para a identificação da mudança relevante em análises a partir de textos escritos, como é o caso desta pesquisa. No caso da colocação dos clíticos no Brasil de fins do século 19, a ênclise em determinados contextos é vista como representando uma escrita culta¹², levando a usos incompatíveis com a mudança gramatical tanto do português europeu quanto do português brasileiro¹³.

1.2 Estudos diacrônicos sobre o português brasileiro

Além dessas questões colocadas acima, há um aspecto importante que marca os estudos diacrônicos no Brasil no âmbito da gramática gerativa, o de interpretar dados quantificados em amostras de língua-E com base nas hipóteses sobre gramáticas abstratas apreensíveis nos textos, como se verá no próximo tópico. A evolução das frequências indicadoras de tipos de mudanças e escolhas paramétricas (cf. Lightfoot (1997) seria manifestada em curva sigmoideal ou curva em “S” (cf. Kroch, 1989, 1994, 2001)¹⁴.

Esses resultados foram possíveis a partir de estudos de diversas linhas teóricas e, sobretudo, aos estudos diacrônicos recentes na linha de pesquisa da gramática gerativa na teoria dos Princípios e Parâmetros, os créditos sobre propriedades específicas do português brasileiro (cf. Galves, 1987). Essas propriedades têm sido atestadas por diversos pesquisadores em resultados quantitativos e baseados em *corpora*¹⁵ diacrônicos da segunda metade do século 17 até o século 20 (cf. Tarallo, 1989 e Roberts e Kato; 1993).

¹² Por escrita culta, em oposição à norma popular, entende-se aquela usada por pessoas com nível superior (cf. Lucchesi, 1994).

¹³ Outra questão importante ter conhecimento sobre novas regras lingüísticas aprendidas, em especial aquelas adquiridas na escola, por serem fundamentais para o estudo da gramática de uma língua, de forma a que não se lhe imputem construções que de fato não lhe são próprias ou específicas do texto escrito, a exemplo dos recursos estilísticos. A consideração desses recursos, embora considerados secundários para a análise de língua-I, adquire especial importância para os estudos diacrônicos, considerando-se o significado que transportam no material empírico.

¹⁴ Por outro lado, para os pesquisadores da lingüística diacrônica que lidam essencialmente com dados de textos escritos, é importante saber que nem todos os dados de variação podem estar relacionados à competição de gramática.

¹⁵ Sobre a interpretação gerativa do português europeu *versus* português brasileiro na qual se basearam esses estudos (cf. Tarallo, 1987, Tarallo e Kato, 1989 e Ramos, 1992).

Os resultados desses estudos trouxeram um avanço teórico significativo para a compreensão do português brasileiro. Uma das mais importantes contribuições deve-se à hipótese sobre mudanças no sistema pronominal brasileiro. Essas mudanças estariam relacionadas à reestruturação do sistema de caso e ao surgimento de uma gramática distinta do português entre o século 17 e o século 19¹⁶. Interessa, de forma particular, nesta pesquisa, a correlação desses fenômenos com a mudança no sistema de clíticos, a saber:

1. Perda de clíticos

- Baixa frequência dos clíticos acusativos e dativos com referência à terceira pessoa (Cyrino, 1994, Pagotto, 1992). Os casos de uso desses clíticos no português contemporâneo seriam resultantes de uma aquisição artificial via escolarização (cf. Corrêa, 1992)

- Perda do clítico acusativo de 3ª pessoa, em decorrência de uma possível mudança na direção da cliticização do português brasileiro (cf. Nunes, 1993^a), entre outros e também com base em outras interpretações para a perda do clítico acusativo de 3ª pessoa;

- Esvaziamento fonético do clítico acusativo de 3ª pessoa ocorrido junto com a perda da ênclise (cf. Kato, 1993a);

- Diminuição do número de clíticos na primeira metade do século 19 (cf. Tarallo, 1983, Pagotto, 1992 e Cyrino, 1993);

- Uso de pronomes tônicos de 3ª pessoa no caso acusativo (*ele* e variantes) e substituição do dativo por *você* com preposição (cf. Duarte, 1986);

- Clíticos de 3ª pessoa como vestígios e não mais produzidos pela gramática do português contemporâneo e o surgimento de novos pronomes (Galves [trabalhos reunidos em 2002, capítulos 2-8]);

2. Objeto anafórico nulo (cf. Cyrino, 1997¹⁷), entre outros trabalhos;

3. Mudança no sistema de pronomes acusativos clíticos e não clíticos (cf. Kato, 1991a);

	Fase 1 (Português europeu chegado no Brasil)	Fase 2	Fase 3 (Fase atual do português brasileiro)	Fase 4
1ª pessoa	-me eu	-me eu	-me eu	- eu
2ª pessoa	-te tu	-te tu	- tu	- tu
3ª pessoa	- o ele	Ø- ele	- ele	- ele

¹⁶ As mudanças no sistema de clíticos que distinguem o português brasileiro favoreceram, segundo Mattoso Câmara Jr. (1975), uma profunda evolução morfológica, que estava prefigurada no sistema pronominal do português.

¹⁷ Trata-se da publicação da tese da autora defendida em 1995.

4. Avanço da próclise generalizada no português brasileiro (cf. Cyrino, 1993, Galves e Abaurre, 1996, Galves, 1996, 2002);

Para identificar a mudança paramétrica, os estudos baseados na linha de interpretação da gramática gerativa buscam diagnosticar a curva em “S” em amostras de língua-E, observando as seguintes características: i. manifesta-se de forma simultânea; ii. provoca alterações inter-relacionáveis; iii. é mais acelerada, sendo passível de ser captada através de alterações de frequência¹⁸ e iv. leva construções incompatíveis à “morte”¹⁹.

Os gráficos (1.1-1.6) ilustram, a título de exemplo, as mudanças de alguns desses fenômenos. Citados acima. O aumento na frequência está captado, como disse, em várias fases da curva-S. A curva crescente nos gráficos, a partir de análises diacrônicas do português brasileiro adiante, é interpretada como identificadora da direção do português brasileiro contemporâneo. A retenção do pronome na posição do sujeito e a desaceleração da frequência da retenção dos clíticos, por sua vez, mostram a perda na morfologia de caso no português brasileiro.

A evolução da colocação pronominal de interesse desta pesquisa, onde é mostrada a ênclise também em desaceleração com a curva proeminente para baixo, pode ser visualizada nos gráficos do item 1.3. Os gráficos da sessão 4, por sua vez, sobre a colocação pronominal na história do português europeu, trazem evidências importantes para a oposição entre a gramática do português europeu e a gramática do português brasileiro.

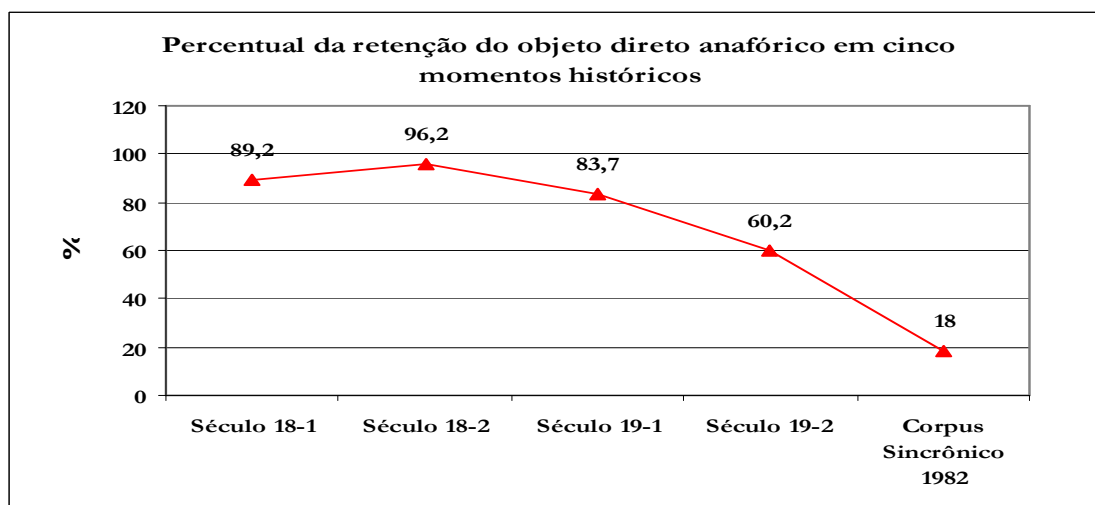
Tarallo (1993:69-102)²⁰, em seu artigo clássico no qual diagnostica uma gramática brasileira, atesta que a frequência de objeto direto preenchido com clítico começa a decrescer por volta de 1800. O gráfico 1.1 (feito a partir desse artigo, tabela 3, 1993:84) mostra a queda do objeto direto anafórico.

¹⁸ Cf. adiante a noção de curva em S.

¹⁹ Obviamente que essas não são conclusões nem óbvias nem triviais e a formulação precisa e as implicações que contém não cabem nesta pesquisa de cunho descritivista. Têm como propósito orientar a leitura de descrições sintáticas da colocação dos clíticos dentro de uma formulação de mudança que vem trazendo resultados qualitativos bastante expressivos, sobretudo no que diz respeito às reais mudanças lingüísticas.

²⁰ Texto original apresentado em 1991 durante o Colóquio sobre “*La Citoyenneté au XIXe Siècle au Brésil et en France*”. Para os séculos 18-19, divididos em períodos de cinquenta anos, Tarallo usou textos brasileiros de vários gêneros: peças de teatrais, cartas e diários. E, para o século 20, entrevistas sociolingüísticas gravadas em 1981.

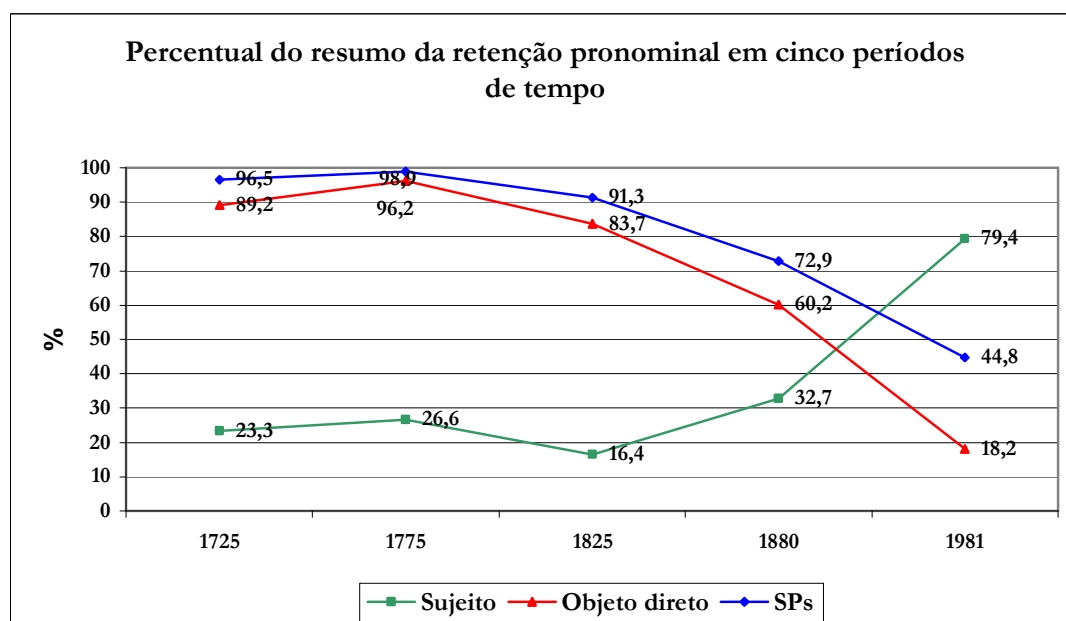
Gráfico 1.1



Nesse trabalho, Fernando Tarallo relaciona a mudança no sistema pronominal às mudanças verificadas em outros ambientes, como a diminuição da frequência de objetos acusativos, como visto no gráfico anterior, de dativos, de genitivos e de oblíquos e, concomitantemente, o aumento da frequência de retenção do sujeito.

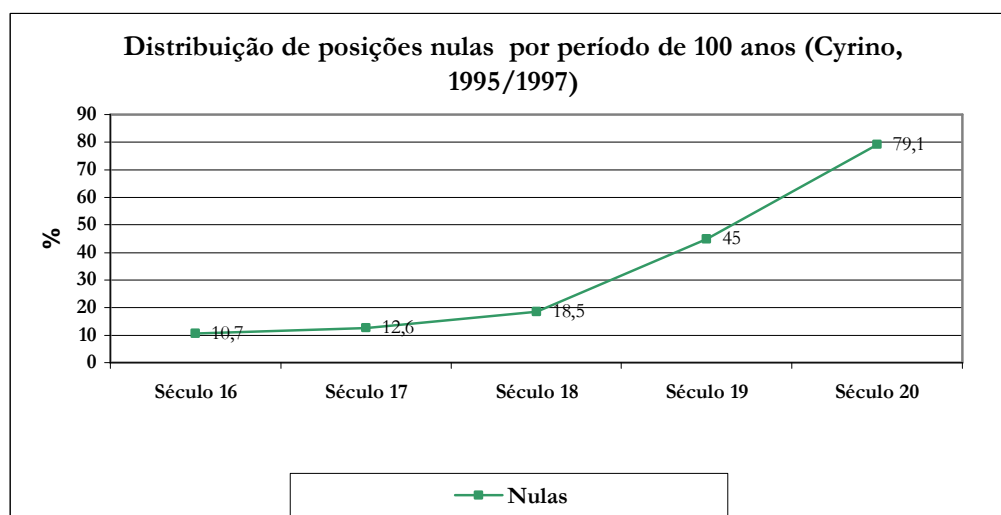
O gráfico 1.2 (feito a partir de Tarallo, 1993:84) apresenta, de forma clara, através de queda e aumento de frequência, respectivamente, a atuação desses processos.

Gráfico 1.2



Baseado nesses resultados, Tarallo (1993:99) identifica mudanças na gramática que define o português brasileiro entre fins do século 19 e o início do século 20. O autor, evidentemente, reconhece que essas mudanças podem estar refletindo o passado da língua, ao dizer que fatores externos no Brasil desse período teriam possibilitado que “a pena brasileira começasse escorrer sua própria tinta”. Cyrino, em uma pesquisa diacrônica sobre a emergência do objeto nulo no português brasileiro, tendo como base a análise de textos escritos entre os séculos 16-20, em um total de 2.308 dados, mostra, no gráfico 1.3, feito a partir de Cyrino, (1997:246, tabela 1)²¹, a subida de posições nulas anafóricas antes ocupadas pelos clíticos acusativos.

Gráfico 1.3



²¹ Cyrino (1997:232-236) utiliza documentos literários, basicamente, peças teatrais, além de algumas poesias, a saber:

- **Século XVI:** Gil Vicente – *Auto da Índia* (1509); *Auto da Alma* (1518); *Farsa de Inês Pereira* (1523); *Auto da Feira* (1527); *Auto da Mofina Mendes* (1534); *Camões* (El-Rei *Seleuco* (157?, data incompleta); *Filodemo* (157?, data incompleta);
- **Século XVII:** Gregório de Mattos – *Obras Completas* (algumas páginas aleatórias representativas de sua poesia satírica, lírica e graciosa, 1655-1690);
- **Século XVIII:** Antonio José da Silva, o Judeu – *Guerras do Alecrim e da Manjerona* (1737) e Domingos Caldas Barbosa – *Viola de Lereno* (coleção de cantigas e lundus em, 1760-1780);
- **Século XIX:** Martins Pena – *O Juiz de Paço na Roça* (1837) e *O Judas no Sábado de Aleluia* (1844); Artur de Azevedo – *O Tribofo* (1891) e José de Alencar – *O Demônio Familiar* (1857) e
- **Século XX:** Marques Rebelo – *Rua Alegre, 12* (1840); Dias Gomes – *O Pagador de Promessas* (1960); Gianfrancesco Guarnieri – *Um Grito Parado no Ar* (1973) e Miguel Falabela – *No Coração do Brasil* (1992).

O uso de objeto nulo, segundo a autora, embora tenha sido sempre possível, sofre uma mudança não apenas de frequência, mas também na extensão dos contextos: 1º) posição nula com antecedente “sentencial”; 2º) posição nula com antecedente predicativo [NP +específico] e 3º) posição nula antecedente [NP -específico]. No caso específico do [NP +específico], aumenta de frequência de forma significativa partir do século 19 (séc. 16, **2,9%**; séc.17, **4%**; séc. 18, **7,5%**; séc.19, **31,4%** e séc. 20, **67,4%**).

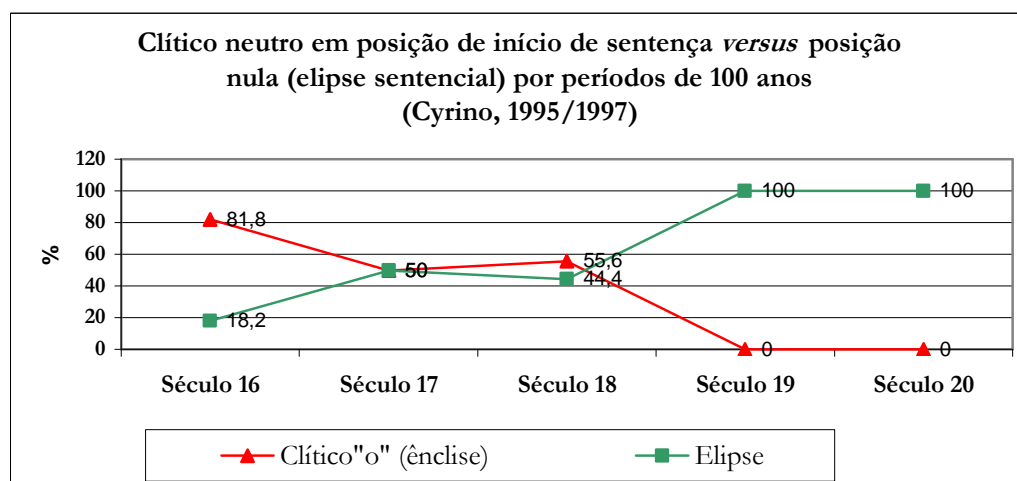
A elipse sentencial passa a ser preferida ao clítico neutro *o* a partir do século 18. A queda do clítico *o* é interpretada como tendo sido afetada por uma mudança na direção da cliticização, já referida na introdução que, no PB, passa a ocorrer da esquerda para a direita. A autora não atesta em seus estudos exemplos como em (1.2). A justificativa fonológica é de que, por ser uma sílaba sem *onset*, não teria onde se apoiar em posição inicial de sentença.

(1.1) * **O diga**

[Cyrino, (1997:262) , ex. original 8c]

O processo de perda desse clítico está expresso no gráfico 1.4, a seguir (feito a partir de Cyrino, 1997:261, tabela original 10):

Gráfico 1.4

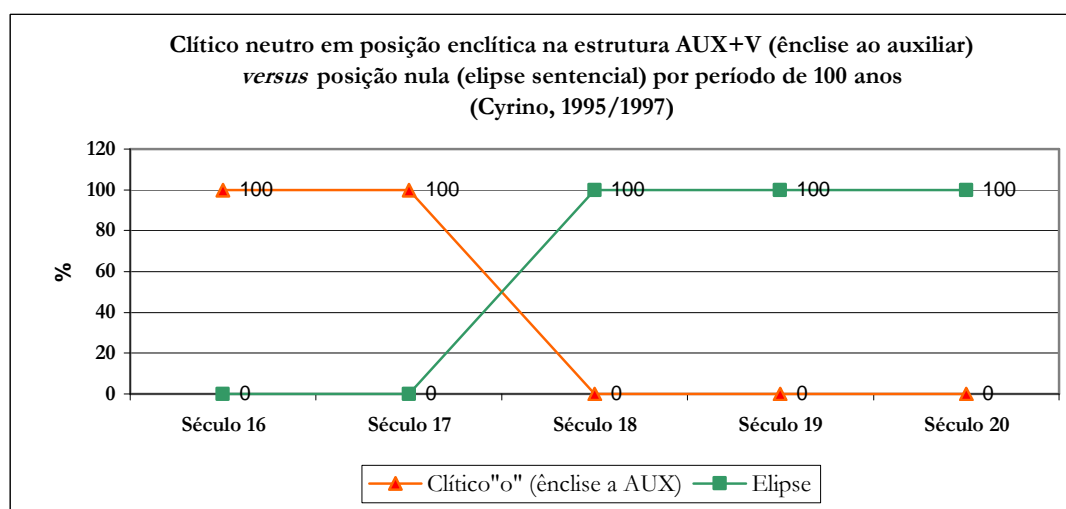


Essa mudança também é atestada em grupos verbais (Aux +V), como ilustrado no exemplo 1.2.

(1.2) * tinha **o-dito** [Cyrino, (1997:262) , ex. original 8b]

No gráfico 1.5 (feito a partir de Cyrino, 1997:261, tabela original 11), é possível observar que esse fenômeno não mais se verifica nos textos do século 17.

Gráfico 1.5



Seguindo a linha de interpretação desenvolvida nesse item, vou levantar no item 1.3 os resultados de estudos diacrônicos do português brasileiro que se centram na colocação dos clíticos, especificamente a colocação nas orações finitas com único verbo e em grupos verbais. Em seguida, faço o mesmo com base em estudos sobre a colocação dos clíticos no português europeu.

Como já foi dito na apresentação, essa revisão, que não pretende ser exaustiva, vai servir de base para a descrição dos clíticos. Os resultados encontrados, nesses estudos, também vão orientar, em parte, a metodologia de trabalho.

1.3 Alguns aspectos da sintaxe dos clíticos no português brasileiro e no português europeu

1.3.1 Estudos sobre a ordenação dos clíticos no português brasileiro

1.3.1.1 Pagotto (1992, 1993)

Em “A Posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico”, Pagotto (1992) investiga o percurso diacrônico dos clíticos pronominais em português (do século 16-20)²². O autor trabalhou com um total de 1.436 dados extraídos de cartas e documentos oficiais. Esses dados são divididos em orações com clíticos, antecidas ou não de negação ou advérbio, em orações com único verbo e em grupos verbais definidos pela combinação de um verbo finito com um segundo verbo não finito (cf., item 1.3.1.3, ainda, nesta seção). O autor relaciona as mudanças ocorridas na colocação

²² O *corpus* utilizado por Pagotto (1992:64-66) é misto e não uniforme, tanto quanto à tipologia quanto com relação à nacionalidade de seus autores, até o século XIX, quando, a partir de então, os textos são escritos por brasileiros (cf. Lobo para uma análise crítica (2001:553-558). Prevalcem os textos não literários, assim distribuídos por metade de século:

- **1ª metade do século XVI (XVI1):** *Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia; Documentos Históricos do Espírito Santo* (série documentos históricos, cartas, um relatório e um testamento); *Anaes de Elrei Dom João III, Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (capítulo I e II), *Crestomatia Arcaica* (fragmentos do *Sacramentale do Ho Flos Sanctorum em lingoage portugues*);
- **2ª metade do século XVI (XVI2):** *Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia; livro do tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo* (conjunto de documentos que arrolam posses do Mosteiro de São Bento); *Documentos Históricos do Espírito Santo; Cartas dos Primeiros Jesuítas no Brasil* (volume III, cartas 34 e 35).
- **1ª metade do século XVII (XVII1):** *Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia; livro do tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo* (conjunto de documentos que arrolam posses do Mosteiro de São Bento); *Documentos Históricos do Espírito Santo*;
- **2ª metade do século XVII (XVII2):** *Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia; livro do tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo* (conjunto de documentos que arrolam posses do Mosteiro de São Bento); *Documentos Históricos do Espírito Santo*;
- **1ª metade do século XVIII (XVIII1):** *Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia; Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade do Rio de Janeiro; Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo* (conjunto de documentos que arrolam posses do Mosteiro de São Bento); *Governadores do Rio de Janeiro* (Correspondência de governadores do Rio de Janeiro activa e passiva com a Corte, cartas das páginas 11-24); *Documentos Históricos do Espírito Santo; Cartas dos Primeiros Jesuítas no Brasil*;
- **2ª metade do século XVIII (XVIII2):** *Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia; Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo* (conjunto de documentos que arrolam posses do Mosteiro de São Bento); *Documentos Históricos do Espírito Santo; Cartas dos Primeiros Jesuítas no Brasil; Cartas do Rio de Janeiro* (série de cartas do Vice-Rei do Marquês de Lavradio);
- **1ª metade do século XIX (XIX1):** *Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia; Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo* (conjunto de documentos que arrolam posses do Mosteiro de São Bento);
- **2ª metade do século XIX (XIX2):** *Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*; parte do *Processo contra escravos* (Arquivo Público Municipal de Uberaba, MG); *Cartas diversas do século XIX* (conjunto de cartas de diversas origens).
- **1ª metade do século XX (XX1):** *Cartas diversas* (Arquivo de cartas pessoais de diversas origens) e
- **2ª metade do século XX (XX2):** *Cartas do Nordeste* (Arquivo de cartas pessoais de A. C.; Arquivo de cartas de S. L. (conjunto de cartas pessoais).

dos clíticos nesses dois tipos de orações, à perda de duas possibilidades de movimento no português brasileiro contemporâneo, a saber: movimento do verbo e movimento longo do clítico²³.

Selecionei, em seus estudos, fatos que poderiam apontar para mudanças na gramática do português brasileiro. Antes, vejamos a posição dos clíticos com verbo único em sentenças raiz, depois especificada por estrutura de sentença e, mais adiante, a posição dos clíticos por grupos verbais:

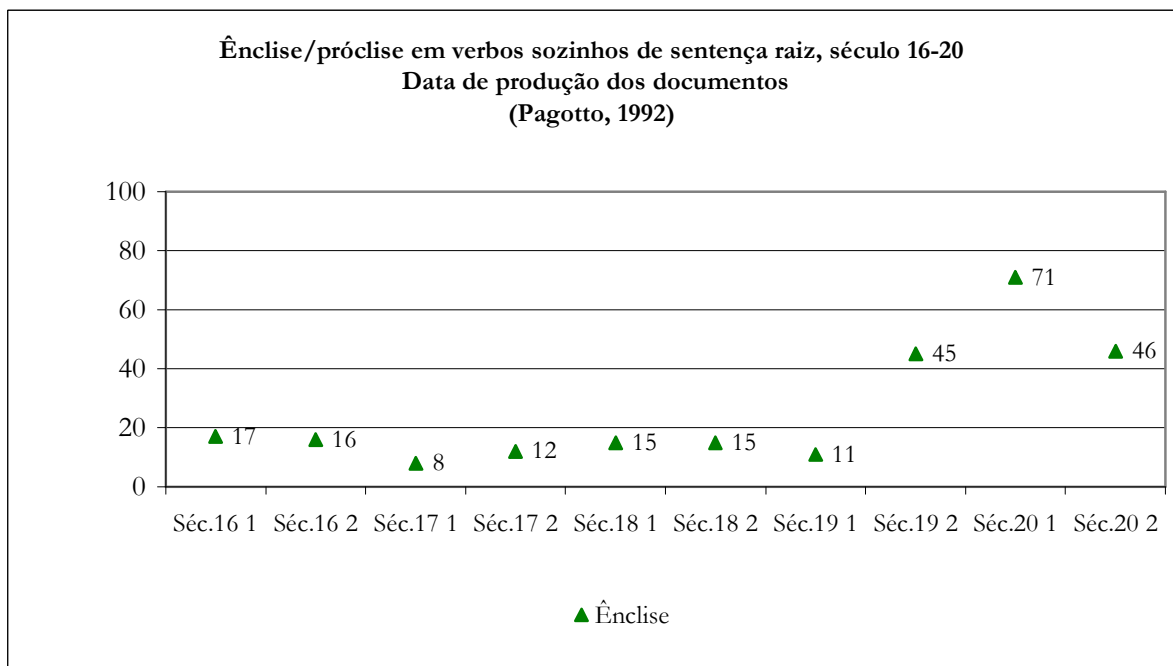
O gráfico 1.6 (extraído de Pagotto, 1992:69, tabela 2) apresenta a ênclise em sentenças raiz com tempo finito em três períodos de tempo. Nesse contexto, estão excluídos os casos em que o verbo é precedido de algum elemento “atrator”, além de gerúndios e infinitivos. Em um total de 436 casos, 25% (107) são de ênclise. O autor chama a atenção para o fato de que o maior número de casos está concentrado entre os séculos 16 e 19.

Pagotto diz ainda que, do total de ênclises, 107 casos, 63 casos, ou seja, 59% estão registrados a partir da 2ª metade do século 19. Os 44 casos restantes (41%) se encontram distribuídos nos outros períodos de tempo.

Outro fato importante é a subida da ênclise a partir do século 19. O comportamento diacrônico dessa variável com relação ao percentual de ênclise é o seguinte:

²³ Esse é um ponto importante sobre a colocação dos pronomes clíticos ressaltado nos estudos de Pagotto, a sensibilidade dos clíticos à posição ocupada pelo verbo na estrutura superficial da sentença. Para sua análise, o autor se baseia em Duarte (1983), Kayne (1989), Rouveret (1989), Silva (1990), entre outros.

Gráfico 1.6²⁴



De fato, esse gráfico mostra duas situações importantes: 1) a baixa ocorrência de ênclise até a primeira metade do século 19, equivalendo a primeira metade do século 19, variando entre 17% e 11% e a outra, o aumento significativo da ênclise em orações raízes sem atratores, um comportamento não compatível com a gramática do português brasileiro desse período, justamente nos textos que o autor (1992:70) assume com sendo de “autoria brasileira”.

Esses resultados seriam estranhos se pensarmos no português brasileiro, mas podem ser explicados se considerarmos que os textos datados entre o séculos 16-19 podem ter sido escritos por brasileiros cultos influenciados pela norma portuguesa ou mesmos por portugueses. Fato que pode ser evidenciado quando comparados com os estudos dos *Corpora* Históricos Anotados do Português Tycho Brahe²⁵ (doravante, CTB).

Os resultados se mostram de forma extremamente interessante no gráfico comparativo (cf. gráfico 1.15 e gráfico 1.16). A aparição de padrões convergentes de gramáticas distintas em competição nos textos escritos no Brasil, aliada aos resultados dessa pesquisa, com uma gramática tipicamente brasileira no século 19, mostraria não apenas a competição de duas gramáticas, mas de

²⁴ Quanto ao percentual de ênclise da segunda metade do século 20, em Pagotto (1992:69) há uma divergência, 46% correspondem à próclise (22/48), corrigido em Pagotto (1999:188). O título original da tabela 2 de Pagotto (1992:69), de onde foi adaptado esse gráfico, informa se tratar de períodos de 50 anos com números que representam a primeira e a segunda metade de cada período.

²⁵ Cf. estudos com base em *Corpora* Históricos Anotados do Português Tycho Brahe em <http://www.ime.usp.br/~tycho/Corpora>. Galves, Britto e Paixão de Souza (2005).

três. Os detalhamentos dessa suposição serão vistos adiante. Vemos que, com exceção da queda da ênclise no século 20, de novo aqui, com atraso de 100 anos, aparentemente, a gramática que emerge dos textos de Pagotto apresenta uma curva similar aos gráficos 1.15 e 1.16, referente à GBPS, 2005 (cf. adiante).

Pagotto (1992:161) diz que o “encontro” das duas gramáticas se deve ao português europeu que, “após ter mudado em relação ao português clássico, passou a exercer pressão sobre o português brasileiro”. Segundo essa assunção, os casos de ênclise no século 20 não seriam relevantes para a gramática do que viria a ser o português brasileiro contemporâneo, mas estariam indicando uma pressão do português europeu moderno, após ter mudado em relação ao português clássico.

Essa dedução é apoiada por estudos posteriores (cf. Pagotto, 1998, 1999). Nesse último, feito com base nos textos de duas “Constituições”, a do Império (1824) e da República (1892), o autor mostra que foram escritas em gramáticas diferentes²⁶.

A Constituição do Império corresponderia à gramática do português clássico em competição com a gramática do português brasileiro, já que são encontrados casos de próclise com verbo em primeira posição, e a Constituição da República corresponderia, por sua vez, ao português europeu moderno.

Se, como assume Pagotto, a ênclise majoritária no século 20 reflete a imposição da norma portuguesa européia, e a prevalência da próclise até o século 18, média 85%, também não corresponde ao português brasileiro, ao dizer que os textos do século 16 ao século 18 são “claramente de autores portugueses”, há dúvidas sobre o momento que o português brasileiro seria captado no seu material de pesquisa.

Esses dados são detalhados a seguir com relação à ordem na colocação dos clíticos por estrutura de sentença. Essas estruturas são vistas de acordo com a possibilidade do verbo começar ou não a sentença. É importante destacar três contextos: 1. **Verbo inicia o período**; ou a sentença; o contexto 2. **Verbo precedido de sujeito** e o contexto 3. **Verbo precedido de algum elemento** (ou outro material lexical argumental/não argumental).

²⁶ Na constituição do Império há 91% (21/23) de próclise em configurações X V e apenas 14% (5/34) na constituição da República.

As estruturas analisadas são as seguintes²⁷:

1. Verbo inicia o período; ou a sentença

- (1.3) (s) V **Peço-lhe** que vocês não esqueça da gente aqui em casa (ACP/A. C, segunda metade do século 20).
[Pagotto, (1992:59), ex. original (a)]
- (1.4) V S **Sentiose** Geralmente esta morte por ser assim apressada (DHES, 17-1).
[Pagotto, (1992:59), ex. original (b)]

2. Verbo precedido de sujeito

- (1.5) S V eu **lhe deito** a minha benção. (CRJML, segunda metade do século 18)
[Pagotto, (1992:59), ex. original (c)]

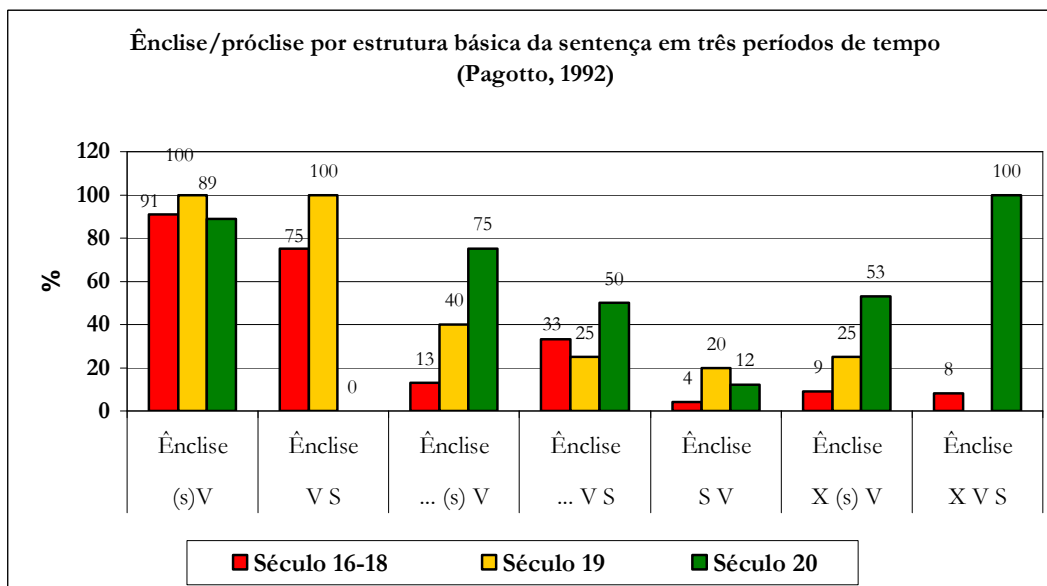
3. Verbo precedido de algum elemento (ou outro material lexical argumental/não argumental).

- (1.6) ... (s) V Enquanto aguardo a chegada de sua carta, **escrevo-lhe** estas linhas. (Arq. C.P.se S.L, segunda metade do século 20)
[Pagotto, (1992:59), ex. original (c)]
- (1.7) ... V S ...chegando ao lugar da fruteira, **se divide** o Rio da fruteira, para o Norte...(DHES, segunda metade do século 18)
[Pagotto, (1992:59), ex. original (d)]
- (1.8) X (s) V Entre as demais dividas **meadmirão** as da fortaleza da Lagem. (GRJCAP, primeira metade do século 18)
[Pagotto, (1992:59), ex. original (f)]
- (1.9) X V S destas duas naçoens **se aggregarão** depois também alguns Indios (DHES, primeira metade do século 18)
[Pagotto, (1992:60), ex. original (g)]

Os percentuais apresentados pelo autor em três períodos de tempo (século 16/18, século 19 e século 20) constam do gráfico, 1.7, a seguir (extraído de Pagotto, 1992:82, tabela 6).

²⁷ Além da análise dessas estruturas em orações não dependentes foram analisadas, pelo autor, as dependentes, adverbiais e dependentes coordenadas, além de outro contexto com elemento precedendo o verbo, a saber: **Verbo precedido de algum elemento Qu-**. Ex.: ...escolhendosse oitenta hoens que **sehão** deachar debayxo do Governo da Cappitania do Spirito Sancto (DHES, primeira metade do século 18) [Pagotto, (1992:60), ex. original (h)]. Como se verá adiante, esse é um contexto de próclise praticamente categórica na história do português europeu.

Gráfico 1.7



Vejamos os resultados das ocorrências de ênclise por século e por tipo de estrutura:

1. **Verbo inicia o período**; ou a sentença com sujeito elidido [(s) V] ou pós-verbal [V S].

Um contexto não variável na história do português europeu:

[(s) V]

Séc. 16/18: **91%** (10/11); séc. 19: **100%** (6/6) e séc. 20: **89%** (24/27)

[V S]

Séc. 16/18: **75%** (6/8); séc. 19: **100%** (1/1) e séc. 20: **0%** (0/0)

Pagotto não apresenta exemplos relativos aos 9% de próclise nas estruturas (s) V, e aos 15% nas estruturas VS²⁸ no período do 16-18, um contexto que caracterizaria o português brasileiro, uma vez que não foi atestado em nenhum momento da história do português europeu. Os 9% de próclise, registrados nos textos entre o século 16-20, correspondem a apenas 4 casos, sendo 3 do século 20 e 1 caso do primeiro período, século 16-18, cujo exemplo não foi registrado pelo autor. O único exemplo dado parece ser do século 20 e não há crédito do documento (cf. exemplo 1.10b).

(1.10a) **Peço-lhe** que vocês não esqueça da gente aqui em casa. (ACP de A.. C, século 20-2).

(1.10b) **Lhe peço** que você não se esqueça da gente.

[Pagotto, (1992:80), ex. original (18a e 18b)]

²⁸ Esse ponto é importante porque essa mudança na colocação pós-verbal do sujeito está relacionada à mudança na colocação dos clíticos, tendo acontecido ao mesmo tempo na história do português europeu (cf. adiante Paixão de Souza, 2004). Sobre a perda da ordem VS no português brasileiro (cf. Berlinck, 1988, 1989).

De qualquer modo, o próprio Pagotto (1993:199) diz que a tendência à próclise nesse período seria refreada apenas pelo verbo em posição inicial e que “na situação em que o verbo inicia o período, a ênclise é **majoritária**²⁹”. Nesse estudo, também afirma que os casos de próclise encontrados nos textos do século 16-18 estão condicionados a algum material lexical antes do verbo.

A segunda construção, a seguir, é de variação na história do português europeu, com tendência acentuada de ênclise a partir do século 18 (cf. Gráfico 1.14 de Galves, Britto e Paixão de Souza, de agora em diante, GBPS, 2005). Percebe-se um aumento significativo da ênclise no século 19, indicando um caminho que se opõe à tendência da próclise no português brasileiro³⁰.

2. Verbo precedido de sujeito [SV]

Séc. 16/18: **4%** (3/74); séc. 19: **20%** (4/20) e séc. 20: **12%** (3/25)

3. Verbo precedido de algum elemento (ou outro material lexical argumental/não argumental).

X (s) V³¹

Séc. 16/18: **9%** (11/124); séc. 19: **25%** (5/14) e séc. 20: **53%** (8/15)

X V S

Séc. 16/18: **8%** (4/48); séc. 19: **0%** (0/1) e séc. 20: **100%** (1/1)

E, por fim, o contexto também de variação na história do português europeu. Interessa destacar que os percentuais encontrados por Pagotto, nesse contexto, são compatíveis com os dados encontrados por GBPS, 2005 (gráfico original 5). Nesse estudo, o percentual de ênclise do século 16 ao século 18, distribuído por 50 anos, é amplamente majoritário a partir do século 19.

3. **Verbo precedido de sentença adverbial ou gerundiva** com sujeito elidido [... (s) V] ou pós-verbal [... V S]. Contexto 2 de variação (cf. adiante).

... (s) V

Séc. 16/18: **13%** (4/31); séc. 19: **40%** (2/5) e séc. 20: **75%** (6/8)

²⁹ O destaque não consta no original.

³⁰ Também no português europeu do século 16-18, o percentual de ênclise em GBPS, 2005 apresenta uma média de 10%.

³¹ Incluem nessas estruturas X (s) V e X V S advérbios não modais.

... V S

Séc. 16/18: **33%** (2/6); séc. 19: **25%** (1/3) e séc. 20: **50%** (2/2)

De modo geral em todos os períodos de tempo, fica evidenciada a tendência à ênclise nos casos em que o verbo é o limite do período em (1) e a queda da ênclise quando o verbo é precedido de algum elemento a sua esquerda, mostrando a sensibilidade em relação à posição do verbo. Pagotto (1992:84-85) conclui que, em relação à posição dos clíticos em sentenças raiz, o português clássico tinha um padrão muito semelhante ao português brasileiro atual e a mudança não é evidente no padrão superficial, lembrando, entretanto, que fazia uma restrição ao verbo ser ou não o primeiro elemento do período.

Passo a agora a apresentar os resultados de Lobo (2001) relativos ao século 19.

1.3.1.2 Lobo (2001)³²

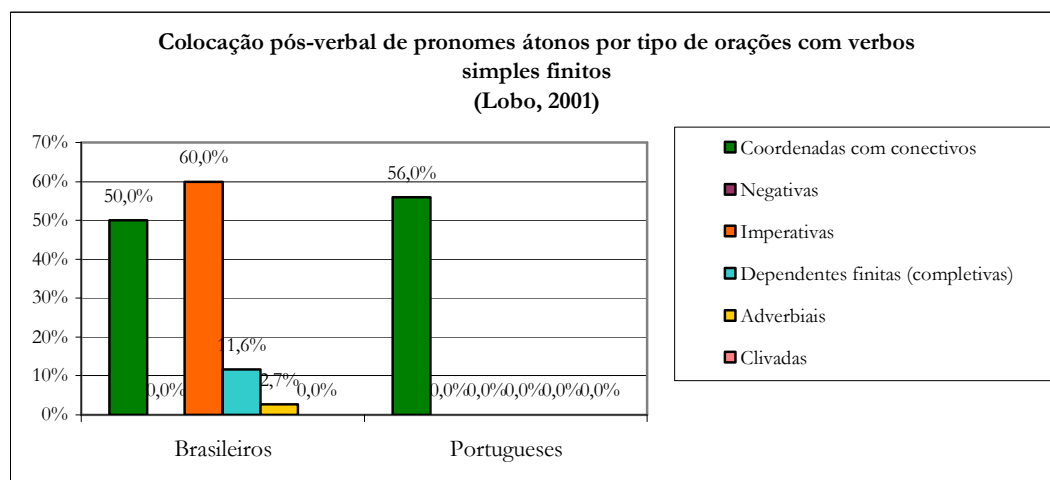
Lobo (2001) apresenta uma importante descrição sobre a sintaxe brasileira e portuguesa da colocação dos clíticos na Bahia do século 19, resultante de uma cuidadosa investigação em um conjunto de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século 19, editadas pela autora. O objetivo central de sua análise lingüística é averiguar se havia convergência entre a norma escrita socialmente prestigiada de colocação dos clíticos dos brasileiros e a norma vernácula de colocação dos clíticos dos imigrantes portugueses no Recôncavo da Bahia nesse período. A conclusão a que chegou é a de há uma grande convergência entre ambas.

Os gráficos de 1.8-1.10, a seguir, foram feitos com base no estudo citado. Os dados de imigrantes portugueses e brasileiros foram extraídos de Lobo (2001:608-785)³³.

³² Cf., também, Lobo (1990, 1992). No estudo de 1992, a autora trabalhou com dados do português europeu, especificamente, as cartas da corte de D. João III, escritas por familiares, e uma amostra do português brasileiro culto formado pelo *corpus* mínimo do projeto Norma Urbana Culta (NURC).

³³ Na elaboração dos gráficos, não foram incluídas as construções de cartas apógrafas.

Gráfico 1.8



Com relação ao gráfico acima, é necessário fazer alguns esclarecimentos.

Observa-se que nas coordenadas com conectivos, um contexto variável na história do português europeu, não há diferenças entre as amostras de textos escritos por brasileiros e de textos escritos por portugueses. E que não houve registro de orações imperativas nos textos dos portugueses e, nos brasileiros, houve 5 ocorrências, com 60% de ênclise, 3/5 sentenças. O exemplo 1.11 retrata uma dessas duas ocorrências.

(1.11) examine isso, e **me respon-** | **da** a final o que devo fazer ECM, I.

[Lobo, (2001:712), ex. original 137]

A distribuição dos clíticos em orações dependentes finitas nos textos portugueses não é variável, os clíticos ocorrem sempre em posição pré-verbal. Nos textos dos brasileiros, há uma pequena variação, com 11,6% de ênclise³⁴. Nas orações com verbo em posição inicial absoluta, um contexto que distingue fortemente o português brasileiro do português europeu, nenhuma variação foi registrada nos textos escritos por portugueses. Nos textos de brasileiros, o percentual de anteposição do clítico, 4,2%, ocorre em uma única sentença e em posição intercalada, exemplificada em 1.12, portanto, não se deu no contexto de posição inicial absoluta, uma das principais construções de colocação de clíticos que identifica a gramática do português brasileiro³⁵.

³⁴ Essa variação, que também se dá nas cartas dos remetentes escolarizados, é interpretada pela autora como hipercorreção.

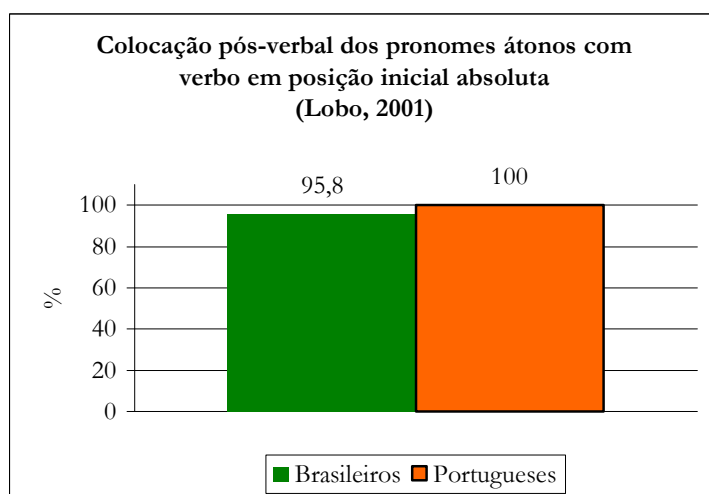
³⁵ Essa construção em 1.12 também é atestada no português europeu clássico (cf. GBPS, 2005).

(1.12) Quando, n'essa Cidade, o Senhor Mello m' encarregou es-|ta cobrança, e a do Adão, deixei de proceder a um prévio ajus-|te do meu trabalho, não só por que estava, então, com pressa, co-|mo por que, **me disse** elle, Vossa Reverendíssima gratificaria devidamente. ECM, II.

[Lobo, (2001:692), ex. original 24]

A variação da colocação pós-verbal nesse contexto 95,8% (23/24), segundo Lobo, não reflete uma diferença em termos qualitativos.

Gráfico 1.9



Um ponto relevante na análise da colocação de clítico, conforme visto também em Pagotto, deve-se aos elementos que antecedem ao par verbo/clítico nas orações não dependentes. O comportamento tanto dos remetentes portugueses quanto dos remetentes brasileiros foi similar nos seguintes contextos: colocação pré-verbal com o verbo precedido de sintagma quantificado em posição de sujeito, sintagma focalizado e alguns advérbios, um comportamento condizente com a gramática do português europeu.

(1.13) A minha Família toda **lhe** | **beija** a Mao e agradece suas recomendaçoens JTB, I

[Lobo, (2001:696), ex. original 35]

(1.14) Como eles querem da|quela forma, aqui **lhe envio** as letras que lhe mostrei,|assim como hua notta por minha letra, aindicar aforma pe|la qual querem as Freiras, eoutra por diverça pela qual que|rem aqueles, JPL, XXVIII

[Lobo, (2001:612), ex. original 27]

Entre os casos de elementos deslocados, acusativos em posição pré-verbal, houve 1 entre 3 ocorrências de colocação pós-verbal (1.15). As outras 2 são expressões fixas (cf. ex. 1.16).

(1.15) Isto **propuz-lhe** ZGV, III

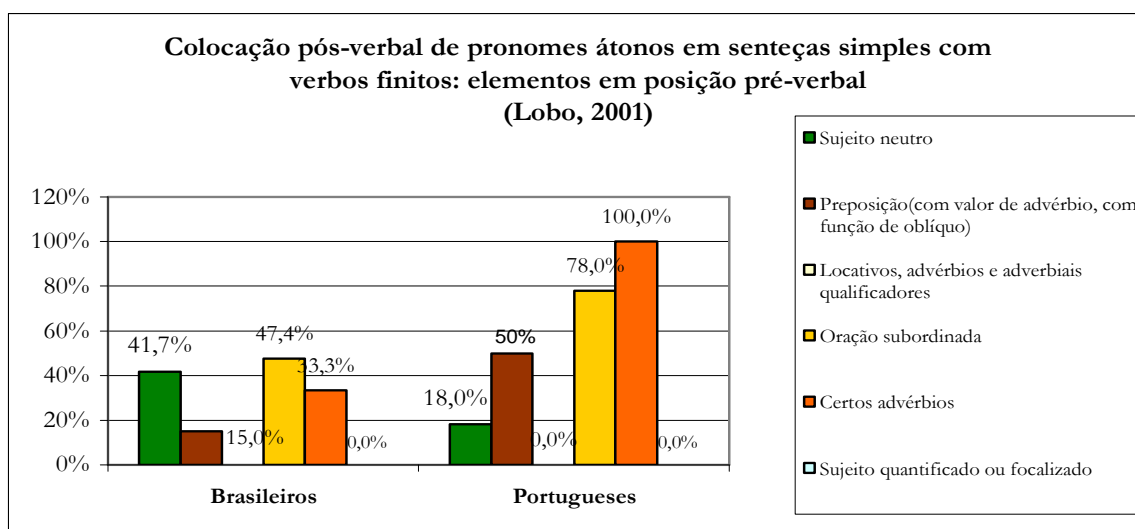
[Lobo, (2001:696), ex. original 41]

(1.16) Saude e muitas felicidades **lhe deseja** o|DeVossa Senhora| Muito attencioso venerador Criado JLL, IV

[Lobo, (2001:696), ex. original40]

O gráfico 1.10 ilustra esses casos e os contextos de variação.

Gráfico 1.10.



Menos variável é colocação pós-verbal, entre os portugueses, quando o verbo é precedido de uma oração subordinada, 7/9. Nos remetentes brasileiros, há maior variação, com 9/19 (cf. exemplo, 1.17).

(1.17) Eu estou com|vista de realizar certo negocio; se elle|tiver o effeito esperado, **me** dirigirei a Vossa Merce|com o quantitativo que me for possível, para|restar-me o praser de diser, que em parte|concorri para minha respetavel Tia e Sobrinha|ter, senão |||senão o desenvolvimento preciso, porem um|respiro que le resultou algum bem, para assim|melhor lembrado eu ser nas orações que|Vossa Merce empregar a Nossa Mãe de Deus. ANT, I.

[Lobo, (2001:708), ex. original 114]

O percentual de 78% de colocação pós-verbal encontrado nos textos portugueses se aproxima dos resultados do português europeu desse período (cf. GBPS) que registram em 1850, 93% de colocação pós-verbal.

A colocação pós-verbal quando o sintagma que antecede o verbo é um sintagma preposição nos textos brasileiros (cf. exemplo, 1.18) é menor que entre os remetentes portugueses, um contexto também variável no português europeu no século 19.

(1.18) finalmente, depois de | 33 dias de penoso trabalho **concluiu-se** esse malfadado negocio ECM, VI.

[Lobo, (2001:707), ex. original 111]

Por outro lado, a diferença na colocação pós-verbal nas orações com verbo precedido de sujeito neutro surpreende, porque o maior percentual ocorre na amostra dos brasileiros, 41,7%, um contexto de avanço da ênclise no português europeu. A autora atribui a elevação desse índice a um dos remetentes, autor de 6 (entre 10/19) ocorrências. A não contabilização das ocorrências desse remetente reduz o percentual para 25%, um índice próximo aos 20% encontrados por Pagotto (cf. gráfico 1.9).

(1.19) O mestre de Leopoldina **entregou-me** | o fato, que lhe encomendei, o qual | veio todo muito bom, não só nas fazendas, | como no feito. ZGV, I

[Lobo, (2001:704), ex. original 90]

Tomando por base os resultados do estudo feito com o Corpus Histórico Tycho Brahe (CTB), (cf. GBPS, 2005), como visto também no estudo de Pagotto, anteriormente, é possível fazer novas leituras da figura acima. Nesse estudo, as autoras mostram a evolução da ênclise na história do português europeu em orações afirmativas finitas, matrizes e coordenadas, introduzidas por sujeitos, sintagmas preposicionais e advérbios não modais, denominadas de V2, ou seja, orações com verbo em segunda posição.

O percentual de ênclise em 1800 é de 68% e em 1850 é de 89% (cf. gráfico 1.14). Juntando as orações com sujeito neutro, preposição e certos advérbios, o percentual de colocação pós-verbal nos textos escritos por brasileiros é de 23,3% (14/60) e nos textos escritos por portugueses, é 22,2% (12/54). Ambos os resultados, embora fiquem abaixo do percentual apresentado em textos escritos em português europeu, indicam um aumento significativo da ênclise que, até o século 18, era inferior a 10%. A gramática que “emerge” nos textos escritos por brasileiros, segundo Lobo (2001:792), não

reflete a gramática vernacular brasileira. A conclusão da autora é de que, no Brasil “recém-saído de um passado colonial, a tradição escrita” estava, “ainda, inequivocamente marcada pela tradição escrita portuguesa”³⁶.

O item seguinte apresenta a posição dos clíticos em grupos verbais nos estudos de Pagotto (1992) e de Lobo (2001). O interesse principal recai sobre a perda do alçamento ou da elevação de clítico (*clitic climbing*) e o aparecimento da inovação brasileira, a próclise ao verbo não finito, uma vez que ambos os fenômenos caracterizam a gramática do português brasileiro atual.

1.3.1.3 A posição dos clíticos em grupos verbais

As seqüências constam de $V_{\text{finito}} + \text{Infinitivo}$, $V_{\text{finito}} + \text{Gerúndio}$ e $V_{\text{finito}} + \text{Particípio}$. As possibilidades analisadas com relação à posição do clítico são as seguintes:

1. **cl-V V** (1.20) ... afim deque entrando povo, quesem estabelecimento **o** não **quer fazer...**(DHES, segunda metade do século 18)
[Pagotto, (1993:191), ex. original 12]

2. **V-cl V** (1.21) Não tendo respondido a honrosa car-|ta de *Vossa Senhoria* datada a 24 de *Fevereiro* por **tela recebido** em dias de Maio |emeser necessario obter esclarecimentos demeo sobrinbo *Doutor* Gomes JCS, I.
[Lobo, (2001:761), ex. original, variante 2 a]

As construções 1 e 2 caracterizam a subida do clítico. Esse alçamento para a posição pré-verbal (V_{finito} (auxiliar ou não) + infinitivo) deixa de ser categórico nos contextos favorecedores da colocação pré-verbal no português clássico e passa a ser opcional no português europeu moderno. A construção em 1 no português europeu moderno somente é possível quando o verbo finito for precedido de atratores (orações dependentes, negativas, quantificadores e modificadores), variando com a construção em 3, que também ocorre no português brasileiro, um contexto de não elevação do clítico³⁷.

3. **V V-cl** (1.22) Porém **devo dizer-lhe** a verdade (CRJML, segunda metade do século 18)

³⁶ Entretanto, é importante lembrar que, no século 19, nas estruturas com verbo em segunda posição antecedido por sujeitos, a posposição do sujeito pode ainda ser a “linguagem familiar e mais corrente” (cf. Figueiredo, 1944 [1909]: 207).

³⁷ Com exceção dos verbos de elevação que condicionam a subida do clítico.

[Pagotto, (1993:191), ex. original 15]

A perda da elevação do clítico no português brasileiro no século 18 foi atestada em Cyrino (1990).

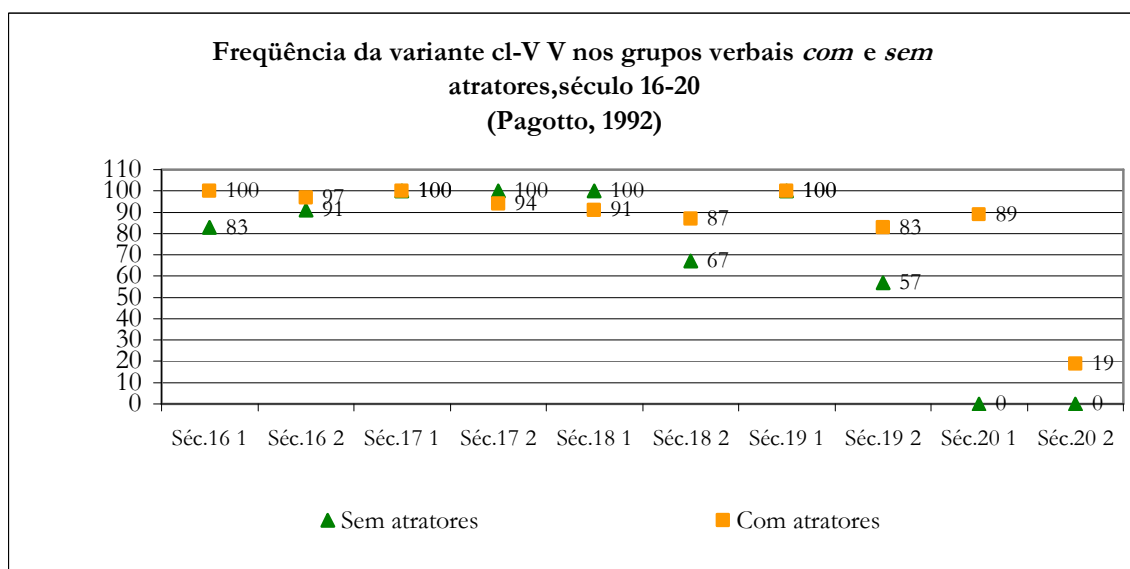
Um dos locais de pouso do clítico em contexto de elevação que pode ser em próclise ou em ênclise. Até o século 19, a próclise ao primeiro verbo era majoritária, chegando, por vezes, a 100% a seqüência [Verbo _{finito} + V _{não finito} (gerúndio/particípio)]:

(1.23) ... e **lhe fui dando** na mão terra, pedras da dita terra e areja, e seixos da dita praya.
(LTMSB, 1ª metade do século 17).

[Pagotto, (1992:47), ex. original d]

O gráfico 1.11 (extraído de Pagotto, 1992:106, tabela original 13) aponta a variante 1 (original variante a) como bastante favorecida até o século 18 e a perda total no século 20.

Gráfico 1.11



A próclise ao verbo não finito em grupos verbais de não subida do clítico, construção 4, é apontada como típica do português brasileiro³⁸, não tendo sido usualmente registrada na história do português europeu.

³⁸ Todos os trabalhos têm mostrado que esse contexto é francamente resistente à próclise no português clássico (cf. Martins, 1994, Galves, 2000, Pagotto, 1992), dentre outros.

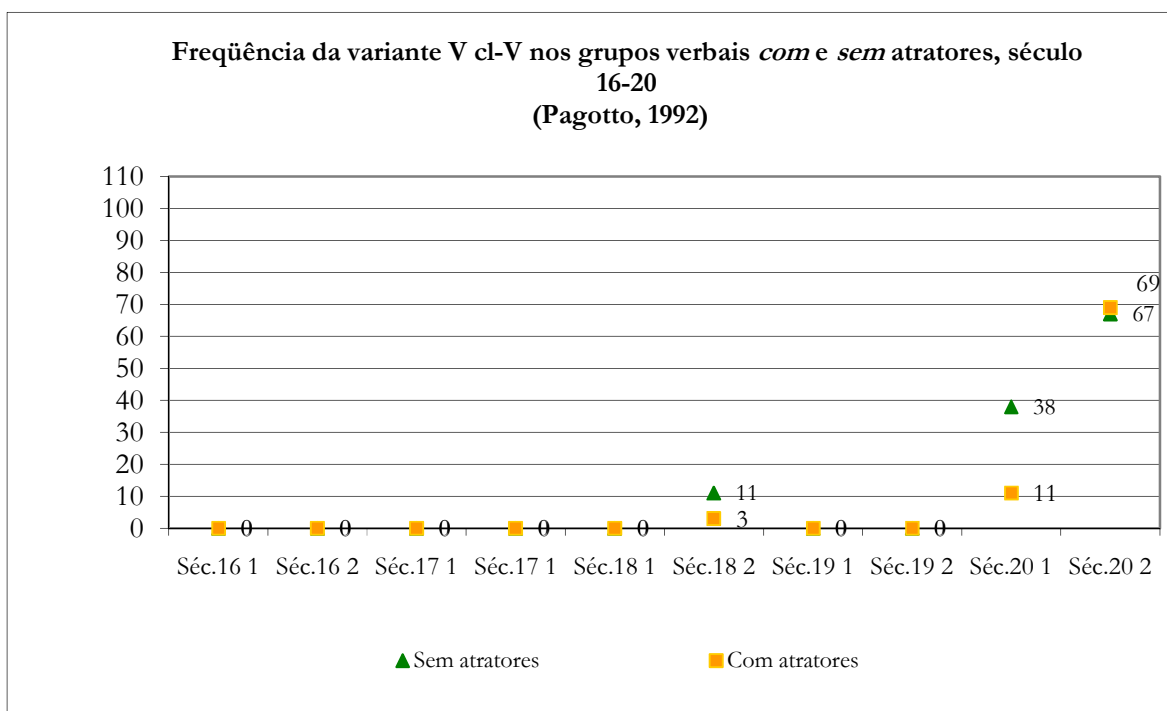
4. V cl-V

(1.24) pois ja|Lê esCrevi ataL respeito dando parte *que* nem *francisco* Ignaçio|enem adonana **quis me em tregar** as terás FAP, V.

[Lobo, (2001:762), ex. original, variante 3 a]

A variante 4 (originalmente no autor como variante c) é apresentada em construções com ou sem atratores no gráfico 1.12 (extraído de Pagotto, 1992:106, tabela original, 13). Nesse gráfico, vê-se a evolução da variante típica do português brasileiro que aparece em fins do século 18, embora com 2 casos apenas, um na construção com infinitivo e outro na construção com gerúndio. Esses resultados são interpretados pelo autor como indicativos da mudança ocorrida na segunda metade do século 18 e concluída no século 20. Cyrino (1993), por exemplo, registra a ocorrência dessa variante com negação na primeira metade do século 19.

Gráfico 1.12



Já Lobo (2001) trabalhou com 249 casos de colocação de clíticos em grupos verbais (146 nos textos escritos por brasileiros e 103 nos textos de portugueses). Vê-se no gráfico 1.16 (extraído de Lobo, 2001:788-789) que, a exemplo do que ocorre em Pagotto, há um claro predomínio das

construções com elevação de clíticos em ambas as amostras, sendo que, nos brasileiros, o percentual é de 58,2% e, entre os portugueses, é de 71,8%. Com relação às construções sem elevação de clíticos, verifica-se na variante em que o clítico ocorre posposto e enclítico ao verbo não finito (V_{finito} V-cl) que os percentuais nas duas amostras são equivalentes, 26% nos remetentes brasileiros e 25,2% nos remetentes portugueses.

A variante vernacular do português brasileiro, anteposição e proclítico ao verbo não finito (V cl-V), foi registrada nos textos de brasileiros em 8,9% e de forma majoritária nos remetentes pouco escolarizados. Nos textos dos portugueses, há apenas uma ocorrência, com frequência de 1%, que foi interpretada como reflexo de “leves indícios de ‘reestruturação’ da gramática de um imigrante português em direção à gramática do português brasileiro” (cf. Lobo, 2001:678).

Registrou-se, ainda, a próclise ao verbo não finito na construção V_{finito} + Preposição + I, 1,6% (2 ocorrências) com o verbo **haver de** (1.25), um contexto considerado de variação livre. E a construção V cl V_{finito} (1.26).

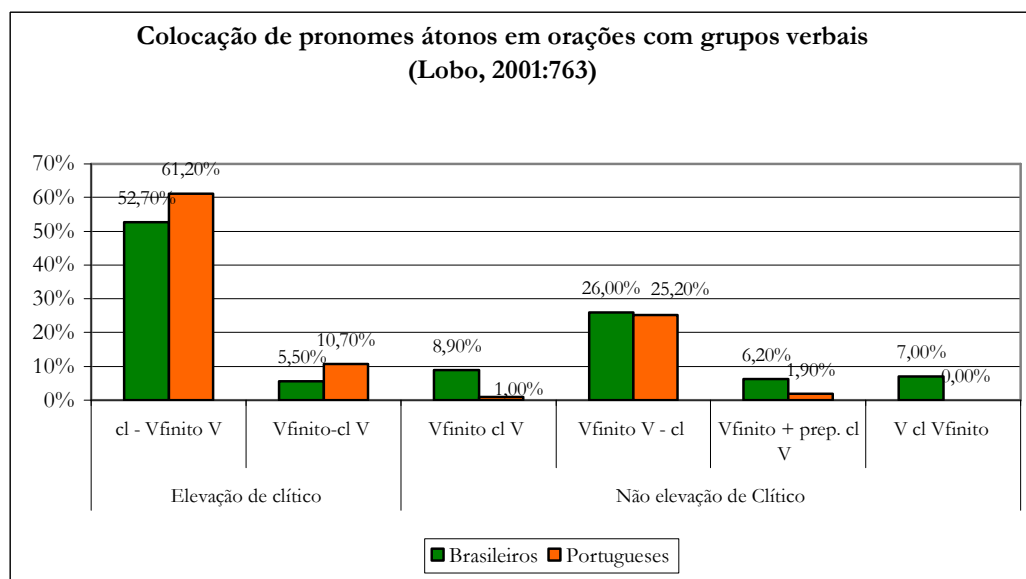
(1.25) Vai hua carta feita|segundo o que entendo par Vossa Senhoria asignár, edirigir|ao
Senhor Joaquim Joze dos Reis, visto que sabe **avia | de lha remeter** JPL,XXVI
[Lobo, (2001:675), ex. original 39]

(1.26) Entregue **mefoi** a de *Vossa Senhoria* FSM, I
[Lobo, (2001:662), ex. original variante 6a]

O gráfico 1.13 (extraído de Lobo, 2001:664-671 e 761-778) ilustra essas construções³⁹.

³⁹ Esse gráfico é o resumo das construções que incluem contextos de ordem categórica pré-verbal e pós-verbal atestadas na história do português. Esses contextos são analisados por Lobo (2001) em função das variantes apontadas nos gráficos, a saber: cl- V_{finito} V (variante 1); V_{finito} -cl V (variante 2), V_{finito} cl V (variante 3, inovação brasileira), V_{finito} V-cl (variante 4), V_{finito} cl-V (variante 5) e V cl Aux (variante 6) apenas 1 caso na amostra de brasileiros.

Gráfico 1.13



Em resumo, as construções de clíticos com grupos verbais apresentam um padrão interessante, ao mesmo tempo, um contexto de resistência à mudança atestada pelo predomínio das estruturas de elevação de clíticos e, por outro, mostram uma grande mudança, a próclise ao segundo verbo. Os estudos, tanto de Pagotto (1992), quanto de Lobo (2001), identificam o século 18 como o momento da inovação brasileira. Isso pode evidenciar que a colocação brasileira com grupos verbais não seja muito influenciada pela norma portuguesa.

Antes de passar ao item seguinte, cabe comentar os casos de não adjacência do clítico ao verbo, a interpolação. Essa propriedade foi perdida no português europeu por volta do século 17⁴⁰. Em períodos anteriores, a não adjacência categórica entre o clítico e o verbo poderia se dar por diferentes tipos de constituintes, tais como, advérbios, complementos e sujeito da proposição. A interpolação que aparece após esse período se torna restrita à negação⁴¹. Pagotto (1992:126) mostra que até o século 18, com exceção da cliticização do advérbio **não**, a interpolação com outros advérbios é pouco produtiva. O autor computou 53% de interpolação com **não** (44/83). Em Lobo (2001) também foram registradas poucas ocorrências de **não** interpolado entre o clítico e o verbo, tanto nos textos de portugueses quanto nos textos de brasileiros, sendo que nos textos portugueses há uma ocorrência de interpolação de sujeito. Os casos de interpolação verificados, em ambas as

⁴⁰ Sobre a interpolação na história do português europeu (cf. Mattos e Silva, 1989:841, Lobo, 1990, Martins, 1994:161-199/272-277) e, também, sobre a ocorrência desse fenômeno a partir do século 17 com base no CTB (cf. Namiuti, 2003).

⁴¹ Como atestado por Said Ali (1908).

amostras, são contextos onde ocorrem “atratores”, ou seja, contextos proclíticos. Em 1.27, um contexto onde em princípio poderia ocorrer interpolação, mas tal não se verifica.

(1.27) Mas creio que o Jose Manoel | não **se descuidará**. ZGV, I
[Lobo, (2001:784), ex. original 47]

1.3.2 Estudos sobre a ordenação dos clíticos na história do português europeu e os resultados de Galves, Britto, Paixão de Souza (2005) com base em CTB

Como mencionado anteriormente, a colocação dos pronomes clíticos na história do português europeu apresenta contextos variáveis e não variáveis. Primeiro, vou apresentar os contextos não variáveis para ênclise, conforme especificado a seguir, e depois os contextos não variáveis para a próclise.

I. Ambiente não variável para a ênclise

1. Verbo em posição inicial

(1.28) **Peço lhe** que por vos m^onde escrever 26, 34-35 (?)

(Lobo, 1992:64)

A ênclise com verbos em posição inicial é bastante estudada na história do português. Esse fenômeno é conhecido como aplicação da lei Tobler-Mussafia⁴², que prevê a impossibilidade de o clítico ocorrer em primeira posição absoluta na frase. O aspecto fonológico desse fenômeno foi interpretado por Wackernagel como um reflexo de uma propriedade que define as línguas indo-européias, a de que as palavras não acentuadas sempre aparecem enclíticas ao primeiro elemento da frase, o que levou a formulação da chamada “lei de Wackernagel”. Ou seja, essa restrição não se aplica apenas aos pronomes clíticos, mas se estende, também, às demais palavras não acentuadas. Os casos de ênclise no português europeu são interpretados como sendo uma preservação dessa restrição. É interessante destacar que em toda em sua história somente o português europeu e o galego⁴³ mantêm essa propriedade. As demais línguas românicas passaram a admitir o clítico em posição inicial de sentença (V1). Esse contexto, como se viu, distingue fortemente o português europeu moderno e o português brasileiro, que passa admitir a próclise em posição inicial absoluta⁴⁴.

⁴² Essa formulação origina-se com o trabalho de Tobler (1875) a partir da observação de que no francês antigo os pronomes átonos objetos nunca ocorriam em 1ª posição e com o trabalho de Mussafia (1886), que verificou o mesmo para o italiano. Os estudos sobre a colocação dos clíticos nas línguas românicas normalmente relacionam essas duas interpretações.

⁴³ Cf. Meyer Lübke (1897).

⁴⁴ Para uma interpretação teórica desse fenômeno (cf. vários trabalhos de Galves listados na referência bibliográfica).

II. Ambientes não variáveis de próclise

2. Orações negativas

(1.29) e quere^odo que na posa ne^o **lhes seja** a ello recebjda ne^ohu^oa auçõ... (NO, 1514)
(Martins, 1994:17 ex. original 6).

3. Orações com sintagmas-Q (pronomes relativos, interrogativas e indefinidas).

(1.30) cõue^o A saber eyllj A leyxar o casal de vilar chão e o casal de braffomes que y ey e
mãdo que **lhy ffiquen**... (NO, 1275) (Martins, 1994:93 ex. original 5)

4. Orações precedidas por determinados elementos (quantificadores, focalizadores e determinados tipos de advérbios, a saber: **bem, mal, já, sempre, também, e ainda, assim** de modo).

(1.31) E todos assy **o outorgarom** (NO, 1467) (Martins, 1994:19, ex. original 8)

(1.32) Joanhina apertou a avó com ambos os braços; e sem dizer uma palavra, sem fazer um só gesto, lentamente e silenciosamente **se retirou** para dentro de casa. (CTB, Almeida Garrett)
(GBPS, 2003, ex. original 91)

(1.33) Aymda **me ameaças**? (Lobo, 1990:5)

(1.34) Já **me envergonho** de repetir a V.M. (G, 93)
(Torres de Moraes, 1995, ex. original 28a).

Esses “atratores” condicionam a anteposição do clítico ao verbo e estão relacionados a uma propriedade gramatical que tem se mantido estável ao longo da história do português europeu (cf. Martins, 1994:430-487)⁴⁵.

⁴⁵ Há uma pequena variação marginal observada em orações subordinadas com ênclise em relativas e completivas nos textos do século 18-19 (cf. GBPS, 2003).

III. Alçamento predominante de clítico para o verbo finito em seqüências verbais ou grupos verbais [Verbo finito + Verbo não finito].

Martins (1994) e também Salvi (1990) afirmam que no português europeu até o século 17 geralmente os clíticos “ligam-se ao auxiliar” ou verbo finito.

(1.35) a. E **nos deuemos de pôer** A meyatade da seme^onte E daruos may^s hu^ou sesteyro de pam meyado. (Lisboa, 1381)

(Martins, 1994:143, ex. original 1)

b. Nos nomes de Províncias Ultramarinas **deve-se observar** o mesmo, v.g. Brasiliense etc., Insolense, Indiano, etc. (Verney, 268)

(Torres de Moraes, 1995, ex. original 25a).

Abdo (2003), a partir de um estudo com o CTB, observa que a tendência à ênclise em grupos verbais com o segundo verbo precedido por preposição segue o padrão das orações finitas com verbo único. Nas infinitivas introduzidas por **a**, um contexto onde havia variação, torna-se um contexto essencialmente enclítico. E nas demais, como a preposição **de**, ocorre o contrário, de um contexto onde a próclise se fazia quase absoluta para um contexto de variação.

O padrão atual do português europeu moderno reflete esse fato, a ênclise no português europeu moderno é categórica com a preposição **a** e com as demais há variação. A próclise ao verbo não finito no português europeu somente é possível com preposição apontada como um fator que favorece a próclise. Em 106 ocorrências, Martins (1994:154) identifica apenas uma sentença com clítico ligado ao verbo não finito (cf. exemplo 1.35c).

c. e **começou logo de sse hir** come home^o camjnhante que segundo paresçia queria seguir cami^oinho. (Lisboa, 1426)

(Martins, 1994:154, ex. original 113)

Se esse alçamento se dava de forma categórica nos contextos favorecedores da colocação pré-verbal (**cl** V finito + V infinitivo), o português europeu moderno admite, além da estrutura acima, a ênclise ao verbo não finito (V_{finito} + V_{não finito} – **cl**).

d. Pouco a pouco **devemos acostumá-los** a isto. (VY 257)

(Torres de Moraes, 1995, ex. original 26).

IV. Ambientes variáveis

Excetuando-se os contextos tanto de próclise quanto de ênclise obrigatórios explicitados acima, o português falado na Europa apresenta, para além da evolução do alçamento de clítico em grupos verbais, uma interessante história de mudança.

O estudo dessa mudança é importante para se entender também as propriedades do português brasileiro, verificadas nos textos escritos por brasileiros no século 19 e tem como propósito trazer novos dados sobre a aparente contradição referida anteriormente nos estudos de Pagotto e Lobo. Ao contrário do que ocorria no século 16, em sentenças com verbo em segunda posição antecedido por sujeitos, sintagmas preposicionais e advérbios não modais em que predominava a próclise (cf. Lobo, 1992, Martins, 1994, Ribeiro, 1995), é registrada nos textos do século 17⁴⁶ uma grande variação nesse tipo de estrutura (cf. Martins, 1994, Torres Moraes, 1995). E, a partir do século 18, os textos refletem uma mudança em direção à ênclise. Essa mudança aparece já concretizada na segunda metade do século 19.

Uma análise detalhada e extensiva da mudança nos padrões de colocação dos clíticos, sobretudo nos ambientes de variação, tem sido feita por GBPS (2005). As autoras utilizam o CTB, que possui uma base de textos 20 escritos por 19 autores nascidos entre o século 16 e 19, perfazendo 851,619 palavras⁴⁷. A partir da classificação de um total de 24.974 dados, analisaram

⁴⁶ Cf. sobre a variação nesse período e novas interpretações sobre o “português médio” ou “português clássico”, Paixão de Souza (2004) e GBPS (2005).

⁴⁷ Os autores e os documentos utilizados por GBPS (2005) com base no CTB são:

1. **Diogo do Couto** (nascido em 1548) com *Décadas* (publicadas em 1602), 47,448 palavras;
2. **Luis de Sousa** (nascido em 1556) com *A vida de Frei Bertolomeu dos Mártires* (data considerada na produção, 1619), 53,928 palavras;
3. **Francisco Rodrigues Lobo** (nascido em 1579) com *Corte na aldeia e noites de inverno* (data considerada na produção, 1619), 52,429 palavras;
4. **Padre Manuel da Costa** (nascido em 1601) com *A arte de furtar* (publicada em 1614-1744?, data considerada, 1652, segundo Paixão de Souza, 2004, apêndice, 3), 52,867 palavras;
5. **Padre Antonio Vieira** (nascido em 1608) com *Cartas* (publicadas em 1735, data de produção considerada, 1670, data da escrita da última carta, segundo Paixão de Souza, 2004, anexo, 3), 57,088 palavras e com *Sermões* (publicados em: 1679, 1699, 1710, 1748, doze tomos, data considerada, 1679, segundo Paixão de Souza, 2004, anexo, 3), 53,855 palavras;
6. **Francisco Manuel de Mello** (nascido em 1608) com *Cartas familiares* (data considerada na produção, 1664), 58,070 palavras;
7. **Frei Francisco das Chagas** (nascido em 1631) com *Cartas espirituais* (data considerada na produção, 1662), 54,445 palavras;
8. **Manuel Bernardes** (nascido em 1644) com *Nova Floresta ou Silva de Vários Apotegemas* (data considerada na produção, 1706, 1708, 1711 e 1728, cinco tomos, data considerada, 1706, segundo Paixão de Souza, 2004, anexo, 3), 52,374 palavras;
9. **José Cunha Brochado** (nascido em 1651) com *Cartas* (publicadas em 1735), 35,058 palavras;
10. **Maria do Céu** (nascida em 1658) com a *Relação da Vida e Morte da Serva de Deos a Venerável Madre Elenna da Cruz* (publicada em 1721), 27,410 palavras;

5.369 orações matrizes afirmativas finitas e coordenadas com verbo em segunda posição.⁴⁸ Esses dados foram divididos em dois contextos principais de variação. O **contexto 1** com verbo em segunda posição antecedido por **sujeitos, sintagmas preposicionais e advérbios não modais** e o **contexto de variação 2** com verbo precedido **apenas por conjunção de coordenação** (V1 de segunda coordenada) e em orações em que o verbo é **precedido por uma sentença dependente**. Veja exemplificação, a seguir:

6. **Contexto de variação I** (2.533 dados)

- Sujeitos não focalizados -V: (1.233 dados)

- (1.36) a. Eu corro-me de dizer o que padeço (Melo, 1608).
 b. Esta fortuna pesa-me já muito. (Melo, 1608)
 c. Ele me disse que pasmava como lhe abastava o que tinha (Souza, 1554)
 d. Ruy Lopes de Villa-Lobos o recebeo com muita honra (Couto, 1542)

(GBPS, 2005:4, ex. originais a, b, c e d).

- Sintagma preposicional-V (935 dados)

- (1.37) a. Em troca disto, ofereço-lhe da parte de Inglaterra defesa de tôdas as suas colónias e ... (Alorna, 1750)
 b. A respeito de Prado diz-me Queiroz “Não sei se Você já o viu depois de casado”. (Ortigão, 1836)
 c. Com este aviso lhe foi juntamente infundida notícia dos excessos que entre estas duas súbditas suas passavam. (Bernardes, 1644)
 d. Para os críticos me deu Nosso Senhor excelente coração, porque sempre vou a ganhar com eles ... (Melo, 1608)

(GBPS, 2005:4, ex. originais, e, f, g, h).

-
11. **André de Barros** (nascido em 1675) com *A vida do Padre Antonio Vieira* (data considerada na produção, 1746), 52,055 palavras;
 12. **Alexandre Gusmão** (nascido em 1695) com *Cartas* (publicadas postumamente em 1841, 1943, data considerada, 1753, ano de sua morte), 32,433 palavras;
 13. **Matias Aires** (nascido em 1705) com *Reflexões sobre a vaidade dos homens ou Discursos Morais* (data considerada na produção, 1752), 56,479 palavras;
 14. **Antonio da Costa** (nascido em 1713) com *Cartas de Abade António da Costa* (publicadas em ?, data considerada, 1752, segundo Paixão de Souza, apêndice, 3), 27, 096 palavras;
 15. **Luis Antonio Verney** (nascido em 1714) com *Verdadeiro método de estudar* (data considerada na produção, 1746), 49,335 palavras;
 16. **Correia Garção** (nascido em 1724) com *Dissertações* (data considerada na produção, 1778), 24,924 palavras;
 17. **Marquesa de Alorna** (nascida em 1750) com *Inéditos, Cartas e Outros Escritos* (data considerada na produção, 1839), 49,512 palavras;
 18. **Almeida Garrett** (nascido em 1799) com *Viagens à minha terra* (data considerada na produção, 1846), 51,784 palavras e
 19. **Ramalho Ortigão** (nascido em 1836) com *Cartas a Emilia* (data considerada na produção, 1914), 32,441 palavras.

⁴⁸ Lembrando que os conectivos não contam com elementos que antecedem o verbo. Esse tipo de coordenada recebe outra classificação, denominadas de coordenadas V1.

- Advérbio-V (365 dados)

- (1.38) a. Depois **sucedeo-lhe** o Mirão, seu sobrinho ... (Couto, 1542)
b. Agora **quero-lhe** dizer algumas cousas das que Vossa Mercê desejará saber a meu parecer (A. Costa, 1714)
c. Hoje **me parto**. (A. Chagas, 1631)
d. Sábado passado **vos mandei** um papel de engaços (Melo, 1608)
(GBPS, 2005:4, ex. originais, i,j,l,m).

7. Contexto de variação II (1.860 dados)

- Verbo em posição inicial em segunda coordenada (953 dados):

- (1.39) a. Achou-os ditosamente, falou-lhes, e rendeu-os a largarem aquela vida brutal, e virem a ser filhos da Igreja, e vassalos do Império Português. (A. Barros, 1675)

b. Durando as persuasões do padre, chegou preparada uma mezinha, e lhe pediram se retirasse. (Bernardes, 1644)
(GBPS, 2005:4, ex. originais a e b).

- Verbo precedido de orações dependentes (907 dados):

- (1.40)

a. Para os começar a render, amimou-os com donativos, língua a todas as Nações não menos inteligível, que grata. (A. Barros, 1675)

b. Vendo-o um Cónego no adro daquela antiga Sé **lhe disse**: De quem sois meu menino? (A. Barros, 1675)
(GBPS, 2005:4, ex. originais, c e d).

A variação observada nesse contexto no mesmo período, século 16-19, é diferente do contexto de variação 1, registrado no gráfico 1.15, adiante. Ambos os resultados, entretanto, tanto do contexto de variação 1 quanto do contexto de variação 2, são importantes porque fornecem elementos para a definição de uma nova gramática do português europeu.

As diferenças nos contextos de variação 1 e 2 são colocadas nos seguintes termos por GBPS (2005:24-25):

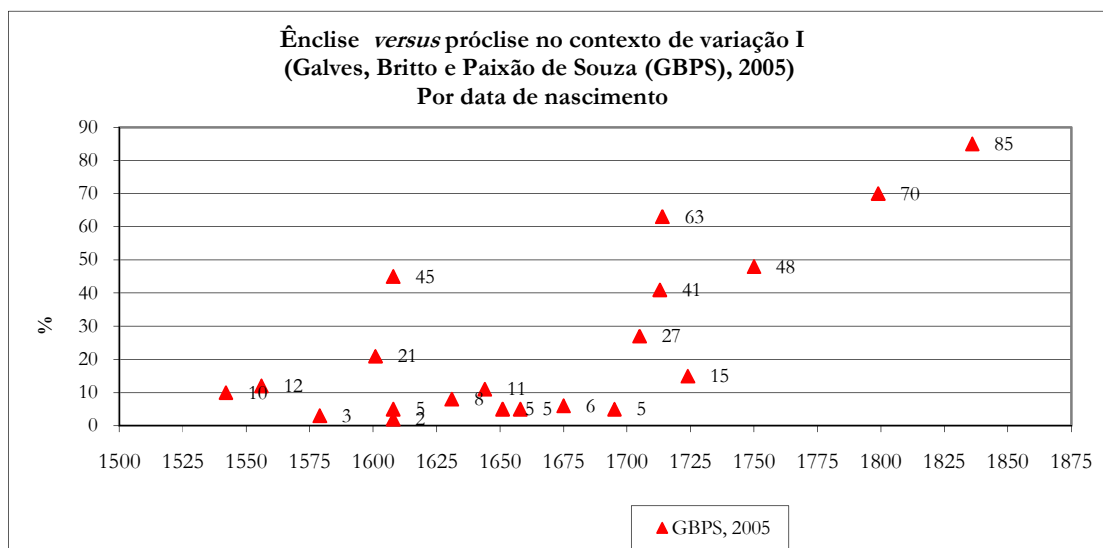
The difference in the frequency of enclisis in **Variation Contexts I** and **Variation Contexts II** can be related to the fact that in the former, there are two syntactic positions available for the pre-verbal phrase (one of them being marked); while in the latter, only the external syntactic position is available, and the placement of the clitics will depend on the presence or absence of an IntP⁴⁹ boundary between the pre-verbal element and the verb. At the beginning of the 18th century, things change. A great deal of variation is still attested in the texts; but we have several pieces of evidence that this variation no longer produced by one single grammar.

⁴⁹ Por IntP, isto é, *Intonational Phrase*.

Instead, it is the reflex of grammar competition (in the sense of Kroch, 1994). This means that a grammatical change has already taken place.

No gráfico 1.14 (adaptado de GBPS, 2005, gráfico original 1), que apresenta a mudança nas estruturas com verbo em segunda posição antecedido por **sujeito neutros, sintagma preposicional e advérbios não modais**, referidas anteriormente como contexto de variação I, se vê a curva de subida quantitativa da ênclise a partir de autores nascidos na primeira metade do século 18. O fim dessa mudança é captado em Ramalho Ortigão, nascido em 1836. Esse autor passa a usar ênclise em 90% dos casos, um padrão próximo do que se verifica nessa língua contemporaneamente, cujo percentual de ênclise é de 100%. É importante destacar que cada ponto corresponde à data de nascimento de um autor (cf. nota 45).

Gráfico 1.14



GBPS (2005) interpretam a variação entre ênclise e próclise, observada entre 1500 e 1700, como produzida por uma única gramática, denominada de português clássico⁵⁰. A ênclise com média de 0 a 15%, salvo exceções⁵¹, seria uma opção marcada e é identificada como uma construção de verbo em posição inicial correlacionada à Lei Tobler-Mussafia, citada anteriormente.

⁵⁰ A acepção **Português Clássico** é usada no sentido genérico. Para uma discussão e, em específico sobre a gramática que subjaz aos textos escritos entre 1400-1700, denominada de português médio (cf. Paixão de Souza, 2004).

⁵¹ Cf. Galves (2001/2003) para uma análise sobre esse tipo especial de ênclise (45%, 1600) encontrado nos “Os Sermões” de Padre Antonio Vieira, atribuído a questões estilísticas.

Nos demais contextos, a próclise é a única opção. A partir do século 18 (1705-1750), a variação mostra a competição nos textos entre a gramática do português clássico e a nova gramática do português. Nesse período, a construção com verbo em posição inicial se mantém ativa na língua. A principal mudança foi atribuída às construções com sujeito pré-verbal (Suj. V)⁵².

A representação gramatical proposta pelas autoras para a gramática do português europeu clássico e para a gramática do português europeu moderno com relação à posição do sujeito é a seguinte.

1. Português europeu clássico:

S # [V →SVcl (a ênclise ocorre somente com sujeitos externos)

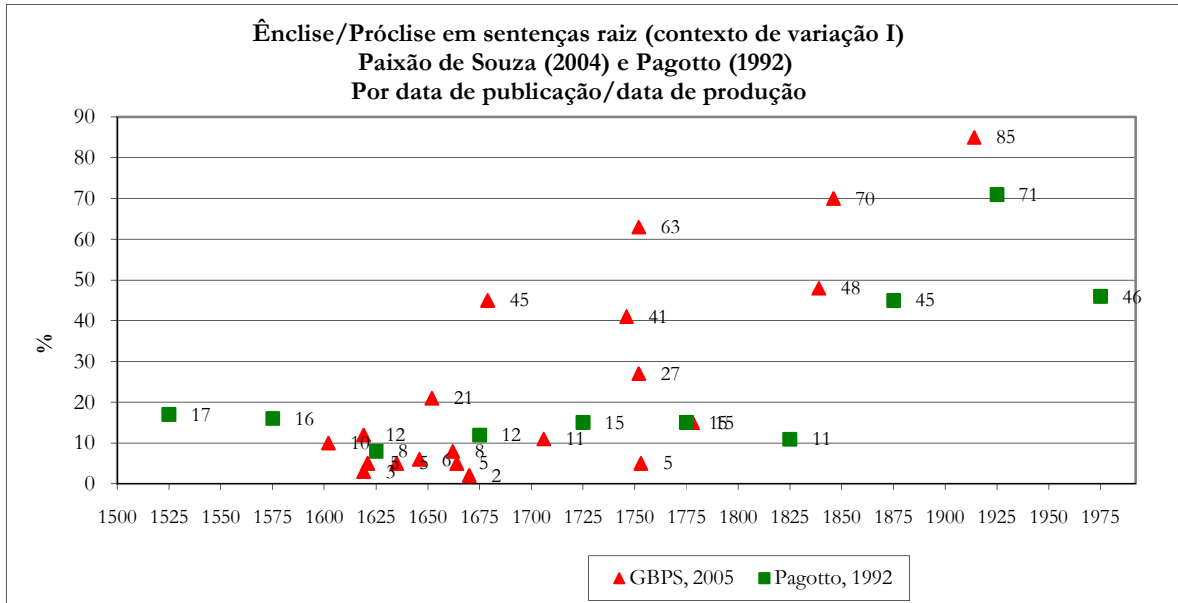
2. Português europeu moderno:

[S V →SVcl (a ênclise ocorre com sujeitos internos)

A mudança nas construções com ênclise no português europeu no século 18 está bastante clara no gráfico 1.14. O interessante é que se retornarmos o estudo de Pagotto (1992), (cf; gráfico 1.6 neste capítulo sobre o português brasileiro) e compararmos com o gráfico (Paixão de Souza, 2004), levando em conta não a data de nascimento dos autores, mas de publicação dos textos, critério usado também por Pagotto, faz parecer que há uma aproximação nos dois estudos. Há, aparentemente, uma mesma curva de mudança, como pode ser vista no gráfico 1.15, abaixo.

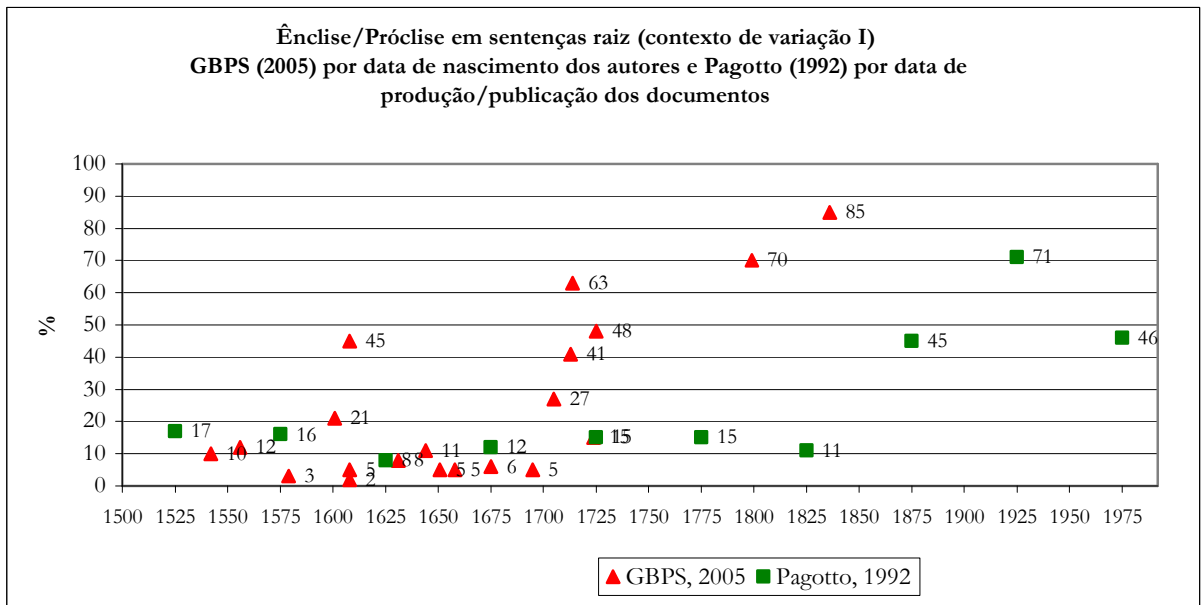
⁵² A principal diferença entre as duas gramáticas com base na análise dessa estrutura deve-se à hipótese de que no português europeu moderno o sujeito é interpretado como em uma posição interna à oração. Sobre essa questão (cf. GBPS, 2005).

Gráfico 1.15



A subida da ênclise no contexto de variação I torna ainda mais clara no gráfico 1.16 se a comparação dos dados de Pagotto, referente à data de produção dos documentos, for feita com GBPS (2005), por data de nascimento.

Gráfico 1.16



Como referido, o aumento da ênclise não condiz com a gramática do português brasileiro. A possibilidade lógica a partir da hipótese de Galves (2001) é a de que a gramática do português

brasileiro teria como opção a próclise. Nesse caso, um dos contextos mais relevantes para o estudo do português brasileiro passaria a ser a próclise em posição inicial absoluta.

1.4 Metodologia utilizada no levantamento dos dados

Para a descrição, faço uso de dados empíricos (cf. volume 2), extraídos do conjunto de cartas escritas por brasileiros “Cartas Brasileiras” (de agora em diante CB) e os interpreto a partir do contraste entre língua-I e de língua-E (cf. Chomsky, 1981, 1986) e da noção de competição de Gramática (cf. Kroch, 1989, 2001). Esses conceitos serão explorados como suporte para explicar a forte variação nessas cartas que uma vez descritas parecem indicar gramáticas distintas em competição. Essa variação pode ser assim agrupada.

1. Construções equivalentes à escrita do português europeu em sua fase clássica (século 16-17);
2. Construções que refletem as mudanças em direção ao português europeu moderno (século 18);
3. Construções que definem o português brasileiro (século 19).

A comparação das duas evoluções, uma em direção ao português europeu moderno (GBPS, 2005) e outra em direção ao português brasileiro contemporâneo, é um dos principais objetivos deste estudo. É importante destacar que essa comparação não é importante apenas para a identificação da consolidação do português brasileiro, mas, sobretudo, para a compreensão do tipo de competição de gramáticas nos textos produzidos no Brasil no século 19. Mostrarei que as alterações de frequências nos dados de início do século 19 ao início do século 20 são indicativas dessa competição.

Vou defender que as construções variáveis identificadas são resultantes de três gramáticas distintas (português clássico, português europeu moderno e português brasileiro) e que, por isso, a comparação diacrônica de fases distintas do português é fundamental para se entender a variação nos textos. Considero que será extremamente importante comparar o português europeu que aparece em textos portugueses do século 19, com as CB, uma vez que são também desse período. Outro exercício interessante será contrapor os dados por data de nascimento dos autores e por data de produção dos textos (cf. capítulos 2 e 3), assim como a comparação dos dados escritos por

indivíduos cultos e não cultos, tendo em vista que a norma culta do Brasil nesse período se pautava fortemente na escrita portuguesa culta⁵³. Isso dito, não se pretende postular algum efeito de língua-E sobre língua-I, mas apenas separar os dados produzidos por indivíduos de um lado, nascidos em períodos distintos de tempo e, por outro, também com processos diferenciados de domínio de escrita para verificar se isso se reflete de alguma forma nos dados.

1.4.1 Organização dos dados

O quadro que utilizo na organização e na classificação dos dados foi feito inicialmente a partir da distribuição da colocação pronominal em contextos de variação e de não variação, tanto de próclise quanto de ênclise, registrados na história do português europeu (cf. Martins, 1994; Torres Morais, 1995; Galves, 1998; Britto, 2001 e GBPS, 2002, 2003 e 2005).

Os pontos já especificados e que retomo, a seguir, tem como propósito guiar a descrição. Trata-se, portanto, de um quadro geral e os detalhamentos serão feitos sempre que necessários. A divisão dos dados por contexto de não variação e variação na história do português europeu guiará a análise dos dados, tornando mais fáceis as comparações entre os estudos da gramática europeia e da brasileira (cf. Pagotto, 1992, 1993; Lobo, 2001 e Cyrino; 1997, entre outros).

I. Ambiente não variável de ênclise

1. Verbo em posição inicial

II. Ambientes não variáveis de próclise

2. Orações negativas;
3. Orações com sintagmas-Q (pronomes relativos, interrogativas e indefinidas);
4. Orações precedidas por determinados elementos (quantificadores, focalizadores e determinados tipos de advérbios, a saber: **bem, mal, já, sempre, também, e ainda, assim** de modo).

⁵³ Para uma interpretação desse processo segundo uma concepção sócio-histórica (cf. Mattos e Silva, 2001:298-299) discutida na 3ª parte deste volume (capítulo 6). A autora defende que “O *português europeu*, que teria ao longo do período colonial um contingente de 30% da população brasileira; é a base histórica do *português culto brasileiro*, elaborado a partir da segunda metade do século XVIII”. E, por outro lado, “o *português geral brasileiro*, antecedente histórico do *português popular brasileiro* que, adquirido na oralidade e em situações de aquisição imperfeita”, foi difundido pelo geral do Brasil, sobretudo, pela maciça presença africana e de afro-descendentes que perfizeram, em média, 60% da população por todo o período colonial.

5. Alçamento de clítico para o verbo finito em seqüências verbais [Verbo finito + Verbo não finito].

III. Ambientes variáveis

6. Contexto de variação I - Sujeitos não focalizados –V; - Sintagma preposicional-V e Advérbio-V.

7. Contexto de variação II - Verbo em posição inicial em segunda coordenada e Verbo precedido de orações dependentes.

Destaco o fato de que, no *corpus* de estudo desta pesquisa, há variação em todos os contextos.

1.4.1.1 Ambientes considerados

À coleta de todas as orações com clíticos com verbos finitos únicos e em grupos verbais, seguiu-se a classificação das construções com ênclise (V-cl) e com próclise (cl V). Os detalhamentos de classes mais largas, tais como tipos de sujeito ou tipo de clíticos, serão esclarecidos quando pertinente.

1.4.1.1.1 Considerações preliminares

Antes de apresentar os ambientes considerados na descrição de cartas brasileiras, esclareço alguns pontos:

1. os exemplos extraídos do *corpus* desta pesquisa são indicados pelo número da carta (cf. código do remetente nas tabelas no itens 2.1.2 no capítulo 2).

2. a colocação dos pronomes clíticos (cl V e V-cl) é tratada, genericamente, por próclise e ênclise, embora a descrição dos dados não tenha como ponto de partida uma descrição fonológica;

3. os dados com colocação do pronome átono entre o radical e a desinência das formas verbais do futuro do presente e do futuro do pretérito, isto é, a mesóclise, exemplificada, a seguir, serão tratados como ênclise (cf. Martins, 1994).

Os casos explícitos de mesóclise ocorrem em número pequeno, cabendo, futuramente, uma análise dos contextos prováveis de mesóclise. Nesse ponto, é importante ressaltar que GBPS (2005), base de comparação nos capítulos 3 e 6, não contabilizam mesóclises e próclises com verbos no

futuro. Com relação aos dados de mesóclise, incluídos nos casos de ênclise na descrição de “Cartas Brasileiras” são pouco significativos. Há pequena variação na colocação com verbo no tempo futuro.

(1.41)

a. **Consolar-me-ia** | com a convicção de, nas circunstancias especialissimas | em que me vi,
_ ter escripto direito por linhas | tortas _ . | carta 98

b. **Telegrafar-lhe-ei**, pedin- | do-lh’o, si for preciso. | carta 289

(142) Tempo futuro

a. O Octavio estava *muito* corda- | to, e á não ser o *Doutor* Pedro | Mendes, o resultado **seria** | -nos
 mais favoravel. Carta 438

b. Nada sei de novo. Mande entregar a Iaya Carminha | a inclusa logo, faço á ella hua encomenda,
e *Vosmice* **lhe** **dará** | o *dinheiro* preciso, *segundo* ella dicer, como á ella *mesmo* digo. Saudades de |
todos. Recomendações saudosas á *minha* Comadre, e *Senhora* , ás Iayas, e | Ioyos, a *Senhora* Dona
Formosa, e á todos. Sou do *Coraçam* . | carta 13.

c. O *artigo* está | escripto com summa *habilidade* , _ todas | as premissão estão bem
estabelecidas, _ | restava saber se outra conclusão | não se poderia tirar. | O Antunes **lhe**
 responderá . | carta 57

d. Com franquesa me dize as objec- | ções que tiveras a respeito do con- | tracto de fornecimento
para o | exercito. Eu **t’as** **dissiparei** . Sobretu- | do he necessario que não dê ouvidos | a intrigas
dos descontentes, *aquem* | repellí por exigentes ou incapazes. | carta 61

4. A classificação dos tipos de constituintes pré-verbais será restrita ao **constituente que precede imediatamente** o par verbo/clítico. As orações com mais de um constituinte pré-verbal (V>2) serão marcadas com [-] antes do constituinte imediatamente precedente do verbal, tendo em vista ser esse constituinte o que conta na determinação da variação da colocação pronominal. (cf. Martins, 1994, GBPS, 2003, entre outros). O exemplo 1.43 é incluído como advérbio. O exemplo 1.44 incluído como sujeito⁵⁴.

(1.43) [O effeito d’elles] já **se** **fez** **sentir** , pondo á prova o peso da tua in- | fluencia, e no que
conseguiram já terão | talvez adiado a decisão do assumpto para | 1v.epoca em que seja mais
facil o golpe de frente. | carta 273

⁵⁴ Para a relevância dessa estrutura no processo de mudança do português europeu (cf. GBPS, 2005).

(1.44) Tenho feito gran|des investidas para deixar a| maldicta vida de politico| *porém*, [infelizmente,] o Lama me obriga a continuar n'ella.| carta 131

5. As orações com mais de uma ocorrência de clíticos são contadas pelo número de clíticos que possuem.

1.4.1.1.1.1 Tipo de clíticos

A descrição dos tipos de clítico é fundamental para o estudo do português brasileiro, tendo em vista as mudanças ocorridas no sistema pronominal (cf. Monteiro, 1991, Lobo, 1992, Pagotto, 1992; 1993; Galves, 2001 [1994] e Abaurre e Galves, 1996)⁵⁵.

Chociay (2003) fez um estudo do tipo de clítico em 12 textos do CTB (1500-1850) e demonstrou que os clíticos **me, te, lhe (s), nos e vos**, considerados clíticos fortes, favorecem a ênclise. Com o clítico o/a(s), proclítico até o século 18, demonstra o surgimento da gramática do português moderno, ao passar de um percentual de ênclise de 29% para 81%.

Na descrição, analiso os seguintes tipos de clíticos: **me, te, nos, vos**, e os clíticos **o, lhe e se** e suas variantes e os seguintes agrupamentos clíticos (**mo, to, lho, no-lo, vo-lo, se-lhe, se-me, lhe-o, lhe-as**).

Os exemplos ilustram essas ocorrências:

Clítico **me**

(1.45) João Ramos **medisse** *que* hia es|crevêr-lhe pedindo escusa da De|legacia, eu aconselhei-o *que* não fī|sesse, *pois* *VossaExcelência* muito o considera e| n'este sentido o nomeará, não | sei se mandará.| carta 459

Clítico **te**

(1.46) Em casa do João Pedro de Souza| Brito, conferente d'Alfandega,| vai elle morar, e **peço-te** que| o tenhas sempre, sob tuas vistas| e bons conselhos, como recorda-|ções de nossos saudosos tempos| academicos. carta 299

Clítico **se**

⁵⁵ Sobre mudanças no estatuto categorial do clítico (cf. Silva, 1990 e especificamente Galves (2001 [1994]) detalhado no capítulo 3). Sobre tipos de clíticos no português europeu com base no CTB (cf. Chociay, 2003), além de perdas importantes, tais como a do clítico *se* apassivador (Nunes, 1990), do clítico acusativo de terceira pessoa e do uso acusativo do dativo *lhe*, etc.

(1.47) O Decreto **reformou-se** para Siqueira debaixo de *minha* res-|ponsabilidade, mas pedio-se explicação á Presidencia| da *Bahia* para que os papeis da Secretaria d'Estado fiquem em| harmonia com o Decreto expedido. carta 17

Clítico **o**

(1.48) Mitre **os mandara** como explora-|dores para policiarem; e elles| quizerão fazer uma acção d'eilat| e pensáram que lhes bastava| desembainhar a espada para| fazerem fugir o inimigo. | carta 57

Clítico **lhe**

(1.49) Em tempo o João **lhe escreverá.**| carta 232

Clítico **nos**

(1.50) No intuito de melhor ainda cumprirmos com esse| dever, **nos manifestamos** desejosos de publicar a| Mensagem, que no proximo mez de Abril, *Vossa Excelência*,| enviará ao Congresso do Estado. carta 290

Clítico **vos**

(1.51) **Envio-vos** por Sabião e Francisco| o seguinte, roupa limpa: 4 pares de| meia, 1 atadura, 1 fronha grande, 2| fronhas pequenas, 2 camisas de dormir,| 3 ciroulas, 1 calsa, 3 camisas de algodão,| 12 *lenços* de linho, 2 lençoes e 4 lenços de mão. | carta 107

Clítico **lhes**

(1.52) Os jagunços quando **lhes passão**| pela frente as cargas de generos e| munições, tratão logo de mattar| os animais e os bois de carro| para se apossar das cargas. | carta 454

Grupos clíticos

1. Contração de dois clíticos.

Os clíticos dativos **me, te, nos, vos** e **lhe** (s) combinam-se com os clíticos acusativos, **o** (s), **a** (s) e resultam nas formas **mo, to, lho, lha, no-lo, vo-lo.**

- (1.53) *Vos* m'ice diga ao Henrique que eu lembro | sempre o seu nome ao Prisco, que o famoso | juiz de direito antes da abertura da nova | Camara, assim **m'o prometteo**, e elle é | seu amigo. | carta 126
- (1.54) Tem paciencia, que o que te | digo he de amigo e **digo-t'o** | só a ti. | carta 63
- (1.55) Não **lho fiz** gratifi|cação: porque ora parte para a *Babia*, onde | espero que *Vossa Senhoria* o remunere como merece, | pois nesta terra de calmas e lamas, todo | o serviço he penoso. | carta 4
- (1.56) Conhecendo-me *Vossa Excelência* mais do que | alguns de seus illustres collegas, | visto que nossas relações teem sido | mais intimas, cabe-lhe tambem | imprimir a sua policia nos | seus impetos de diffamação contra | o escriptos que, como *Vossa Excelência* sabe, | nunca solicitou de ministro algum | o menor favôr pessoal e os teem | regeitado de alguns que **lh'os** | **offerecerão**. | carta 41

2. Associação de clíticos

Casos em que o clítico **se** se agrega aos dativos: **me, te, nos, vos e lhe** (s), resultando nas seguintes formas: **se-me, se vos e se-lhe**.

- (1.57) Hontem fui | tambem procurar a *Vossa Excelência* para mostrar lhe uma car[ta] | de um Director de duas Companhias Brasileiras em | Londres em *que se me diz* que até o dia 23 de Dezem[bro]⁵⁶ | não se julgava o *Senhor Carvalho Moreira* habilitado a dar | satisfação aos accionistas da Estrada de ferro <de Pernambuco> *que* procurão | transferir suas accões pør Apolices!– carta 27
- (1.58) Tenho tido o prazer de | ser testemunha do bom acolhimento | que em geral aqui **se lhe faz**, tanto | nos circulos officiaes como na sociedade | mais grata do paiz. carta 34

As alterações no sistema de clíticos, embora importantes para o estudo do português brasileiro, serão apenas ilustradas. Uma análise das mudanças no sistema de caso foge ao escopo desta pesquisa. Os exemplos constam do capítulo 3.

⁵⁶ Corroído.

1.4.1.1.1.2 Organização e classificação dos dados

Como explicitado acima, a variação nos textos brasileiros do século 19 é muito mais ampla. Não está limitada às orações matriz afirmativas em que o verbo é precedido de um item referencial, como ocorre no português e conforme foi demonstrado nos estudos com o CTB (cf. GBPS, 2005). No *corpus* analisado no volume 2, há variação em contextos não variáveis em toda a história do português europeu.

A classificação de orações finitas com variação (ênclise: V-**cl** ou próclise: **cl** V) seguiu os seguintes critérios:

- **Orações com prevalência para a ênclise.** Separando-se o contexto não variável para a ênclise no português europeu dentre os que se configuram como ambientes de variação.

- **Orações com prevalência para a próclise,** ambientes não variáveis na história do português europeu.

Essa classificação preserva, internamente, os seguintes contextos de colocação na história do português europeu para fins comparativos: 1. **contextos de variação**; 2. **contextos de ênclise obrigatória** e 3. **contextos de próclise obrigatória**.

1.4.1.1.1.2.1 Construções com verbos simples

Nesse item, passarei a apresentar os critérios para a classificação com verbos simples. E, seguido, com um tipo de sintaxe diferente, as construções com grupos verbais.

1.4.1.1.1.2.1.1 Orações com prevalência para a ênclise

- Orações raízes declarativas afirmativas, principais

(1.59) a. O Decreto **reformou-se** para Siqueira *debaixo* de *minha* res-|ponsabilidade, mas pediu-se explicação á Presidencia| da *Bahia* para que os papeis da *Secretaria* d'Estado fiquem em| harmonia com o Decreto expedido. carta 17

b. Marcelino **lhe explicará** melhor| pois o official está em caza d'elle. | carta 332

- Orações raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas

Essas orações foram classificadas da seguinte forma:

- Orações raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas sem conectivo

(1.60) a. *Mademoiselle* e *Josephina* estão boas, **vos envião** | suas respeitosas lembranças. | carta 109.

b. O Cesar mandou-me hu)a | conta honte de dous Sobrecazacos, **refuguei-a**, por que apesar | da fraqueza⁵⁷ de *minha* memoria, recordei-me que *Vosmice* recambiara a | preta, por não lha-haver encomendado, dando-a ao Professor | para a - levar; mas este usa della, e á Cesar dice que dalli hou- | vesse a paga, quando tiver mais vagar, mandarei a *minha* | conta. Eu passo mal do meu peito. carta 32

- Orações raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas com conectivo

(1.61) a. Para satis|fazer este triplicado fim, passarei ainda na Belgica, e vezitarei a Hollanda, a Prussia, | Allemanha, e Suissa, e **me recolherei** a Italia à fim de ali procurar azilo contra o inver- | no. carta 32

b. Recebi | cartas de Monte Santo do Es= | crivão dilá, communicando- | -me que os autos que tenho | grande interesse que se | 2v.4 | achava em mão do *Doutor* Gomes, | foi entregue por esse, sem | despacho algum; entregou-me | aos inimigos!!; forte caiporis= | mo – nunca pencei que o *Doutor* | Gomes fizesse isto commigo, | porque alem de correligionario | sempre entretive relações es= | treitissima com elle e **tratei** | -o sempre muito bem. | carta 324

Os tipos de conectivos são contados em separados: **e; mas;** outros (**pois, contudo, todavia, porém e ou**). A opção por tal classificação deveu-se às diferenças encontradas no *corpus*, embora as conjunções não sejam incluídas nos elementos pré-verbais.

- Orações Imperativas

(1.62) a. **Faze-me** o favôr de explicar ao | Gomes a razão porque hoje o não | procuro. carta 42

b. Nada mais 2v. aceite visitas | de meu Pai e **recommende-me** com visitas | a *Excelentissima* Baronesa, Joaozinho | e Totonio – | carta 323

- Orações parentéticas e apositivas

Trata-se das orações entre orações, justaposta a outra oração.

⁵⁷ Borrado.

(1.63)

a. Confidencial: Logo que aqui cheguei segui *para* as Pia=|bas a scientificar ao *nosso* amigo (**chamo-o** de amigo| porque, como talvez ja tenhais sabido pretendo unir-|me em casamento com sua filha Elvirinha, que| não communiquei-vos por não termos marcado| o dia, deixando para fazer a devida communi=|cação n'essa data, quando tenho de pedir-vos a| dar-me a honra de ser o meo paranypho) do que|1v.mandastes dizer-lhe e *também* do que eu disse-vos| concernente aos candidatos do 5º districto. carta 354

b. Saudades de todos dessa casa| O *senhor* conde de Taparica já terá|escripto á *Vossa Senhoria* sobre o caso:|elle **o venera** e trata| como seu parente| carta 3

1.4.1.1.2.1.2 Orações com prevalência para a próclise

- Orações segundas coordenadas dependentes

(1.64) a. Não espero bom exito; pois hade ser Juiz| o Medico que está hoje nas graças de| sua Alteza, e que **se acha** tão favore-|cido. carta 3

b. Confidencial: Logo que aqui cheguei segui *para* as Pia=|bas a scientificar ao *nosso* amigo (chamo-o de amigo| porque, como talvez ja tenhais sabido pretendo unir-|me em casamento com sua filha Elvirinha, que| não communiquei-vos por não termos marcado| o dia, deixando para fazer a devida communi=|cação n'essa data, quando tenho de pedir-vos a| dar-me a honra de ser o meo paranypho) do que|1v.mandastes dizer-lhe e *também* do que eu **disse-vos**| concernente aos candidatos do 5º districto. carta 318

- Orações subordinadas ou dependentes

(1.65) a. O Nicoláu, que parte por estes dias, fallou-|me em emprestimo externo; mas permita *Vossa Excelência*| que **lhe diga: não guarde illusões a esse respeito.**| carta 251

b. Não|3v.apressei logo em responder aespera| de seo portador *que disse-me* voltava bre-|ve, aopasso *que muito* demorouse. | carta 464

- Orações negativas

Apenas foram incluídas as orações negativas raízes e coordenadas.

(1.66) a. Por uma carta do Grasiño Mor| Duarte da Ponte Ribeiro fui informado de| que o Cansansão deixou a pasta das Obras Publi=|ca, mas não **me diz**, como eu creio, que ficou| com a da Justiça, nem si o teu Joven collega| 1v. de Maranguape se resolveo a despensar| os Correios e Ordenanças: tambem me diz| que o Hollanda está *muito* mal, mas sempre| sustentando que póde carregar com as sete| pasta. Crê o Duarte que não haverá disso=|lução, mas sim mudança de Ministerio e| não sabe em que sentido.| carta 80

b. A secca aqui continua hor=| rivelmente, não **da-se** [...] ⁵⁸ um| espaço de 3 mezes que não| se manifeste casos fataes| de fome!!!. carta 326

Exclui-se, portanto, os casos de negação dentro de orações dependentes.

(1.67) Examinei o Ne-|gocio; e achando que assim era, e que de nenhum modo| **lhe servia** o pôr-se na cauda de *quanto* regimento ou batalhão| se possesse em marcha, concordei com o Mont'alegre| em mandar saber – quem he ahí o Encarregado da Vacina?...carta 15

Os casos de interpolação foram computados com uma marca específica que torna possível a recuperação desses dados.

(1.68) Por esse motivo **me**| não satisfaz ainda de todo| o estado della; a minha tran-|quilidade não está restabelecida.| carta 306

- Orações interrogativas diversas

(1.69) a. O Ceo derrame sobre toda a tua| pequena *Familia* todas as graças que pode apetercer-te a *minha* sincera estima, a nossa antiga e boa| amizade: e como **te peza** o fardo dos trabalhos públicos? carta 32

b. Já desenganou-**se**? carta 371

- Expressões fixas

(1.70) b. Deos| **lhe dê** saude e venturas e a todos os seos. carta 93;

⁵⁸ Rasurado, letras sobrepostas.

- Orações coordenadas ou subordinadas com “porque”

As orações introduzidas por **porque** receberam uma marcação especial, constituindo um grupo isolado. Esse contexto, no *corpus* analisado, apresenta variação na colocação pronominal tanto nas subordinadas causais, quanto nas coordenadas explicativas. A marcação especial nessas orações deve-se à instabilidade diacrônica desses conectivos como critério para a contagem da ênclise e da próclise (cf. Martins, 1994, Britto, 1999 e GBPS, 2005). A posição do clítico deixa de ser um critério válido, sobretudo pela variação apresentada nas segundas coordenadas.

(1.71) Será para mim | dobrado allivio, porque **te** | **satisfaço** e me satisfaço. | carta 63

1.4.1.1.2.1 3. Constituintes que precedem o conjunto verbo/clítico

- Sujeito neutros (além de nomes, inclui **isto**, **esse**, **aquele**, etc).

Separei, também, diferentes tipos de sujeitos por se mostrarem relevantes (cf. capítulo 3), a saber, sujeito simples e composto, de sujeito de com nome próprio e com pronome de tratamento.

(1.72)

a. O Decreto **reformou-se** para Siqueira debaixo de minha res- | ponsabilidade, mas pedio-se explicação á Presidencia | da Bahia para que os papeis da Secretaria d’Estado fiquem em | harmonia com o Decreto expedido. carta 17

b. Eu **lhe dei** algumas imformacoes da | Ribeira, sem conhecimento, por que não sabia | em vida de meo irmão quem eráo os | de immediata confiança, eajui | zeí sem estudar os homens; agora | vou conhecendo meo erro, por que me | 2r.vi obrigado a áprecialos. carta 345

c. O Zinho **pede-me** | o cavallo foreiro e o outro. | carta 147

d. O Mar= | celino **escreveu-lhe**: Aqui vamos dis- | posto ao que Deus quizer; farinha | a 40\$000 (hoje)!!! carta 329

e. O Marcelino **lhe explicará** melhor | pois o official está em caza d’elle. | carta 332

- Sujeito complexo pré-verbal. Sendo que o sujeito formado por sintagma nominal seguido de oração subordinada relativa conta como um único constituinte

(1.73) a. O Nicoláu, que parte por estes dias, **fallou-|me** em emprestimo externo; mas permita *Vossa Excelência* que lhe diga: não guarde illusões a esse respeito.| carta 251

b. Paulino a quem tudo disse **vos explicar**á | melhor que eu por escripto. | carta 111

- Advérbios e locuções adverbiais de tempo, modo e lugar, etc., ou advérbios não modais.

Esses advérbios são considerados largamente, os detalhamentos de subclassificações serão feitos na descrição no capítulo 3, se necessários.

(1.74) a. Escrevi-lhe esta semana pelo *Doutor* João Dantas| Coelho e hoje **o faço** pelo correio d'ama-|nhã. carta 383

b. Hoje **encontrei-me** no Commercio-| com *Joãozinho*, e perguntando por Totonho, | disse-me estar bom. carta 356

- Sintagmas preposicionais, incluindo complementos indiretos não retomados.

(1.75) a. Nas *mesmas* suas | cartas **ordena-me** *para* no dia | 10 de março achar-me em | Camuciatá dia em *que* tem | de benzer seo palacete. carta 432

b. É *para* infor-|mar te do sucesso deste projecto, e não menos *para* renovar o prazer tantas vezes enterrompi-|do de tua comunicação, que te derijo a *presente*, dezejando que ella axe em teu coração o acolho de | efuzão dos *mesmos* sentimentos, que neste momento sente *minha* alma com a recordação e lembrança de | nossa amizade, consideração esta, á que meu Angelo, sem a menor duvida me presto, e | na *maior* certeza **me entrego**. carta 32

- Orações dependentes, desenvolvidas ou reduzidas

(1.76) a. Tendo regressado ha poucos dias da | *minha* excursão diplomatica, **apresso-me** a ter | o prazer de acusar recepção da sua obzequiosa | Carta de 7 de septembro ultimo, estimando *muito* | o melhoramento da sua saude. carta 86

b. Querendo pois por te as cor|rentes de todos os meus designios **te direi** qual a aplicação, que de meu tempo pretendo fazer. | carta 32

- Posição vazia antes do verbo, a chamada V1, tanto de raízes quanto de segundas coordenadas.

As orações VS foram computadas junto com V1 (cf. exemplo 1.122). A próclise nas orações com verbo em posição inicial absoluta constitui-se uma das mais importantes diferenças do português brasileiro em relação ao português europeu, como dito, um contexto não variável em toda a sua história. No *corpus*, esse é, também, um contexto variável.

- (1.77) a. **Acho-me** na posse da| carta de *Vossa Excelência* de 8 do corrente,| e portanto, attendendo-se a| semelhantes demoras <do correio> não| ha possibilidades de se entreter| pontualmente correspondencia| com quem se deseja. Enfim,| é a mesma chapa em todas | as repartições desse desa-| fortunado paiz!...| carta 450
- b. **Disse-me** o Dr. Estevão Siqueira que o| meu amigo Colega o *Conselheiro* José Bonifácio tambem| me enviara pelo correio, fazendo-me a mesma| recommendação; mas eu não recebi carta alguma| d'elle, nem agóra nem antes. D'esde que sahi| deSão Paulo nunca tive esse prazer. | carta 105
- c. **Me entendi** com o João Victorino a serca| do seo boi que matarão, e depois disto>| 4r. tudo resolvido trataremos da liqui| dação, me pairesse é *que* o tal sugei=| to não terá com *que* pague, com *quanto* | á pesar de ser morador aqui eu | não conheço bem se elle pode pa| gar. | carta 418

Foram computadas, em separado, as seguintes ocorrências de 'orações iniciais'.

- (1.78) a. ADeus, meo caro *Conselheiro*, **creia-me** *que* | lhe asseguro que sempre serei o seo velho| amigo| carta 92
- b. Adeos **Abraça-**|-**lhe** o| Amigo *affectuosoCriado* | e obrigado|Tanajura | carta 133

- Advérbios modais, ou modais de VP, a saber: **cá, bem, já, lá, mal, sempre, também, talvez, mais, melhor, maior.**

A exemplo da classificação larga feita com advérbios não modais acima, os detalhamentos de subclassificações serão, também, feitos, se relevante, na descrição no capítulo 3. Incluem-se nessa categoria os advérbios **antes** e **assim** com valor modal, ambos ocorrem com próclise no português europeu.

- (1.79) a. Sempre **lembro-me** de | V. e não me esqueço de ser grato. | Se minha memoria me não falhar | 2r. creio ter-lhe remetido uma | vez, em signal de lembrança, | um numero da Indépéndice | belga. | carta 40
- b. Depois da que accusa escripta | por mim com data de 21 de Junho faltan- | do lhe ser entregue 1 ou 2 entre 6 e 16, | já **enviei-lhe** uma escripta em Alagoínhas | a 24, e duas depois de meu regresso | carta 455
- c. Tambem **peço lhe** que | não veja nas ponderações *que* vou fazer a defeza do in- | teresse individual d'este seu humilde amigo, o | qual nunca servirá de obstaculo a qualquer me- | dida util que deva ser tomada em beneficio da | Empreza. Carta 219
- d. Ficamos tão bem aruinados | com a secca em nossos diminu- | tos bens, não podendo talvez, fa- | zer-mos o que faziamos de an- | tes, mas a nossa lealdade e gra- | tidão nunca nos fará esqueci- | do, e sempre **nos encontrará** | como amigos sinceros promp- | tos a cumprir suas ordens, ain- | 2r. do mesmo retirado da poli- | tica. carta 429
- e. Já **te mandei** pelo S. Francisco tudo | quanto julguei importante para teu | conhecimento e do Imperador. Mando- | te agora pela Imperatriz o que | de então para cá se tem feito. | carta 44

- Sujeitos quantificados, **tudo, todos**, focalizados, “sujeito” de passivas e expressões fixas.

- (1.80) a. Sua Comadre vai sofrendo nervo | zo- os *mais* empas, graças a *Deus*; tou | dos **vizitao lhes**, seu afilhado pede | abenção, seu | *Primo Compadre* amigo obrigado | carta 345
- b. Todos **envião lhe** a- | braços e recommendações. Lourdes | e Thereza, digo Felicia, envião beijos | e pedem benções. | carta 306
- c. Conversando a respeito com | amigos, poisque não pareceu um | caso de requerimento de informã- | ções ao governo, feito na Camã | ra, senti que lá pela Camã | ra, e por causa do Freitinha, | a coisa poderá ter o desen- | volvimento preciso, e o proprio | Paula **deu-me a entender** que | 5v. a occasião mais opportuna de | se tratar do assumpto deverá ser | a de quando se discutir o proje- | cto de orçamento da fazenda. | carta 289
- d. Eu tenho feito todos os meios | dever seme iscapassem essas 4 rezinhas e 2- | cavallos *que* ainda tenho, *para* vêr se assim adi- | ante me ajudava combater meus compre- | miços *porém* em fim não sei só *Deus osabera*. | carta 445
- e. O Nabuco no seo | Ministerio faltou a promessa *que* fez | me: o mesmo **aconteceo-me** com | o Sr. Rego Barros. carta 30
- f. Fico certo de entre- | gar as chaves de uma casa ao *Capitam* | Mariano, más Thotonio só **me en- | tregou** a chave da porta da rua, não | me disendo onde tinha deixado | as outras. carta 386

- Complementos diretos (não retomados) e predicativos

(1.81) a. Tão agradável **ser=me=|hia** festejar na intimidade| com \forall . e com dois ou| trez amigos e *companhei<ros>*|1v.mais o grande aconte-|cimento, como custa=me| aceitar a ideia de ser al-|vo d'uma manifesta-|ção popular, - prova dian-|te da *qual* tremem os mais| fortes.| carta 163

b. Saude e *mnitas* prosperidade|**lhe desejo** e atoda *Excelentissima* familia| aque visitamos| carta 478

- Orações com constituintes retomados pelo clítico⁵⁹

(1.82) Este desgosto elle **o teve**, e veio da parte de um| homem que em 1890 subia as escadas da casa| de um chefe, chamando-o protector, que tinha| a custo arracado a licença para a sua can-|didatura de deputado do Marechal Deodoro, que| ao ouvir a pretensão desse candidato, transfe-|riu-o como militar para a guarnição da| fronteira do Rio Grande do Sul, sendo precisa| a intervenção de quase todos os membros do gover-|4r. 4|no Provisorio, para o consentimento na can-|didatura, vindo-se notar que o Marechal Deo-|doro tanto conhecia o candidato, que no| acto do consentimento disse ao protector: “Que| lhe faça bom proveito” (palavras iguaes).| carta 294

Passo, agora, a apresentar as construções com grupos verbais, colocadas, em separado, dado o comportamento distinto das construções com verbos simples. Essas construções são classificadas considerando os aspectos que passo a apresentar.

⁵⁹ Assume-se, nessa classificação de elementos que antecedem o verbo, que o complemento subcategorizado pelo verbo aparece em posição pré-verbal e que a posição argumental correspondente, preenchida pelo clítico, apresenta propriedades de conectividade referencial, de traços sintáticos, casual e temática.

1.4.1.1.3.1 Construções com grupos verbais

Por grupo verbal entende-se a combinação de uma forma verbal inicial com morfemas obrigatórios de tempo, pessoa e aspecto, a essa forma finita segue-se uma não finita que pode vir no gerúndio, participípio ou no infinitivo, como visto abaixo. A descrição mostra já construções próprias do português brasileiro⁶⁰.

1º verbo finito + 2º verbo não finito com forma nominal no **infinitivo**

(1.83) Existem ainda dous| lousadores, *que* é o Coronel Ara-|ponga e o Santa Rita; ambos tem direito a aposentadoria, os que| **fiz-lhe ver**, e elle respondeo-me| que para essa pretensão *minha*| tinha um candidato, logo *que*| houvesse vaga; más, dou de ba-|rato, *que* elle tinha um candi-|dado [*]⁶¹ para arrumar, más se| ambos os lousadores podem ser| aposentados, por que razão não| me colloca n'um desses logares,| se só depende da vontade| d'elle governador, e caso identi-|co já se deo no governo do|2r. Marechal? carta 363

1º verbo finito + 2º verbo não finito com forma nominal no **participípio**

(1.84) Chegou | a ponto o desespero do Sr. Bulas, por não | se achar só no campo, que **tem se | empenhado**, com o Sr. Leitão, Juvencio | Alves e outros, *para* conseguir com o Gover- |nador a muda do distinto official | que sendo do governo, não desconhece que | nós da opposição sabemos mais respei |tar as leis, do que os Srs governistas, que | so quer a ladroeira, e assassinato etc etc. | carta 311

1º verbo finito + 2º verbo não finito com forma nominal no **gerúndio**

(1.85) Meos So|*brinbos* Ignácio, Octaviano, meo Genro Bar|boza, Antonio da Catinga, e *muitos* outros | estão *muito* tristes; eu **os vou animan- | do**, epedindo lhes que não se mováo | carta 345

As construções de colocação de clíticos em grupos verbais são classificadas por tipo de oração em duas classes largas:

- a. não dependentes **com** e **sem** atrator (declarativas afirmativas, coordenadas com e sem conectivos, principais, imperativas, parentéticas e negativas) e

⁶⁰ Apesar de ser interessante uma comparação com estudos sobre o português europeu, não foi feita nesta pesquisa, uma vez que os trabalhos com o CTB não separa grupos verbais. Esse é um campo a ser explorado em estudos futuros.

⁶¹ Por “candidato”.

- b. dependentes (dependentes de todos os tipos, dependentes sem cabeça, interrogativas e coordenadas de dependentes).
- c. E, em separado, as expressões idiomáticas e orações com “porque”.

As estruturas das construções com verbos finitos e verbos não finitos são separados da seguinte forma:

1.4.1.1.3.1.1 Construções com elevação do clítico⁶²

Essas são construções próprias do português clássico ou do português europeu moderno

1. **cl** V finito V não finito: próclise ao verbo finito
2. **cl** V finito X V não finito: próclise ao verbo finito com um elemento separando o par clítico verbo finito do verbo não finito
3. V finito-**cl** V não finito: ênclise ao verbo finito ou ao 1º verbo
4. V finito-**cl** X V não finito: ênclise ao verbo finito com um elemento separando o par verbo finito-clítico do verbo não finito

1.4.1.1.3.1.2 Construções sem elevação do clítico

As construções de não elevação são as seguintes:

5. V finito V não finito-**cl**: ênclise ao verbo não finito
6. V finito X V não finito-**cl**: ênclise ao verbo não finito com um elemento o par verbo não finito - clítico do verbo finito
7. V XX V-**cl**: ênclise ao verbo não finito dois elementos separando o par verbo não finito - clítico do verbo finito
8. VX**cl**V: próclise ao verbo não finito com um elemento separado o clítico do verbo finito
9. V **cl**-V: próclise ao verbo não finito marca gráfica une o clítico ao verbo finito ou ao verbo não finito e algum constituinte separa o clítico ou do verbo finito ou do verbo não finito.
10. V **cl** V: clítico entre o verbo finito e o verbo não finito

⁶² Situação em que a cliticização se dá ao primeiro verbo. Para a uma interpretação teórica clássica sobre as estruturas de elevação (cf. Duarte, 1983, Rouveret, 1989).

As construções 1, 2, 3 4, 5, 6 e 7 são próprias do português clássico ou do português europeu moderno. Já as construções 8 e 9 são próprias do português brasileiro, não sendo atestadas em toda a história do português europeu. A estrutura 10 é ambígua, podendo tanto ser interpretada com ênclise ao verbo finito quanto próclise ao verbo não finito. Essa ambigüidade ocorre quando:

- i. sintaticamente podia ser ênclise ao verbo finito (gramática do português clássico ou do português europeu) ou próclise ao verbo não finito ou verbo temático (gramática do PB) ou
- ii. não há nenhuma marca que junte o clítico ao verbo finito ou ao verbo não finito.

Por outro lado, não haveria ambigüidade quando:

- iii. sintaticamente não poderia ser ênclise ao verbo finito no português clássico ou no português europeu, ou seja, quando há “atratores” e próclise ao verbo não finito;
- iv. alguma marca gráfica une o clítico ao verbo finito ou ao verbo não finito ou quando algum constituinte separa o clítico ou do verbo finito ou do verbo não finito.

1.4.1.1.3.1.3 Classificação do verbo finito nas construções com grupos verbais

O verbo finito nos grupos verbais tem natureza distinta, a saber: auxiliares temporais e aspectuais e também verbos que selecionam uma oração com verbo no infinitivo⁶³, seja na função de sujeito, os verbos epistêmicos, volitivos e conativos ou na função de objeto, os causativos, perceptivos e sinônimos⁶⁴. As particularidades próprias de cada grupo, especificadas a seguir, serão colocadas quando da oposição entre português europeu e português brasileiro. Serão vistos, em separado, os verbos com preposição e as construções com valor de passiva⁶⁵.

1.4.1.1.3.1.3.1 Verbos auxiliares, temporais e aspectuais

Incluem-se nesse grupo, os seguintes verbos:

Os auxiliares e temporais (ir + infinitivo, vir+infinitivo, ter, haver + particípio, estar, vir, ir, andar + gerúndio e aspectual estar + G, ir + G).

⁶³ Sobre fatos sintáticos referentes a esses verbos (cf. Pontes, 1973).

⁶⁴ Verbos de excepcional marcação de caso [EMC]. Essa propriedade é atribuída aos verbos do tipo perceptivos e causativos porque selecionam como objeto uma oração cujo sujeito recebe caso acusativo. Nesse tipo de construção o verbo infinito por vir flexionado. Esses casos foram excluídos da análise.

⁶⁵ Estudos comprovam que o alçamento do clítico resistiu mais nas construções passivas (cf. Figueiredo Silva, 1990).

Próclise ao verbo finito: PE (com atratores), PB⁶⁶

(1.86) Ao que | me dizem elles, não **te tem faltado** nem saude, | nem contrariedades. carta 272

(1.87) Meu bom Pae, estou agoniadissima | 1v.pois tenho hoje que dar-vos a triste noticia | da morte do pobre escravo Regulo, o qual | hontem até 3 horas da tarde esteve perfeitamente | bem dando as rações aos *mais* pretos etc | as 3 horas e tanto cahio elle na tulha mesma | gonisando e dizendo que estava com *muítas* dôres | de barriga, levarão-o *para* a enfermaria | lá entrou a lançar *muíto*, eu mandei-lhe | um pouco de cognac que é *muíto* bom | *para* semelhantes dôres, pois já **tem-se** | aqui **feito** experiencias, elle tomou o | cognac e achou-se um pouco alliviado | assim passou até as 6 horas da tarde quando | veio Anna Joaquina dizer-me que | elle se achava um pouco fraco, por _ | não ter comido o dia inteiro e que | ella vinha ver alguma comida *para* elle, | a única cousa que dei, foi um | 2r.pouco de arroz e assucar, *para* dar-lhe | | ~~aga-a~~ agoa. carta 111

- Ênclise ao verbo finito: PE, PB

Em estruturas de não elevação, a norma portuguesa europeia se pauta pela ênclise ao verbo não finito. Nos dados, há ênclise ao verbo não finito, inclusive em construções impossíveis no português europeu, com o clítico em posição pós-verbal ao particípio em 1.88, além de ênclise com atratores⁶⁷ como em 1.89.

(1.88) Aqui nada mais | 1v.de nôvo. Estava rezolvido ir até | o Camuciatá, mas não achei | uma montada sufficiente | para esse fim. O nosso juiz de | Direito vai indo, e segundo o | que **tem manifestado-se** temos | um Pompilio ou pior; disse-me | que havia de contar-lhe aqui em | tudo, e na fuctura Eleição Mu | nicipal não deixaria um governo | obista votar, sobre pena de ser pre- | so!! carta 330

- Ênclise ao verbo não finito: PE (com operadores), PB

(1.89) a. Do Jiji nada lhe posso dizer desta vez, por | que ha dias não o vejo, e agora tenho ocasião pa | ra deplorar esta *minha* falta, de que **vou reunir me** | qualquer dia destes. | carta 19

b. *Vossa Excelência* tem toda bondade commigo, | que ainda **vou** a sua presença **rogar-lhe** | benigno acolhimento *para* a pertença | inclusa, de cuja veracidade do exposto |

⁶⁶ No português brasileiro contemporâneo não mais se registra o movimento longo de clítico nas subordinadas, o clítico fica em ênclise ao verbo não finito, um padrão que também ocorre com o português europeu.

⁶⁷ No português brasileiro não ocorre o movimento longo do clítico nas subordinadas. O **pronomo aparece enclítico ao verbo principal**, como no PE ou **proclítico ao verbo principal**.

me assegura pessoa a quem desejo servir;| isto, no caso de *Vossa Excelência* não ver
nisso algum| inconveniente.| carta 28

c. A anna **veio** hontem aqui **pedir-me**| 10.000 *reis* imprestado, disendo-me que V.| e
os meninos lhe havião dito, que eu ti-|nha ordem de dar-lhe algum dinheiro| de que
fosse necessitando, más como não ti-|ve essa ordem sua, nem de seus filhos, dei-|xei
de satisfazer o pedido d'ella. carta 367

Próclise ao verbo não finito: PE*, PB (inovação)

(1.90) Li sua correspondencia e a ousada resposta do taturfo João Dantas,| apresentou-se
n'este escripto como homem sem macula, porem conto| que *Vossa Excelência* o
esmagará e para o faser não será preciso discrever todas| [...] ⁶⁸ mazellas! porque em
toda sua vida **tem** por artimanhas **se apossa-| do** de uma grande parte da fortuna
dos que o tem acompanhado| e locupletando-se dos dinheiros dos cofres públicos!:
Eu *quando* em 85|... carta 415

A próclise ao verbo não finito caracteriza a inovação brasileira, já mencionada, um contexto
impossível no PE.

(1.91) a. Não fosse merecedor, mas| como a eleição estava perto *que*| meprestaria aesta depois|
que leveisse *por* que não sei| seo ceo ricentimento he deforma| que eu oacompanho em
[to]| do centido Digame como ver| dadeiro amigo com franque| za *pois* ja **tenho lhedito**
que so V. eso| V. *emais* ninguem. Apareço| breve elhe trazer od*inbeiro* do Mel| quides
pois não oaxeí nas canas| esim navarzia Salgada| carta 403

1.4.1.1.1.3.1.3.2 Verbos modais, volitivos, epistêmicos e conativos

Nos verbos que não permitem elevação, como o volitivo **desejar** e também os chamados
cognatos de controle como **aconselhar** e **permitir**, o clítico permanece em ênclise mesmo com
atratores. A sua relevância para os estudos de colocação de pronomes átonos deve-se novamente à
inovação brasileira, próclise ao verbo não finito, já que no português europeu a ênclise é única
opção possível nos verbos que não permitem elevação.

Alguns tipos de elevação tanto com próclise quanto com ênclise se definem em
função do tipo de verbo. A propriedade que determina a subida é de natureza semântica. Esses
verbos são chamados verbos de “alçamento”, como exemplo, o verbo volitivo **querer**. No *corpus* tal
restrição não se verifica.

⁶⁸ Rasgo.

(1.92) **Quero mostrar-lhe** | a famosa descripção do de Clarke recebida de Londres, | e de que feito Scherbe, cujo livro | desejo ainda ver, por estar o ex-|tracto que me deu, em mao do | estudante que me recommendou | Sempre seu | velho collega e criado obrigado | SilvaLima⁶⁹ | carta 174

1.4.1.1.1.3.1.3.3 Verbos causativos e perceptivos⁷⁰

Incluem-se nesse grupo os seguintes verbos: causativos (**fazer, mandar, e deixar**); sensitivos ou perceptivos (**ver, ouvir, sentir, olhar** e sinônimos).

(1.93) a. Depois de vêres esse artigo | do Courier, **manda-o transcrever** | na Europa. | carta 52
b. Isto **faz-me lem-|brar** o celebre espicha de que tanto se doeu | o Monte-Alverne. | carta 18

No *corpus*, há exemplos de próclise ao verbo não finito, o padrão de inovação brasileira.

(1.94) a. Tenho de remetter-lhe por estes dois | dias cem mil libras que **mandou me | pedir**. Não sei se ainda por este paquete | terei de mandar te os saques. | carta 49

Foram excluídos os casos ambíguos de elevação com próclise ao verbo finito, uma vez que podem ser interpretados como objeto do verbo não finito, como no exemplo 1.95a. Nesse caso, o clítico pode ser objeto de dizer com elevação ou o objeto do verbo “mandar”.

(1.95) a. Bem sabe⁷¹ *que* tem casa *para* estar, e *que* nisto dará ao | seu fiel *Amigo* e tão obrigado o maior gosto, *minha* Mana | *lhe* pede este favôr, e **lhe manda dizer** *que* agora n’esta | casa há mais ordem, *por que* ella a governa. carta 8

b. Seos Collegas da Marinha | e da Justiça **lhe podem in | formar** se tenho ou não | serviços á Provincia, e se gozo aqui | de consideração pelo meu | procedimento. | carta 68

c. Falando do official do | gabinete do Martinho a respeito da infor-|mação do Floriano para collecter del Maragogipe, elle **me fez sentir** que na-|da se faz naquele ministerio para | a Bahia, sem aquiscencia do governador”. | carta 303

⁶⁹ Grafismo.

⁷⁰ Podem ocorrer com infinitivo flexionado, entretanto, esses casos não são tratados nessa pesquisa.

⁷¹ Corroído.

d. Como não estarei neste domin-|go em Monte Santo, d'aqui, e de| passagem para capital escrevo-|lhe não obstante já o haver| feito nesta mesma semana. | Como **lhe mandei dizer**, já mar-|charão <os> que tinham de ir á visita| a Antonio Conselheiro, sendo os| ultimos a seguir, os do 5º corpo *Policial*| Não tratei de saber o dia em que| tencionavão⁷² começar <o> ataque, *porém*| 1v. calculo que será de 27 em diante. | Me parece que já lhe mandei| que os taes phanaticos, principi-|arão a matar e a roubar como| fiserão com os 2 irmãos Torquato| e Honorio VasFerreira, e Martinho d'Assis| e o filho de João Gomes, pois destes| ficarão com *quantia seguramente* de 14 a| 15 contos. | carta 450

e. Como **lhe mandei dizer**| á minha filha deve| casar-se até o dia| 15 de Junho e tendo| o Sr. <sidó> convidado pelo| meu mando para| Padrinho della, peço| o favor⁷³ de mandar á| procuração para um| dos seus amigos aqui. | carta 230

1.4.1.1.1.3.1.3.4 Construções com verbos seguidos de preposição

(1.96) Em resposta| 1v. a carta alludida de| *Vossa Excelencia* | **tenho a dizer lhe** | que se tenho adorado| a *Vossa Excelencia*, *quando* o sol é nas|cente, do *mesmo* modo| o tenho adorado quan|do o sol é poente ou| que está no *occazo*. | carta 497

(1.97) Antes da eleição procurei o *Doutor Sa-*|lustio para o *mesmo* emprego que lhe| mandei fallar, e elle depois de ter dado| algumas providencias para scienti-|ficar-se d'onde vinha a nomeação,| respondeo-me que não podia, por| depender da capital federal, onde| não tinha força, em vista disto, **dei-**|**xo de procural-o** para não me tor-|nar imprudente. carta 357

b. Outro sim, sei do meo com-|promisso *que* ja tenho comsigo, tenho percurado me-|us recurços daqui, d'aculá, e *que* hoje estou rezolvi-|do imcomodado, não tenho geito, *para* vêr si assim| posso trevessar o resto destacruz; tendo nós inverno| *Deus* sendo cervido, sei *que* *Vossa Excelentíssima* (*pois* assim me disse) não| adianta *mais dinbeiro* *avaqueiro quem* todavia ainda *mesmo* assim| miatrevo, e comfio em sua generozidade *que há de-*| **miauxiliar** no seguinte sentido. carta 445

⁷² Rasurado.

⁷³ Rasurado.

1.4.1.1.1.3.1.3.5 Construções passivas

A variação nesse contexto, no entanto, não é específica de grupos verbais, uma vez que se aplica aos verbos simples.

(1.98) a. **Foi-me** hontem **entregue** a sua prezã| da carta de 8 do andante, e sobremã| neira sinto os incomodos com | *que* luta – carta 132

b. **Me foi entregue** sua carta de 8 do | vigente; é certo que as forças rece-|berão balla e *muita* da garganta de | Cocorobó até Canudos, sendo o | ataque em Cocorobó no dia 25 do *passado* | e houve grande perda nas força, | tão bem morrendo jagunços, o Coro-|nel Sucupira foi victima de | duas ballas no Trabubu, distan-|te meia legua de Canudos, á lem | de outros officiaes; chegando á | 1v.a Collunna do General Lavaget | a Canudos no dia 27; carta 418

O capítulo, a seguir, detalha os procedimentos metodológicos utilizados com os documentos do volume 2, *corpus* desta pesquisa.

2

Sobre a natureza do *corpus* ou as cartas e os remetentes

Neste capítulo, faço uma descrição das cartas e dos remetentes. O objetivo é discutir a natureza do material empírico, base deste estudo.

O capítulo está organizado da seguinte maneira: No item 2.1., falo brevemente sobre a constituição de *corpora* manuscritos para o estudo da língua portuguesa no Brasil. Em 2.1.1, detalho sobre a natureza dos documentos. No item 2.1.1.1, seguindo a linha de organização de materiais dessa natureza, informo sobre a localização temporal e espacial dos documentos. No item 2.1.2, faço um resumo nos dados biográficos dos remetentes que interessam diretamente a esta pesquisa, especificamente, a naturalidade/nacionalidade.

2.1. A constituição de *corpora* diacrônicos para o estudo da língua portuguesa no e do Brasil

A formação de *corpora* não-literários editados especificamente para o estudo do português brasileiro é recente. O projeto “Para a História do Português Brasileiro” (phpb)⁷⁴ veio congregando interesses nesse sentido. Em 1997, alguns pesquisadores mostraram os trabalhos que vinham sendo desenvolvidos e trouxeram também questões e problemas que envolvem a seleção de amostras lingüísticas do português no Brasil. Durante a realização do 4º seminário desse projeto, Mattos e Silva (2002:22-23) se voltou novamente a um desses problemas:

Não se tinha nesse tempo – dos inícios do período arcaico ao século XVI em Portugal – um problema crucial da documentação que, a partir da colonização – pelos meados do século XVI em diante – ocorrerá na documentação escrita no Brasil.

A pergunta a seguir não se colocaria nesse tempo, acima sintetizado em Portugal: a documentação escrita no Brasil, a partir da colonização, foi escrita por portugueses ou por indivíduos de naturalidade brasileira que estudaram em Portugal ou por outros habitantes no Brasil, aqui literatizados? Quanto aos “letrados (ou literatados)” do Brasil colonial, vale lembrar, segundo Houaiss, ao iniciar-se o século XIX, não seriam mais que 0.5% (1985:137), aí incluídos portugueses, brasileiros descendentes de portugueses e, possivelmente, índios e africanos e seus descendentes, mestiços ou não.

⁷⁴ Cf. Castilho, 1998 e publicações subsequentes referentes a esse projeto.

Dois participantes do phpb concluíram edições fidedignas de documentos inéditos como parte de suas teses de doutoramento, cujos projetos já haviam sido apresentados em 1997. Essas teses trazem contribuições importantes a perguntas sobre tipologia de textos, tipos de autores (brasileiros e portugueses), história externa do português, questões sobre mudança sintática do português brasileiro, entre outras.

A primeira tese, “Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em cartas de comércio”, foi defendida por Afrânio Barbosa em 1999. Trata-se de uma edição composta por 117 documentos da última década do século 18. Sendo 93 cartas de comércio, escritas no Rio de Janeiro por um comerciante português e seus funcionários, e 24 documentos oficiais da administração pública do Rio de Janeiro. O autor define esses documentos (cf. Barbosa, 1999:134) como “um dos melhores materiais já reunidos para o estudo do Português europeu no Brasil durante a gestação colonial do Português do Brasil”.

A segunda tese, “Para uma sociolingüística histórica do português no Brasil: edição filológica e análise lingüística de cartas particulares do recôncavo da Bahia, século XIX”, foi defendida por Tânia Lobo em 2001 (cf. estudo citado no capítulo 1). Essa tese é composta por 4 volumes. O 3º volume traz uma primorosa edição de 158 cartas particulares do Recôncavo da Bahia depositadas no Convento do Desterro da Bahia, fundado em 1677. Essa edição, como o título sugere, tem especial relevância para a realização de estudos dentro de uma perspectiva sociolingüística, na medida em que é possível determinar, na ampla maioria dos casos, segundo a autora, **onde, quando, por quem e para quem os textos foram escritos**. Informações que são detalhadas no 2º volume de sua tese⁷⁵.

Os documentos editados pela autora compõem-se de duas amostras distintas: uma escrita por brasileiros e outra por imigrantes portugueses, fato que lhe possibilitou fazer um estudo lingüístico contrastivo da colocação dos pronomes átonos, como visto no capítulo 1⁷⁶.

⁷⁵ Nesse estudo (3º volume), a autora levanta fatos da sócio-história do português brasileiro com implicações para a constituição de possíveis *corpora* diacrônicos para o estudo do português brasileiro: 1) A transplantação do português para o Brasil (identificação dos colonizadores e discussão sobre a correlação entre a procedência geográfica dos colonizadores e traços lingüísticos gerais do português brasileiro); 2) A estratificação sociolingüística (língua falada por portugueses, aloglotas e seus descendentes) e contato lingüístico (português e línguas indígenas, português e línguas africanas, possível formação de *pidgins* e crioulos); 3) Agentes promotores da hegemonia e da estandarização lingüística (políticas lingüísticas e escolarização).

⁷⁶ Diversos outros documentos importantes estão sendo editados por pesquisadores do PHPB, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Recife, Bahia, entre outros estados. Destaca-se, na Bahia, um tipo de documentação bastante rara e recentemente editada por Oliveira (2001), um conjunto de atas escritas na Bahia durante a primeira metade do século 19 por negros forros, africanos e nascidos no Brasil.

O material empírico de que se compõe a minha pesquisa segue essa linha de investigação, como será demonstrado, a seguir.

2.1.1 As cartas como *corpus* de pesquisa

Trata-se de um *corpus* formado por 500 cartas manuscritas⁷⁷ escritas entre 1809-1904 por indivíduos nascidos entre fins do século 18 até o terceiro quartel do século 19, cuja nacionalidade brasileira identificada ou inferida, permite opor duas variantes distintas (cf. 3ª parte):

Variante 1: textos escritos por brasileiros cultos nascidos e ou educados em regiões urbanas;

Variante 2: textos escritos por brasileiros semi-cultos e não cultos nascidos/radicados no interior, especificamente da Bahia.

Essas cartas foram editadas em versão diplomático-interpretativa. Esse tipo de edição demonstrou ser o mais apropriado para estudos lingüísticos, por preservar o texto original. A parte de interpretação limitou-se, basicamente, ao desenvolvimento de abreviaturas, marcadas em itálico, segundo critérios estabelecidos previamente. A edição dessas cartas, acompanhadas de fac-símile, bem como as normas adotadas, constam do volume 2.

Para dar unidade ao conjunto, estabeleci dois critérios para a apresentação das cartas. O primeiro foi organizá-las por destinatários. Esse formato levou-me a subdividir o volume 2 em três partes: 1ª: cartas avulsas para vários destinatários; 2ª: cartas para Severino Vieira e 3ª: cartas para Cícero Dantas Martins, o barão de Jeremoabo. O segundo foi apresentar as cartas dos remetentes por ordem alfabética, preservando internamente a cronologia de sua correspondência⁷⁸.

A conclusão é a de que são documentos relativamente homogêneos. Definem-se, sobretudo, como mensagens particulares escritas por um número relativamente grande de pessoas, ao todo 217, que escrevem sem preocupações estéticas excessivas⁷⁹, inclusive, como se verá adiante, muitos documentos possuem rasuras. Trata-se de cartas fechadas, por oposição às circulares⁸⁰. Prevaecem as correspondências particulares trocadas entre amigos e familiares. São cartas autógrafas, sendo

⁷⁷ Nesta pesquisa, a carta enquanto gênero tem um caráter marginal, embora não secundário. Para uma discussão sobre esse gênero (cf. Pessoa, 2001).

⁷⁸ Cf. detalhamentos na apresentação do volume 2.

⁷⁹ A estrutura das cartas compõe-se das seguintes partes: (i) datação (local e data), no início e raras vezes no final do texto; (ii) saudação ao destinatário (prenome, título, etc.), iniciada, no geral, com votos de saúde que podem também vir no final do texto; (iii) corpo da carta, cujos tópicos mais comuns versam sobre assuntos de interesse pessoal, pedidos, agradecimentos, etc; (iv) despedida, local em que geralmente o remetente se identifica quanto ao tipo de relação com o destinatário; (v) o encerramento com a assinatura e, eventualmente, algum (vi) *post scriptum* ou notas.

⁸⁰ Apenas uma parece ter essa característica. Trata-se uma carta de Tanajura (1ª parte), dentre as várias escritas ao coronel Exupério, solicitando apoio político a outros amigos.

raras as apógrafas⁸¹, escritas por indivíduos quase todos identificados (cf. fichas dos remetentes no volume 2).

Quanto ao total de dados analisados, verifica-se que as cartas perfazem um total de 139.748 palavras, aproximadamente. A divisão por partes é a seguinte: 1^a: cartas avulsas para vários destinatários, 41.656⁸² palavras e 1.055 dados; 2^a: cartas para Severino Vieira, 35,170 palavras e 733 dados e 3^a: cartas para Cícero Dantas Martins, 62.922 palavras e 1.408 dados. O total de dados com clíticos é 3.276. Foram eliminados 80 dados de remetentes estrangeiros. Sendo assim, foram descritos 3.196 (2.515 referentes às orações simples finitas e 681 dados em grupos verbais). A descrição lingüística dessas três partes, exclusivamente cartas de remetentes brasileiros, consta do capítulo seguinte, onde também, comparo os resultados com dados do português europeu, a partir dos estudos baseados nos *Corpora* Anotados Históricos do Português Tycho Brahe, (CTB) (cf. capítulo 3 e capítulo 6). Essa comparação é bastante plausível, em termos de proporção de ocorrências, como se pode ver no cálculo a seguir, com relação à quantidade de clíticos por 1.000 palavras:

1. Número de palavras:

<i>Dados do CTB:</i>	900.000 palavras
<i>Dados das CB:</i>	139.000 palavras

2. Número de dados analisados:

<i>Dados do CTB:</i>	25.000 casos de clíticos com verbos finitos
<i>Dados das CB:</i>	3.196 casos de clíticos com verbos finitos

3. Índice de ocorrências:

<i>Dados do CTB:</i>	índice de ocorrência de clíticos com verbos finitos: 0,027 (i.e., 27 ocorrências a cada 1000 palavras)
<i>Dados das CB:</i>	índice de ocorrência de clíticos com verbos finitos: 0,022 (i.e., 22 ocorrências a cada 1000 palavras)

Passo agora a apresentar as características das cartas e dos remetentes.

⁸¹ Trata-se das seguintes cartas, a saber: **cópia feita pelo próprio remetente**, a carta n°.43 e **outra ditada** (n°.236); **duas cópias simples** (n°.75 e n°.136) e as **cartas feitas a pedido dos remetentes** (n°. 33, n°.46, n°. 123, referente a 1^a parte; n°. 280, n°. 292, n°.293, n°.302, referente a 2^a parte e as cartas n°.333, n°.409, 410, n°. 411, n°.469, n°.470, n°.482 e n°.483), referente a 3^a parte.

⁸² Esses números são aproximados porque incluem as notas.

2.1.1.1 Modos de circulação e condições de produção das cartas

2.1.1.1.1 Modos de circulação

Barbosa (1999:147) classifica os documentos do período colonial, quanto ao modo de circulação, em três macros categorias, **pública, privada e particular**, assim agrupadas:

- i. documentos de circulação oficial – os da administração pública – e
- ii. documentos de circulação privada – que inclui os da administração privada e os particulares.

As cartas do volume 2 podem ser classificadas majoritariamente como de circulação privada, embora algumas apresentem uma característica peculiar, a de serem correspondências destinadas a pessoas em exercício de cargo público, mas com interesse privado, a exemplo, entre outras, das cartas enviadas a Severino Vieira durante o seu exercício de governador na Bahia no primeiro biênio de seu mandato (1901-1902). As correspondências que apresentam essas características, especificadas nas fichas sobre condições de produção e circulação adiante, podem ser assim quantificadas: 25,9% das cartas da 1ª parte e 21,5% da 2ª parte, enviadas ao governador da Bahia, Severino Vieira, sendo que apenas 3 cartas podem ser definidas como oficiais⁸³.

Um outro ponto que merece um comentário é o tipo de tratamento usado pelos remetentes (cf. índice de cada uma das partes no volume 2). É comum em cartas trocadas entre amigos com certo grau de intimidade o uso de tratamento cerimonioso, mostrando que nem sempre esse tipo de tratamento indica formalidade⁸⁴. Os excertos abaixo são ilustrativos: “*Excelentíssimo Amigo* eSr. Conselheiro, | carta 18; *Illustríssimo Excelentíssimo Amigo Senbor Conselheiro* | carta 24; *Excelentíssimo Amigo Sr. Conselheiro* | carta 51; *Excelentíssimo Amigo Senbor Barão de Uruguayana*, | carta 66; *Illustríssimo Amigo Senbor Coronel Exuperio Pinheiro Cangussú* | carta 128; *Excelentíssimo amigo Senbor Doutor Severino Viei-|ra.* | carta 283; *Excelentíssimo Amigo Dr. Severino* | carta 295; *Excelentíssimo Amigo Senbor Barão* | carta 319; *Excelentíssimo Sr. Compadre* | carta 478; *Excelentíssimo amigo Compadre* carta 482”.

⁸³ Essas cartas não foram excluídas para preservar a história dos documentos.

⁸⁴ A formalidade de algumas correspondências é apenas aparente se se levar em conta a forma de tratamento usada por amigos possuidores de títulos nobiliárquicos ou ocupantes de cargos públicos. Entretanto, a intimidade da maior parte das cartas e a pouca formalidade das informações trocadas indicam se tratar de cartas bem menos formais do que algumas fazem parecer à primeira vista.

2.1.1.1.2 Condições de produção

Para a análise das condições externas de produção, destaquei principalmente a quantidade de rasuras e adendos. A análise dos adendos, por sua vez, inclusive as inserções de clíticos, tem como propósito verificar se os documentos foram demasiadamente corrigidos. As rasuras podem fornecer pistas importantes sobre fatos da língua oral. Um exemplo interessante ocorreu na carta do menino Potâmio de 13 anos, que escreve a seu padrinho, o barão de Jeremoabo, conforme destaque, a seguir:

Um abraço a Joãozinho e Toto-|nho. Este em Janeiro querendo Deus | que terei o praser⁸⁵
abraça-~~los~~ [...] ⁸⁶ como | seo afilhado | Obediente amigo de *Coração* | Potâmio |. (Carta 475, S. C. 5 de Dezembro de 90).

Muitas cartas foram escritas no **calor da hora**, sobretudo, as da 3ª parte. Como o serviço de correio era precário e somente os senhores abastados possuíam os seus próprios positivos, como eram denominados os mensageiros, as cartas do sertão eram enviadas por amigos em comum⁸⁷, conforme demonstram os excertos das cartas, a seguir.

Aproveito o Antero as pressas *para* dar-|lhe nossas noticias, estimando *que* | com a
Excelentissima Família fruam perfeita sau-|de que é oque de coração lhes *dizejo* | (Carta 467,
Tucano 25 de *Junho* de 1898 | Marcelino Pereira de Miranda |)

As pressas lhe escrevo *para* ver | se axo *quem* va *para* o Bom Conselho | (carta 490, Maria
Preta 9 de *outubro* de 98 | Severo Correia de Souza)

Os detalhes do modo de circulação e de produção⁸⁸ de cada uma das 500 cartas do volume 2 vêm especificados nas tabelas, a seguir. O símbolo + indica presença e o – (ausência) das características assinaladas em cada coluna. Outros esclarecimentos vêm entre parênteses.

⁸⁵ Rasurado.

⁸⁶ Rasurado.

⁸⁷ Charles Expilly (apud, Mauro, 1991:45-46), ao se referir ao sistema de correios do Brasil, diz que o “O carteiro é quase um mito”. O sistema de correios, segundo Silva et al (1989:143), somente começou a operar na Bahia na segunda metade do século 19, com 7 linhas e centros coletores. A 1ª e a 2ª linhas incluíam a região de atuação do barão: Salvador, Cachoeira, Feira de Santana, **Monte Santo**, Jacobina **Senhor do Bonfim**, Xique-Xique, Barra, Santa Rita de Cássia e Cotegipe, a 2ª linha incluem Santo Amaro, **Alagoinhas**, Inhambupe, **Jeremoabo** e **Itapicuru**.

⁸⁸ O *corpus* pode ser explorado, com relação às questões gráficas, já que no período em que as cartas foram escritas não havia critérios ortográficos oficiais. Estrela (1996:10-11) denomina esse período, anterior a reforma de Gonçalves Viana em 1911, como “Babel Ortográfica”, porque todos os critérios eram admitidos. Um dos pontos mais discutidos pela comissão desse acordo foi a “abolição das consoantes dobradas”. Nas cartas, há um número grande de letras dobradas *cc, dd, ff, gg, ll, mm, nn, pp e tt*, tanto etimológicas, quanto etimológicas. Esse fato, segundo mostra Figueiredo (1909:131-202), era indicativo de pouco domínio da escrita.

Tabela 2.1 Modos de circulação e de produção das cartas da 1ª parte

Nº da carta	Modos de circulação		Condições de produção		Informações adicionais diversas	
	Destinatário	Natureza da carta	Presença de rasura	Adendo (feito pelo remetente) acima da linha		
	Em exercício de função pública	Particular	Familiar			
1.	-	+	-	-	-	-
2.	-	+	-	-	-	-
3.	-	+	-	-	-	-
4.	-	+	-	-	-	-
5.	-	+	-	-	-	-
6.	-	+	-	1	-	-
7.	-	+	-	-	-	-
8.	-	+	-	-	-	-
9.	-	+	-	-	-	-
10.	-	+	-	-	-	-
11.	-	+	-	1	-	-
12.	-	+	-	-	-	-
13.	-	+	-	-	-	-
14.	-	+	-	-	-	-
15.	-	+	+	-	-	-
16.	-	+	+	-	-	-
17.	-	+	+	-	-	-
18.	-	+	-	-	-	-
19.	-	+	-	-	-	-
20.	-	+	-	-	-	-
21.	+	+	-	-	-	-
22.	+	+	-	-	-	-
23.	+	+(mista)*	-	-	-	-
24.	+	+(mista)*	-	1	-	-
25.	+	+(mista)*	-	-	-	estilo mais formal (carta com timbre)
26.	+	+(mista)*	-	-	5	-

Entre gente pouco letrada, é trivial a errônea aplicação das consoantes dobradas, umas vezes por ignorância e outras por influência de vocábulos similares. Sirvam de exemplo as disparatadas grafias *cantella*, *querella*, *innundar*, *ellucidar*, *addiar*, *anniquilar*, *deffeito*, *deffender*, etc. Mas esses erros não são comuns a gente letrada, e facilmente os corrigirá o mais insignificante dicionário. O que não é raro entre a gente letrada é estribarem-se na etimologia, para escrever, por exemplo, *licção*. As tradições etimológicas, tendo exercido notável influência nos nossos homens letrados, explicam e pode dizer-se que justificam a geminação de consoantes em *elle*, *aquella*, *innocente*, *oppor*, *aggreddir*, etc., etc.; mas o hábito desta geminação e a analogia fonética têm levado escrevedorres ingênuos a supor que, assim como escrevem *bella*, *colla*, *valla*, *avalla*, *cella*, *capella*, *bacillo*, *pupillo*, *sigillo*, *aquillo*, *colla*, *golla*, *nulla*, [...] etc., o que realmente são grafias injustificáveis, poderiam também escrever *salla*, *galla*, *balla*, *bengalla*, *clientella*, *tutella*, *querella*, *cantella*, [...], etc., o que são grafias crassamente errôneas, visto que nelas a duplicação dos *ll* não se justifica pela etimologia, nem pela fonética, nem pelo bom senso.

Também determinados tipos de hifenizações: “A grafia *leval-lo*, *trazel-o*, *sequil-o* [...] está condenada sem apelo nem agravo” (cf. Barreto, 1954:271). Esse tipo de hifenização dos clíticos é freqüente nas cartas.

27.	-	+ (mista)*	-	-	3	-
28.	-	+	-	-	-	-
29.	+	+ (mista)	-	-	-	-
30.	-	+	-	1	-	-
31.	+	+ (mista)	-	-	-	-
32.	-	+	-	-	-	-
33.	+	+(mista)	-	-	-	carta escrita a pedido
34.	+	+ (mista)	-	-	-	-
35.	+	+ (mista)	-	-	-	-
36.	+	+ (mista)	-	1	-	-
37.	+	+ (mista)	-	-	-	-
38.	+	+	-	-	-	-
39.	+	+ (mista)	-	-	-	-
40.	-	+	-	-	-	-
41.	+	+ (mista)	-	1	-	-
42.	-	+	-	-	-	-
43.	+	+ (mista)	-	-	-	cópia feita pelo próprio remetente
44.	-	+	-	-	-	-
45.	-	+	-	1	-	-
46.	-	+	-	-	-	escrita por uma mão e assinada por outra confidencial
47.	-	+	-	-	-	-
48.	-	+	-	-	-	-
49.	-	+	-	-	-	reservada
50.	-	+	-	-	-	-
51.	-	+	-	-	-	-
52.	-	+	-	1	-	-
53.	-	+	-	-	-	-
54.	-	+	-	-	-	-
55.	-	+	-	-	-	-
56.	-	+	-	-	1	-
57.	-	+	-	1	-	confidencial
58.	+	+ (mista)	-	7	2	-
59.	-	+	-	-	-	-
60.	+	+ (mista)	-	-	-	-
61.	-	+	-	-	-	-
62.	-	+	-	-	-	-
63.	-	+	-	1	-	-
64.	-	+	-	-	-	-
65.	+	+ (mista)	-	-	-	-
66.	+	+ (mista)	-	-	-	-
67.	+	+ (mista)	-	-	-	-
68.	+	+ (mista)	-	-	-	-
69.	-	+	-	-	-	-
70.	-	+	-	-	-	-
71.	-	+	-	-	-	-
72.	+	+ (mista)	-	-	-	-
73.	+	+ (mista)	-	-	-	-
74.	+	+ (mista)	-	-	-	-
75.	+	+ (mista)	-	-	-	Cópia.

76.	+	+ (mista)	-	-	-	-
77.	-	+	-	-	-	-
78.	-	+	-	-	-	-
79.	-	+	-	1	-	-
80.	-	+	-	1	-	-
81.	-	+	-	-	-	-
82.	-	+	-	-	-	-
83.	-	+	-	-	-	-
84.	+	+ (mista)	-	-	-	-
85.	-	+	-	1	1	-
86.	-	+	-	1	-	-
87.	-	+	-	-	1	-
88.	-	+	-	-	-	-
89.	+	+ (mista)	-	-	-	-
90.	+	+ (mista)	-	-	-	-
91.	+	+ (mista)	-	-	-	-
92.	+	+ (mista)	-	3	-	-
93.	+	+ (mista)	-	3	-	-
94.	+	+ (mista)	-	-	-	-
95.	-	+	-	-	-	-
96.	+	+ (mista)	-	-	-	formal
97.	+	+ (mista)	-	-	-	-
98.	-	+	-	-	-	-
99.	+	+ (mista)	-	-	-	formal
100.	+	+ (mista)	-	-	-	-
101.	-	+	-	1	-	-
102.	-	+	-	-	-	-
103.	-	+	-	-	-	-
104.	-	+	-	1	-	-
105.	+	+ (mista)	-	-	-	-
106.	+	+ (mista)	-	-	-	-
107.	-	+	+	-	1	-
108.	-	+	+	-	1	-
109.	-	+	+	1	-	-
110.	-	+	+	-	-	-
111.	-	+	+	2	-	-
112.	-	+	+	-	-	-
113.	-	+	-	-	-	-
114.	-	+	-	2	-	-
115.	-	+	-	-	-	-
116.	-	+	-	-	-	-
117.	-	+	-	1	-	-
118.	-	+	-	2	-	-
119.	-	+	+	-	1	-
120.	-	+	-	1	-	-
121.	-	+	-	-	-	-
122.	-	+	-	-	-	-
123.	-	+	-	1	-	Carta apógrafa (apenas assinada pelo remetente)
124.	-	+	+	-	-	-
125.	-	+	+	-	-	-
126.	-	+	+	-	-	-
127.	-	+	+	-	-	-

128.	-	+	-	1	-	-
129.	-	+	-	-	-	-
130.	-	+	-	3	-	-
131.	-	+	-	-	-	-
132.	-	+	-	6	-	-
133.	-	+	-	-	-	-
134.	-	+	-	1	-	-
135.	-	+	-	-	-	-
136.	-	+	-	-	-	Cópia de uma carta circular em que o remetente solicita apoio político, assinada por Tanajura e escrita por outra mão.
137.	+	+(mista)	-	1	-	-
138.	+	+(mista)	-	-	-	-
139.	-	+	-	-	-	-
140.	+	+(mista)	-	-	-	-
141.	+	+(mista)	-	-	-	-
142.	-	+	-	-	-	-
143.	-	+	-	-	-	-
144.	-	+	-	-	-	-
145.	-	+	-	-	-	-
146.	-	+	-	1	-	-
147.	-	+	-	-	-	-
148.	-	+	-	1	-	-
149.	-	+	-	-	-	-
150.	-	+	-	-	-	-
151.	-	+	-	-	-	-
152.	-	+	-	-	-	-
153.	-	+	-	-	-	-
154.	-	+	-	-	-	-
155.	-	+	-	-	-	-
156.	-	+	-	-	-	-
157.	-	+	-	-	-	-
158.	-	+	-	2	-	-
159.	-	+	-	1	-	-
160.	-	+	-	-	-	-
161.	-	+	-	2	-	-
162.	-	+	-	-	-	-
163.	-	+	-	-	-	-
164.	-	+	-	-	-	-
165.	-	+	-	-	1	-
166.	-	+	-	-	-	-
167.	-	+	-	1	-	-
168.	-	+	-	-	-	-
169.	-	+	-	-	-	-
170.	+	+(mista)	-	-	-	-
171.	+	+(mista)	-	-	-	-
172.	+	+(mista)	-	-	-	-
173.	-	+	-	-	-	-

174.	-	+	-	-	-	-
175.	-	+	-	-	-	-
176.	-	+	-	-	-	-
177.	-	+	+	-	-	-
178.	-	+	-	-	-	-
179.	-	+	-	-	-	-
180.	-	+	-	1	-	-
181.				-	-	fac-símile da carta original
182.	-	+	-	-	-	-
183.	-	+	-	-	-	-
184.	-	+	-	-	-	-
185.	+	+ (mista)	-	-	-	-
186.	+	+ (mista)	-	-	-	-
187.	-	+	-	-	-	-
188.	-	+	-	-	-	-
189.	+	+ (mista)	-	-	-	-
190.	-	+	-	-	-	-
191.	-	+	-	3	1	-
192.	+	+ (mista)	-	-	-	-
193.	-	+	-	-	-	-
194.	-	+	-	-	-	-
195.	-	+	-	1	-	-
196.	-	+	-	-	-	-
197.	+	+ (mista)	-	-	-	-
198.	-	+	-	-	-	-
199.	-	+	-	-	-	-
200.	-	+	-	-	-	-
201.	-	+	-	-	-	-
202.	-	+	-	-	-	-
203.	-	+	-	-	-	-
204.	-	+	-	1	-	-
205.	-	+	-	2	-	-
206.	+	+ (mista)	-	-	-	formal
207.	+	+ (mista)	-	-	-	-
208.	+	+ (mista)	-	-	-	-

* Assunto comercial.

Tabela 2.2 Modos de circulação e de produção das cartas da 2ª parte

Nº da carta	Destinatário	Natureza da carta		Condições de produção		Informações adicionais diversas
		Particular	Familiar	Presença de rasura	Presença de adendo	
209.	-	+	-	-	-	-
210.	-	+	-	-	-	-
211.	+	+ (mista)	-	-	-	-
212.	+	+ (mista)	-	-	-	-
213.	+	+ (mista)	-	-	-	-
214.	+	+ (mista)	-	-	-	-
215.	-	+	-	-	-	-
216.	-	+	-	1	-	-
217.	-	+	-	-	-	-
218.	-	+	-	-	-	-
219.	-	+	-	1	-	-

220.	-	+	-	-	-	-
221.	+	+ (mista)	-	-	-	formal
222.	-	+	-	-	-	reservada
223.	-	+	-	-	-	
224.	-	+	-	2	-	
225.	-	+	-	-	-	-
226.	-	+	-	-	-	-
227.	-	+	-	-	-	reservada
228.	-	+	-	2	-	reservada
229.	-	+	-	1	-	reservada
230.	-	+	-	5	-	-
231.	-	+	-	1	1	-
232.	-	+	-	-	-	-
233.	-	+	-	-	-	formal (Companhia do Queimado)
234.	+	+ (mista)	-	-	-	-
235.	-	+	-	-	-	endereçada originalmente a Saboya
236.	-	+	-	-	-	escrita a pedido e ditada pelo remetente.
237.	+	+ (mista)	-	-	-	formal
238.	-	+	-	-	-	-
239.	-	+	-	-	-	-
240.	-	+	-	-	-	1
241.	-	+	-	-	-	-
242.	-	+	-	-	-	-
243.	-	+	-	1	-	As cartas 243-265 foram escritas pelo procurador de Severino Vieira.
244.	-	+	-	-	-	
245.	-	+	-	-	-	
246.	-	+	-	-	1	
247.	-	+	-	2	1	
248.	-	+	-	-	-	
249.	-	+	-	-	-	
250.	-	+	-	1	1	
251.	-	+	-	-	-	
252.	-	+	-	-	-	
253.	-	+	-	-	1	
254.	-	+	-	-	-	
255.	-	+	-	1	-	
256.	-	+	-	-	-	
257.	-	+	-	1	-	
258.	-	+	-	1	-	
259.	-	+	-	-	-	
260.	-	+	-	-	-	
261.	-	+	-	-	-	
262.	-	+	-	-	-	
263.	-	+	-	-	-	Procurador /confidencial
264.	+	+ (mista)	-	-	-	-
265.	-	+	-	2	-	-

266	-	+	-	-	-	-
267	-	+	-	-	-	-
268	-	+	-	-	-	-
269	-	+	-	-	-	-
270	-	+	-	-	-	-
271	+	+(mista)	-	-	-	-
272	-	+	-	-	-	-
273	-	+	-	5	-	-
274	-	+	-	-	-	-
275	-	+	-	3	-	-
276	+	+(mista)	-	2	-	-
277	+	+(mista)	-	1	-	-
278	+	+(mista)	-	-	-	-
279	-	+	-	-	-	-
280	+	+	-	-	-	escrita a pedido
281	-	+	-	-	-	-
282	+	+(mista)	-	-	-	-
283	+	+(mista)	-	-	-	-
284	+	+(mista)	-	-	-	-
285	-		-	-	-	-
286	-		-	-	-	-
287	+	+(mista)	-	1	-	-
288	-	+	-	-	-	-
289	-	+	-	14	-	-
290	+	+(mista)	-	-	-	secreta
291	+	+(mista)	-	1	-	-
292	+	+(mista)	-	1	-	escrita a pedido
293	+	+(mista)	-	-	-	escrita a pedido
294	-	+	-	-	-	-
295	+	+(mista)	-	-	-	-
296	-		-	1	-	-
297	+	+(mista)	-	-	-	-
298	-	+	-	-	-	-
299	-	+	-	2	-	-
300	-	+	-	-	-	-
301	-	+	-	2	-	-
302	-	+	-	-	-	Apenas assinada pelo remetente.
303	-	+	-	-	-	-
304	-	+	-	1	-	-
305	-	+	-	-	-	-
306	-	+	-	-	-	-
307	-	+	-	-	-	-
308	-	+	-	-	-	-
309	-	+	-	-	-	-
310	-	+	-	1	-	-
311	-	+	-	-	-	-

Tabela 2.3 Modos de circulação e de produção das cartas da 3ª parte

Nº da carta	Condição do destinatário	Natureza da carta		Condições de produção		Informações adicionais diversas
		Em exercício de função pública	Particular	Familiar	Presença de rasura	
312.	-	+	-	-	-	-
313.	-	+	-	-	1	-
314.	-	+	-	-	-	-
315.	-	+	-	1	-	-
316.	-	+	-	-	-	-
317.	-	+	-	-	-	-
318.	-	+	-	-	-	-
319.	-	+	-	1	-	-
320.	-	+	-	3	-	-
321.	-	+	-	-	-	-
322.	-	+	-	-	-	-
323.	-	+	-	-	-	-
324.	-	+	-	-	1	-
325.	-	+	-	-	-	-
326.	-	+	-	2	-	-
327.	-	+	-	1	-	-
328.	-	+	-	2	-	-
329.	-	+	-	-	-	-
330.	-	+	-	1	1	-
331.	-	+	-	3	2	-
332.	-	+	-	-	-	-
333.	-	+	-	1	-	escrita a pedido
334.	-	+	+	-	-	-
335.	-	+	+	-	-	-
336.	-	+	+	-	-	-
337.	-	+	+	1	-	-
338.	-	+	+	-	-	-
339.	-	+	+	-	-	-
340.	-	+	+	-	-	-
341.	-	+	+	-	-	-
342.	-	+	+	-	-	-
343.	-	+	+	-	-	-
344.	-	+	+	-	-	-
345.	-	+	+	-	-	-
346.	-	+	+	-	-	-
347.	-	+	+	-	-	-
348.	-	+	-	-	-	-
349.	-	+	-	-	-	-
350.	-	+	-	-	-	-
351.	-	+	-	-	-	-
352.	-	+	-	-	-	-
353.	-	+	-	-	-	-
354.	-	+	-	5	-	-
355.	-	+	+	1	-	-
356.	-	+	+	-	-	-
357.	-	+	+	-	-	-
358.	-	+	+	-	-	-
359.	-	+	+	-	-	-
360.	-	+	+	-	-	-
361.	-	+	+	-	-	-

362.	-	+	+	3	-	-
363.	-	+	+	4	-	-
364.	-	+	+	-	-	-
365.	-	+	+	2	3	-
366.	-	+	+	-	-	-
367.	-	+	+	-	-	-
368.	-	+	+	2	-	-
369.	-	+	+	-	-	-
370.	-	+	+	1	-	-
371.	-	+	+	2	-	-
372.	-	+	+	-	1	-
373.	-	+	+	-	-	-
374.	-	+	+	3	-	-
375.	-	+	+	1	-	-
376.	-	+	+	-	-	-
377.	-	+	+	1	-	-
378.	-	+	+	-	-	-
379.	-	+	+	-	-	-
380.	-	+	+	-	-	-
381.	-	+	+	2	-	-
382.	-	+	+	2	-	-
383.	-	+	+	-	-	-
384.	-	+	+	-	-	-
385.	-	+	+	1	-	-
386.	-	+	+	2	-	-
387.	-	+	+	-	-	-
388.	-	+	+	-	-	-
389.	-	+	+	-	-	-
390.	-	+	+	1	-	-
391.	-	+	+	2	-	-
392.	-	+	+	-	-	-
393.	-	+	+	3	-	-
394.	-	+	+	-	-	-
395.	-	+	+	1	-	-
396.	-	+	+	-	1	-
397.	-	+	-	-	-	-
398.	-	+	-	1	-	carta de vaqueiro, traçado inseguro
399.	-	+	-	1	-	-
400.	-	+	-	1	-	-
401.	-	+	+	-	-	-
402.	-	+	+	-	-	-
403.	-	+	+	-	-	-
404.	-	+	+	1	-	-
405.	-	+	+	1	-	-
406.	-	+	+	-	-	-
407.	-	+	+	1	-	-
408.	-	+	+	-	-	-
409.	-	+	+	2	-	escrita a pedido (reservada)
410.	-	+	-	1	-	escrita a pedido
411.	-	+	-	-	-	escrita a pedido
412.	-	+	-	1	-	-

413.	-	+	-	-	-	-
414.	-	+	-	-	-	-
415.	-	+	-	-	-	-
416.	-	+	-	-	-	-
417.	-	+	-	-	1	-
418.	-	+	-	1	1	-
419.	-	+	-	5	-	-
420.	-	+	-	-	-	-
421.	-	+	-	-	-	-
422.	-	+	-	-	-	-
423.	-	+	-	-	-	-
424.	-	+	-	-	-	-
425.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
426.	-	+	-	-	-	-
427.	-	+	-	1	1	-
428.	-	+	-	2	-	-
429.	-	+	-	-	-	-
430.	-	+	-	-	-	carta de vaqueiro, traçado inseguro
431.	-	+	-	-	-	carta de vaqueiro, traçado inseguro
432.	-	+	+	4 (rasura de clítico)	1	traçado inseguro
433.	-	+	+	-	-	-
434.	-	+	+	2	-	-
435.	-	+	+	12	-	-
436.	-	+	-	-	-	-
437.	-	+	-	1	-	traçado inseguro
438.	-	+	-	4	-	-
439.	-	+	-	-	-	-
440.	-	+	-	-	-	-
441.	-	+	-	-	-	-
442.	-	+	-	-	-	-
443.	-	+	-	-	-	-
444.	-	+	-	-	-	carta de vaqueiro, traçado inseguro
445.	-	+	-	1	2	carta de vaqueiro, traçado inseguro
446.	-	+	-	-	-	-
447.	-	+	-	-	-	-
448.	-	+	-	2	-	-
449.	-	+	-	3	-	-
450.	-	+	-	5	-	-
451.	-	+	-	6	1	-
452.	-	+	-	3	-	-

453.	-	+	-	9	-	-
454.	-	+	-	6	-	-
455.	-	+	-	-	-	-
456.	-	+	-	6	-	-
457.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
458.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
459.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
460.	-	+	-	1	-	traçado inseguro
461.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
462.	-	+	-	1	-	traçado inseguro
463.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
464.	-	+	-	-	1	traçado inseguro
465.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
466.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
467.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
468.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
469.	-	+	-	-	-	escrita a pedido
470.	-	+	-	-	-	escrita a pedido
471.	-	+	-	-	2	
472.	-	+	-	-	-	-
473.	-	+	-	-	-	Muito hábil
474.	-	+	-	-	-	-
475.	-	+	-	1 rasura de clítico	-	-
476.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
477.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
478.	-	+	-	1	1	traçado inseguro
479.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
480.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
481.	-	+	-	1	-	-
482.	-	+	-	-	-	escrita a pedido
483.	-	+	-	-	-	escrita a pedido
484.	-	+	-	-	1	traçado inseguro
485.	-	+	-	1	-	traçado inseguro
486.	-	+	-	1	-	traçado inseguro
487.	-	+	-	-	-	traçado

						inseguro
488.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
489.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
490.	-	+	-	-	-	-
491.	-	+	-	1	-	carta de vaqueiro, traçado inseguro
492.	-	+	-	1	-	-
493.	-	+	-	2	1	-
494.	-	+	-	-	1	traçado inseguro
495.	-	+	-	1	-	traçado inseguro
496.	-	+	-	1	-	traçado inseguro
497.	-	+	-	1	-	traçado inseguro
498.	-	+	-	-	-	traçado inseguro
499.	-	+	-	1	-	traçado inseguro
500.	-	+	-	-	-	traçado inseguro

O tipo de letra mais usado é a cursiva, quase sempre com inclinação para a direita. E, apesar de apresentarem algumas marcas idiossincráticas, as letras têm traços aparentemente semelhantes, fato notado também por Barbosa (1999:121), embora o autor se refira de modo geral aos documentos oficiais.

Os documentos oficiais e mesmo alguns particulares escritos em cidades das várias capitanias do Brasil colonial apresentam em sua maioria, dois tipos de letra: a humanística – com desenho bem cuidado, de módulo e espaçamento regulares – e a letra cursiva. Tem-se forte impressão de terem sido escritos num mesmo lugar. Não importa se do Pará ou de Porto Alegre, a homogeneidade dos caracteres somente revelará certas diferenças diatópicas, talvez, após compararem investigações acerca das diferenças de uso da língua por escreventes naturais do Brasil trabalhando em cidades de capitanias bem afastadas umas das outras. Pelo tipo de letra vê-se que são pessoas diferentes que, aparentemente, seguiram um mesmo manual de estilo caligráfico e de abreviaturas.

Chama a atenção, o traçado arredondado das cartas de remetentes pouco cultos, dando a impressão, a partir de uma análise superficial, de terem sido escritas por pessoas com um maior domínio da escrita⁸⁹. Sobre isso é esclarecedor o comentário de Aras (2003:289) que, ao se referir

⁸⁹ Os remetentes com menor grau de instrução também apresentam certa semelhança no traçado, mesmo no interior da Bahia, apesar da falta de livros. Sabe-se que foi utilizado largamente, até a primeira década do século 20, conhecido

aos livros adotados no Cumbe, atual Euclides da Cunha, nas cercanias de Jeremoabo, diz que o traçado arredondado servia como forma de prestígio, pois quem “contasse com uma bonita letra era elogiado e podia tirar vantagens, inclusive, fazendo cartas para os analfabetos que eram muitos”⁹⁰. Na Bahia, há algumas informações que indicam ter havido algum tipo de preocupação com a orientação caligráfica⁹¹, apesar da escassez de manuais, como pode ser observado no relatório do inspetor da instrução pública, A. Gonçalves Dias (1852), publicados em Primitivo Moacyr (1939:525-526):

Um dos defeitos é a falta de *compendios*: no interior por que os não ha, nas capitais por que não ha escolha, ou foi mal feita; por que a escola não é suprida, e os pais relutam em dar os livros exigidos, ou repugnam aos mestres os admitidos pelas autoridades. Voltando ainda a Bahia, foram ali os compendios de Monteverde, *com injuria e prejuizo dos escritores brasileiros superiores de muito ao autor português*: estão admitidos somente estes: a gramatica, aritmetica e moral de Monteverde, o catecismo de Fleury, e a caligrafia de Vanzeller, de que se não poderão litografar exemplares [...]; não pensou que as nossas litografias não podem ainda tirar bons traslados, motivo por que se estragou a caligrafia de Vanzeller, e não ha modelos de escrita nas escolas; não atendeu a que não ha livros, pelos quais se dê lições de leitura manuscrita, de modo que se o professor quer dar remedio a esta falta, exige que os alunos tragam cartas, e como estas não podem ser identicas, tambem não póde haver o emprego do metodo que a lei recomenda”.

popularmente como “paleógrafo” (segundo Houaiss (2001) um “livro em que se aprendia a leitura de caracteres manuscritos”).

⁹⁰ A aquisição da escrita, segundo o autor, passou, entre meados do século 19 até a década de 40 do século 20, por três fases: “cartas do ABC”, “cartilha do povo ou cartilha das mães” e a “leitura intermediária”.

⁹¹ O barão de Jeremoabo, em carta ao seu compadre e amigo José Gonçalves da Silva, datada de 3 de setembro de 1875, faz uma lista de livros a serem comprados e entre esses, normas para a escrita: Os livros mencionados são os seguintes: Método fácil de aprender a ler em 15 lições pelo Dr. Victor Renault; Dito pequeno ou carta de A. B. C; Livro variegado, contendo 75 contos morais por Francisco Hoffman; **Coleção de normas para a escrita de N° 1 até 12**; 7 histórias em 7 folhetos, a saber: João Felpudo, Gato de Botas, Chapeuzinho Vermelho, Pequeno Polegar, Barba Azul, Rosa dos Espinhos e Maria Borracheira, além de jornais e outros livros. (cf. Carvalho Jr. 2000:278).

2.1.1.2 Da localização temporal e espacial

2.1.1.2.1 A temporal

Destaca-se a concentração de cartas datadas entre os meados até a segunda metade do século 19.

1ª Parte

As cartas dessa parte são datadas entre 1809-1904⁹². As 26 cartas sem data são as seguintes:

Quantidade	Remetente	Data provável	Observação
1	barão de Mauá	1860-1861	Período em que escreveu outras cartas para o mesmo destinatário
2	Francisco Octaviano	1860-1866	Período em que escreveu outras cartas para o mesmo destinatário
1	J.J. Fernandes	1861	Período em que escreveu outras cartas para o mesmo destinatário com o mesmo teor
1	Salustiano Souto	1866 ou Não posterior a 1887	Ano em que escreveu outra carta Ano de sua morte
1	barão do Cotegipe	Não posterior a 1889	Ano de sua morte
12	barão de Cotegipe para Frutuoso Maia	1877-1888.	Ano que Frutuoso Maia administrou os seus engenhos. A correspondência trata de assuntos ligados a isso.
1	Condessa de Barral	Não posterior a 1889 1856 – 1864	Ano de sua morte. Escrita em Petrópolis, provavelmente durante o período em que lá morou quando foi aia das princesas D. Isabel e D. Leopoldina
1	Frederico Frederico [Marinho de Araújo]	Não posterior a 1891 1888	Ano de sua morte. Na carta comenta que os escravos recém libertos iriam lhe cumprimentar
1	Pinto Lima	Não posterior a 1901	
1	Francisco de Paula	Não posterior a 1894	Ano de sua morte.
1	Dr. Gonçalo Muniz	1904*	
1	Dr. Alfredo Brito.	1904*	
1	Silva Lima	1904*	
1	Paranaguá	1904*	

⁹² São **18** cartas entre 1809-1845, **105** cartas entre 1851-1870, 53 cartas entre 1871-1889 e apenas **6** cartas entre 1900-1904.

2ª parte

As cartas da 2ª parte abrangem apenas dois anos, 1901-1902⁹³.

As cartas 3 não datadas da 2ª parte parecem ter sido escritas entre 1901-1902, uma vez que fazem parte de um conjunto de cartas recebidas nessa época, quando então Severino Vieira exercia o primeiro biênio de seu mandato de governador da Bahia (1901-1902). As outras inferências possíveis são:

Quantidade	Remetente	Data provável	Observação
2	Francisco Rocha	1901-1902	Procurador de Severino Vieira nesse período, assunto também tratado nas correspondências
1	Carolina Guimarães	Setembro de 1901	Inferência a partir da carta de João Köpke datada de 16 de setembro de 1901 onde diz: “Meu caro Severino Ahi te remetto mais estas duas cartas de parte da Viuva do Dr. Affonso Pinto Guimarães, que crê na efficacia do meu intermedio para me- lhorar a virtude do Santo, a que recorre”.

3ª Parte

As cartas dessa parte são datadas entre 1880-1903⁹⁴. As 3 cartas não datadas são:

Quantidade	Remetente	Data provável	Observação
1	Alexandre Ferreira Moreira	1898 1900	Ano de outras correspondências Ano da morte do barão
1	Antonio Ferreira	1890 1903	Ano de outras correspondências Ano da morte do barão
1	José dos Santos Nascimento	1900	Vaqueiro que administrou as fazendas do barão em fins do século 19

O agrupamento final da produção dos documentos escritos entre 1808-1904, considerado na descrição dos dados no capítulo 3 e no capítulo 6, foi feito por quartéis⁹⁵:

1. 1809⁹⁶-1825 = ponto no tempo, 1825;
2. 1826-1850 = ponto no tempo, 1850;
3. 1851-1875 = ponto no tempo, 1875;
4. 1876-1904⁹⁷ = ponto no tempo, 1900.

⁹³ 1901 (41 cartas) e 1902 (58 cartas).

⁹⁴ São 149 cartas escritas entre 1880 -1899 e 38 cartas escritas entre 1900-1903.

⁹⁵ Esse agrupamento também permite agrupar por metade de século, juntando de um lado 1 e 2 e por outro 3 e 4.

⁹⁶ Data da primeira carta em ordem cronológica.

2.1.1.2.2 A espacial

Na 1ª parte, 124 cartas são originárias do Brasil. O maior número de cartas escritas no país provém do **Rio de Janeiro**, possivelmente da capital, 52 cartas e mais 2 de Petrópolis, seguidas das cartas escritas na **Bahia**, 51, sendo 22 cartas originárias, provavelmente, da capital das da província, Salvador. As demais cartas da Bahia merecem uma explicação adicional porque destoam das demais partes⁹⁸. São basicamente as cartas enviadas por parentes, amigos e correligionários ao coronel Exupério Canguçu, provenientes da região da Chapada Diamantina e da Serra Geral, área de atuação desse coronel, 1 carta do recôncavo, 1 carta proveniente de uma localidade mineira onde possuía terras. E a carta da Bahia (Salvador) é do seu sobrinho Marcolino de Moura e Albuquerque.

As cartas do Recôncavo foram enviadas ao barão da Cajaíba por sua filha Maria Augusta, do engenho Cajaíba e por amigos de Maria Augusta, provenientes da Villa de São Francisco, do Engenho Marapé e da Santa Casa do Mucuri⁹⁹. O Engenho Marapé fazia divisa com as terras do Engenho São José de Vanique de propriedade do barão da Cajaíba.¹⁰⁰ Já as cartas para o Engenho

⁹⁷ Data da última carta que, apesar de datada no século 20, foi considerada com final do século 19.

⁹⁸ Além dessas, apenas mais 1 carta do interior, a de **Lençóis**, destinada ao Desembargador João José de Almeida Couto por um companheiro correligionário.

⁹⁹ A expressão “Santa Casa” era usada também para designar residência.

¹⁰⁰ Cf. consta em Ott (1996:36), que o teria registrado em 12 de março de 1858 (sem grifos no original):

O engenho Vanique, colocado entre os engenhos de São José do Coronel Luís Manoel de Oliveira Mendes, Macaco das Pedras do Barão do Rio de Contas, Marapé de Francisco José Matos Vilela e o mar salgado; divide-se o primeiro pelo oeste partindo do salgado onde tem um marco de pedra de mármore do qual marco segue com diferentes variações até o rio “macaco das pedras” onde se encontra o segundo partindo do ponto onde termina o engenho São José pelo mesmo rumo até encontrar o riacho cocô, extremo da fazenda “Engana Mundo” do qual riacho segue para o norte na direção da cerca que divide os pastos do engenho Macaco até o alto da montanha Laranjeira onde termina com o terceiro marco pelo leste com diversas variações, partindo do ponto em que terminou o engenho Macaco onde começa a cerca do Posto Vanique seguindo pelo alto das montanhas Laranjeira e Pinheiro pela mesma cerca abaixo pelo arvoredo até encontrar uma as terras da fazenda denominada “Marapé Pequeno”, onde está fazendo ângulo e vai dividindo pelo sul em direção do arvoredo até encontrar uma cajazeira a pequena distância antes do rio “beijú”, da qual cajazeira volta em linha reta a uma gameleira antiga junto a ponte do mesmo riacho e desta gameleira segue em rumo sul mais sudeste até encontrar um mulungú à beira da praia, onde termina; do refendo mulungú segue o rumo do noroeste quarta de oeste e parte até encontrar o marco de pedra mármore que servia de ponto de partida na divisa do engenho São José”.

Também em Pinho (1942:138) há um trecho extraído de uma escritura de venda ou de doação em pagamento a um negociante comissário em 1º de dezembro de 1808, assim resumido pelo autor:

Engenho denominado Marapé moente corrente, sito no termo dessa Vila, com sua terras, fabrica, oficinas, cobres, cavalos, bois, cavalos, assessórios, pertences e sobre-celentes, fazendas obrigadas, pastos, casa do engenho, de caldeira, de purgar, de caixaria e de vivenda, senzalas, capela e seus paramentos, moendas, carros e ferramentas,

Freguesia, também no Recôncavo baiano, foram escritas para o administrador de um dos engenhos do barão de Cotegipe, Fructuoso Maia, pelo próprio barão. Outras 39 cartas, embora não tenham seus locais de origem especificados, podem ser inferidos. Há indícios de que foram escritas no Brasil. As cartas do exterior são ao todo 45, quase todas provenientes de remetentes brasileiros em trânsito, ou em exercício de missões no exterior ou, então, lá residindo, temporariamente, 22 cartas da Europa e mais 23 cartas de localidades envolvidas na Guerra do Paraguai. Os detalhamentos constam na tabela 2.4, a seguir:

Tabela 2.4: localização geográfica das cartas da 1ª parte

BRASIL	
Região/ Províncias/Localidades	Nº de cartas
NORTE	
Mato Grosso	
Cuiabá	1
NORDESTE	
Maranhão	
Maranhão	3
Palmira (Tocantins)	1
Pernambuco	
Recife	1
LESTE	
Bahia	
Alagoinhas	1
B. Grande	1
Bahia (Capital)	22
Bonfim	1
Cacimba	1
Caitité	1
Engenho Cajaíba	6
Engenho Freguesia	3
Engenho Marapé	1
Lençóis	1
Salto	1
Santa Casa do Mucuri	1
São Félix	1
São Francisco do Conde	1
Umbaúba	1
Vila Velha do Rio de Contas	8
Minas Gerais	
Grão Mogol	2
Ouro Preto	4
Rio de Janeiro	
Petrópolis	2
Rio de Janeiro (Capital)	52
SUL	

balcoens, pesos, balanças, formas, taboas de furo, bicas e coxos e o mais da oficina e laboração do mesmo engenho, huma lanxa velejada e tudo quanto lhe pertence.

São Paulo	
Cidade do Bananal	1
São Paulo (Capital)	1
Santa Catarina	
Santa Catarina (Capital)	1
Rio Grande do Sul	
Porto Alegre	1
Rio Grande [do Sul]	1
São Borja	1
Total Parcial	124

Localidades com nomes incompletos	
G ^{el}	1
H.	4
Rio Fundo	1
S	2
S. C.	2
S.L.	1
Total Parcial	11
Localidades não indicadas com probabilidade de que tenham sido escritas na Brasil	28
EXTERIOR	
Remetentes em trânsito ou em missões especiais	
AMÉRICA DO SUL (Período da Guerra do Paraguai)	Nº de cartas
Cidades (País)	
Buenos Aires (Argentina)	18 (Guerra do Paraguai)
Corrientes (Argentina)	4 (Guerra do Paraguai)
Tuiuti (Paraguai)	1 (Guerra do Paraguai)
EUROPA Cidades (País)	
Berlim (Alemanha)	2 (M. A. Araújo, missão especial)
Boulaigne – sur – Seine (França)	1 (Conde D' Eu)
Hamburgo (Alemanha)	2 (viagem?)
Lisboa (Portugal)	2
Londres (Inglaterra)	1 (viagem/)
Milão (Itália)	2 (Carlos Gomes em viagem).
Nápoles (Itália)	1 (viagem)
Oldenburgo (Alemanha)	1 (M. A. Araújo, missão especial)
Paris (França)	3 (uma de Cansação em viagem de estudo)
São Petersburgo (Rússia)	1 (César Sauvan, embaixador)
Turim (Itália)	5 (missão especial de Leal)
Viena (Áustria)	1 (viagem)
Total Parcial	45
TOTAL GERAL	208

As cartas destinadas a Severino Vieira são, na maioria, vindas da capital federal, o Rio de Janeiro, 78, dentre essas, 1 de Petrópolis, conforme detalhamento na tabela 2.5:

Tabela 2.5 Localização geográfica das cartas da 2ª parte

Estado Atual (Período Republicano)	Cidades/ Localidades/	Nº de cartas
RJ	Rio de Janeiro (Capital Federal)	78
	Petrópolis	1
BA	Bahia	6
	Barra de Caravelas	1
	Estação de Macaúbas	1
MG	Belo Horizonte	3
	Fructal	1
PE	Recife	1
RGS	Pelotas	1
Em trânsito	Vindo de Paris	1 ¹⁰¹
Nome incompleto	S. C.	2
Sem especificação de local		6
Total Geral		102

As cartas dirigidas ao barão de Jeremoabo são do interior da Bahia. Como se trata de regiões rurais pouco documentadas, acrescentei na tabela, a seguir, as interessantes observações de um funcionário da polícia, Durval Vieira de Aguiar que visitou essas localidades em 1882, quando em viagem de trabalho¹⁰². Essas impressões foram originalmente publicadas no Diário da Bahia nesse período, sendo inclusive usadas por Euclides da Cunha em seus relatos de viagem.

No que se refere as cartas provenientes da “Bahia”, como era chamada a capital da província, é importante dizer que foram escritas por dois remetentes, sendo 35 cartas do seu primo Benício Penalva, comerciante de peles de Itapicuru, provavelmente nascido nessa região, já residindo em Salvador, para acompanhar os estudos de seus filhos, como relata diversas vezes em sua correspondência¹⁰³, período em que assumiu as funções de oficial de registro. As outras 2 cartas da “Bahia”, datadas entre 26 e 29 de novembro de 1891, foram escritas pelo afilhado do barão de Jeremoabo, Amaro Tavares de Macedo, tabelião interino de Jeremoabo, quando lá esteve em viagem.

¹⁰¹ Carta escrita por um amigo vindo de Paris marcando um encontro com Severino Vieira quando estivesse passando pela Bahia.

¹⁰² Apenas parte das localidades de onde se originaram as cartas para o barão de Jeremoabo é conhecida pelos limites com Canudos, que se notabilizou pelo famoso conflito conhecido como “Guerra de Canudos”. Muitos povoados são referidos por Euclides da Cunha quando lá esteve para fazer a cobertura jornalística dessa guerra para o jornal o Estado de São Paulo. Essas localidades constam dos mapas feitos por esse autor (Cunha, 1998 [1901]:73).

¹⁰³ Cf. trechos das cartas do remetente, a seguir: “Tenho implorado a *Vossa Excelência* sua prote-|ção e de sua *Excelentíssima* família, afim de| que tenha eu allí na *Bahia* uma col-|locação da qual possa passar com| a numerosa família que tenho;| meio este, unico que vejo de dar a | meos filhos a educação, e athe o fa-|ser desta cousa alguma tenho con-|seguido! carta 364”; Sua *Comadre* | está *muíto* saptisfeita aqui,-| por ter o *meo*mo desejo que eu |3r. tenho de ver os filhos educados.| carta 354 e “Meos filhos prestarão| exame de portuguez, Francez¹⁰³ e| latim, e forão aprovados *plenamente*. carta 362”.

Tabela 2.6. Localização geográfica das cartas da 3ª parte

Localidades (município atual)	Região econômica atual	Nº de cartas	Impressões de Durval Vieira de Aguiar (1979 [1882])
Bahia (Salvador) ¹⁰⁴		37	
Alagoinhas	Litoral Norte	4	<p>“Até o ano de 1866 a atual cidade constava apenas de umas quatro casas de telha junto ao rio [...] a cidade de Alagoinhas, anualmente prosperando, tanto em edificação como em população, ao ponto de impedir, com segurança, os dados estatísticos [...]”</p> <p>“A feira continua nos sábados, concorridíssimo e abundante; sendo muito acanhado, completamente aberto e vazio”.</p>
Barracão (Rio Real)	Litoral Norte	7	“Os terrenos que atravessam esse rio são fertilíssimos especialmente para a lavoura de cana, em profusão tal que alimenta cerca de 40 engenhos, sendo a maioria da grande safra exportada, em barcos, pela Abadia, por causa das distâncias e maus caminhos dificultarem o embarque nas estações do ramal do Timbó”.
Monte Alegre (Mairi)	Paraguaçu	4	-
Petamuté (Curaçá)	Baixo Médio São Francisco	3	-
Abobreira [Fazenda] (Jeremoabo)	Nordeste	1	Ver Jeremoabo.
Acaru (Monte Santo)	Nordeste	2	Ver Monte Santo.
Amparo [Ribeira do]	Nordeste	1	
Baixa [Grande] [fazenda do barão] (Itapicuru)	Nordeste	1	Ver Itapicuru.
Barra (Fazenda do barão em Bom Conselho, atual Cícero Dantas)	Nordeste	1	<p>“O termo faz comarca com Geremoabo, tendo a extensão de umas 20 léguas sobre 12 de largura, e compõe-se da freguesia da vila, resenceada em 7.004 almas, número que sobe a 10.000, e a de Nossa Senhora do Patrocínio do Coité, avaliada em 12.842; dividindo-se a oeste com Geremoabo, ao norte com Sergipe e para baixo com Itapicuru e Pombal [...]”</p> <p>“Funcionavam duas escolas de 1ª classe dos dois sexos, [...] ressentindo-se de mobília, e ambas de compêndios [...]. Quando lá estivemos, há poucos anos, existiam na vila apenas 190 casas de medíocre construção, pois que a</p>

¹⁰⁴ Como já mencionado acima, remetentes em trânsito e residente na “Bahia”.

			<p>edificação não podia prosperar por causa do <i>monopólio das terras</i> da vila, que pertencem a único proprietário, que só o afora <i>a quem lhe convém</i> [...]. Os moradores dessa vila comerciam com o centro de Sergipe por Simão Dias, que distam 15 léguas [...].”</p> <p>“A estrada regular para o Bom Conselho é a de Alagoinhas, pelo Itapicuru, porém torna-se mais cômodo viajar-se pelo Tucano até a estação da Serrinha, por economizar 13 léguas, fazendo-se então o trajeto até Alagoinhas pela estrada de ferro pelo prolongamento”.</p>
Bonfim [Senhor do]	Nordeste	2	
Cajazeira [Fazenda] (Ribeira do Pombal)	Idem	2	Ver Ribeira do Pombal.
Camuciátá [Engenho Santo Antonio do] (Itapicuru)	Idem	1	Ver Itapicuru.
Cipó [Caldas de]	Idem	1	<p>“E nas margens do Itapicuru que se acham as célebres fontes termais, geralmente conhecidas por águas do Sipó [...]”.</p> <p>O da <i>Mãe d'água do Sipó</i>, não pela temperatura de 40° centígrados, como porque nesse lugar mandou o governo da província construir três casinhas que servem de abrigo aos doentes.</p>
Itapicuru	Idem	1	“A vila, que data de 28 de abril de 1728, tem sua sede presentemente no antigo e acanhadíssimo povoado da <i>Missão do Saúde</i> , distante uma légua da primitiva sede [...]”.
Jeremoabo	Idem	5	<p>“[...] abrangendo a região norte do nosso sertão, geralmente compreendido na zona de Vila Nova de Alagoinhas, pela Feira de Santana, onde forma ângulo [...]. Os dois principais rios que lá se encontram são: o Vaza-Barris, que vem dos lados de Monte Santo, passa por Geremoabo e se interna m Sergipe [...]”.</p> <p>“É uma vila insípida, estacionária, situada junto à extremidade de uma <i>serra</i>, que julgo ser a última ao norte, de uma <i>cadeia de serras</i> que vem dos lados de Monte Santo [...]. A população do termo, excluído o Curral dos Bois, foi recenseada em 11.937, sendo no geral muito ordeira, porém muito pobre e ignorante[...]”.</p> <p>“A vila de Geremoabo comunica-se com a capital por Alagoinhas, quer venha-se pela estrada real do Itapicuru, quer pela do Tucano, tomando a Serrinha, ou alguma estação do prolongamento por onde se torna a viagem mais curta; devendo-se, porém, em qualquer jornada para baixo, passar no Bom Conselho”.</p>
Lagoa do Brás (Fazenda do barão, atual do Tucano)	Idem	1	Ver Tucano

Monte Santo	Idem	10	<p>“De uma simples <i>fazenda</i> de gado, junto à <i>serra</i> de Piguaracá, surgiu, em 1785, uma povoação, hoje vila de Monte Santo [...]. A vila, que data de 21 de março de 1837, consta de ordinária edificação em volta de uma espaçosa praça tendo no centro a Matriz, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, e um pouco adiante o barracão da feira, que funciona nas segundas-feiras [...]”.</p> <p>“O termo tem cerca de 30 léguas de N a S e uma 20 de E a O com uma população de 14. 678 almas, disseminadas pelas duas freguesias: a da vila e a do Massacará; formando comarca com o Termo do Tucano”.</p> <p>“A população em geral é pacífica, porém de mesquinhos recursos, porque a lavoura e a criação não podem ter desenvolvimento por causa da escassez de rios e pela seca [...]”.</p>
Ponta do Mato [Fazenda] (Itapicuru)	Idem	2	Ver Itapicuru.
Queimadas	Idem	1	-
Raso (Raso)	Idem	2	-
Ribeira do Pombal	Idem	13	<p>“Conta este termo da freguesia da vila com a da Ribeira, 6 léguas distante, tendo a extensão de uma 15 léguas sobre 10 de largura e a população de 6. 406 habitantes, dos quais 2.690 pertencem à freguesia da vila, e são na maior parte muito pobres e analfabetos [...]”.</p> <p>“No centro dessa povoação existe uma velha igreja muito respeitada pelos índios, que dizem ter sido convento dos frades que fizeram o aldeamento. Os índios moram em casas de palha, na parte mais baixa da povoação, e os brancos e mestiços em casas de telha na parte alta, onde fica o barracão da <i>feira</i>”.</p>
Santa Cruz [Fazenda] (Patrocínio do Coité, atual Paripiranga)	Idem	7	Ver Barra.
Santa Rita do Rio Preto (Campo Largo)	Idem	4	<p>“Esta vila criada em 1840, fica na margem esquerda do rio Preto, a 16 léguas distante da foz (<i>Boqueirão</i>), 32 da cidade da Barra e 22 de Campo Largo, de onde está separada por uma grande <i>travessia</i>, de imensos <i>gerais</i> que se estendem pelo poente, em uma grande vastidão que o vulgo crê sem fim, porque não se conseguiu explorar, apesar das tentativas dos vaqueiros. [...]”.</p> <p>“A vila tem boa aparência, e forma um largo e comprido <i>arruado</i>, tendo em uma extremidade a matriz e na outra um enorme templo modelado pelo hospício da Piedade, devido à iniciativa de um frade dessa ordem, de nome Casemiro [...]. O termo de Santa Rita forma comarca com o de Campo Largo, e tem uma população avaliada em dezesseis mil almas”.</p> <p>“Encontramos na vila duas escolas de ambos os sexos, as</p>

			quais eram as únicas do termo, ambas de pequena frequência e desprovida de livros e utensílios, especialmente a das meninas, que aprendiam por velhas escritas, tabuadas copiadas à mão e pregadas em pedaços de papelão, e assentavam-se em tamboretos forrados de couro, mais altos do que a improvisada mesa, a cuja roda estavam”.
São João [Fazenda do barão] (Petamuté, atual Curaçá)	Idem	1	-
Serra/Serrinha	Idem	2	
Soure (Nova Soure)	Idem	1	Termo de cerca de oito léguas quadradas, anexo do Itapicuru com uma população de 5.974 indivíduos; vila pequena de clima seco [...]
Timbó [localidade onde existia uma antiga estação do trem] (Esplanada)	Idem	7	Ver Barracão (estação terminal).
Tucano (incluindo uma de Quintino Gallo sem local mas que escreve todas as demais cartas de Tucano).	Idem	45	<p>“É um termo composto da freguesia da vila e da do Raso, distante 7 léguas, com uma população de cerca de oito mil habitantes espalhados sobre uma área de uma 10 léguas quadradas. A vila foi criada com a de Monte Santo [...]. A lavoura é insignificantiíssima [...]”.</p> <p>O comércio é nulo.</p> <p>‘A indústria é a do cortimento de couros. A vila é pequena [...]. As escolas funcionavam regularmente com 61 meninos e 31 meninas de frequência”.</p>
Baraúnas (Não identificada, remetente em trânsito entre litoral norte e nordeste)	?	1	-
Fazenda do Cortiço (?)	?	2	-
Maria Preta [Fazenda] (Cícero Dantas)	?	1	Ver Jeremoabo.
Mosteiro de São José [Fazenda]. Rosário (Jeremoabo?)	?	2	-
Simão Dias [Fazenda] (Patrocínio do Coité, atual Paripiranga)	?	1	Ver Barra.
S. C. [Santa Cruz?] (Bom Conselho, atual Cícero Dantas)	?	6	Ver Jeremoabo.
Sem especificação	-	8	1 de Alexandre Moreira (Monte Alegre?) 2 de Antonio Britto (Pombal?)

			4 de Britto (Santa Cruz?) 1 de José do Nascimento (vaqueiro)
Total Geral		190	

2.1.2 Os remetentes

2.1.2.1. Indicadores individuais: nacionalidade

As cartas escritas por brasileiros com local de nascimento comprovado ou inferido correspondem a praticamente 90% do total do *corpus*. A documentação de estrangeiros foi excluída da descrição. São 5 remetentes da primeira parte e 2 remetentes da segunda parte. Os remetentes da 3ª parte são todos brasileiros (cf. volume 2):

Os **remetentes estrangeiros** da 1ª parte do volume 2 são:

Conde d'Eu, francês (carta n.º. 160);

Dário Rafael Callado, uruguaio (carta n.º. 35);

Joaquim Pereira Marinho, português (cartas n.º. 191, n.º.192, n.º.193 e n.º.194);

Silva Lima, português (cartas n.º. 175)

Visconde do Abaeté, português (cartas n.º. 97 e n.º. 98).

Há, ainda, na 2ª parte, as **cartas apenas assinadas pelos estrangeiros**:

John T. Lewis (carta, n.º. 280)

M. Wicks (cartas n.º. 292 e n.º. 293).

Também, os dados dos seguintes remetentes foram controlados **por não haver segurança quanto à nacionalidade**¹⁰⁵.

1ª parte:

Antonio Estevão *Bitancourt* [e] *Silva* (carta n.º.22);

Duarte (carta n.º.101);

Crispiniano (carta n.º.104);

João *Manuel* Monis Barreto (carta n.º. 67);

Luiz Carvalho (carta n.º. 83);

Miguel Machado (carta n.º. 89) e

¹⁰⁵ Ainda estão sendo pesquisados quanto a dados sobre sua nacionalidade. Nas tabelas 2.7, 2.8 e 2.9, a seguir, trazem alguns indicativos sobre os mesmos.

Rodrigo Antonio da Gama (carta n.º. 91).

2ª parte, volume 2:

Agnello Leite (carta n.º. 209);
Alfredo Pinto (carta n.º. 213);
Antonio José Marques (carta n.º. 218);
Arthur A. Evertoso (carta n.º. 221);
Domingos Olympio (carta n.º. 235);
Geraldo Barbosa Lima (carta n.º. 264);
Hermann Carlos Palmeira (carta n.º. 267);
Irineu Machado (carta n.º. 268 e carta n.º. 269);
Joaquim da Costa Barros (carta n.º. 277);
Joaquim Mendes de Souza (carta n.º. 278 e carta n.º. 279);
L. Samuel (carta n.º. 284 e carta n.º. 285)
Leoncio Correia (carta 287);
M. Torres (carta n.º. 291);
Pedro José Oliveira (carta n.º. 300);
Pires (carta n.º. 301) e
Ramos Junior (carta n.º. 302).

As tabelas abaixo trazem um resumo de dados extraídos das fichas da 1ª, 2ª e 3ª partes do volume 2, onde constam informações de cada remetente. Os critérios para indicar a nacionalidade dos remetentes, a partir de fonte documental, primária ou secundária, estão especificados nessas fichas que antecedem cada uma das três partes do volume 2. Os remetentes cuja nacionalidade foi inferida, referentes a 1ª parte e a 2ª parte, aparecem com a naturalidade/nacionalidade indicadas entre colchetes. Os detalhamentos sobre as inferências, tanto a partir de fontes documentais quanto a partir de critérios lingüísticos com marcas de escrita de brasileiros, constam nas referidas fichas.

Com relação aos remetentes da 3ª parte, embora não tenha sido possível determinar o local de nascimento de todos os remetentes, eles são seguramente brasileiros e amigos do barão. Muitos amigos sertanejos da região estavam na inauguração de seu palacete (cf. apresentação do volume 2). O barão não se referiu a nenhum português no seu livro de notas. De um levantamento preliminar nos seus arquivos, consta apenas um português radicado em Sergipe. A presença de estrangeiros

nessas localidades, segundo o censo de 1872, é praticamente nula. Em Itapicuru, por exemplo, o percentual foi de 0,032%, e em Jeremoabo, 0,016%, além de inexistente em Ribeira do Pombal. Monteiro (1982:141), que tratou da imigração portuguesa na Bahia na segunda metade do século XIX no capítulo “Fortunas portuguesas na Bahia”, com base nos testamentos portugueses, Livro de registros de Testamento do APEBA, identifica entre um total de 193 estrangeiros, apenas 11 com propriedades rurais na Bahia. Além das fontes documentais, corrobora para essa interpretação o fato de serem os remetentes da 3ª parte os que apresentam mais marcas de escrita própria de brasileiros (cf. capítulos 3 e 6) e fichas do volume 2. Nessas fichas, destaco, ainda, os remetentes que possuem assinaturas em documentos notariais e outros que servem para corroborar a autenticidade dos documentos.

2.1.2.1.1 1ª parte: os brasileiros de várias províncias

São 114 remetentes assim distribuídos: 38 baianos, 9 cariocas, 8 pernambucanos, 7 mineiros, 6 gaúchos, 5 paulistas, 2 paraenses, 2 maranhenses, 2 capixabas, 1 piauiense, 1 alagoano, 2 brasileiros sem identificação de naturalidade e 16 brasileiros por inferência. Os **estrangeiros** são: 5 portugueses, 1 uruguaio e 1 francês. Além de 1 filho de brasileiro nascido na França durante o exílio do pai, mas educado no Brasil, Martim Francisco de Andrade 2º. E, por fim, 7 não identificados.

Tabela 2.7 Dados sobre os remetentes de cartas da 1ª parte

Nº	Nome do remetente conforme a carta (Obs.: Com indicação de assinatura comprovada em documentos notariais)	Naturalidade (ou Nacionalidade), grau de escolaridade, idade e ocupação principal ou de maior destaque (cf. Catálogo de Fichas na 1ª parte do volume 2).	Código do remetente
1.	A. C. Sá e Albuquerque [<i>Antônio Coelho</i> de Sá e Albuquerque] Obs.: Há um autógrafo de Antonio Coelho de Sá e Albuquerque em um ofício ao Cônsul da Confederação Suíça, na Bahia, em 30/9/1862. (cf. Wildberger, 1949:452, grav. 109).	Pernambuco. Bacharel em Direito (Faculdade de Direita de Olinda), 45 anos. Senador (PPB).	1ACSA
2.	A. Carlos Gomes [<i>Antonio Carlos Gomes</i>]	Paulista, estudou música na Europa, 45/52 anos, músico de prestígio nacional e internacional.	
3.	A. C. Seara [<i>Antonio Correa Seara</i>]	Pernambuco. [Engenheiro] (Escolar Militar), 54 anos. General.	1ACS
4.	Acyllina	Radicada no Maranhão, [Brasileira] filha de grande proprietário rural, alfabetizada com conhecimentos de francês. <i>Cf. ficha da remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	1A
5.	Adolpho de Barros [Adolpho Rodrigues de Barros]	Brasileiro (sem especificação da naturalidade), Escola Militar, [jovem/maduro, ver data da carta]. Major	1ARB
6.	Alexandrino Augusto de Argollo	Radicado no Recôncavo baiano, [Brasileiro] escolarizado [maduro]. Proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de documentação e outros.</i>	1AAA
7.	Almeida Couto [José Luiz de Almeida Couto]	Baiano. Médico (Faculdade de Medicina da Bahia), 56 anos. Senador (PPB).	1JLAC
8.	André Rebouças [André Pinto Rebouças]	Baiano (residiu fora do país). Bacharel em Ciências Matemáticas (Engenharia) (Escola Militar da Praia Vermelha), 35 anos. Professor da Escola Politécnica, tenente durante a guerra do Paraguai.	1APR
9.	Antonio Epaminondas de Mello	Pernambucano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Olinda). Deputado.	1AEM
10.	Antonio Estevão Bitancourt [e] Silva	(Escreve do Rio Grande). <i>Não há outras informações.</i>	1AEBS
11.	Antonio Gomes Calmon	Radicado no interior da Bahia, [Brasileiro] alfabetizado (Chapada Diamantina), [maduro]. Político. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros critérios.</i>	1AGC
12.	Antonio Jose Nogueira	Radicado em São Paulo, [Brasileiro] alfabetizado, [maduro]. Presidente do Partido Liberal de São Paulo.	1AJN

		<i>Não há outras informações.</i>	
13.	Antonio <i>Rodriguez</i> de Araújo Basto	Radicado no Rio de Janeiro [Brasileiro], [provavelmente é parente de Basto (Visconde de Fiais)]. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros critérios..</i>	1ARAB
14.	Araujo Porto-alegre [Manuel José de Araújo Porto – Alegre] (depois barão de Santo Ângelo)	Gaúcho. Pintor (Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro), 49 anos. Cônsul Geral do Brasil em vários países da Europa.	1APA
15.	Aristides Spinola [Aristides de Souza Spínola]	Baiano (radicado em Caitité). Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Olinda), 27 anos, Deputado.	1ASS
16.	Arlindo Gomes	Radicado no interior da Bahia, [Brasileiro] alfabetizado (Chapada Diamantina), [maduro]. Político local. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de documentação e outros.</i>	1AG
17.	A. Pacifico Pereira [Antônio Pacifico Pereira]	Baiano. Médico (Faculdade de Medicina da Bahia), 51 anos. Diretor da Faculdade de Medicina.	1APP
18.	B. de Cotegipe (barão de Cotegipe) [João Maurício Wanderley] Obs.: Há um autógrafo de João Mauricio Wanderley em um ofício ao Cônsul da Confederação Suíça na Bahia, de 10/3/1853, da coleção de Arnold Wildberger (Wildberger, 1949: 360, grav. 85).	Baiano, Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Olinda), 62/63 anos. Presidente do Conselho de Ministro.	1BC
19.	B. de Muritiba (depois visconde de Muritiba e marquês de Muritiba) [Manuel Vieira Tosta] Obs.: Há um autógrafo do barão de Muritiba em S. A. Sisson (1999:241).	Baiano. Bacharel em Direito (Universidade de Coimbra e Faculdade de Direito de São Paulo), 59 anos. Ministro.	1MVT
20.	Barão de Mauá (depois visconde de Mauá) [Irineu Evangelista de Sousa] Obs.: Há um autógrafo do barão de Mauá em Sisson (1999:33).	Gaúcho, autodidata, 47/48 anos. Deputado e Empresário.	1BM
21.	Barão de Porto Alegre [Manuel Marques de Souza]	Gaúcho. [Engenheiro], militar (Escola Militar), 61/62 anos, General. Ministro.	1BPA
22.	Basto (depois barão dos Fiaes e 1º visconde dos Fiaes) [Luiz Paulo de Araújo Basto]	Carioca, Bacharel em Direito (Universidade de Coimbra), 28/32 anos. Presidente da Província de São Paulo.	1AB
23.	C. <i>Madureira</i> [Casemiro de Sena <i>Madureira</i>]	Brasileiro (Radicado da Bahia), [Bacharel em Direito], 45 anos. Desembargador.	1CM

24.	Cândido José Rodrigues Torres (depois barão de Itambê)	Carioca, escolarizado, 59 anos. Negociante.	1CJRT
25.	Candido Leão [Candido da Silva Leão]	Brasileiro. Radicado no interior da Bahia (Chapada Diamantina), [Bacharel em Direito], [maduro]. Magistrado.	1CL
26.	Cansação [João Lins Vieira de Cansação de Sinimbu] (depois visconde de Sinimbu) Obs.: Há um autógrafo de João Lins Vieira Cansação de Sinimbu em um ofício para o Cônsul Interino da Suíça, na Bahia, datado de 10/08/1856 é da coleção particular de Arnold Wildberger (cf. Wildberger, 1949: 376, grav. 88).	Alagoano, Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Olinda), 27/43 anos. Ministro.	1C
27.	Cesar Sauvan Vianna de Lima (barão de Jauru)	Paulista (residiu muitos anos no exterior), Curso de relações exteriores na Europa, 42 anos. Diplomata.	1CSVL
28.	Conde d' Eu. [Luiz Felipe Maria Gastão de Orleães] (Príncipe do Brasil por casamento)	Francês (estrangeiro radicado no Brasil), [culto], 56 anos.	1CD
29.	Condessa de Barral [Luíza Margarida Borges de Barros] (marquesa de Monserrat) e condessa de Pedra Branca	Baiana (residiu na Europa), [culto], [madura]. Dama de honra da família real brasileira.	1CB
30.	Dario Rafael Callado	Uruguaio (estrangeiro), Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 53 anos. Promotor.	1DRC
31.	Dechy Pinheiro Canguçu	Baiano, alfabetizado, [maduro]. Funcionário Público.	1DPG
32.	Deraldo	Radicado no interior da Bahia, Caitité, [Brasileiro] alfabetizado [maduro]. Político local. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de documentação e outros.</i>	1De
33.	Domingos José <i>Gonçalvez</i> de Magalhaens (depois barão de Araguaia e visconde de Araguaia)	Carioca. Médico (Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro), 52 anos. Escritor (Academia Brasileira de Letras).	1DJGM
34.	Domingos Ribeiro Folhas	Baiano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Recife), 63 anos. Desembargador.	1DRF
35.	<i>Doutor</i> Alfredo Britto [Alfredo do Couto Britto]	Baiano. Médico (Faculdade de Medicina da Bahia), 35 anos.	1ACB
36.	<i>Doutor</i> Antonio Ferreira Viana	Gaúcho. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 34 anos. Ministro.	1AFV
37.	<i>Doutor</i> Octaviano Moniz Barreto	Baiano. Médico (Faculdade de Medicina da Bahia), 38 anos. Senador.	1OMB
38.	Duarte	Escreve do Rio de Janeiro, [maduro]. <i>Não há outras informações.</i>	1Du

39.	Egas Moniz de Aragão [Egas Moniz Barreto de Aragão] (depois barão Muniz de Aragão)	Baiano (residiu na Europa). Bacharel em Direito (Faculdade de Direito na Alemanha), 25 anos. Secretário das Legações em Paris, depois, Presidente da Câmara Municipal da Vila de São Francisco do Conde na Bahia.	1EMA
40.	F.M. Alvares de Araujo [Francisco Manuel Alvares de Araujo]	Baiana. [Engenheiro]. (Academia Militar), 49 anos. 1º Tenente da Marinha.	1FMAA
41.	Francisco Antonio de Sousa Queiroz (depois barão de Sousa Queiroz)	Paulista. (Iniciou estudos em Coimbra), 54 anos. Senador.	1FAS
42.	Francisco de Paula de Negreiros Sayão Lobato (depois visconde de Sabará) Obs.: Há um autógrafo de Francisco de Paulo Sayão Lobato em Sisson (1999:477).	Mineiro. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), [maduro]. Ministro.	1FPNSL
43.	Francisco José de Mattos Villela	Radicado no recôncavo baiano, [Brasileiro] alfabetizado, 48 anos. Senhor do Engenho Marapé. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de documentação e outros.</i>	1FJMV
44.	Francisco Octaviano de Almeida Rosa	Carioca. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 38/41 anos. Ministro.	1FOAR
45.	Frederico [Marinho de Araújo]	Baiano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Recife), [maduro].	1FMA
46.	Guilherme S. de Capanema [Guilherme Schüch de Capanema] (depois barão de Capanema)	Mineiro (residiu na Europa). Bacharel em Ciências Naturais e Matemática (Universidade de Viena), 44 anos. Diretor dos Telegráficos.	1GSC
47.	Henrique Teixeira	Radicado no recôncavo baiano, [Brasileiro] escolaridade, [maduro]. Político local (Tenente-Coronel da Guarda Nacional). <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de documentação e critérios lingüísticos.</i>	1GT
48.	Hermenegildo d' Albuquerque Porto carrero (depois barão do Forte de Coimbra)	Pernambucano. [Engenheiro]. (Escolar Militar), 48 anos. Brigadeiro.	1HAPC
49.	Homem de Mello [Francisco Inácio Homem de Mello] (barão Homem de Mello) Obs.: Há um autógrafo do barão Homem de Mello em um ofício enviado ao encarregado do consulado na Suíça, na Bahia, em 25/2/1878. (cf. Wildberger, 1949: 674, grav. 174).	Paulista. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 56 anos. Ministro.	1FIHM
50.	Horacio Spinola	Radicado na Bahia [Brasileiro] [Bacharel em Direito], [maduro]. (Comissão da Comemoração do 4º Centenário Baiano). <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	1HS

51.	Ignacio da Costa Quintella	Português (estrangeiro radicado no Brasil), [Engenheiro], (Escola Militar), 63 anos. Ministro.	1ICQ
52.	J. Crispiniano	Escreve de Ouro Preto, alfabetizado, [maduro]. [Político local]. <i>Não há outras informações.</i>	1JC
53.	J. J. Fernandes da Cunha [Joaquim Jerônimo Fernandes da Cunha]	Baiano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 33/34 anos. Senador.	1JJFC
54.	J. J.O.Junqueira <i>Junior</i> [João José de Oliveira Junqueira <i>Junior</i>]	Baiano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Recife), 34 anos. Ministro.	1JJOJ
55.	J. J.Teixeira Junior [Joaquim José Teixeira Junior]	Carioca (residiu na Europa). Bacharel em Letras (Universidade de Paris) e Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 63 anos. Deputado.	1JJTJ
56.	João Baptista Moniz	Radicado em Minas Gerais, [Brasileiro] alfabetizado [maduro]. Proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros critérios.</i>	1JBM
57.	João Julio Jacob	Radicado em Minas Gerais, [Brasileiro] alfabetizado [maduro]. Proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros critérios.</i>	1JJJ
58.	João Manuel Monis Barreto	Radicado em G ^{el} , alfabetizado [maduro]. <i>Não há outras informações.</i>	1JMMB
59.	João Pedro Dias Vieira	Maranhense. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 41 anos. Senador.	1JPDV
60.	Joaquim Nabuco [Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo]	Pernambucano. Bacharel em Direito (inicia na Faculdade de Direito de São Paulo e conclui em Recife), 37 anos. Embaixador.	1JABNA
61.	Joaquim Pereira Marinho/visconde de Pereira Marinho	Português (estrangeiro, radicado no Brasil), alfabetizado, 47/61 anos. Comerciante.	1JP
62.	Joaquim Pires Machado Portella Obs.: Há um autógrafo de Joaquim Pires de Machado Portella em um ofício para o Cônsul da Suíça na Bahia, datado de 21/08/1872, coleção particular de Arnold Wildberger. (cf. Wildberger, 1949:159, grav. 154).	Pernambucano. Bacharel em Direito (Faculdade em Direito de Olinda), 45 anos. Diretor de Instrução Pública.	1JPMP
63.	Joaquim Saldanha Marinho	Pernambucano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Olinda), 50 anos. Deputado.	1JSM
64.	José Alfredo de Campos França	Baiano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito da Bahia), 31 anos. Senador.	1JACF
65.	Jose Augusto Chaves	Baiano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 44 anos. Deputado (PPB).	1JAC

	Obs.: Há um autógrafo de José Augusto Chaves em um ofício para o Cônsul da Suíça na Bahia, datado de 01/07/1861, coleção particular de Arnold Wildberger. (cf. Wildberger, 1949:432, grav. 103).		
66.	Jose Egidio [de Moura e Albuquerque] (depois barão de Santo Antonio da Barra)	Baiano (radicado no interior), alfabetizado [maduro], entre 40 ou 45 anos. Proprietário rural (Coronel da Guarda Nacional).	1JEMA
67.	Jose Freire de Lima	Baiano, alfabetizado, 64 anos. Intendente de Feira de Santana/Ba.	1JFL
68.	Jose Joaquim Fernandes Torres	Mineiro. Bacharel em Direito (Universidade de Coimbra). Ministro.	1JJFT
69.	José Marcellino Pereira de Vasconcelos	Capixaba, alfabetizado, 45 anos. Deputado.	1JMPV
70.	José Maria da Silva da Paranhos (depois visconde do Rio Branco) Obs.: Há um autógrafo de José Maria da Silva Paranhos em Sisson (1999:203).	Baiano. Bacharel em Ciências Matemáticas (Engenharia) (Escola Militar), 41 anos. Ministro.	1JMSP
71.	José Maria Pacheco Telle[s]	Radicado no recôncavo baiano, [Brasileiro] alfabetizado, [maduro]. Senhor de Engenho. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de documentação e outros.</i>	1JMPT
72.	Josino do Nascimento Silva	Carioca. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 50 anos. Deputado.	1JNS
73.	Jozé da Silva Lisboa (depois barão e visconde de Cairu) Obs.: Há um autógrafo de José da Silva Lisboa em S. A. Sisson (1999:155).	Baiano. Bacharel em Direito (Faculdade de Coimbra), 53/54 anos. Senador.	1JSL
74.	Juliano Moreira	Baiano. Médico (Faculdade de Medicina da Bahia), 30 anos. Diretor Geral da Assistência a Alienados.	1JM
75.	Leal [Felipe José Pereira Leal]	Carioca. [Culto], 51 anos. Ministro Plenipotenciário.	1FJPL
76.	Luis Pedreira do Coutto Ferraz/Bom Retiro (barão do Bom Retiro, depois visconde do Bom Retiro) Obs.: Há um autógrafo de Luís Pedreira do Coutto Ferraz em Sisson (1999:191).	Carioca. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 42 anos (1ª carta) e 60 anos (2ª carta). Ministro.	1LPC
77.	Luz Carvalho	Escreve do Maranhão, alfabetizado [maduro]. <i>Não há outras informações.</i>	1LC
78.	M. A. de Araujo [Marcos Antonio de Araújo] (depois 1º visconde de Itajubá)	Mineiro. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Olinda). Ministro Plenipotenciário.	1MAA

79.	M. F. Correia [<i>Manoel Francisco Correia</i>]	Paraense. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 30 anos. Ministro.	1MFC
80.	Manuel Antonio da Cruz <i>Brilhante</i>	Português (estrangeiro radicado no Brasil), alfabetizado, 79 anos.	1MAC
81.	Marcolino [de Moura e Albuquerque]	Baiano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Recife), 45 anos. Deputado.	1MMA
82.	<i>Maria Augusta Ferrão</i> de Argolo [Saldanha da Gama]	Baiana, alfabetizada, 21 anos.	1MAFA
83.	Marques de Herval [Manuel Luís Osório] (depois visconde de Herval e marquês de Herval)	Gaúcho. Bacharel em Ciências Matemáticas (Engenharia) (Escola Militar), 71 anos. Ministro.	1MLO
84.	Martim [Francisco Ribeiro de Andrada 2º] Obs.: Há um documento assinado por Martim Francisco Ribeiro de Andrade datado de 25/05/1867 no acervo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHBA), no qual concede o diploma de habilitação ao Sr. Antonio Muniz Sodré de Aragão.	Nascido na França quando do exílio do seu pai, o brasileiro Martim Francisco. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo). Ministro.	1FRA
85.	Miguel [Calmon du Pin e Almeida] (Visconde de Abrantes e depois marquês de Abrantes)	Baiano. Bacharel em Direito (Universidade de Direito de Coimbra), 57 anos aproximando. Ministro Plenipotenciário.	1CDPA
86.	Miguel Machado	Escreve de Corrientes, durante a Guerra do Paraguai. Alferes. <i>Não há outras informações.</i>	1MM
87.	N. A. Nogueira do Valle da Gama [<i>Nicolau Antonio</i> Nogueira Valle da Gama] (depois barão de Nogueira da Gama e visconde Nogueira da Gama).	Mineiro. [Culto], 59 anos. Deputado.	1NANVG
88.	O. F. C [Oscar Freire [de] Carvalho]	Baiano. Médico (Faculdade de Medicina da Bahia). Jovem. Diretor do Instituto Nina Rodrigues.	1OFC
89.	Paranaguá [João Lustosa da Cunha Paranaguá] (depois visconde e 2º marquês de Paranaguá) Obs.: Há um autógrafa de João Lustosa da Cunha Paranaguá em um ofício ao encarregado do Consulado na Suíça, na Bahia (25/3/1881), (cf. Wildberger, 1949: 700, grav.	Piauiense. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Olinda), 40 anos. Ministro.	1JLCP

	182).		
90.	Patricio Correa da Camara (depois 1º visconde de Pelotas)	Gaúcho. Bacharel em Direito (Universidade de Coimbra), 66 anos.	1PCC
91.	Pedro Luis P.[ereira] de Sousa Obs.: Há um autógrafo de Pedro Luiz Pereira de Souza em um ofício para o Cônsul da Confederação Suíça na Bahia, datado de 13/09/1883, documento pertencente ao arquivo do Consulado da Suíça na Bahia (cf. Wildberger, 1949: 708, grav. 187).	Carioca. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 43 anos. Ministro. (PPB).	1PLPS
92.	Pinheiro [Antonio Pinheiro Canguçu]	Baiano. Bacharel em Ciências Matemáticas (Engenharia) (Escola Politécnica de Salvador), [jovem]. Funcionário da Ferrovia Leste Brasileira.	1APC
93.	Pinto Lima [Francisco Xavier Pinto Lima] (depois barão Pinto Lima)	Baiano. [Bacharel em Direito], [maduro]. Ministro.	1FXPL
94.	Rodrigo Antonio da Gama	Escreve de S. C. [Santa Catarina], durante a Guerra do Paraguai. Militar [Escola Militar],[maduro]. <i>Não há outras informações.</i>	1RAG
95.	Romualdo, Arcebispo da Bahia [Romualdo Antonio de Seixas] (depois conde Santa Cruz e 2º marquês de Santa Cruz) Obs.: Há um autógrafo de Romualdo, Arcebispo da Bahia, em S. A. Sisson (1999:295).	Paraense. Religioso (Convento de Santo Antonio de Belém), 53 anos. Deputado.	1RAS
96.	Rozendo Aprígio Pereira Guimarães	Baiano. Médico (Faculdade de Medicina da Bahia), 52 anos. Professor de Farmacologia de Medicina.	1RAP
97.	S. Vicente (Visconde de São Vicente e depois marquês de São Vicente) [José Antonio Pimenta Bueno]	Paulista. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 66 anos. Senador.	1SV
98.	Salustiano [Ferreira Souto]	Baiano. Médico (Faculdade de Medicina da Bahia), 48 anos. Deputado.	1SFS
99.	Salvador Moniz de Aragão	Brasileiro (sem especificação de naturalidade). [Culto].	1SMA
100.	Severino Vieira [Severino dos Santos Vieira]	Baiano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 50 anos. Ministro. Governador.	1SSV
101.	Silva Lima [José Francisco da Silva Lima]	Português (estrangeiro, veio para o Brasil aos 14 anos). Médico (Faculdade de Medicina da Bahia), [maduro].	1SL
102.	Speridião José da Silveira (depois 3º barão de Itapemirim)	Capixaba. Bacharel em Direito (Faculdade de Olinda), 45 anos. Senador.	1SJS

103.	Tanajura [José de Aquino Tanajura]	Baiano. Médico (Faculdade de Medicina da Bahia), 47/58 anos. Presidente interino da Província da Bahia.	1JAT
104.	Vicente de Souza [Vicente Ferreira de Souza]	Baiano. Médico (Faculdade de Medicina da Bahia), 31 anos. Dirigiu a liga contra a vacina obrigatória.	1VFS
105.	Vigário José Telles de Meneses	[Baiano]. [Brasileiro]. Religioso. [maduro]. Pároco.	1JTM
106.	Virgílio Damazio [Virgílio Clímaco Damazio]	Baiano. Médico (Faculdade de Medicina da Bahia), 46 anos. Senador.	1VCD
107.	Viriato <i>Bandeira</i> Duarte	Maranhense. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Olinda), 42 anos. Ministro.	1VBD
108.	<i>Visconde</i> da Boa Vista [Francisco do Rego Barros] (depois conde da Boa Vista)	Mineiro. Bacharel em Ciências Matemáticas (Engenharia) (Faculdade de Matemática, 59 anos. Presidente da Província de Pernambuco.	1FRB
109.	<i>Visconde</i> da Torre [Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque]	Baiano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Olinda), 56 anos. Coronel.	1AJPCA
110.	Visconde de Abaeté [Antônio Paulino Limpo de Abreu] Obs.: Há um autógrafo do visconde de Abaeté em Sisson (1999:55).	Português (estrangeiro residente no Brasil). Bacharel em Direito (Universidade de Coimbra), 65 anos. Ministro.	1VA
111.	<i>Visconde</i> de Caravellas [Carlos Carneiro Campos] (3º visconde de Caravelas)	Baiano. Bacharel em Direito (Universidade de Coimbra), 70 anos. Ministro.	1VC
112.	Visconde de Olinda [Pedro de Araújo Lima] (depois marquês de Olinda) Obs.: Há um autógrafo do marquês de Olinda em Sisson (1999:65).	Pernambuco. Bacharel em Direito (Universidade de Direito de Coimbra), 61 anos. Presidente do Conselho de Ministros.	1VO
113.	Visconde de Paraguaçu/F. Moniz [Francisco Muniz Barreto de Aragão] (antes barão de Paraguaçu)	Baiano (residiu na Europa). Diplomata (Faculdade em Heidelberg), 53 anos (1ª carta) e 79 anos (2ª carta). Diplomata.	1VP
114.	Visconde de Sapucahy [Cândido José de Araújo Viana] (depois marquês de Sapucaí) Obs.: Há um autógrafo do Visconde de Sapucaí em Sisson (1999:145).	Mineiro. Bacharel em Direito (Universidade de Coimbra), 67 anos. Senador.	1VS

2.1.2.1.2 2ª parte: parentes, amigos e correligionários de Severino Vieira

São 60 remetentes, a saber: 8 baianos, 1 goiano, 1 mineiro, 1 paraibano, 1 paraense, 1 pernambucano, 1 piauense, 8 cariocas, 1 potiguar e 1 sergipano, 2 brasileiros sem especificação de naturalidade e 16 brasileiros por inferência. Constan 2 estrangeiros e 16 não identificados.

Tabela 2. 8 Dados sobre os remetentes de cartas da 2ª parte

Nº	Nome do remetente conforme a carta (Obs.: Com indicação de assinatura comprovada em documentos notariais)	Naturalidade (ou Nacionalidade), grau de escolaridade, idade e ocupação principal ou de maior destaque (cf. Catálogo de Fichas na 2ª parte do volume 2).	Código do remetente
115.	Agnello Leite	Médico e Cirurgião Dentista, [jovem]. Médico contratado por fazendeiros do “alto-sertão” baiano. <i>Não há outras informações.</i>	2AL
116.	Alfredo [Maia]	Escreve quando do retorno de viagem à Paris e de passagem pela Bahia [Brasileiro]. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros critérios.</i>	2A
117.	Alfredo Moreira Pinto	Brasileiro (sem especificação de naturalidade). Bacharel em Letras (Escola Naval), [maduro]. Geógrafo.	2AMP
118.	Alfredo Pinto	Escreve do Rio de Janeiro. Estudante da Escola Naval, jovem. Estudante <i>Não há outras informações.</i>	2MP
119.	Alipio de Miranda Ribeiro	Mineiro. (Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, curso incompleto), 27 anos. Zoólogo.	2AMR
120.	Alvaro Appio de Carvalho	Brasileiro (sem especificação de naturalidade), [maduro]. Presidente do Partido Republicano.	2AAC
121.	Anna [Theophila Filgueiras] Autran	Baiana. [Culta], 45 anos. Escritora.	2ATFA
122.	Antonio Augusto Cardoso deCastro	Brasileiro (Carioca?). [Bacharel]. Secretário da Estrada de Ferro D. Pedro II, [maduro]. Jornalista.	2AACC
123.	Antonio José Marques	[Secundário (Escola Normal). Professor de Instrução Pública. <i>Não há outras informações.</i>	2AJM
124.	Aragão [Francisco Pires de Carvalho Aragão]	[Baiano], [Nível Superior], [maduro]. Presidente e Diretor Interino da Viação e Obras Públicas. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	2AFPCA
125.	Arthur A. Evertoso	Escreve do Rio de Janeiro. Funcionário Público. <i>Não há outras informações.</i>	2AAE
126.	ArthurRios [Arthur César Rios]	Baiano. Médico (Faculdade de Medicina da Bahia), 56 anos. Senador.	2AR
127.	Augusto da SilvaRibeiro [Augusto da Silva Ribeiro]	[Baiano], alfabetizado, [maduro]. Político do Timbó, interior da Bahia.	2ASR

		<i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	
128.	B. Araç. FariaRocha	[Brasileiro], [maduro]. Contador Geral dos Correios. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	2BAFR
129.	Barão de Traipú [Manuel Gomes Ribeiro]	Sergipano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Recife), 52 anos. Senador.	2BT
130.	Belisario Fernandes Tavora	[Brasileiro]. Médico Veterinário. Participou da 3ª Delegação Auxiliar. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	2BFT
131.	Calogeras [João Pandiá Calógeras]	Carioca. Bacharel em Ciências Matemáticas (Engenharia) (Escola de Minas em Ouro Preto), 32 anos. Ministro.	2JPC
132.	Carolina Buarque Pinto Guimarães	[Brasileira], alfabetizada [madura]. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	2CBPG
133.	Dionysio Gonçalves Martins	Baiano. Bacharel em Ciências Matemáticas (Engenharia) (inicia o curso na Escola Militar da Praia Vermelha, concluindo-o na Escola Central de Paris), 64 anos. Diretor do Imperial Instituto de Agricultura.	2DGM
134.	Domingos C. de Moraes	[Alfabetizado, [maduro]. Político local. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	2DCM
135.	Domingos Olympio	Escreve do Rio de Janeiro. <i>Não há outras informações.</i>	2DO
136.	Dr. Emilio Teixeira dos Santos Imbassahy	[Baiano], [Brasileiro]. [Nível Superior], [maduro]. Intendente de Caravelas/Ba. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros critérios.</i>	2ETSI
137.	Dr. Henrique Autran	Pernambucano. [Nível Superior], [maduro].	2HA
138.	Dr. Joaquim Carlos Travassos	Carioca. Médico (Faculdade de Medicina da Bahia), [maduro]. Senador.	2JCT
139.	Eduardo [Pires] Ramos	Baiano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Recife), 47 anos. Senador.	2EPR
140.	Epitacio Pessoa	Paraibano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Recife), 36/37 anos. Presidente da República.	2EP
141.	FranciscoMendes darocha [Francisco Mendes da Rocha]	[Baiano]. [Brasileiro]. [Nível Superior], [maduro]. Agente Financeiro pela “Rocha & Richamond”. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos e outros.</i>	2FMR
142.	Geraldo Barbosa Lima	[Bacharel em Direito (Faculdade?)].	2GBL

		<i>Não há outras informações.</i>	
143.	Gustavo Camara	[Brasileiro]. Escreve do Rio de Janeiro. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros critérios.</i>	2GC
144.	HermannCarlosPalmeira [Hermann Carlos Palmeira]	Escreve do Rio de Janeiro (filho de um amigo de Severino). <i>Não há outras informações.</i>	2HCP
145.	Irineu Machado	[Nível Superior]. [Político]. <i>Não há outras informações.</i>	2IM
146.	J.B. Lacerda [João Batista de Lacerda]	Carioca. Médico (Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro), 46 anos. Sub-Diretor do Laboratório de Fisiologia Experimental.	2JBL
147.	João [Käpk ou Köpke]	Carioca. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 48 anos. Promotor Público.	2JK
148.	João Cordeiro da Graça	Carioca. Bacharel em Ciências Matemáticas (Engenheiro), (Faculdade Politécnica do Rio de Janeiro).	2JCG
149.	João Pereira Drumond	Escreve do Rio de Janeiro, alfabetizado. Administrador de Armazéns da Ilha das Moças no Rio de Janeiro. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	2JPD
150.	Joaquim daCostaBarros [Joaquim da Costa Barros]	Escreve do Rio de Janeiro, alfabetizado. <i>Não há outras informações.</i>	2JCB
151.	Joaquim Mendes de Souza	[Brasileiro?]. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros critérios.</i> <i>Não há outras informações.</i>	2JMS
152.	John T. Lewis	Americano (estrangeiro a serviço no Brasil), carta escrita a pedido.	2JTL
153.	José Doria	[Brasileiro], [Bacharel], [maduro]. Procurador junto à Viação do Brasil. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	2JD
154.	Jose Julio de Freitas Coutinho	Carioca. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Recife), 28 anos. Juiz de Direito.	2JJFC
155.	L. Samuel	<i>Não há outras informações.</i>	2LS
156.	Leão Velloso Filho [Pedro Leão Velloso Filho]	Baiano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Recife), 46 anos. Professor da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro.	2LVF
157.	Leoncio Correia	Deputado Federal pelo Paraná. <i>Não há outras informações.</i>	2LC

158.	Leonel Rocha	[Brasileiro?]. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros critérios.</i>	2LR
159.	L. de Bulhões [José Leopoldo de Bulhões Jardim]	Goiano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 45/46 anos. Ministro.	2LB
160.	Leovigildo Filgueiras [Leovigildo Ipiranga Amorim Filgueiras]	Baiano. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de Recife), 46 anos. Deputado Federal. Fundador da Faculdade de Direito da Bahia.	2LIAF
161.	Luiz H.Lins deAlmeida [Luiz H. Lins de Almeida]	[Brasileiro]. Secretário da Gazeta Comercial e Financeira. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros critérios.</i>	2LHLA
162.	M. Torres	Mulher madura com netos <i>Não há outras informações.</i>	2MT
163.	MWicks	[Estrangeiro, Inglês?], carta escrita a pedido.	2MW
164.	Manoel Coelho Rodrigues	Piauiense. [Bacharel], jovem. Político, piauiense.	2MCR
165.	Milciades deSá Freire e Augusto de Vasconcellos (Ver ficha de Milciades deSá Freire)	[Brasileiro]. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	2MSF
166.	Monsenhor Guedelha Mourao [Deoclides Correia Guedelha Mourão]	[Brasileiro]. Religioso. Monsenhor. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros critérios.</i>	2DCGM
167.	Nuno de Andrade [Nuno Ferreira de Andrade]	Carioca. Médico (Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro), 51 anos. Professor da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro.	2NFA
168.	Oliveira Coelho [José de Oliveira Coelho]	Carioca. Bacharel em Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), 49 anos. Delegado.	2JOC
169.	Pedro José Oliveira [Pedro José de Oliveira]	Fiscal dos Inflamáveis. <i>Não há outras informações.</i>	2PJO
170.	Pires	Escreve de Pelotas. <i>Não há outras informações.</i>	2P
171.	Ramos Junior	Escreve do Rio de Janeiro. <i>Não há outras informações.</i>	2RJ
172.	Saldanha [Rodrigues Saldanha]	[Brasileiro], [Bacharel], maduro. Secretário da Viação e Obras Públicas no Governo de Severino Vieira <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	2RS
173.	Serzedello Correa [Innocêncio Serzedello Corrêa]	Paraense. Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas (Escola Militar [da Praia Vermelha]), 43 anos. Ministro.	2ISC

174.	Tobias [Monteiro]	Potiguar. Médico (Faculdade de Medicina, curso incompleto), 36 anos. Auxiliar de Gabinete do Ministro da Fazenda.	2TM
------	-------------------	---	-----

2.1.2.1.3 3ª parte: parentes, amigos e correligionários do barão de Jeremoabo

Trata-se de 43 remetentes baianos e, portanto, brasileiros nascidos/ou radicados nas seguintes localidades: 1 (Abobreira), 2 (Bom Conselho, atual Cícero Dantas), 2 (Bonfim), 1 (Conde), 1 (Patrocínio do Coité, atual Paripiranga), 1 (Cumbe, atual Euclides da Cunha), 1 (Fazenda Cortiço, atual Euclides da Cunha), 1 (Fazenda Ilha, atual Euclides da Cunha), 10 (Itapicuru), 9 (Jeremoabo), 1 (Monte Alegre), 1 (Monte Santo), 3 (Ribeira do Pombal), 1 (Santa Rita do Rio Preto), 1 (Serrinha), 5 (Tucano) e 2 outros baianos, por inferência.

Tabela 2.9 Dados sobre os remetentes de cartas para a 3ª parte

Nº	Nome do remetente conforme a carta (Obs.: Com indicação de assinatura comprovada em documentos notariais)	Radicados ou naturais do interior da Bahia [nacionalidade brasileira], [Escola de primeiras Letras, salvo exceções], idade e ocupação principal ou de maior destaque (cf. Catálogo de Fichas na 3ª parte do volume 2).	Código do remetente
175.	Alexandre Ferreira Moreiras (1) Obs.: Autógrafo do remetente no livro dos municípios com trecho referente ao remetente Amaro Tavares de Macedo na condição de Tabelião Interino.	Monte Alegre (Ba), 26/28 anos. Comerciante. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3AFM
176.	Amaro Tavares de Macedo	Jeremoabo. Tabelião interino. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3ATM
177.	Annibal Galvão de Oliveira (Coronel da Guarda Nacional)	Bonfim. Proprietário Rural. [Cadeira de Latim] <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	3AGO
178.	Antero de Cirqueira Gallo Obs.: Autógrafo do remetente no Livro de Notas dos Municípios. (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios (1878 – 1888). Livro de Manuel do Nascimento Silva. Doc. 19, ano de 1886, p.48).	Natural de Bom Conselho. 33/34 anos. Agente de Correios.	3ACG
179.	Antonio Ferreira da Motta Obs.: Autógrafo do remetente no documento	Serrinha. Comerciante. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3AFM

	referente à compra de escravo (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Tucano (1865 – 1869). Livro de José Raimundo Nonato. Doc. 16, documento referente a compra de escravos, p. 15).		
180.	Antonio Ferreira de Brito (Tenente-Coronel da Guarda Nacional) Obs.: Autógrafo do remetente em livro de notas de município (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Jeremoabo (1875 – 1908). Livro de João Batista de Souza. Doc. nº 14. p. 22).	Ribeira do Pombal. Intendente de Ribeira do Pombal. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3AFB
181.	Antonio Lourenço [de Carvalho] (Coronel da Guarda Nacional) Obs.: Autógrafos de Antonio Lourenço de Carvalho em livros de notas dos municípios. Jeremoabo (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios; Jeremoabo (1873 – 1880). Livro de Trajano José de Carvalho. Doc. nº 13, ano de 1875, p. 84; APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios. Jeremoabo (1890 – 1896). Livro de Porfírio da Costa Borges. Doc. nº 18, p.19 e APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Jeremoabo (1873 – 1880). Doc. nº 13, p. 95).	Jeremoabo. Intendente em Jeremoabo. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3ALC
182.	Augusto da <i>Silva</i> Ribeiro	Ponta da Mato (Itapicuru). Político local. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3ASR
183.	Baldoíno Gomes [de Sant'Ana] Obs.: Autógrafo de Baldoíno Gomes como testemunha (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Jeremoabo (1873 – 1880). Livro de Trajano José de Carvalho. Doc. nº 13, p. 82).	Jeremoabo. Proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3BGS
184.	Benício Penalva de Faria Obs.: Autógrafo de Benício Penalva de Faria (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Itapicuru (1875 – 1878). Livro do tabelionato de José de Faria Góes. Doc. 26, ano de 1877).	Itapicuru. Proprietário rural, 43 a 55 anos. Comerciante de peles e, posteriormente, oficial de registro de imóveis em Salvador quando seus filhos passaram a estudar em Salvador. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3BPF
185.	Caetano Mauricio <i>Rodriguez</i> (Capitão da Guarda Nacional) Obs.: Autógrafo de Caetano Maurício Rodrigues, (cf. APEBA. Procuração do	[Baiano]. Professor de primeiras letras (Escola Normal). <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3CMR

	Professor Caetano Mauricio Rodrigues (1876), p. 75, 110).		
186.	Domingos Victor de Jesusz	[Baiano]. Vaqueiro em atividade na Fazenda São José. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros aspectos.</i>	3DVJ
187.	F. Marcondes [Machado] (Coronel da Guarda Nacional)	Fazenda Cortiço (Região Nordeste). Proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros aspectos.</i>	3FM
188.	[Francisco Ferreira de] Britto (Tenente-Coronel da Guarda Nacional) Obs.: Autógrafo de Francisco Ferreira de Brito (cf. APEBA. Livro de notas dos municípios: Itapicurú (1878 – 1889). Livro de João Antonio Hermenegildo dos Santos, p.101 e APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Itapicuru (1875 – 1878). Livro do tabelionato de José de Faria Góes. Doc. 26, ano de 1877, p. 110, onde assina como testemunha de Boaventura da Silva Caldas).	Itapicuru. Intendente em Amparo (Ribeira do Pombal). <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3FFB
189.	Galdino Ferreira Mattos (Capitão da Guarda Nacional)	Itapicuru. Proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3GFM
190.	Gustavo de Caldas Britto (Tenente da Guarda Nacional)	Santa Rita do Rio Preto. Intendente. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	3GCB
191.	Jeronimo de A[lmeida] Soares (Major da Guarda Nacional) Obs.: Autógrafo do remetente no livro de Notas do Município de Tucano (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Tucano (1879 – 1885). Livro de João Moreira de Góes. Doc. n° 20, p. 27).	Ribeira do Pombal. Proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3JAS
192.	João Cardoso Varjão (Tenente-Coronel da Guarda Nacional) Obs.: Há autógrafos do remetente em vários documentos: (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos Municípios: Jeremoabo (1896 – 1900), 3440, maço 27); (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Jeremoabo (1896 – 1900) Livro de Manuel Cardoso Varjão. Doc. n° 19, p. 1 e 40); (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Jeremoabo (1873-1880). Livro de Trajano José de Carvalho. Doc. n° 13, p.78); (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Jeremoabo (1896 – 1900). Livro de	Jeremoabo. Intendente. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3JCV

	Manuel Cardoso Varjão. Doc. nº 19).		
193.	João Cordeiro d' Andrade (Coronel da Guarda Nacional)	Jeremoabo. Intendente em Monte Santo. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	3JCA
194.	João de Almeida Maciel Obs.: Há um autógrafo do remetente no livro de notas dos municípios (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios (Itapicuru). Livro do tabelionato de José de Faria Góes. 1875 -1878, doc. 26, p. 60).	Jeremoabo. Proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3JAM
195.	João Martins dos Reiz	Abobreiras. Proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3JMR
196.	João Moreira [de Matos] (Tenente Coronel da Guarda Nacional) Obs.: Autógrafo do remetente em livros de notas (cf. APEBA. Seção do Judiciário. Livro de notas dos municípios: Itapicuru. Livro de João Antonio Hermenegildo dos Santos (1878 – 1889), 53).	Itapicuru. Juiz de Paz em Itapicuru. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3JMM
197.	João Ramos da Silva (Capitão da Guarda Nacional) Obs.: Autógrafo do remetente em livros de notas de municípios (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos Municípios: Tucano (1886 – 1888). Livro de João Moreira de Góes. Doc 22. p. 47).	Tucano. Proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros aspectos.</i>	3JRS
198.	João Victorino de Carvalho Obs.: Há um autógrafo do remetente no livro de municípios (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Jeremoabo (1890 – 1896). Livro de Porfírio da Costa Borges. Doc. nº 18, p.27).	Jeremoabo. Vaqueiro em atividade em uma fazenda em Jeremoabo. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	3JVC
199.	João Vieira de Andrade Obs.: Há um autógrafo do remetente no livro dos municípios (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Itapicuru (1875 – 1878). Livro do tabelionato de José de Faria Góes. Doc. 26, p. 52).	Itapicuru. Vaqueiro em atividade na Fazenda Baixa Grande. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros aspectos.</i>	3JVA
200.	Jose Americo [Camelo de Souza Velho] (Coronel da Guarda Nacional).	Fazenda Ilha (atual Euclides da Cunha), 55 e 58 anos. Proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3JACSV
201.	José Cordeiro de Miranda	Tucano. Proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de</i>	3JCM

		<i>outros aspectos.</i>	
202.	José de Faria Góes Obs.: Autógrafo do remetente nos livros de notas dos municípios (cf. APEBA). Seção Colonial. Câmaras Municipais: Ata da câmara de Itapicuru (1870 – 1890). Termo de Juramento e Posse. Doc. nº 5467, p. 24 - (Obs.: dois documentos num só). E, ainda, (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Itapicuru (1875 – 1878). Livro do tabelionato de José de Faria Góes. Doc. 26, em todas as páginas, exceto a 135, que o inclui como eleitor). Obs.: aparece autógrafo desse remetente como testemunha do barão de Jeremoabo no mesmo ano, p.9.	Itapicuru. Tabelião e escrivão em Barracão (atual Rio Real). <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3JFG
203.	Jose dos Sanctos Nascimento	Jeremoabo. Vaqueiro em atividade. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de critérios lingüísticos.</i>	3JSN
204.	Jose Lins Barreto	Jeremoabo. Vaqueiro em atividade na Fazenda Barra. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros aspectos.</i>	3JLB
205.	Justiniano A. Galvão	Bonfim. Proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de outros aspectos.</i>	3JAG
206.	Manoel de Souza Menezes (Coronel da Guarda Nacional) Obs.: Autógrafo do remetente no livro dos municípios (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Itapicuru (1892 –1896). Livro de Pedro Augusto César. Doc. nº 31, p.26).	Itapicuru. Intendente do Patrocínio do Coité. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3MSM
207.	Manuel F. Menezes	Monte Santo. Comerciante e proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3MFM
208.	Manuel Ferreira da Silva	Ribeira do Pombal. Professor de primeiras letras. Proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3MFS
209.	Marcelino Pereira de Miranda (Tenente-Coronel da Guarda Nacional) Obs.: Autógrafo do remetente no livro de municípios (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos Municípios: Tucano (1887 – 1888). Livro de Manuel do Nascimento Silva. Doc 23, p. 22). E, ainda em outro documento (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios:	Tucano. Intendente em Tucano. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3MPM

	Tucano (1879 – 1886). Livro de Manuel do Nascimento Silva. Doc. 21, 1879, p. 5, 22).		
210.	<p>Mariana Cordeiro [da Silva] Miranda (esposa de Marcelino Perreira de Miranda).</p> <p>Obs.: Autógrafo da remetente em livros de vários documentos: (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Tucano (1887 – 1888). Livro de Manuel do Nascimento Silva. Doc 23 p. 22 e APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Paripiranga (1880 – 1881). Livro de João Luis dos Santos Baptista. Doc. 3, p. 19) e APEBA. Seção Judiciária - Livro de notas dos municípios: Tucano (1878 – 1888). Livro de Manuel do Nascimento Silva. Doc. nº 19, p. 52. Obs.: assina como testemunha Quintino José Gallo; (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos Municípios: Paripiranga (1880 – 1881). Livro de João Luis dos Santos Baptista. Doc. 3, p. 19. Obs: com autógrafo); (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Tucano (1878 – 1888). Livro de Manuel do Nascimento Silva. Doc. nº 19, p. 52. Obs: assina como testemunha Quintino José Gallo).</p>	<p>Tucano. Professora de primeiras letras em Patrocínio do Coité.</p> <p><i>Cf. ficha da remetente com inferência a partir de outros aspectos.</i></p>	3MCSM
211.	<p>Octavio [de Souza Leite] (Coronel da Guarda Nacional)</p> <p>Obs.: Há um autógrafo no livro de notas de municípios (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Itapicuru (1878 – 1889). Livro de João Antonio Hermenegildo dos Santos, ano de 1883, p.115 e APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Itapicuru (1878 – 1889). Livro de João Antonio Hermenegildo dos Santos, p. 6, 7). Processo crime. Série lesões corporais, 1873, nº 08/282/24.</p>	<p>Itapicuru. Coletor de Rendas Provinciais. Senhor de Engenho.</p> <p><i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i></p>	3OSL
212.	<p>Potamio [Américo de Souza] (depois Coronel da Guarda Nacional)</p>	<p>Natural de Cumbe (atual Euclides da Cunha), 13 anos. Intendente do Cumbe.</p>	3PAS
213.	<p>Quintino José Gallo</p> <p>Obs.: Autógrafo do remetente em vários documentos: (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Tucano (1878 – 1888). Livro de Manuel do Nascimento Silva. Doc. nº 19, ano de 1878, p.10; APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Tucano (1878 – 1888). Livro de Manuel do Nascimento Silva. Doc. nº 19, ano de 1878, p.10; APEBA. Livro de notas de Tucano (1853 – 1855). Livro de Patrício José de Góes, nº 7, ano de 1853, p.10. e como testemunha Quintino José Gallo, APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Tucano (1878 – 1888). Livro de Manuel do Nascimento</p>	<p>Natural de Tucano. Proprietário rural. Agente do Correio da Vila de Tucano.</p>	3QJG

	Silva. Doc. nº 19, p. 52.).		
214.	Severo <i>Correia</i> de Souza (Tenente da Guarda Nacional) Obs.: Autógrafo do remetente no livro de notas do município: (cf. APEBA: Seção Judiciária. Livro de Notas dos Municípios: Cícero Dantas (Bom Conselho) (1879-1884). Livro de Pedro Augusto César. Doc. nº 1, p.71.	Bom Conselho (atual Cícero Dantas). Proprietário rural. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3SCS
215.	Tiburtino <i>Perreira</i> de Mattoz Obs.: Autógrafo do remetente no livro de notas do município: (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Tucano (1879 – 1885). Livro de João Moreira de Góes. Doc. nº 20, p. 82 e 84).	Vila do Conde. Vaqueiro em atividade na Fazenda Lagoa do Brás. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3TPM
216.	Vicente Ferreira da <i>Silva</i>	Itapicuru. Intendente do Raso. <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3VFS
217.	Victor <i>Marcolino</i> de Menezes (Coronel da Guarda Nacional) Obs.: Autógrafo do remetente em livro de notas de municípios (cf. APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Paripiranga (1871 – 1874). Livro de Anselmo Cardoso da Silva. Doc. 01. p. 52. E, ainda, APEBA. Seção Judiciária. Livro de notas dos municípios: Jeremoabo (1869 – 1872). Livro de José André Ribeiro de Moraes. Doc. nº 11, p. 25, documento referente a venda de escravo).	Patrocínio do Coité, 60 anos. Intendente no Patrocínio do Coité (atual do Paripiranga). <i>Cf. ficha do remetente com inferência a partir de fontes manuscritas em arquivos sobre posse de terra.</i>	3VMM

2.1.2.2. Data de nascimento dos remetentes

Os remetentes que tiveram as datas de nascimento identificadas estão agrupados da seguinte forma:

1. 1724 – 1799: ponto no tempo, 1775;
2. 1800 – 1850: ponto no tempo, 1825 e
3. 1851 – 1880¹⁰⁶: ponto no tempo, 1875.

A comparação dos remetentes com outros autores, tanto brasileiros quanto portugueses nascidos no mesmo período, poderá também trazer resultados importantes para o esclarecimento sobre a gramática do português brasileiro. Também, a partir da data de nascimento e do cruzamento com a data de escrita da carta, foi possível identificar a idade de parte dos remetentes. A idade média variou entre 13 e 65 anos¹⁰⁷.

O capítulo seguinte tratará da descrição dos dados no geral, denominado “Cartas Brasileiras” (CB). Na 3ª parte, faço uma nova descrição através de uma subdivisão da amostra, tendo por base, variantes geográficas (costa/interior) e variantes sociais (culto/semi-culto).

¹⁰⁶ Data de nascimento do remetente mais jovem, o menino Potâmio [Américo de Souza] de 13 anos.

¹⁰⁷ Essas idades foram agrupadas ainda em três faixas etárias: **(1)**. 13- 35 anos. 13 é a idade do remetente mais jovem, o afilhado do barão de Jeremoabo, Potâmio [Américo de Souza]; **(2)**. 36 – 60 anos e **(3)**. 61 anos em diante.

3

A colocação dos pronomes em orações simples finitas e em grupos verbais: *variação em “Cartas Brasileiras”*

O objetivo deste capítulo é o estudo da colocação dos clíticos em orações finitas com verbo único e em orações com grupos verbais nos documentos editados no volume 2. Trata-se de 3.196 itens subdivididos por partes de documentos: **1ª parte**, 1055, **2ª parte**, 733 e **3ª parte**, 1.408.

O capítulo está organizado como segue. Em 3.1, faço uma descrição preliminar dos tipos de clíticos com o objetivo de avaliar a frequência e a atuação de cada um no processo de colocação. Nesse item, serão estabelecidos contrastes com estudos do português europeu (cf. Galves, 2001) e do português brasileiro (cf. Monteiro, 1992; Abaurre e Galves, 1996, entre outros).

No item seguinte, 3.2, trato da classificação de todas as ocorrências por tipos de oração (3.2.1), cuja variação geral me levou a fazer uma divisão inicial entre aquelas com **prevalência para a ênclise** (3.2.1.1) e aquelas com **prevalência para a próclise** (3.2.4).

Diferentemente do que ocorreu com o português europeu moderno em que a próclise e a ênclise caminharam para uma distribuição complementar em orações finitas (3.2.1.2), o português brasileiro que aparece em CB apresenta variação, indistintamente. A subclassificação dessas orações parte das condições que separam contextos variáveis e não variáveis na história do português europeu, especificamente entre o século 16-19. Julguei procedente ter como parâmetro de comparação dois momentos distintos do português europeu, o período que corresponde a sua fase clássica e o período de mudança que viria a se configurar no chamado português europeu moderno. O objetivo é identificar construções com clíticos não compatíveis com a gramática do português europeu e mostrar em que medida podem ser atribuídas ao português brasileiro. Nas orações com prevalência para a ênclise, separo dois ambientes distintos: o primeiro, o verbo em posição inicial absoluta (3.2.1.1.1), como visto, a próclise nessa estrutura caracteriza uma importante inovação brasileira. O segundo é o denominado contexto de variação I nos estudos de GBPS (2005), baseados nos dados de CTB, a saber: orações raízes declarativas afirmativas, principais, com verbo em segunda posição antecedido por sujeitos neutros, sintagmas preposicionais e advérbios não modais (3.2.1.2.2). Nessas orações, há também um contexto de próclise categórica. Trata-se das construções com o verbo precedido pelos chamados “atratores”: quantificadores, focalizadores e

advérbios modais, entre outros. Também, nessas estruturas, pode ocorrer variação em CB (3.2.1.4). Além do contexto de variação I, GBPS (2005) estabelecem um segundo contexto de variação, o chamado contexto de variação II com verbo em posição inicial em segunda coordenada e verbo precedido de orações dependentes, onde atuam aspectos prosódicos (3.2.1.3). Como já dito, salvo alguns casos de variação marginal em dependentes na história do português europeu, a próclise é categórica nas orações negativas (3.2.4.1), orações com sintagma-Q (3.2.4.2) e em orações interrogativas diversas (3.2.4.3). Em (3.2.4.4) as expressões fixas e em (3.2.5), as orações coordenadas ou subordinadas com “porque”.

Depois da descrição global das orações com verbos simples finitos, os mesmos dados são submetidos a um estudo longitudinal a partir da data de nascimento de seus autores. Essa fase, além da relevância por reavaliar os dados em uma perspectiva histórica, tendo como objeto de estudo a mudança na colocação dos clíticos, serve de suporte para um estudo comparativo inédito (3.3.6) com os estudos diacrônicos do português europeu a partir de GBPS (2005) do português brasileiro, com Pagotto (1992). A variação diacrônica e as implicações para a gramática do português brasileiro (3.3.6.1), primeiro, nas construções com verbo em posição inicial absoluta (3.3.6.1.1) e depois no contexto de variação I (3.3.6.1.2) e no contexto de variação II (3.3.6.1.3).

As orações com grupos verbais são descritos em (3.4), elevação e não elevação de clíticos nos verbos auxiliares, modais e volitivos, causativos e perceptivos, verbos em construções passivas e verbos seguidos de preposição. Esses mesmos dados são analisados por data de nascimento e por data de produção. Depois são vistos a partir da data de nascimento, especificamente sobre a perda de elevação e as construções de próclise ao verbo não finito (V cl-V). Em separado alguns casos de interpolação em (3.5).

Através da comparação com GBPS (2005) e Pagotto (1992), no item descrito acima (3.3.6) foi possível identificar em CB, três gramáticas em competição com relação à colocação dos clíticos, como hipotetizado na introdução: i. construções equivalentes ao português clássico; ii. construções em que fica evidenciado o reflexo das mudanças em direção ao português europeu moderno e iii. construções do português brasileiro. Os dados de grupos verbais nas estruturas V cl-V mostram, de forma inequívoca, a atuação da gramática brasileira.

Por fim, a conclusão do capítulo e da segunda parte (3.6). Essa mesma metodologia será aplicada no capítulo 6, onde submento os dados globais de CB a uma divisão por amostras: cartas da costa produzidas por indivíduos cultos e cartas do interior produzidas por indivíduos não cultos com suporte na caracterização dos documentos feita nos capítulos 4 e 5.

Os excertos a seguir ilustram a documentação no volume 2, base da descrição e denominada de “Cartas Brasileiras” ou CB, como dito.

1ª parte: cartas avulsas para vários destinatários

“Rio 9 de Julho de 1810. | O portador desta Jozé Joaquim da Costa he | o Procurador a quem confiei para maior se-|gurança a demanda deVossa Senhoria com o Sanches: | elle informará sobre o estado em que | se acha. Nenhuma esperança tenho de | melhoramento, quando Medico decide causa | de companheiro. Não lho fiz gratifi|cação: porque ora parte para a Bahia, onde | espero que VossaSenhoria o remunerere como merece, | pois nesta terra de calmas e lamas, todo | o serviço he penoso. |” carta 3 de José da Silva Lisboa, brasileiro nascido em 1756, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra.

2ª parte: cartas para Severino Vieira

“Caro Dr. Severino | Soube com extremo desvanecimento | do interesse que, na ultima | carta a Papae, revela a | respeito de minha collocação. | Os insucessos constantes em | todas as minhas pretensões | tem-me creado uma situa=|ção que facilmente comprehen=|derá quanto me é penosa. | Resta-me, porem, a confiança | em seu auxilio efficaz e | justamente é agora occasião | de prestar-me um grande | serviço. |” carta 239 de Eduardo Ramos, brasileiro, nascido em 25/05/1854, bacharel em direito pela Faculdade de Recife.

3ª parte: cartas para Cícero Dantas Martins

“Teve presente sua participação, que | ahi; lhe foi dar parte meu irmão, | dizendo-lhe, que eu, acabo com ellas, | furtando; nome, que grassas áobóm | Deos nunca gozei, somentes agora, | pør crê visinho, não de vaqueiros di | dúas susuárana; mande pør pessoa | de sua confiança, perguntar, assim | Xiquinho, da Boa vista que hoje es- | ta assistindo na Misção, por ter p= | lantado aróis no cercado de Pedro | Barretto; se já Recebeo do meu ir- | mão, aquantia de 25\$000 reis, o 30 - | que tomou, ou mandar tomar; para dár | enpelis, de creação; pør esta const- | ancia sabera VossaExcellência que numero de | 1v. criações há retirada do seo rebanho; | não há muitos dias que estando | meos filhos e genro na Roça quando meu | irmão chega lá de seguida para a casa | honde elle vivi, com uma criacão de | cabra uma banda levava dentro | de uma capanga grande q’elle tem, | e foi da-lha, o troco de litros di | milho; e não fáturo Outros factos | pør ter vergonha; pergunte a elle | odia que eu encomtrei elle pega= | do com o filho Manoel; em um to= | matoma, de Ovelhas; quem, tomou; quem, | pegou; quem, comeu; e quem furtou; per- | gunte aelle; enquanto ao Coronel Passo e | verdade que pegou 4 resis gado que | pør dereicto sagrado pertencia | pertencerá aminha Mai, como | 2r. já tentei provár e não decha- | ru de tentár, pois tenho provas de | Canudo; pør pessoa que lá esteve e viu | amorte dos filho do Déa e este | inda sobrevivio nove dias prezo | pør isso eu não tímia oprocesso que | oPasso tentou; Sinto foi eu não | as ter vindido, forão esparamado | na istrada; pergunte as seo vaqueiro | novo quantos cabritos engeitados recebeo | que eu n’este recinto mais | logo terei alguma couza adizér; | oconego Agripino retirou as delle pør | que só Parião para engeitár;” |] carta 444 do brasileiro José dos Sanctos Nascimento |, vaqueiro, que escreve ao barão de Jeremoabo em 18 de setembro de 1899.

3.1 Descrição preliminar

3.1.1 Mudanças no sistema pronominal

Neste item, mostro alguns exemplos ilustrativos da variação observada em CB com relação à colocação dos clíticos e às mudanças no sistema pronominal, como forma de melhor interpretar o item que descreve os tipos de clíticos adiante.

Começo pelo significativo exemplo de dupla colocação pronominal (3.1a, 3.1b e 3.1c). Depois apresento pequenos e sugestivos aspectos gráficos. Esses exemplos foram extraídos das cartas de Quintino José Gallo, baiano de Tucano, nascido em 1818, que escreve ao barão de Jeremoabo aos 78 anos. Também a reduplicação clítica de pronome que aparece em (3.1d) consta na carta de remetente e primo do barão de Jeremoabo, Benício Penalva de Faria, sertanejo baiano, nascido em 16/05/1847.

(3.1)

a. P.S. se lhe for po çí|vel **mande me nomiar me** | 1º Juis de Paz | carta 476

b. Homtem 22 paçou o dia imvernado | e a 6 horas da tar[de] fexou omundo e ras-|gose as nuves *que* só parecia *que* o mundo queria | 2r. queria se arasar xouveio¹⁰⁸ forte the depois | de 8 horas das 10 im diante tornou a pegar | ainda *mais* groça athe madrogada as | aguas zuava *que* parecia omar aqui | esbaro *por* hoje o *mais* para amaham **hia me** | **esqueçendome** digame alguma Coisa | sobre o mento da Agencia, vou conclu-|ir, as chuvas segundo as noticias de hoje | forão geral. e depois *que* vim delá devido | uma *grande* trovoadá *que* tomei em *caminho* não ti-|vi saude perfeita um *grande* de Fluço porem | sempre até; carta 488

c. apareço aqui o Diario da | Bahia de 10 publicando uma Eleição que | **sevirificoçe** ser a do João Ramos | 1v.Ramos, emtão, [emtão] o João digo o *Doutor* | Thotonio pacou adiser que eu prendia-| Eleição delle, e *que* *por* isso hé a outro foi plu-|blicado e creio trata de *minha* deminção segun-|do diseme, emtão eu logo *que* sube officiei | para *Bahia* igegindo¹⁰⁹ os ricibos dos *offícios* os quaes | meveio as mão e com eles me justifiquei-| elle Thotonio não mandou a Eleição para | villa nova faser a aporação, eu não me-| envolvo nos negocios delles estou só | apreciando de fora e conhecendo o | lado *que* está com cinciridade para seo lado | só sei lhe diser *que* aqui tem *quem* lhe atrecoi¹¹⁰. | carta 488

d. “Jornal de Noticias” de 19, procure|lhe, e veja em *que* prettesto **se pegou-|lhe** para provar sua passagem, | ou aliáz, para provar o seu proce-|dimento já por demais conhecido. | carta 387

¹⁰⁸ Por “choveu”.

¹⁰⁹ Por “exigindo”.

¹¹⁰ Por “traia”.

E aqui as hifienizações que podem ser indicativas da direção da cliticização, com em (3.2a)¹¹¹. Embora não trate especificamente desse tópico, essa questão gráfica das hifienizações, ou o fato do clítico e verbo se apresentarem com uma única palavra como em (3.2b e 3.2c)¹¹² e (3.2d)¹¹³, indica que os remetentes têm percepção da relação entre o clítico e o verbo. Isso é importante, sobretudo, nos casos de próclise.

(3.2)

a. Dezejando á *Vossa Excelência* saúde, e ventu= | ras passo á sollicitar com instancia *que* me- | empregue no seu serviço, pois sempre **me – acha | rá** prompto *por* ser | carta 1

b. Homtem 22 paçou o dia imvernado | e a 6 horas da tar[de] fexou omundo e ras- |gose as nuves *que* só parecia *que* o mundo queria | 2r.queria se arasar xouveio¹¹⁴ forte the depois | de 8 horas das 10 im diante tornou a pegar | ainda *mais* groça athe madrogada as | aguas zuava *que* parecia omar aqui | esbaro *por* hoje o *mais para* amaham hia me | esqueçendome digame alguma Coisa | sobre o mento da Agencia, vou conclu- |ir, as chuvas segundo as noticias de hoje | forão geral. e depois *que* vim delá devido | uma *grande* trovoada *que* tomei em *caminho* não ti- |vi saude perfeita um *grande* de Fluço porem | sempre apé; **Temho mevisto** a falta dere- | cruço *pois* athe opoco *que* me sobra dos selos *que* ven |do não me mandão pagar Deos *guarde* o Dr. |visitas aos *Doutores* e *aminha* Comadre do Seo *Compadre* |Amigo e *muíto* obrigado | carta 488

¹¹¹ Constam, ainda, outros interessantes exemplos de hifienizações.

Embora alguns sejam de final de linha há, outros que não o são como em (v), com verbos finitos.

(i) Na- | falta do Sabino fiquei com- |pletamente *sozinbo*, porque o *Prezidente* | do *Conselho* não ajuda, sinão e | *unicamente* com a-a signatu- | ra; *para* tal trabalho **tem me- | auxiliado** *Jose* Ramos, *que* o tenho | 2r. utilizado *muíto*. carta 461

(ii) No dia 18 as 6 horas da tarde **me- | foi intregue** sua presada carta | de 13 deste, e no mesmo envolu- |cro vierão diversas, que entreguei | a seus donos, sendo algumas in- |tregues no *mesmo* dia 18, e outras | no dia 19. carta 370

(iii) Outro sim, sei do meo com- |promisso *que* ja tenho consigo, tenho percurado me- |us recurços daqui, dacadá, e *que* hoje estou rezolvi- |do imcomodado, não tenho geito, *para* vêr siassim | posso trevessar oresto destacruz; tendo nós imverno | *Deus* sendo cervido, sei *que* *Vossa Excelentíssima* (*pois* assim me disse) não | adianta *mais dinheiro* *avaqueiro* quem todavia ainda *mesmo* assim | miatevreo, e comfio em sua generozidade *que* **há de- | miauxiliar** no seguinte sentido. carta 445

(iv) **Quer me- | paricer** que o Dr. Fraga não | acceita, e neste cazo se o candi- |dato for pessôa desconhecida no- | districto haverá probabilidade de | entrar no 2. escrutinio, eneste | cazo com qual dos 2 liberaes, qu- |1v. qual será oprocedimento ao elemen- |to de nosso amigo Dr. M. Mou |ra no cazo do 2.º escrutinio cor |rer entre o conservador eo Dr. | Spinola: rogo-lhe de me dizer | sem demora o que pensa – com | bastante franqueza. | carta 121

(v) Remeto-lhe pelo | *compadre* Manoel os recibos, ficando a- |inda o ultimo de 271\$ que tomou | por conta d'elle, *para* conclusão do ser- |viço em 10 do *corrente* hoje findo. Conti- |nua a secca, e os prejuisos, não sabe- |mos the quando Deos de **nos-castigar,** | se compadecerá. carta 469

Em contexto de próclise categórica com dependente “sem cabeça”.

(vi) Rogo á *Vossa Excelência* **me–recomende** |aos *Excelentíssimos Senhores* Telles, e *Antonio* | Augusto. | carta 1

¹¹² Exemplo retirado de Quintino José Gallo, baiano, natural de Tucano, nascido em 1819.

¹¹³ Exemplo retirado de [Francisco Ferreira de] Britto, Coronel da Guarda Nacional, Juiz de Paz e Vereador em Itapicuru/Bahia, em 1891.

¹¹⁴ Por “choveu”.

c. Muito **tenho medado** com o Tenente e continuo elle| me dice *que* lhe presa e *que* meo compadre he| *muíto* Amigo do Padrinho e tio delle *que*| mora na esplanada. carta 485

d. Não fosse merecedor, mas|como a eleição estava perto *que*| meprestaria aesta depois| que lhevisse por que não sei| seo ceo ricentimento he deforma| que eu oacompanho em [to]|do centido Digame como ver|dadeiro amigo com franque|za pois ja **tenho lhedito** *que* so V. eso| V. emais ninguém. Apareço| breve elhe trazer odinheiro do Mel|quides pois não oaxei nas canas| esim navarzia Salgada| carta 403

No exemplo (3.3), há a sugestiva inserção posterior <> do clítico¹¹⁵ feita pelo vaqueiro João Vieira de Andrade.

(3.3)

He oportador dapresente o Alipe| lí contara deminha vida sobre| otrabalho dagrande peleija em-|que <mi> vivo por rasão da grande ceca| carta 431

Associados a esses casos, há outros fenômenos que mostram modificações no sistema de clíticos: substituição de clíticos por pronomes não-clíticos e modificação no sistema de caso, como demonstrado abaixo e, em seguida, os exemplos ilustrativos.

Pessoa/Funções	Acusativo	Dativo
1 ^a	me	me
2 ^a	te/ lhe/você	te/ lhe/a você/para você
3 ^a	o/ ele	lhe/a ele/ para ele

A. Modificações no dativo

Alternância do clítico **lhe** com preposições **a/para**.

- Segunda pessoa

Substituição do **lhe** pela forma preposicionada **a/para vosmicê**

(3.4) **A vosmicê**

a. Saudades áos Amigos_ **Rogo a Vosmicê**| me mande o Subsidio, se o|tiver entrado. |¹¹⁶ carta 9

b. Há poucos dias **escrevi a Vosmicê**, e porisso nada ocorre á dizer. |carta 11

c. Já **escrevi a Vosmicê**, e lhe dei parte de| ter vendido a sua parelha de Cavalos por 300\$000 Reís para o| Marquez deSanto Amaro, tomei esta resolução, meditando nas ava-|rias, á *que* são sujeitos os folegos. carta 13

¹¹⁵ Além de outros casos com verbos não finitos.

¹¹⁶ Corrosão.

d. O meu maior prazer é *que Vosmice* minha | Madrinha e todos de nossa *Familia* tenham | sempre gosado perfeita saude e felicidades | aceitando com todas minhas vistas de Xiquinha eas nossas que até **apresenta** | *Vosmice* ao Dr. vamos passando sem maiores novidades. | carta 119

e. O nosso distinto amigo *Senhor* | *Tenente Coronel* Carlos da Cunha Peixoto pediu-me | para **dirigir** esta carta a *Vosmice*, *para por* seu inter|medio remetter lhe os Titulos da Fazenda Pey|auhý, *que* elle comprou enmão do nosso finado | Pai ou do Finado Jesuino eos Irmãos este | *amigo* tem grande percizão] *para* | saber das demarcações da referida *Fazenda*, | por tanto **peso a Vosmice** mandar os titulos | se estiver em seu poder ou então procu|v.rár em mão dos filhos do finado Je|suino e remetterme pelo proprio que ca | vai a este porem, incluso essa escritura | tambem uma procuração para *Vosmice* | requerér por mim ao *Senhor* Dr. Juiz | de Direito da *Comarca*, os meus direitos de | Eleitór como tal ahi fui qualificado | e fazêr oque mais for nessessario o tal | respeito carta 119

f. Acabo | de receber cartas da *Babia* que disem | estar os Deputados descontentes | com o Governador por isso o que | a eleissão será alterada ou demiti- |do o Governador. Eu não serei | despretijiado com a derrotta e | sem a Deputação que a *minha* re|velia apresentarão o meu nome | Em vista do que **expus a Vosmice** | carta 125

g. Porem a liberdade de **apresentar a** | *Vosmice* e aos nossos parentes e amigos como | candidato na proxima eleição para De|putados provinciais o Dr. Manoel | José dos Reis, que acaba de ser depu|3r.tado na legislatura que findou-se | por esta capital, onde reside e é advō|gado. O lima Rodrigues – [...]117- | acha que não podemos mais fazer | um deputado provincial, e havemos | de mostrar-lhe que fazemos no | primeiro escrutinio. | *Vosmice* escreve a elle e aos novos | amigos, pedindo-lhes que escrevão | tambem para Monte=Alto. carta 126

h. Sua Tia fica vigorosa, e os meninos de Petro-|polis em boa saude: todos **se recomendão** affectuosamente | a *Vosmice* á Emilia, e as meninas, e á todos os nossos. | carta 16

(3.5) Para Vosmicê

i. Hontem depois de já ter **deitado** na cai|xa uma carta **para V.**, ao meio dia | recebi um chamado do *Doutor* Ribeiro- | dos Santos, e como estav[a]118 o almoço na | meza, fui primeiro almoçar e lo-|go depois, quando já estava prompto | para sahir veio o criado novamente | chamar-me; segui immediata- |mente, e alli chegando encontrei | com [com] o *Doutor* Ribeiro e *Bahia*; | perguntarão-me elles qual o meio | mais facil de lhe dar um aviso | urgente, | respondi que telegraphan-|do *para* o Timbó, responderão-me | *que* não éra possivel ser-lhe trans-|mittido este aviso pelo telegrapho | que dependia do maior sigilio; | carta 381

- Terceira pessoa

Alternância de construções **a ele** com a construção brasileira **para ele**.

(3.6) A ele ~ com a função benefectiva para ele

¹¹⁷ Ilegível.

¹¹⁸ Rasgado.

a. Agora| digame onde le procurava| V. em suas fazendas apello| para o Martinho que inda Sa|bado nos vimos eoque man|dei dizer por elle antes da ul-|tima eleição que V. mandasse| a lista **dei aelle** on° de 500| eleitores equè V. dividisse| com seos candidatos fizece| logo a distribuição pois não| fis posso fazer mande os nomes| e divida on° assino tudo| carta 404

b. Recebi sua carta selada on-|tem que respondo, o Profirio| ainda não veio porèm deixou| o cavalo eu ainda não ovi porèm di|semme que he muito bom e do 2º man|do e grande em comenda esta| que V. **fes aelle** atras emos porèm| logo que xegue elle vai escrevi¹¹⁹ para| [...] ¹²⁰ [...] ¹²¹ aelle não pode demorar| carta 405

c. **Peço para elle** uma|2r. recommendação á| algum advogado amigo| seu nesta Capital, onde| elle possa praticar me-|diante mesmo um| pequeno ordenado.| carta 230

B. Modificações no acusativo

- Segunda pessoa¹²²

(3.7) Vosmicê

Desejo que esta **emcontre Vosmicê**| gosando perfeita saude, e| assim minba Tia Primos, e Pri-|mas. carta 124

Na terceira pessoa é substituída pelo **ele/ela**. E também o **lhe** em expressões acusativas.

- Terceira Pessoa

(3.8) Ela

a. Estou achando **ella**| muito abatida e fraca muito du|ente. apesar d'emeanima=|rem eu ja perdi toda espe-|rança, seja tudo pelo amor| de Deus elle me acuda. | carta 426

b. que estando| meos filhos e genro na Roça quando meu| irmão chega lá de seguida para a casa| honde elle vivi, com uma criacão de| cabra uma banda levava dentro| de uma capanga grande q'elle tem,| e foi da-lha, o troco de litros di| milho; e não fáturo Outros factos| por ter vergonha; pergunte a elle| odia que eu **encomtrei elle** pega=|do com o filho Manoel; em um to=|matoma, de Ovelhas; quem, tomou; quem,| pegou; quem, comeu; e quem furtou; per-|gunte aelle; enquanto ao Coronel Passo e| verdade que pegou 4 resis gado que| por directo sagrado pertencia| pertencerá aminba Mai, como|2r. já tentei provár e não decha-|ru de tentár, pois tenho provas de| Canudo; por pessoa que lá

¹¹⁹ Por “escrever”.

¹²⁰ Corroída.

¹²¹ Mancha por camada sobreposta de tinta.

¹²² A alternância dos pronomes dativo e acusativo com alguns verbos como **conhecer, querer, esperar, chegar e ver** ocorre também no espanhol (cf. Lapesa, 1993). O **lhe** com verbos que exigem argumentos diretos tem sido atribuído à ambigüidade para a 3ª pessoa > **a ele**. Segundo Câmara Jr. (1975), o **lhe** ao tornar-se uma forma sintática invariável, à maneira dos nomes e demonstrativos, pôde ser empregado em todos os casos, mesmo no acusativo no lugar vazio que viria a ser deixado pelo clítico **o**. A perda total do acusativo **o** e suas variantes no português brasileiro contemporâneo, além da transmutação do **lhe** para a 3ª pessoa ouvinte, **me viu, te viu, lhe viu**, foi atribuída pelo autor, às mudanças no sistema pronominal brasileiro.

esteve e viu | amorte dos filho do Déa e este | inda sobrevivio nove dias prezo | *por* isso eu não timia
aprocesso que | oPasso tentou; Sinto foi eu não | as ter vindido, forão esparamado | na istrada;
pergunte as seo *vaqueiro* | novo *quantos* cabritos engeitados recebeo | que eu n'este recinto mais | logo
tereí alguma couza adizér; | oconego Agripino retirou as delle *por* | *que* só Parião *para* engeitár; | carta
444

(3.9) Lhe

a. Não tenho tempo de escrever ao | Vigario Jaime que fomos colegas | e *que* bem me podia servir Si
meu | Tio ver *que* elle me possa servir | escreverei a elle Adeus **abrassa-lhe** | com saudades - | Seu
Sobrinho Amigo do *Coração* | José Egidio. | carta 125

b. Eu continuo emcomodado e sua | *comadre* tão bem sofrendo, os meninos | bons, que todos
visitamos-lhes. | carta 467

c. Hontem tive uma conferencia com o Mi- | randa*que muito* não *tinha* senão pacageira¹²³ | *por* o achava
muito emgorfado com povo | do Thotonio, agora já o acho tão bem | descomfiado, ainda temos mas
coisas | isso é de *minha* desconfiança isso fica *para mais* | adiante se eu virificar o *que* descomfio, |
lenbrese *que* seo velho *compadre* não **lhe** | **atracoa**¹²⁴ | carta 487

d. segun- | do diseme, emtão eu logo *que* sube officiei | *para Babia* igegindo¹²⁵ os ricibos dos *officios* os
quaes | meveio as mão e Com eles me justifiquei- | elle Thotonio não mandou a Eleição *para* | villa nova
faser a aporação, eu não me- | envolvo nos negocios delles estou só | apreciando de fora e conhecendo
o | lado *que* está com cinceridade *para* seo lado | só sei *lhe* diser *que* aqui tem *quem* **lhe atrecoi**¹²⁶. | carta
488

Destaca-se a prevalência do **lhe** de 2ª pessoa: 71,25% (446/626).

(3.10) lhe 2ª pessoa

a. Assim pois, caso \forall . queira fazer me | o obsequio de remover estas novas | *difficultades*, **peço-lhe** que
promova | uma solução *para* esta situação | pelos meios ao seo alcance, | e me communique por |
telegramma. Com fran- || 2v. quesa *lhe* digo *que* o meo desejo | é verdes lindado esse assumpto | sem demora
e seja de *que* formal fôr afim de poder orientar a *minha* vida. carta 301

b. *Excelentissimo* Sr. Conselheiro. | **Peço-lhe** encarecidamente a baixa do portador | Felicio Antonio da
Silva, soldado do 7.º Batalhão | de Voluntarios, que se bateo na Ilha de Itapirú on- | de recebeo duas balas
que *lhe* inutilizarão o braço | esquerdo, deixando no peito mal incuravel. carta 37

c. *Excelentissimo* Amigo Dr Severino Vieira | **Apresento lhe** as minhas cordeaes | e respeitosas saudações |
Provavelmente o nosso amigo | Eduardo Saboya em sua recente | viagem ao Norte, ter-lho-ha convi-
| dado, em meu nome, para dar- | me a honra de apadrinhar a | minha ultima filhinha Idalina | nascida a 20
de Abril ultimo, con- | forme opportunamente participei *lhe*. | carta 226

¹²³ Por “passageira”.

¹²⁴ Por “atraiçoa”.

¹²⁵ Por “exigindo”.

¹²⁶ Por “atraiçoe”.

d. Naquela primeira diz-me *voce* não res-|pondeu suas cartas por me ter| esquecido de vocês: o *que* tal| não é; e pior[...]127 por offencia, pois só **lhe** | **tributo** seria amizade e a todos| os seus. carta 432

e. Já deve ter *Vosmicê* recebido telegramma meu sobre a ida| ahi do meu amigo Dr. Borges Vieira, que **lhe** **apresento** agora. |carta 173

f. Em consequencia da Presada carta de| *Vossa Excelência*, de ontem, na qual exige que| eu **lhe declare**, quem na auzen-|cia do finado Pai de *Vossa Excelência* o *Excelentissimo*| *Senhor* Barão da Cahahiba, se dirijio| sempre sua Caza. carta 116

g. *Excelentissimo Senhor* Barão=|Tucano 23 de Novembro de 1898. | Saude paz e tranquillidade128 deze-|jo cordialmente em companhia da| *Excelentissima familia*-|E portador d'esta o *Coronel* Marcelino;| elle **lhe explicará** oque se manã| festa relativamente a secca horri| vel que ora aggrassa esta zona. |carta 330

i. Não pude| como \forall . pediume, e eu pretendi,| pagar seo *dinheiro* athe o fim do anno;| e mesmo ainda não o tinha hoje| toudo pronto; *porém* avista de não| de morar, **remeto** **lhe** por meo ir|mão (700\$000) sete centos mil reis,| e peço **lhe** por dizerme quanto resto. |carta 338

j. Presado *compadre* e amigo *Senhor* Barão.|*Bahia* 5 de Janeiro de 1900.|A melhor saude ao lado de todos os| entes que **lhe** são charos, *muito* esti-|mo, aureolada de todas as felicidades| e aceitando nossas vizitas.129|Por intermedio do *Senhor* Au-|gusto da Silva Ribeiro **lhe escre-|vi**, remettendo-**lhe** a “*Bahia*” do “*Jor-|nal de Noticias*” de 2 para **lhe** ir| adiantando noticias da eleição,| de accordo com o seo pedido, el não mandei mais nenhu-|ma gasêta por falta de portador| para o *Timbó*, e mesmo; o correio- de Domingo, é provavel levar sem| correspondencia. carta 391

l. Prezado Amigo Barão de Geremoabo|Tenho presente sua prezada carta de| 16 de Dezembro ultimo, e **agradeço-**lhe**** | os pezames que nos dá pelo passamento| de meu parente e nosso prezado Amigo Onofre. | A viuva chama-se Candida Galdino| d'Andrade. |Depois da eleição estadual **lhe** | escrevi communicando o resultado,| se não recebeu é por| que foi extravia-|da, recebendo sua carta na mesma| semana da eleição, nada podia a-|diantar, accertei o terço. |carta 442

(3.11) **lhe** terceira pessoa

a. Diga áo nosso Telles *que* tome esta| como sua, eu **escrevi** **lhe** hua carta de empenho, obrigado| pelas formulas deste mundo, e elle desempenhe como costuma. | *ADeus*. carta 13

b. Se for, como desejo, falsa aquella| noticia, entende te com elle e **pede** **lhe** | que me desculpe, porque a *minha* intenção| he somente não perder tempo. |carta 49

d. Nada sei de novo. Mande entregar a Iaya Carminha| a inclusa logo, faço á ella hua encomenda, e *Vosmicê* **lhe dará** | o *dinheiro* preciso, *segundo* ella dicer, como á ella mesmo digo. carta 13

e. Rogo te que mostres estas| cartas a teus collegas, porque nada | **lhes escrevo** sobre estas coisas de| guerra. |carta 52

f. Si o vires,| peço te que **lhe digas** que eu espero que elle não| passará por *Turim* sem ver o antigo amigo do| *Senhor* de Itaborahy. |carta 80

127 Rasurado.

128 Por “tranquilidade”.

129 Borrado.

g. Elle conta *muito* com V; pois| **lhe tenho assegurado** quanto V. o| estima, alem do q'*ue* elle sabe das | finesas de V. recebidas.| carta 309

(3.12) Repetição de pronome

a. Achei justo o| que *Vossa Excelência* disse sobre a| Colectoria *para* o Zeze em| vista do que tenho procu|rado outro *Amigo*, e nem| um tenho encontrado *que*| possa prestar a fianca,| ainda vou ver se con|venco a um *Amigo*, e a|vizarei a *Vossa Excelência* já|2v. chegou a nosso *Amigo* o| Alferes Sepulveda.| carta 496

b. A anna veio hontem aqui pedir-me| 10.000 *reis* emprestado, disendo-me que V,| e os meninos *lhe* havião dito, que eu ti-|nha ordem de dar-lhe algum dinheiro| de que fosse necessitando, más como não ti-|ve essa ordem sua, nem de seus filhos, dei-|xei de satisfazer o pedido d'*ella*. [a ordem] carta 367

Destaca-se, ainda, a substituição do clítico **nos** pela expressão **a gente**.

(3.13)

a. Si preocupações e affaseres | quanto **distragem a gente** | desses deveres, que se pode | adiar – Sergipe me tem feito | este anno resumir enorme- | mente a minha correspondencia.| carta 281

b. Estes senhores que se collocarão chefes,| **xingando a Gente** não vão bem, muitos homens| do centro não crêem no que escreve a Gazeta| eu mesmo que me prezo de não <ser> dos piores sol- | dados, com franquesa digo a *Vossa Excelência* que não confie | nos actuaes generaes e como eu muitos assim | pensão: o Sr. de Guahy nem mais quer ser can- | didato a deputado geral, vai se guardar |2v. como fês o *Conselheiro* Franco para somente pretender o | Senado, entretanto que elle mesmo foi quem mais | concorreo *para* dismoralisação do partido [pro]tegend o | aos Durvais Covas e seo rancho, faltando [aos] pe- | didos que *lhe* fasião os correligionarios não para | seo proveito, mas *para* ben do partido. | carta 412

3.1.2 Tipos de clíticos

A tabela 3.1 mostra a distribuição e a quantificação dos clíticos em CB. Na tabela 3.2 são estabelecidos alguns paralelos com o sistema de pronomes do português europeu com base em Galves (2001 [1994]) e do português brasileiro contemporâneo com Abaurre e Galves (1996) e Monteiro (1994 [1991]:196), entre outros.

Tabela 3.1 Tipos de clíticos em todas as orações em CB

Número/Pessoa	Singular	Nº	Plural	Nº
1ª pessoa	me	1173	nos	100
2ª pessoa	te	104	vos	52
Singular/plural				
3ª pessoa	o, a, os, as			340
3ª pessoa	lhe, lhes			626
3ª pessoa	se			764
Contração e combinação de clíticos (ou grupos clíticos)				
	mo, to, lho, lha, no-lo, vo-lo, se-lhe, se-me, se vos, etc.			37
TOTAL				3.196

Tabela 3.2 Dados comparativos dos tipos de clíticos: CB; Monteiro (1991); Abaurre e Galves (1996) e Galves (2001)

Tipo de clíticos	Século 19	Português brasileiro contemporâneo		Português europeu moderno
	CB	Monteiro (1994 [1991]:196)	Abaurre e Galves (1996)	Galves (2001)
me	1173 36,70%	519 26,0%	48 27,9%	30 16,8%
te	104 3,25%	12 0,6	3 1,7%	2 1,1%
nos	100 3,12%	86 4,3%	5 3,0%	16 9,0%
vos	52 1,70%	-	-	2 1,1%
lhe ¹³⁰	626 19,58%	47 2,3%	1 0,60%	28 15,6%
o/a	340 10,60%	73 3,6%	10 5,8%	19 10,6%
se	764 23,90%	1.266 63,2%	105 61,0%	82 45,8%
Grupos clíticos	37 1,15%	-	-	-
Total Geral	3.196	2003	172	179

O clítico **ME**

Chama a atenção o grande número de clíticos **me**, mas isso pode ser explicado pelo tipo de documentos, cartas, que favorece o uso da 1ª pessoa do singular.

(3.14)

a. **Assegurão-me** que o Juis de Orfãos do Termo | do Rio pede sua demissão. carta 96

b. O Terencinho está em casa do| Pai na Estação do Sitio do Meio, posso| lhe garantir, por que no dia 20 quando| fui ao Timbó **embarquei-me** com o Pai| d'elle e este disse-me estar elle em casa,| e na *minba* volta no dia 22, o vi na ja-|nella e disse-lhe adeos, *mæmo* do trem.| carta 382

c. Eu **me reservo** para com| a vista conversarmos sobre| este negocio, que é longo e| vem de longe, pois devemos| isto a afamada politica dos| governadores, inaugurado| 2r. pelo illustre cidadão, que vae| deixar o governo a 15 de novem-|bro proximo. carta 281

¹³⁰ 71,25% correspondem ao uso de 2ª pessoa, como será mostrado adiante.

d. Este Minis|tro veio foi garantir ao Vian-|na, e é tão certo *que* o filbo do Le|tão disse na Serrinha que elle vi-|nha garantir o Vianna|3r.E demitir o Oscar, e *que* o Pai| ia com o marechal para Ca-|nudos: mas depois *que* o| tal marechal **chegou| me** a Queimadas e Monte Santo,| conhecendo a força *que* o Os|car tinha com ás forças,| caio dos quartos e então fi-|cou em Monte Santo. carta 435

O clítico **TE**

O percentual do clítico **te** é de 3,25%. Embora baixo, fica apenas acima do clítico **vos** e dos **grupos clíticos** com 1,15%, e dos índices encontrados no português contemporâneo, 0,6% (cf. Monteiro 1994 [1991]) e 1,7% (cf. Abaurre e Galves, 1996) e do português europeu moderno, 1,1% (cf. Galves, 2001). Nos dados de Chociay (2003) em seu estudo sobre a história do português europeu, baseado no CTB, esse clítico aparece como um dos menos usados, 22/2390.

Por outro lado, seria interessante verificar se tais construções em CB apresentam a flexão verbal correspondente, uma vez que há no português brasileiro contemporâneo um sincretismo com a entrada de **você** que utiliza as formas verbais de 3ª pessoa (cf. entre outros, Duarte, 1993). Em CB, como visto, anteriormente, há modificações do dativo, exemplos anteriores (3.4) e (3.5) e **você** na função de acusativo exemplo (3.7).

(3.15)

a. **Pesso-te** muito que o procures, eque cultives sua boa e prestante amizade. Que saudades nos causa elle a todos os Brasileiros, que o amava-mos pela| sua pessôa, e respeitavamos *por* suas qualidades! carta 32

b. Houtrora **te escrevi** sobre o pedido| feito pelo Osorio de roupa de inverno no| Rocha Faria. carta 56

O clítico **NOS**

Quanto ao uso de **nos**, não há diferenças significativas entre o número de clíticos em CB, 3,12% e o português brasileiro contemporâneo, 4,3% (cf. Monteiro (1994 [1991]:196)) e 3,0% (cf. Abaurre e Galves, 1996). No português europeu, esse índice é maior, 9%.

(3.16)

a. Neusinha e eu **constristamo-nos|** muito com o topico da carta, que *VossaExcelência|* escreveu a D. Carolina, referindo, que| tivera noticia de nosso casamento,| por intermedio do digno representan-|te de *VossaExcelência*, o *Senhor* Dr. João Kãpk. | carta 267

b. O nosso distincto| amigo Dr. Paulo Guimarães digno deputado por| esse Estado, é de opinião que façamos essa pu-|blicação e nes'se sentido **nos entregou** o cartão| que incluímos. carta 290

c. Logo *que* tivêmos sciencia darapi|da viagem de *Vossa Excelência* e *Excelentíssima* Sra Baronêza| ficamos desagradavelmente impressiona|dos e em continente manda-mos| um portador saber do amigo *Doutor Totonbo*| aqui havia de real – infelizmente| elle **nos confirmou** agrauidade da no|ticias – mas que esperava noticias dadas por *VossaExcelência*.|carta 350

O clítico **VOS**

O clítico **vos** também apresenta poucas ocorrências, apenas 52. Além disso, restringem-se às cartas de apenas 10 remetentes entre os 217. A maior quantidade foi extraída das cartas da baiana de 23 anos, Maria Augusta Ferrão de Argollo, dirigidas ao seu pai, o barão da Cajaíba, 61,53% (32/52).

(3.17)

a. **Mando-vos** 1 frigideira, 1 prato com| sururus 12 mangas e 4 padas de pão _| accetae tudo, como pequena prova| do subido amôr filial que **vos consagra**| Vossa filha e amiga fiel até o tumulto. |carta 109

b. Recebi vossas charas lettras vindas por Silverio| Francisco e Paulino, sinto vosso encommodo| do qual espero já **vos achareis** livre, na verdade| o excesso foi grande, meu Pae, assim **vos -| molestaes muito!** e isto por amor por vossos| filhos! carta 111

Com exceção de 4 casos de **vos** registrados em um único remetente, as demais ocorrências são esporádicas.

(3.18)

a. **Rogo-vos** o espe-|cial obsequio de recommen-|dal-o a uma pessoa de vossa| amizade afim de que elle consi-|ga o que pretende com a possi-|vel brevidade. carta 123

b. Nos primeiros dias d'este mes| **vos escrevi** pedindo todo o favor e pro-|tecção em favor do vosso estudante| o Sr. Galdino de Freytas Travassos. |carta 104

c. Minha Mãe não **vos| escreve** porque não pode| e está muito veixada. |carta 436

d. Com os mais attenciosos cumprime-|ntos **vos apresento** o XI volume dos “Archi-|vos do Museu, declarando ao mesmo| tempo que aguardarão as nossas or-|dens, para que tenham conviniente| endereço, 22 volumes da mesma publi-|cação destinados ás bibliothecas – da Esco-|lla Agricola da Bahia, do Instituto His-|torico e Geographico, do Museu, da Facul-|dade de Medicina, e bibliothecas municipi-|paes das cidades de *Santo Amaro*, *São Francisco*,| *Cachoeira*, *Maragogipe*, *Nasareth*, *Valen-|ça*, *Camamú*, *Ilhéos*, *Canaveiras*, *Porto-|Seguro*, *Alcobaça*, *Caravellas*, *Joaseiro*, *Fei-|lvra* de *Santa Anna*, *Jacobina*, *Lençoes*,| *Caetité* e *Barra do Rio Grande*.| carta 214

e. Confidencial: Logo que aqui cheguei segui *para* as Pia=*bas* a scientificar ao *nosso* amigo (chamo-o de amigo | porque, como talvez já tenhais sabido pretendo unir-*me* em casamento com sua filha Elvirinha, que | não **comuniquei-vos** por não termos marcado | o dia, deixando para fazer a devida communi=*cação* n'essa data, quando tenho de pedir-vos a | dar-me a honra de ser o meo paranypho) do que | 1v. mandastes dizer-lhe e *também* do que eu disse-vos | concernente aos candidatos do 5º districto. carta 318.

f. Em *quanto* as du-*as* cartas *que* o meu cunhado | lhe escreveu de *pois* da mor=*tede* meu tio e sôgro a=*primeira* que *Vossa Excelência* accuza | não ter recebido e a 2ª | sem dacta esta foi escri-*pta* em nossa caza | no dia 13 de *Março* do *mesmo* | anno *pois* fui eu *quem* adi=*verti* a elle *que* podia lhe es-*crever* visto ter ficado | em logar de seu pai em | 2r. *companhia* de 3 irmãs, sendo | esta criança hoje nasceu | em 6 de *setembro*¹³¹ *pois* nasceu | de 1876, de *pois que Vossa Excelência* | já era proprietario no Regalo, | desde *novembro*¹³² de 66 eu *que vos* | **conheço** desde sua infancia | d'aquido Caritá fui *quem* | disse a elle *que* podia commu-*nicar*-lhe em logar de seus | pai, *que* a vossa palavra | sempre valeu e vale tudo. | carta 425

Os GRUPOS CLÍTICOS

Também os grupos clíticos apresentam poucas ocorrências, indicando o seu posterior desaparecimento no português brasileiro contemporâneo. Houve também poucos casos de associação de clíticos dativos com **se**.

(3.19)

a. Quanto aos meus deveres, **diz-m'ô** | a consciencia, desempenho-me | d'elles com a precisa correção, sem | poupar esforços para bem corres-*ponder* a confiança com que nume | rou o Governo. | carta 224

b. *Vosmice* diga ao Henrique que eu lembro | sempre o seu nome ao Prisco, que o famo | juiz de direito antes da abertura da nova | Camara, assim **m'ô prometteo**, e elle é | seu amigo. | carta 126

c. Tem paciencia, que o que te | digo he de amigo e **digo-t'ô** | só a ti. | carta 63

d. Recebi tua carta | e somente hoje | **t'a respondo** porque | andava atarefa-*do* em cumprir | tua ordem. carta 172

e. não há muitos dias que estando | meos filhos e genro na Roça *quando* meu | irmão chega lá de siguida *para* a casa | honde elle vivi, com uma criação de | cabra uma banda levava dentro | de uma capanga grande q'elle tem, | e **foi da-lha**, o troco de litros di- | milho; e não fáturo Outros factos | *por* ter vergonha; pergunte a elle | odia que eu encomtrei elle prega=*do* com o filho Manoel; em um to=*matoma*, de Ovelhas; *quem*, tomou; *quem*, | pegou; *quem*, comeu; e *quem* furtou; per-*gunte* aelle; *enquanto* ao Coronel Passo e | *verdade* que pegou 4 resis gado *que* | *por* direicto sagrado pertencerá | *aminha* Mai, como | 2r. já tentei provár e não decha-*ru* de tentár, *pois* tenho provas de | Canudo; *por* pessoa que lá esteve e viu | amorte dos filho do Déá e este | inda sobrevivio nove dias prezo | *por* isso eu não timia aprocesso que | oPasso tentou; carta 444

¹³¹ No original está grafado “7bro”.

¹³² No original está grafado “9bro”.

f. O Instituto d'Agricultura tem | aqui excellentes sementes ou mudas de | canna de Cuba, e **lh'as enviarei** logo | que fôr occasião opportuna, isto é, | quando me avisár que o terreno está | preparado para recebêr a nova plan- | tação. | carta 179

g. Si no copiar um retrato, **arrebi- | -ta se-lhe** o nariz hoje, engrossam se lhe mais os | labios amanhã, repassam-se tintas ao depois, | acaba se por desfear lhe as feições, e reprodu- | zir-se uma Caricatura. | carta 158

h. Doente desde Dezembro, muito **se me aggravou** o mau mas | desde Fevereiro, com hu) ataque de cabeça, do qual não estou | ainda escasso, *Vosmice* terá idea do meu estado, *quando* eu lhe di | ga *que* nem assignar o meu nome eupodia, hoje mesmo | eu não posso ainda fazer applicaçam, e por isso não sou ex | tenso. carta 8

O clítico **LHE**

O **lhe** é o terceiro clítico mais usado em CB, representando 19,58% do total. Esse percentual é relativamente próximo do número de ocorrências do português europeu (15,6%), mas, como visto, com um comportamento distinto, uma vez que em CB prevalece o **lhe**/2ª pessoa, 71,25% (446/626), exemplos (3.10), como visto.

(3.20)

a. **Acho-lhe** rasão, e melhor | seria que abandonasse de vez a po- | litica, por que, a não ser uma oppo- | sição séria em todo o Estado e bem- | arregimentada, não valle apenas: | más com que garantias ficão os seus | amigos que *tanto* se sacrificarão, acarretan- | do as maiores odeosidades, por contarem | com o seu apoio e do *Doutor* José Gonsalves? | carta 371

b. **Escrevo lhes** ás pressas, para ainda | aproveitar o vapor, e, por isso, desculpe | a concisão desta carta. | carta 227

c. Já escrevi a *Vosmice*, e **lhe dei** parte de | ter vendido a sua parelha de Cavalos por 300\$000 *Reis* para o | *Marquez* de Santo Amaro, tomei esta resolução, meditando nas ava- | rias, á *que* são sujeitos os folegos. carta 13

d. *Por que* elle esteve com meo *compadre* em | Macará não insistio *para* meo *compadre* | voltar *por* aqui *que* muito aproveitava | *mais* não **lhe comvinha** a elle. | carta 487

O clítico **O/A**

O percentual de clíticos acusativos **o/a** no século 19 em CB também se aproxima do encontrado no português europeu moderno, mas, a exemplo do que ocorre com o **lhe**, há modificações no sistema de caso em que a 3ª pessoa é substituída pelo **ele/ela** (exemplos 3.8). E também o **lhe** em expressões acusativas (exemplos 3.9).

(3.21)

a. O Cesar mandou-me hu)a|conta honte de dous Sobrecazacos, **refuguei-a**, por que apesar| da fraqueza¹³³ de minha memoria, recordei-me *que Vosmice* recambiara a| preta, *por* não lha-haver encomendado, dando-a ao Professor| *para* a - levar; mas este usa della, e á Cesar dice *que* dalli hou-|vesse a paga. carta 13

b. O Terencinho está em casa do| Pai na Estação do Sitio do Meio, posso| lhe garantir, por que no dia 20 quando| fui ao Timbó embarquei-me com o Pai| d'elle e este disse-me estar elle em casa,| e na *minha* volta no dia 22, **o vi** na ja-|nella e disse-lhe adeos, *me*mo do trem.| carta 382

Clítico **SE**

Depois do clítico **me**, o clítico **se** é o que apresenta o maior número de ocorrências. No português brasileiro contemporâneo e no português europeu moderno é o mais freqüente. Galves (2001:127) destaca que, nos dados sincrônicos do português brasileiro, 62% (65/105) correspondem a verbos pronominais (calar-se, referir-se, etc.). Depois, o uso mais freqüente é o **se** com função de indeterminação do sujeito, 25% (26/105). Essa função é também a mais freqüente no português europeu moderno com 49,3% (38/81).

A tabela 3.3, abaixo, apresenta o percentual do **se** com relação às suas funções em CB em orações com verbo único. Em CB, também os lexicalizados (pronominais, reflexivos e recíprocos) apresenta um índice elevado, embora com menor percentual quando contrastado com apassivadores e indeterminadores do sujeito¹³⁴.

Tabela 3.3 Distribuição dos valores do clítico **se** com verbo único em CB

Valores do se / Orações com verbo único	Nº %
Lexicalizados (pronominais, reflexivos e recíprocos)	181 40,7%
Apassivador e indeterminador do sujeito	264 59,3
Total Geral	445 ¹³⁵ 100%

¹³³ Borrado.

¹³⁴ Sobre as funções do **se** e problemas de definição (cf. Monteiro, 1994).

¹³⁵ Exclui 15 ocorrências de expletivos.

(3.22) Lexicalizados (pronominais, reflexivos e recíprocos)

Pronominais

a. O pai dessa *mulher* foi *quem* pediu| a elle, que coitado, embora reco-|1v.nheça o procedimento pessimo| da filha, é pai e **deve apiedar-|se** de sua miseria. carta 441

b. Rogo á *Vossa Excelência*, de accordo com o seo offercimento **se digne** nomear Inspector da Barra do Rio| Grande o Capitão de Fragata Carlos Frederico| de Noronha, o qual deverá seguir d'aqui com= |mandando o vapor carta 183

Reflexivos

c. O Conselheiro **conser-|va-se** no seu solio dan|do suas ordens e baixou uma ordem do dia dizen-|do a seus adeptos, que lo-|go que acabasse esta| lucta iam arrazar tudo desde o Cumbe, Monte Santo, Pombal, Tucano,| Soure!! e Itapicurú, e| fazendo brinde das *se|guintes* propriedades: |3r.as fazendas pertencentes a *Jose| Americo* e Dr. Americo, ao| frei Matheus – propriedades e En|genho do *Coronel Antonio Ferreira* de| Brito em Pombal à *João Abb-|ade*, o seu Engenho Camocia| tá depois de assassinar-lhe, |a *Jose Villa nova* – e outras | *mais* propriedades a outros. | carta 319

d. O Ministro Maia tendo tudo preparado para| ser paga a indemnisação de *Santa Catarina*, cuja historia já *Vossa Excelência* sabe, **irritou-se** por ter o *ministro* da| Fazenda retardado esta, e feito processar rapida-|mente, cinco outras, cujos pagamentos exigião| 2r. do Presidente. |

Recíprocos

e. Os reposteiros, as senefas os| salamaleques em cima de tapetes começam mais| depressa do que aquellas gaitadas sem cerimo-|nia, com que durante tantos annos, o deputado|2v.e o Senador se desopilaram das contrariedades da| via nas alturas, confabulando e brincando com| o mestre escola, hoje convertido em imbelhão, mas| tão immutavel ora escrevia da sua pessoa quanto| cambiante no officio, em que moureja. Carta 274

(3.23) Indeterminador do sujeito e apassivador

Indeterminador do sujeito

a. Como o tenho *por* calisto, sempre tive| *muita* duvida sobre a verificação do seu despacho, que se| antolhava tão facil: **esperou-se** mais de 15 dias pelo| *Ministro* da Guerra, o qual declarou que não podia ser Delegado| senão um Medico pertencente ao Corpo deSaude do Exercicio,| que tenha assentado praça etc: e esta? carta 15.

b. Isto he urgente. Por Deos, não me| respostas com um adiamento. | Como por aqui **se espalhou** que o Lobo| estava doente, não me diriji a elle e sim| a ti. Se for, como desejo, falsa aquella| noticia, entende te com elle e pede lhe| que me desculpe, porque a *minha* intenção | he somente não perder tempo. |carta 49

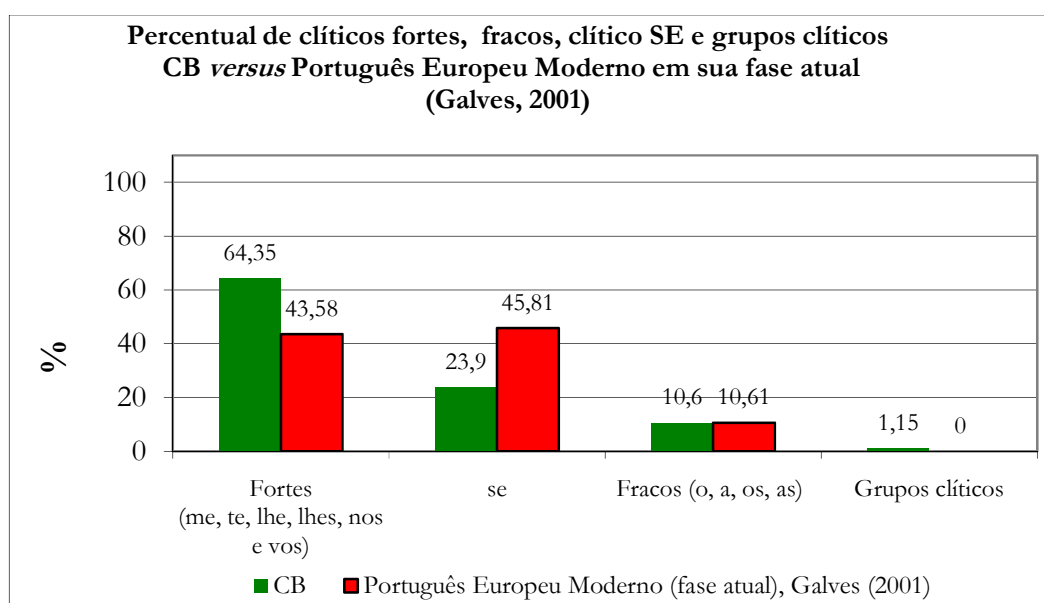
Apassivador

c. Eu considero isso como uma|verdadeira indisciplina partidaria,| mas as opiniões, muitas vezes **mu|dão-se** por vaidade ou interesses | mal entendidos e por isso venho| 2r.por meio desta exigir-lhe

toda a | franqueza, para como chefe do partido | nessa localidade, tomar as providen | cias que o cazo merece. carta 196

Para sintetizar esses dados, reagrupo os clíticos apresentados nas tabelas 3.1 e 3.2 em quatro categorias, 1. os chamados clíticos fortes, **me, te, lhe, lhes, vos e nos** (2.055); 2. clítico **fraco o/a**; 3. o clítico **se** (764) e 4. os residuais grupos clíticos (37). O resultado comparado com dados do português europeu (cf. Galves, 2001) é significativo, porque diferente desse, em CB há desproporção entre os clíticos fortes e o **SE**.

Gráfico 3.1



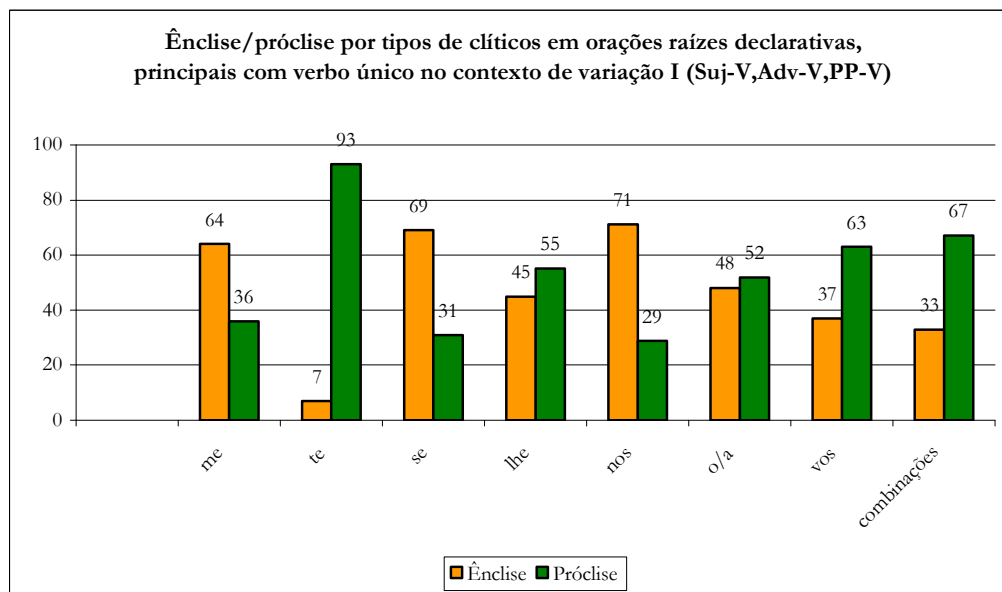
O segundo ponto considerado é a colocação dos clíticos no contexto de variação I na tabela 3.4. Conforme já referido, nesse contexto se tornam mais evidentes as mudanças em direção ao português moderno (cf. Galves, 2002 e GBPS, 2005) e definem o português brasileiro contemporâneo.

Tabela 3.4 Ênclise/próclise por tipo de clítico no contexto I de variação com verbo único em CB

Tipo de clíticos	Orações raízes declarativas afirmativas, principais, com verbo único em segunda posição Contexto de variação I (Sujeito neutro, sintagmas preposicionais e advérbios não modais)		
	Próclise	Ênclise	Subtotal
me	38 36%	69 64%	107
te	13 93%	1 7%	14
se	17 31%	38 69%	55
lhe	27 55%	22 45%	49
nos	2 29%	5 71%	7
o/a	11 52%	10 48%	21
vos	5 63%	3 37%	8
combinações	2 67%	1 33%	3
Subtotal	119 45%	145 55%	264

A distribuição da ênclise/próclise por tipo de clítico pode ser visualizada de forma mais clara no gráfico 3.2.

Gráfico 3.2



Além da orientação para a ênclise do clítico **se**¹³⁶, o clítico **me** e o clítico **nos** também favorecem essa colocação¹³⁷. Por outro lado, a próclise é majoritária em CB com **lhe**, **vos**, **o/a** e **te**. Destaco, como significativa, a próclise com o clítico **o/a** (cf., também, Pagotto, 1992). Nos seus estudos, registra 100% de colocação pré-verbal¹³⁸. Olhando no geral dos dados em CB, vê-se que, embora a ênclise seja levemente favorecida em todos os tipos de clíticos, há evidência da próclise. O clítico **o/a** não acompanha a direção verificada no português europeu.

Já a tendência de o clítico **te** de se comportar como proclítico se verifica nos dados históricos do português europeu¹³⁹. Em CB, essa tendência, que parece ser própria do português, também se confirma, com apenas 1 caso de ênclise. Monteiro (cf. 1994 [1991]:196), em seu estudo

¹³⁶ Chociay (2003), que estuda o papel do clítico ao longo da história do português europeu com base em CTB, chama a atenção para o fato de que o clítico se eleva o percentual de ênclise antes do século 18. A próclise, no entanto, é mais geral. Somente no século 18 é que começa a aumentar o percentual de ênclise, chegando a atingir 98%.

¹³⁷ O clítico **me** em Ortigão atinge 92% de ênclise e o **nos**, 100% (cf. Chociay, 2003).

¹³⁸ O percentual do clítico **o/a** com ênclise é inferior ao encontrado no português europeu do século 19. Chociay (2003) ilustra as mudanças no português europeu com autores de CTB (cf. lista no capítulo 1) e mostra, por exemplo, que Ortigão, nascido em 1836, usa 98% de ênclise. O percentual de 60% foi registrado com Alorna, nascida em 1750. É interessante ver no trabalho de Chociay que o **lhe**, que geralmente aparecia em próclise passa a ser lentamente afetado pela ênclise a partir de 1750. O clítico **vos** também é raro e proclítico, tanto no português europeu (apenas Garção, nascido em 1724, apresenta 20% de ênclise), como no português brasileiro. É interessante destacar que o salto brusco para a ênclise no português europeu acontece com Garrett (83%), nascido em 1799, considerado o primeiro autor representativo do português moderno. Antes com Alorna, nascida em 1750, o percentual era de apenas 6%. Essa mudança drástica levou a autora a concluir que o clítico **o/a** atua sobre a ênclise no português europeu moderno.

¹³⁹ Nos dados analisados por Chociay, apenas 2, entre os 22 casos de **te** (2.390), ocorrem com ênclise.

do português brasileiro contemporâneo, não registrou ocorrências de ênclise com esse clítico. O único caso de ênclise no contexto de variação I em CB consta abaixo:

(3.24)

Meu caro Severino,| de coração **desejo-te** as maiores| felicidades. carta 299

Embora, em outros contextos de variação, haja mais casos de ênclise, como em orações com verbo precedido de orações dependentes.

(3.25)

a. Se ahí me agredirem, **autorizo-|te** a dizer que embora os artigos| sejam bem pensados, bem escriptos| não são meus. carta 57

b. Si o vires,| **peço te** *que* lhe digas que eu espero *que* elle não| passará *por* Turim sem ver o antigo amigo do| *Senhor* de Itaborahy. | carta 80

c. Não sabendo para que ponto de tua pro-|vincia devo mandar a carta inclusa para| nosso amigo Pedreira, **peço-te** que lhes dês a| direcção conveniente e segura. | carta 102

d. Os mais, se não| te escrevem, **acreditem te** o mesmo, e a caminho| do Cattete, onde a melhor preliba já os| acheis de passeio no Parque pelo braço do| Presidente e a frequencia do Cynico no camarote| do Dito. Em todo o caso, ninguém, a comadre| as evitem que tem apreciação das cousas, per-|de mente o quanto ao bem estar que a fizer| deve á tua protecção. Crta 272

e. Por| agora, se entenderas possivel, **peço te** a remessa| de suas cartas, uma ao Rodrigues Alves e outra| ao Silviano afim de que elles, junto á bancada| dos seus Estados, se interessem contra o projecto| da divisão – pedido que não acho indiscreto desde| que te declaro que o *Campos* Salles, tendo me mandado dizer| que se interessava pelo mesmo projecto, disse-me tambem| não se prendia elle á restricção, com que fez| a minha nomeação; e, assim, não tendo tu, por parte| d'elle, sciencia de que tenha interesse, ficas em *muito*| melhores condições para te oppor ao que não foi com-|binado de que elle poe sophismas o seu compromisso. | carta 272

f. Se for, como desejo, falsa aquella| noticia, **entende te** com elle e pede lhe| que me desculpe, porque a *minha* intenção| he somente não perder tempo. | carta 49

g. Ensina meu nome a teu filhinho, e tu mesmo| **lembra-te** do teu amigo_| carta 32

3.2 Orações finitas com verbos simples e em grupos verbais

3.2.1 Classe de orações

Como referido, o português europeu moderno se caracteriza pela colocação da ênclise em determinados contextos finitos como o contexto de variação I: orações raízes declarativas afirmativas, principais, com verbo em segunda posição antecedido por sujeitos neutros, sintagmas preposicionais e advérbios não modais e com verbos em posição inicial absoluta. A próclise aplica-se nos demais ambientes. Por outro lado, é o contexto de variação I que distingue o português europeu moderno do português europeu clássico, onde atua a variação, e mesmo após a mudança para o português europeu moderno em textos produzidos no século 19 em Portugal.

Em CB a variação é geral, como se observa no quadro 3.5. Há também a tendência de perda da ênclise em ambientes em que verbo se encontra em posição inicial absoluta. Já nas orações com prevalência para a próclise, destaca-se a ênclise nas negativas, interrogativas e também nas dependentes. A variação característica da mudança do português clássico para o português brasileiro e as construções do português brasileiro levanta uma questão interessante. Trata-se da evidência de que há a competição de mais de uma gramática em CB? Essa é a discussão no item comparativo em 3.3.6 e em 3.4.2.

Tabela 3.5 Ordenação dos clíticos em orações finitas com verbos simples e em grupos verbais em CB

Tipo de orações/amostra	CB		
	Próclise	Ênclise	Total
1. Orações com prevalência para a ênclise			
a. Raízes declarativas afirmativas, principais	403 37%	699 63%	1102
Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas com verbo precedido de conectivo	46 29%	112 71%	
Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas com verbo em posição inicial	8 12%	60 88%	
b. Ambas as raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas	54 24%	172 76%	226
c. Imperativas	8 11%	65 89%	73
d. Parentéticas	9 32%	19 68%	28
2. Orações com prevalência para a próclise			
a.			
Segundas coordenadas dependentes	65 74%	23 26%	88
Dependentes	1117 82%	242 18%	1359
Negativas	183 95%	21 5%	204
Interrogativas	30 97%	1 3%	31
Expressões fixas	19 90%	2 10%	21
b.			
Coordenadas ou subordinadas com "porque"	48 75%	16 25%	64
Total	1936 61%	1260 39%	3.196

3.2.1.1 Orações com prevalência para a ênclise

Na descrição dessas orações, segui os seguintes critérios já justificados na apresentação desse capítulo. As orações com prevalência para a ênclise foram analisadas em função da posição do verbo¹⁴⁰. A descrição dos clíticos nesses ambientes se restringe às orações com verbo único: com verbo em posição inicial absoluta (V1) e verbo precedido de vocativo e saudações (#V1); verbo em segunda posição (V2) e verbos em terceira posição (V>2), em que se considera apenas o constituinte

¹⁴⁰ Para uma discussão sobre a natureza da categoria envolvida na verificação de traços (cf. Galves, 2002).

imediatamente anterior ao verbo. Na terceira posição, a descrição se restringe às estruturas XSV superficiais. E as orações com prevalência para a próclise serão analisadas, independentemente, tendo em vista apresentarem itens em sua configuração que também inibem a ênclise.

3.2.1.1.1 Verbo em posição inicial absoluta

Por contexto V1 absoluto, com já referido, entende-se aquele em que não há nenhuma frase ou elemento precedendo o verbo finito. Esse é um contexto categórico de ênclise em toda a história do português europeu, definindo-se a próclise em V1 absoluto como uma das grandes inovações do português brasileiro, assim como a próclise ao verbo não finito em grupos verbais (V finito cl-V não finito), como se verá em 3.4.

Em CB, embora prevaleça a ênclise, a colocação dos clíticos em posição inicial absoluta apresenta uma pequena e importante variação. Esse é, como visto, um ambiente importante para diagnosticar a gramática do português brasileiro uma vez que não é facilmente encontrada em estudos históricos do português brasileiros (cf. Cyrino, 1995)¹⁴¹. Recorde-se que Pagotto (1992) e Lobo (2001) que estudam o português brasileiro histórico não registram a próclise em posição inicial absoluta.

Os exemplos que ilustram a ênclise nesse ambiente são:

(3.26)

- a. **Peço-lhe** que emende a mão | quanto á escripta, por que lembra-me que a sua letra ja | foi clara, e boa. carta 17
- b. **Abstenho me** de outras noticias, pois | por completo as terão com a volta do Ledeira | carta 275
- c. **Responda-me**, depois | de informar-se bem, sobre estes quesitos pelo Vapor In- | gles ou antes, se houver occasião. carta 15
- d. **Foi-me entregue** a carta de *Vossa Excelência* de 22 de Setembro | ultimo. carta 98

Entre os casos de próclise, há 1 ocorrência de clítico em posição inicial absoluta, não contabilizada na tabela 3.6, abaixo, por se tratar de uma sentença com verbo não finito.

¹⁴¹ A autora mostra o clítico em primeira posição em sílabas métricas em Gregório de Mattos no século 17 (cf. nota 13 no capítulo 1).

(3.27)

Me recommendando a *Excelentíssima* | Família *que* toda estima, consideração e respeito | sou o | *Vosso Respeitador amigo muito obrigado Criado* | Annibal Galvão de Oliveira¹⁴² | carta 318

Em CB, foram registrados 13 usos de próclise em posição inicial absoluta, principalmente em sentença com o clítico **me**. Esse é o tipo de clítico que, como visto, prevalece nas cartas. Os demais clíticos que ocorrem nessa posição são o **nos** e o **lhe**.

Na tabela 3.6, há o registro numérico dessa próclise em orações com verbos simples e em grupos verbais.

Tabela 3.6 Ênclise/próclise em posição inicial absoluta por tipo de orações em CB

Ênclise/próclise por tipo de orações em posição inicial absoluta			
Orações com verbo único			
	Próclise	Ênclise	Total
Raízes declarativas afirmativas, principais com verbos simples	8 3,28%	236 96,72	244
Imperativas	2 2,99	65 97,01	67
Orações com grupos verbais			
Construções passivas	3 4,41%	65 95,59	68
TOTAL GERAL	13	366	379

Os 13 casos de próclise em posição inicial absoluta são os seguintes:

(3.28)

a. **Me parece** que não proponho, nem tenho pe-|-dido nenhum de proposito, para que ate hoje | não tenha sido attendido, e tenha de ver a offi-|cina continuar no estado pouco lisongeiro | em que a consideram. | carta 158

Essa ocorrência, proveniente da carta 158, datada de 1878, foi escrita por um médico baiano de 52 anos, o Dr. Rosendo Aprígio Pereira Guimarães, professor da cadeira de Farmácia, nascido em 1826.

¹⁴² O remetente Annibal Galvão de Oliveira, um coronel da Guarda Nacional da região de Bonfim na Bahia que escreve ao barão de Jeremoabo é, entre os sertanjos da 3ª parte, o que parece mais escolarizado. Na sua carta, convida o barão para ser seu padrinho de casamento com “Elvirinha”, filha de um grande amigo do barão, José Gonçalves.

As demais ocorrências foram escritas por indivíduos que escrevem do Sertão da Bahia ao barão de Jeremoabo. 2 dessas ocorrências encontradas na carta 418 de João Cardoso Varjão de 60 anos, escrita em 1897.

b. **Me entendi** com o João Victorino a serca | do seo boi que matarão, e depois disto> | 4r. tudo resolvido trataremos da liqui|dação, me parece é *que* o tal sugei= |to não terá com *que* pague, com *quanto* | á pesar de ser morador aqui eu | não conheço bem se elle pode pa|gar. | carta 418

c. **Me foi entregue** sua carta de 8 do | vigente; é certo que as forças rece-|berão balla e *muita* da garganta de| Cocorobó até Canudos, sendo o| ataque em Cocorobó no dia 25 do *passado* | e houve grande perda nas força,| tão bem morrendo jagunços, o Coro-|nel Sucupira foi victima de| duas ballas no Trabubu, distan-|te meia legua de Canudos, á lem| de outros officiaes; chegando á |1v.a Collunna do General Lavaget| a Canudos no dia 27; carta 418

O caso encontrado na carta 442 é de José de Faria Góes, da região de Itapicuru, tabelião e escrivão da Vila de Barracão (atual Rio Real/Bahia) e da Comarca de Itapicuru (1875).

d. **Me diz** a consciencia *que* ainda| não commetti acto algum com| relação a sua pessoa pelo qual|2r. se posso dizer que eu hoje sou menos| dedicado a si, entretanto que aqui| se diz o contrario, e se me tem como | um dos mais dedicados e afeiçoados | seu. carta 442

A ocorrência encontrada na carta 451 do baiano Manuel F. Meneses da região de Monte Santo, datada de Alagoinhas em 1897.

e. **Me parece** que já lhe mandei| que os taes phanaticos, principi-|arão a matar e a roubar como| fiserão com os 2 irmãos Torquato| e Honorio VasFerreira, eMartinho d'Assis| e o filho de João Gomes, pois destes | ficarão com *quantia* seguramente de 14 a | 15 contos. | carta 451

O maior número de ocorrências foi registrado nas cartas do baiano Marcelino Pereira de Miranda, 'branco, cazado, negociante, natural e morador de Tucano nesta Freguezia de Santa Anna do Tucano'¹⁴³. Esse senhor, compadre do barão de Jeremoabo, nasceu em 6 de abril de 1837. No período em que travou correspondência com o barão tinha entre 53 e 63 anos.

f. **Mefoi intregui** | a Intendencia com o debito de 90 \$ =| e o cofre vazio com 680 reis, d'ahi| para esta dacta comprou-se| 2 fortes, fezse uma istrada cal =|1v.calsou-se uma rúa, melhorou-se| um banheiro publico, collocou| -se iluminação e seos emprega-|dos, e outras *muitas* dispezas inclusi-|ve o custeio dos empregados eguar-|das municipaes que conforme| as contas prestadas sobe a arre-|cadação tal vez a maior de cinco| contas, tendo actual*mente* um cofre| mais de um conto de reis. |carta 462

¹⁴³ APEBA. Seção Judiciária. Processo Crime. Série lesões corporais, ano de 1878, nº 09/289/02.

g. **Nos dê** suas | notícias. carta 463

h. **Me** | **disse** o Vigário Sabino que a mortandade *que* | fêz Moreira Cezar, calcula-se em dois mil | pois não se pode contar, isso dito por dois | individuos *que* o conselheiro fez prisioneiro, *equê* | depois soltou-os *que* tinham marchado com o ga- | do. carta 464

i. **Lhe dirigi** carta por o Coronel Porfirio do- | Geremoábo que passou para Bahia em 7 do- | corrente que não acusa recebida. | carta 464

j. **Mefoi intregue** pello Antero a- | sua presada carta de 1 do- | corrente acompanhada com- | 428.000 que fico recebido. | carta 468

A carta 472 seguinte, onde consta apenas 1 ocorrência, é de Marianna Cordeiro Miranda, viúva de Marcelino Pereira de Miranda, baiana, professora primária da Vila de Nossa Senhora do Patrocínio do Coité e de Tucano.

l. **Me** | **responda** se a relação tem pode- | res de impedir que se faça inventario | porque o Gallo <ou outra pessoa> me disse *que* eu requeresel | a relação alegando motivo justo | que não havia bens a inventario eu ignoro Porque o *que* tenho é para os filhos, afim | de ver se posso realizar a educação | delles, para *que* se repartir? carta 472

O senhor Gallo, referido na carta de Marianna acima, é o remetente da carta 482 onde foi encontrada também 1 ocorrência de clítico em posição inicial absoluta. O senhor Quintino José Gallo, pai do remetente Antero de Cirqueira Gallo, foi agente do correio da Vila de Tucano, político na mesma localidade e tabelião interino depois da morte desse seu filho. Quintino nasceu em Tucano, Bahia, em 1819 e tinha mais de 70 anos quando escreveu ao barão entre 1890-1903.

m. **Me está** muito dif | ficil ir lá e com muita vontade de | o vê-lo, o que farei quando puder. | carta 482

A última ocorrência, extraída da carta 498, foi escrita pelo coronel da Guarda Nacional Victor Marcolino de Menezes, de Patrocínio de Coité (atual Paripiranga), nascido em 12 de abril de 1842. Ele foi intendente de Patrocínio do Coité e subdelegado de Polícia. Quando escreveu a carta, tinha já 60 anos.

n. **Me** é impossí- | vel procurar notícias por | mim, visto os portadores | para o Camociata serem | raros. carta 498

Coloco em separado os casos de verbo precedido de vocativos. Alguns autores lhe dão o estatuto de construção verbo inicial.

3.2.1.1.1 Verbo precedido de vocativo e saudações

As orações com verbo precedido de vocativo ocorreram com ênclise.

Tabela 3.7 Ênclise/próclise com verbo precedido de vocativos em CB

Tipo de sentença	Verbo em posição inicial		
	Próclise	Ênclise	Total
Orações com verbo precedido de vocativos	-	15 100%	15

(3.29)

- a. São 10 *horas* quando despacho Pompilio. | Meu bom Pae **remeto-vos** 1 carta do Sr. | Vilena¹⁴⁴ vinda hontem pelo vapôr. | carta 09
- b. Adeos meo adorado Pae **abençoai-me** | eternamente vossa filha e amiga fiel | carta 108
- c. Adeus **abrassa-lhe** | com saudades - | Seu Sobrinho *Amigo do Coraçam* | José Egidio. | carta 125
- d. Amigos, **arrasta-me** para um re-|trahimento que bem sei- em po-|lítica é um erro. | carta 302

Passo a mostrar a colocação dos clíticos no contexto de variação I e II.

3.2.1.2 Orações com verbos simples: V2

3.2.1.2.1 Constituintes que precedem o conjunto verbo/clítico

Serão analisadas, nesse item, as **orações raízes declarativas afirmativas, principais** no contexto de variação I.

¹⁴⁴ Manchado.

3.2.1.2.2 Contexto de variação I: sujeitos não focalizados-V; sintagma preposicional-V e sintagma adverbial-V

As orações são exemplos das produções dos remetentes. Embora prevaleça a ênclise o número de próclise é bastante significativo, conforme tabela 3.8.

(3.30) Sujeitos não focalizados -V

- a. Elle **pedio me** que| renovasse o pedido de reserva a *Vossa Excelência*, neste assumpto, que pode ainda mais comprometter a sua situação|2r. carta 258
- b. Esse des-|gosto **abateo-me muito**: ten-ho oespi-|rito *muito* cahido. Carta 140
- c. O Zinho **pede-me** | o cavallo foreiro e o outro. |carta 147
- d. O Exército **conselhei|rista compoe-se** de *mais* | de 5 mil homens capaz de lucta, fora as mulheres | que sobem á outro tanto | e tambem brigam fanati| camente. carta 319
- e. Estive com o Se-|veriano e elle **disse-me** que 5ª feira hia a-| Jequitaia dar andamento ao seu pedido;- | carta 384
- f. Conforme participei ver-|lv. balmente a *Vossa Excelência* quando ultimamente ahi estive,| concedi a pedido do agente| o praso de 10 dias para en|trar com a quantia des|falcada; mas o praso es-|gotou-se hontem e não| foi satisfeito o compro-|misso.| carta 279
- h. Eu me dou por | satisfeito que ahi do Rio | ordenes tudo o que se deve | fazer. carta 63
- i. Este exigio um saque para Sousa | e o Banco **lh'o deo**. carta 43
- A Felicia te dará o abraço, que pessoalmente| eu teria dado se não fosse a vinda do Saldanha| pela molestia de Lourdes. carta 275
- j. Eu com elles **me recomendo** a ti e ás Meninas, abra-|7v.çando te como| Velho amigo do coração| carta 273
- m. Liberaes e conservad|res **se confundem** pro e contra a grande| causa da civilização e da humanidade: | é a lucta de interesse contra o direito e | contra a historia da escravidão em todos | os tempos. | carta 126

(3.31) Advérbios não modais -V

- a. Hontem **encontrei-me**, no banco de *Santa The-*|reza, com o *Senhor* Franken, que mani-| 2r. 9-1-02| 3| faltou de novo a possibilidade de ser| levada a effeito uma operação externa| para a Bahia, passado como está o passado| agudo da crise Europeia.| 253
- b. Hoje **lhe escrevi** com toda a amizade. 59
- c. Aqui se fogem as transfe-|rencias das accões e desdobramentos e substitui-|ções das cautelas dos debentures, sendo esses ti-|tulos assignados por dois Directores e tem de se | representar nas 10 acções que lhe movem diver-|sos individuos no foro d'esta Capital. 219

(3.32) Sintagmas preposicionais - V

- a. Com effeito **telegraphiei lhe**, pedindo socorro| para a Empreza Viação em permanente ameaça del liquidação forçada pela falta de pagamento dos| juros dos seos debentures.| carta 219

- b. Da ultima conferencia disse-me o Dr. Ludolfe, | que era seu companheiros o Dr. Custodio Coelho,| seu cunhado e deputado pelo *Estado* doRio de Janeiro; e| que mantinham o preço de 25\$000.| carta 254
- c. Compreça dirijo lhe esta | a diantando lhe sertas | noticias. Carta 478
- d. Com a vista lhe | narrarei os pormenores a respeito. | carta 442
- e. Em outra carta te escrevo sobre outros | assumptos. | carta 57
- f. De Corrientes me escrevem, com a chegada | alli dos vapores hospitaes “11 de julho” e Duque | de Saxe que os nossos mortos forão 40 e | os feridos 94¹⁴⁵. | carta 58

As frequências estão distribuídas na tabela 3.8.

Tabela 3.8 Classes de constituintes que precedem o verbo ou o clítico nas orações matrizes e principais no contexto I de variação em CB

Tipos de constituintes que precedem o conjunto verbo/clítico	Orações matrizes e principais Contexto de variação I em construções X-V (V2)	
	Próclise	Ênclise
S-V verbo precedido de sujeito não focalizado	62 44%	79 56%
AD-V verbo precedido de advérbios não modais	24 57%	18 43%
PP-V verbo precedido de preposições	33 41%	48 59%
S-x V Verbo precedido de sujeito composto por SN seguido de oração relativa ¹⁴⁶	3 19%	13 81%
Subtotal	122	158
Total geral	280	

A ênclise nas estruturas com sujeito complexo pré-verbal, em que o sujeito é composto por SN seguido de oração relativa, apresenta um percentual bastante elevado em relação às demais estruturas.

(3.33)

- a. OSaldanha, que | apoiou o gabinete até ser servido, **fez-lhe** | todos os dias uma careta mais feia. | carta 18
- b. Os Cordeiros apesar de não se | fiarem em permancer¹⁴⁷ no Aca-|rú, **achão-se** perto d'elle, e uma | vez por outra dão-nos 1 ou 2 | horas de estada nesta villa. | carta 450
- c. O JoãoGonsalves Paim, que vai tractar-se, | **pede me** que obtenha deVossaExcelência dar lhe | uma patente de comissão, quando regressar | para o exercito. carta 51
- d. Paulino a quem tudo disse **vos explicará** | melhor que eu por escripto. | carta 111

¹⁴⁵ Rasurado

¹⁴⁶ Esse ambiente não está incluído na comparação do contexto I de variação com GBPS (2005). Na análise das autoras, esse tipo de sujeito conta como um único constituinte.

¹⁴⁷ Borrado.

e. O Senhor Gosme, que hoje partio para Milão só **me** | **dice** *que* tu pensavas dar me o parecer de fazer te estu|dante comigo por um mes[...]¹⁴⁸, respondi que as=|1v.sim o permitisse Deos ao meu egoismo e a|misade e á tuatranquilidade. | carta 82

Nas estruturas com SV com nome próprio prevalecem a ênclise. A incidência dessa ênclise no contexto de variação I será objeto de discussão adiante. É interessante notar que no CTB, este é um dos ambientes que mais parece resistir à ênclise, inicialmente¹⁴⁹. Registre-se, ainda, que o gramático português Figueiredo (1909) apresenta exemplos de sujeito com nome próprio quando chama a ênclise de nesse contexto como própria do ambiente “familiar”.

(3.34)

a. O Cesar mandou-me hu)a| conta honte de dous Sobrecazacos, refuguei-a, por que apesar| da fraqueza¹⁵⁰ de minha memoria, recordei-me que Vosmice recambiara a| preta, por não lha-haver encomendado, dando-a ao Professor| para a - levar; mas este usa della, e á Cesar dice *que* dalli hou-|vesse a paga. carta 13

b. Confidencial O Vergne fallou-me hontem, ao chegar| de um negocio qua ahi tem e que segundo o que| ouvi está em máo pé. Em desespero de causa| volveu seus olhares para mim, porem eu escusei-|me fazendo lhe ver que aqui estou ao inteiro serviço| de *VossaExcelência*, esperando a todo o momento ordens em negocio| de grande responsabilidade e importancia que não| pode ser facilmente substituido. | carta 256

c. General Euphrasio embarcou-se hontem com a familia para o Rio.| O *Doutor* Flavio de Araujo, deve chegar hoje| aqui, segundo me consta. Examinei| o nº do bilhete *que* mandou-me, e está bran-|co. carta 367

d. O Rui mandou-me | um cartão de visita,| quando cheguei e pelo Car|los mandou-me pedir | que eu fosse jantar| com elle domingo (5 de| outubro,) para conversar|mos sobre as bases do|7v.15|requerimento de informações| e do protesto, que elle| enunciará da tribuna| do senado contra esse pretendido direito da| União a 18:00:000\$| de garantia de juros á| retra[...]| Inglesa. | carta 289

d. Neusinha e eu constrictamo-nos| muito com o topico da carta, que *VossaExcelência*| escreveu a D. Carolina, referindo, que| tivera noticia de nosso casamento,| por intermedio do digno representan-|te de *VossaExcelência*, | carta 267

e. O Coronel Mo|reira Cezar e Tamarindo, por-|taram-se heroicos e denoda|2r.damente. O Governo deve evitar| ataque ferro' frio com os fana|ticos e sim bombardiar e| por meio de acédio. Quando| d'[a]qui enviavamos noticias para| esta Capital que o Conselhe|ro tinha¹⁵¹ 5 á dez mil ho|mens era julgada inveridica. | carta 49

f. Osorio me escreveu com data de 2, um| tanto queixoso de lhe mandares officiaes| paisanos e <de> lhe teres suspendido o direito| de dar patentes de comissão, quando elle| estava creando artilheiros para as| baterias novas. carta 49

g. O Antunes lhe responderá. carta 57

¹⁴⁸ Corroído.

¹⁴⁹ É interessante ver que o primeiro autor a usar sujeito com nome próprio com ênclise no CTB é Verney, nascido em 1713. Isso parece reforçar o problema de uma melhor definição do que seja “tradição escrita” ou a “norma culta portuguesa”.

¹⁵⁰ Borrado.

¹⁵¹ Borrado.

h. O Doutor Americo Gomes me escreveo pedindo votos e exigindo| logo *antecipadamente* resposta, que acha *Vossa Excelência* d'essa ur-|gencia? motivo que me foi não lhe dar votos. |carta 416

Como visto na descrição dos tipos de clíticos, destaca-se a ênclise também com o clítico **se** (cf. Galves, 2001:137). A autora mostra, a partir de dados de Pagotto (1992), a elevação da ênclise no século 19 (séc. 16 ao século 18, com 20,79%; séc. 19 com **54,54%** e no séc. 20 com 16,66%). A importância dessa ênclise e a atuação no contexto de variação I estão representadas na comparação com GBPS (2005) em 3.3, adiante.

Tabela 3.9 Sujeito com SE e outros tipos em CB

Tipos de sujeito S-V	Orações matrizes e principais Contexto de variação I em construções X-V (V2)	
	Próclise	Ênclise
Sujeitos com SE	11 31%	24 69%
Outros	51 48%	55 52%
Total geral	141	

O item seguinte trata do contexto de **variação II**.

3.2.1.3 Contexto de variação II: verbo em posição inicial em segunda coordenada e verbo precedido de orações dependentes

3.2.1.3.1 Verbo em posição inicial de coordenadas

3.2.1.3.2 Verbo precedido de orações dependentes reduzidas e orações desenvolvidas

Antes de apresentar as freqüências de CB, esclareço que primeiro mostro, em separado, as coordenadas com e sem conectivo. Embora o conectivo não conte como constituinte pré-verbal, nota-se que as raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas com verbo sem conectivo favorecem mais a ênclise, talvez por similaridades com as estruturas com verbo em posição inicial absoluta. Nas coordenadas precedidas de conectivo, a conjunção “**e**” favorece a ênclise (60%), um percentual próximo ao registrado com a conjunção “**mas**” (64%), mas numericamente mais significativo. Os demais conectivos “**ou, porém, contudo, todavia**” e “**pois**” apresentam um percentual de ênclise em torno de 45%¹⁵².

Tabela 3.10 Ênclise/próclise no contexto de variação II em CB

Tipo de sentença	Contexto de variação II		
	Próclise	Ênclise	Total
Verbo em posição inicial de coordenadas			
Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas com verbo precedido de conectivo	37 28%	96 72%	
Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas com verbo em posição inicial	4 7%	51 93%	
Ambas as raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas	41 22%	147 78%	188
Verbo precedido de orações dependentes reduzidas e orações desenvolvidas	22 27%	58 73%	80

Os exemplos que ilustram essas ocorrências são:

(3.35) Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas com verbo precedido de conectivo

a. Nunca esquece-|rei o *que* recebi d’esses Senhores;| *porém*, como o homem *que* se involui| nesta miserável política, não| tem sentimentos, eu, corô a face,| **e abrolhes** os dentes. | carta 337

¹⁵² Nos dados CTB são contabilizadas nas “coordenadas” sentenças iniciadas por **pois, contudo, todavia, porém, ou e porque**. Nos dados de CB, separei os tipos de conectivos em três grupos: 1. **e**; 2. **mas** e 3. outros (**pois, contudo, todavia, porém e ou**). Os casos de **porque**, tal como ocorre com o CTB, são contados em separado (cf. metodologia, capítulo 1).

- b. Por vezes quis escrever-lhe, e **faltou-me** o | animo; com outros de nossos parentes e ami-|gos deplorei o justo motivo da sua dôr. | carta 199
- c. Nestas condições, | julgo desonrosa para o governo a derrota | do *Conselheiro* Lisboa, e **me parece** que por elle | se deve trabalhar com affinco. | carta 35
- d. Escrevo a Vossa Excelência apressadamente e **lhe peço** | desculpa pelo desalinho desta carta¹⁵³ O Recife | a vai levar a Montevideo para vêr se alcança | o vapor da linha de Liverpool. | carta 58
- e. Tive o prazer de receber sua apreci|avel cartinha, e **felicitado** por seu bem | estar e da *Excelentissima* comadre emeninos | aquem, com o devido acatamento, | Saudo –carta 193

(3.36) Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas com verbo em posição inicial

- a. O Cesar mandou-me hu)a | conta honte de dous Sobrecazacos, **refuguei-a**, por que apesar | da fraqueza¹⁵⁴ de minha memoria, recordei-me *que Vosmice* recambiara a | preta, por não lha-haver encomendado, dando-a ao Professor | para a - levar; mas este usa della, e á Cesar dice *que* dalli hou- | vesse a paga. quando tiver mais vagar, mandarei a *minha* | conta. Eu passo mal do meu peito. carta 13
- b. Martinho aqui chegou as 8 horas da _ | manhã, **dispachei-o** imediatamente | com o sellote e arreios velhos que pedis | Sabendo de Thomé quanto mel tinha vasado | do tonnel em Marapé, me disse este que | erão 3 tonneis que vasavão, porem que | 2 vasavão pouco e o 3 | *muito* que já tinha | passado pelo menos meia pipa e que | [to]do este mel escorria pelo chão tendo já | vassado para fora da cascaria, que os 3 tonneis | erão todos de Marapé e não dos que | [vie]rão d'aqui, elle já concertou todos. | carta 108
- c. Me entendi com o João Victorino a serca | do seo boi que matarão, e depois disto > | 4r.tudo resolvido trataremos da liqui | dação, **me parece** é *que* o tal sugêi= | to não terá com *que* pague, com quanto | á pesar de ser morador aqui eu | não conheço bem se elle pode pa | gar. | o mesmo | carta 418
- d. Porem os meos | veixames, o*que* penço no meo | fuctoro, *que* acho um tanto | escuro, perdendo minha com | panhia de 53 anos me atra- | palha d'um modo *que* mefas | esquecer os deveres *aque* sou | obrigado por muitas razões; **lhe** | 1v.**peço** *que* medisculpe por quem é | *sinhorinha* continua *naquele* mesmo | e para mim ainda *mais* abatida | e fraca carta 426

(3.37) verbo precedido de oração dependente

- a. Se és meu amigo, **faze me** o | obsequio de quando qualquer coisa | te desagradar dizer-m'ó a mim, | como eu te faço, e não a | terceiros, que por fim | se riem de nós dois. | carta 63
- b. Se eu tiver tempo **me darei** a honra | de visitar a sua capital antes de regressar | aos Estados Unidos. | carta 280

¹⁵³ Corroído.

¹⁵⁴ Borrado.

3.2.1.4 Ativadores de próclise

3.2.1.4.1 Orações precedidas de quantificadores, advérbios modais, complementos diretos, predicativos, sujeitos quantificados, focos morfológicos, sujeito de passiva e sujeito do verbo parecer

É significativa a ênclise nas orações raízes declarativas afirmativas, principais com sujeito quantificado ou verbo precedido de quantificadores, e determinados tipos de advérbios (**cá, bem, já, lá, mal, sempre, também, talvez, mais, melhor, maior**), complementos diretos (não retomados); predicativos e sujeitos focalizados morfológicamente (**só, mesmo, próprio, até**).

Os dados estão quantificados na tabela 3.11, a seguir:

Tabela 3.11 Classes de constituintes que precedem o verbo no contexto de não variação em CB

Tipos de constituintes que precedem o conjunto verbo/clítico	Contexto de não variação em construções X-V (V2)	
	Próclise	Ênclise
AD-V verbo precedido de determinados tipos de advérbios	32 82%	7 18%
X, V Verbo precedido de complementos diretos e predicativos	8 62%	5 38%
Q, Foc verbo precedido de partícula focalizadoras, quantificadora e sujeitos quantificados, sujeito de passiva e do verbo parecer	35 74%	12 26%
Subtotal	75 75,8%	24 24,2%
Total geral	99	

Os exemplos ilustram essas estruturas:

(3.38) AD-V verbo precedido de advérbios modais

a. Sempre lembro-me de | V. e não me esqueço de ser grato. | Se minha memória me não falhar | 2r. creio ter-lhe remetido uma | vez, em signal de lembrança, | um numero da Indépéndice belga. | carta 40

b. Tambem peço lhe que | não veja nas ponderações *que* vou fazer a defeza do in-|teresse individual d'este seu humilde amigo, o | qual nunca servirá de obstaculo a qualquer me-|dida utilit que deva ser

tomada em beneficio da| Empreza. Represento porem interesses de maior| valia *que* me cumpre zelar e defender.| carta 219

c. **Já te mandei** pelo Sr. Francisco tudo| quanto julguei importante para teu| conhecimento e do Imperador. carta 44

d. O logar de ins-|pector da linha telegraphica-|no estado de Sergipe, da secção-| vaga, que está addida ao Ant^onio| Ribeiro, **tambem me serve**: final-|mente, *Vossa Excelência* fará o que melhor| entender a meo beneficio; com-|tanto que seja empregado| n'uma repartição da fazenda| nacional, que me dê *quanto* chegue| para *minha* subsistencia e de *minha* fa-|milia. carta 360

f. **Talvez se affigure** a *Vossa Excelência*, estranha esta| minha suggestão, que é tambem uma ro-|gativa. carta 297

(3.39) **Q, Foc:** verbo precedido de partícula focalizadora e quantificadora do verbo, sujeitos quantificados e com focalizadores explícitos, sujeito de passivas e do verbo parecer.

a. Tenho em meo puder suas| duas carta de 23 de Janeiro e de| 14 deste que vou responder|. Naquela *primeira* diz-me *voce* não res-|pondeu suas cartas *por* me ter| esquecido de vocês: o *que* tal| não é; e pior[...]¹⁵⁵ *por* offencia, *pois só lhe | tributo* seria *amizade* e a todos| os seos. carta 432

b. Na tua carta a mim fallas me de regressar áo| Brasil, e na *que* escreveste a Gomes e elle me leo, só | lhe fallas de doença de insomnia e falta de ape-|tite. Oh! *Senhor* Ferraz! o que he isto *para quem* ja| passou meio seculo?| carta 82

c. O Nabuco no seo| Ministerio faltou a promessa *que* fez| me: o mesmo accoteco-me com| o Sr. Rego Barros. carta 30

d. Muito | alegroume dizerme, que não podem ser milhores as qu-|alidades do Mendonça, *pelo que* receba meos parabens, *pela* aa-|quizição. carta 343

e. Tereza, O Tio, a Tia, Bello e| Leone *muito* agradecem e retri-|buem as saudações. O Jorge, o| Pedro, o Cintra e outros renovão-se| carta 305

f. Todos envião lhe a-|braços e recommendações. Lourdes| e Thereza, digo Felicia, envião beijos| e pedem ben-çãos.| carta 306

g. Muito contentamento causou-me sua carta| de 13 do corrente, em que me noticia sua| boa viagem, sua estada ali e pasar| a exercer de seu elevado cargo| carta 140

h. Sua Comadre vai sofrendo nervo|zo- os *mais* empas, graças a *Deus*; tou|dos vizitaolhes, seu afilhado pede| abençoão, seu| Primo Compadre Amigo obrigado | carta 345

i. Conversando a respeito com| amigos, poisque não pareceu um| caso de requerimento de informã|ções ao Governo, feito na Camã|ra, senti que lá pela Camã|ra, e por causa do Freitinha,| a

¹⁵⁵ Rasurado.

coisa poderá ter o desenvolvimento preciso, e o proprio | Paula deu-me a entender que | 5v.a ocasião mais oportuna de | se tratar do assumpto deverá ser | a de quando se discutir o proje-|cto de orçamento da fazenda. | carta 289

j. Sua carta | de 24, **foi-me entregue** a 29 do *proximo passado* | a qual respondo. carta 357

l. Ensina meu nome a teu filhinho, e tu *mesmo* | **lembra-te** do teu amigo_ | carta 32

m. Esta Villa | [...] ¹⁵⁶ esta completamente dizerta, agora foi que chegou | 2r. 3 umas 3 familias; até o Vigario retirou-se com a *família* e | até esta data não chegou. carta 321

m. O assucar parece-me bom, e o rendimento | de 4 formas de barro – regular. etc. | pergunto: Tenho aqui a sua disposição | mais 96 formas de ferro. | carta 154

n. Não paguei porque não tinha *mais* dinheiro | como vereis pela lista que incluso vos | remeto, **só me restam** alguns cobres | 1v. na lista não mencionei o dinheiro dispendido | em miudesas *para* gasto de casa, como _ | peixe camarões ovos etc. carta 108

o. Muito **lhe agradecerei** o *que* fiser *por* | meo neto. carta 291

p. Tendo vindo | 1v. *muito* tarde, a ultima *para* Senador, não | pude conciliar os amigos pelo lado de | Sr. Dr. João dos Reis, e Dr. Virgilio Da- | mazio, *por* mais esforço que eu fizesse, | como verá da *mesma* lista, e eu **muito me en- | teressei** pelo *Senhor* Dr. Vir[g]lilio Damazio; | não podendo eu obter maior vota- | ção *para* elle, *por* entender o | eleito- | rado que elle não é catholico de fé. | carta 333

q. Todos me fallão | bem delle, carta 34

(3.40) X, V: Verbo precedido de complementos diretos

A próclise prevalece nessa estrutura, embora a ênclise seja significativa, como se viu.

a. Saude paz e tranquillidade desejo-lhe em companhia | da *Excelentissima*, a quem respeitosamente visito - | carta 321

b. Saúde lhe appetço, e disposto ao | que for de seu serviço, sou | De *Vossa Excelência* | Respeitoso *affetuoso* e *obrigadissimo* | 76

c. Saude e felicidades lhe deseja de coração | este | Seo Amigo velho e *attencioso* | criado | Francisco de Paula de Negreiros Sayão Lobato | 187

(3.41) Verbo precedido de constituintes retomados pelo clítico

a. Depois que *lhe* escreviesta fui procurar saber | noticias do *Doutor* José Ignacio e do *Doutor* João Dan- | tas Coelho, este encontrei na cidade Baixa, com | Arlindo Leoni e disse-me não seguir hoje, *por* | ter recebido nova intimação, para hir a Policia, | amanhã, e o *Doutor* José Ignacio encontreio | em casa

¹⁵⁶ Papel dobrado, conferido no arquivo.

do *Doutor* Filgueiras a noute[*]¹⁵⁷, e dis-|se-me já o terem despachado, é o que sei| até o presente. *Bahia* 29 de *Novembro*¹⁵⁸ de 1897.| carta 382

b. Este desgosto elle **o teve**, e veio da parte de um| homem que em 1890 subia as escadas da casa| de um chefe, chamando-o protector, que tinha| a custo arracado a licença para a sua can-|didatura de deputado do Marechal Deodoro, que| ao ouvir a pretensão desse candidato, transfe-|riu-o como militar para a guarnição da| fronteira do Rio Grande do Sul, sendo precisa| a intervenção de quase todos os membros do gover-|4r.no Provisorio, para o consentimento na can|didatura, vindo-se notar que o Marechal Deo-|doro tanto conhecia o candidato, que no| acto do consentimento disse ao protector: “Que| lhe faça bom proveito” palavras iguaes).| carta 294

c. Devo dizer te| que o governo argentino não acha excessivos| os preços e os vai adoptar tambem. A| **mim me parecerão** excessivos. Mas não sei| se administrativamente fariamos melhor| e mais barato. carta 49

d. Na tua carta a **mim fallas me** de regressar ao| Brasil, e na *que* escreveste a *Gomes* e elle me leo, só| **lhe fallas** de doença de insomnia e falta de ape-|tite. Oh! *Senhor* Ferraz! o que he isto *para quem* ja| passou meio seculo?| carta 82

Dentre as construções identificadas como V>2 (168 ocorrências), 31 são de estruturas superficiais XSV. A ênclise prevalece em 61% (19/31).

(3.42)

a. Conversando com *minha mulher*| a respeito, Ella **lembrou-me** *que* o meu| esquecimento de *lhe* communicar os re-|conhecimentos das firmas, foi talvez| devido a afflicção em *que* ainda me| achava nesse tempo com a moles-|tia *que* ella soffreu| carta 442

b. Seguiu n’esta semana finda|1v.para Monte Santo o General-| Girard com 3 batalhões, com des|tino a Canudos, e estando hoj[e]¹⁵⁹| com o Conselheiro Benigno, es|te]¹⁶⁰ **disse-me**, que o Vianna dissé[ra]¹⁶¹| ter o General Oscar pidido| mais 5 mil soldados, ao gov[er]¹⁶²|no Federal; se assim é, as cous[as]¹⁶³| em Canudos estão perigosissi|mas e o Oscar está em maus [len]¹⁶⁴|ções. carta 376

c. Conforme mandei dizer a *Vossa Excelência* a directoria| do banco **declarou-me** que em caso del| liquidação apenas forcei o abatimento| de 5% cinco por cento| o que me pareceu ridicula offerta diante da operação que| se poderá fazer, entrando, com elle, no mer|cado e obtendo o abatimento, pelo menos, de 30% trinta por cento.| carta 252

d. Con|tínua a secca horrivel aggrassadora| – devastando tudo sem termos *para* onde| procurar abrigo – [Tenho estado com| Vaqueiros seus,] esses **me disem** *que*| continúa morrer gados –

¹⁵⁷ Por “noite”.

¹⁵⁸ No original está grafado “9bro”.

¹⁵⁹ Rasgado.

¹⁶⁰ Rasgos

¹⁶¹ Rasgos

¹⁶² Rasgado.

¹⁶³ Rasgado.

¹⁶⁴ Rasgado.

Chuvas| *por* aqui; apenas appareceu| um orvalho sexta e Sabbado -|, *porém* não continuou mais e| 1v. nem mais esperanças – Hontem| foi que chegou Correio aqui:| pelos jornaes, vi a grande ma| nifestação a posse de Campos| Salles e retirada de Prudente.| carta 331

e. *Vossa Senhoria* não se lembrou mais| do que me prometeo em *Fevereiro* 1900| quando encontrou se comigo em| Campestre que subia para o S. Geral|do com Sr. Barrow, neste dia *Vossa Senhoria* apresentou-me a elle e prometeo| me um lugar de fiel <e amanuense> da Alfandega| ahi na Bahia, [perguntou me se| eu tinha fiança de 3000:000] eu **lhe** **respondi** que tinha, creio que| de mirar sem recurso para dar| comer os filhos não sei o que| será só o desaparecimento *para* não velos| morrer s afome| carta 276

f A. Watson referio-me que o Sr.| Dr. *Arthur* Rios, [interpellando o mes-|mo Dr. Lauro si ainda agora| não era usada a occasião de| dar-me um logar na repre-|sentação do Estado,] este **lhe res-** **pondera** que sim, o que não| se dava em 1900, motivo por| que não tomára compromisso,| e o Dr. *Arthur* Rios vira como era| fundado o seu juizo.| carta 302

g. Mas, em vista da fraquezas| dos nossos amigos, principiando| pelo primeiro, (chefe) elle faz| tudo quanto quer e não há| reacção; [se eu dispuzese de a|guns ellimentos,] a cousa| **lhe seria** outra, mais sosinho| com meia duzias de amigos| que faço? – Disse-lhe mais;| ao mesmo juiz, que o meu| voto elle, [jamais]¹⁶⁵ contaria com| o seus amigos <uzasse> do que quizesse;| carta 330

h. [Pedro Mendes esteve aqui e meo fi-|lho José,] este **examinou-me** e disse-|me restar uma pequena differença-| na respiração do pulmão esquerdo, mo-|tivado pelo catarro, más que não havia| perigo presentemente. carta 393

3.2.2 Orações imperativas

Com relação às imperativas, destaco o percentual de 89% de ênclise nas orações imperativas encontrado em CB, 89%, um percentual equivalente ao encontrado em Cyrino (1993:168), 86% na segunda metade do século 19.

(3.43)

a. *Vosmice* **mande-me** por intermedio de| José Egidio ou directamente a minha| a sua proposta para os supllentes de| Juiz Municipal que devem ser nomea|dos em Novembro. | carta 126

b. Acabo de receber a tua car-|tinha de 27. Vê o Papa, **beija** **lhe** o sapato, mas| toma cuidado com as cadeiras de mola| carta 81

c. **Mandeme** *por* elle um animal, não queria| <nem quero> meo cavallo no cazo de estar bom, sem um bur-|ro emprestado emquanto chove *que* o cavallo possa vir| nem *tambem* para tão grande percizão de carre-|gar da feira um bocado, sim *por* *que* demomento| pode fugir uma rez, como defato

¹⁶⁵ Rasurado.

tenho uma | vacca que já fui vèlla no jacurisci, e *mais* dos dias es- | ta remetendo seguir, eu estou longe, apesar de | 1v. todas as semanas estou oumando ario *porque* de- | momento pode fugir uma *rez*, iapé nao pos- | so seguilla, *por* tanto tenho *muita* nessecedade do ani- | mal como já disse. Outro sim, sei do meo com- | promisso *que* já tenho comsigo, tenho percurado me- | us recurços daqui, daculá, e *que* hoje estou rezolvi- | do imcomodado, não tenho geito, *para* vêr siassim | posso trevessar oresto destacruz; tendo nós inverno | carta 445.

d. Hontem the hoje | sempre tem xuido assim | continui *por* aqui V. não | avalia como vamos **diga** | **me** como dexou anossa quarta¹⁶⁶ | de feijao *quero* he saber ou | mesmo assacas de la acomo | se compra não tive os repu | blicanos Visitas a toudos | e a V. abraça o seo | *Primo* amigo pelo *Coração* | Britto | carta 407

e. **Nos dê** suas | noticias. carta 463

f. **Me** | 1v. **responda** se a relação tem pode- | res de impedir que se faça inventario | *porque* o Gallo <ou outra pessoa> me disse *que* eu requere-se | a relação alegando motivo justo | que não havia bens a inventario eu ignoro *Porque* o *que* tenho é *para* os filhos, afim | de ver se posso realizar a educação | delles, *para que* se repartir ? Emfim *VossaSenhoria* é | *quem* sabe, *pois* só farei o *que VossaSenhoria* deter- | minar. | De *VossaSenhoria* *Respeitadora* e *Comadxe* | triste e afflicta | Marianna | carta 472

3.2.3 Orações parentéticas e apositivas

Em Paixão de Souza (2004) sobre o português europeu do século 16-18 com base no CTB, as orações parentéticas constituem-se o único grupo de orações com verbo em posição inicial (V1) com próclise. Nos dados de CB ocorrem com ênclise. E nos demais contextos, há variação com verbo em segunda posição (V2). Os outros tipos ocorrem com próclise.

V1

(1.44) a. Confidencial: Logo que aqui cheguei segui para as Pia= | bas a scientificar ao nosso amigo (**chamo-o** de amigo | porque, como talvez já tenhais sabido pretendo unir- | me em casamento com sua filha Elvirinha, que | não communiquei-vos por não termos marcado | o dia, deixando para fazer a devida communi= | cação n'essa data, quando tenho de pedir-vos a | dar-me a honra de ser o meo paranynpho) do que | 1v. mandastes dizer-lhe e *também* do que eu disse- | vos | concernente aos candidatos do 5º districto. carta 318

b. Como o tenho *por* calisto, sempre tive | *muita* duvida sobre a verificação do seu despacho, que se | antolhava tão facil: **esperou-se** mais de 15 dias pelo | *Ministro* da Guerra, o qual declarou que não podia ser Delegado | senão um Medico pertencente ao Corpo deSaude do Exercito, | que tenha assentado praça etc: e esta? carta 15

¹⁶⁶ Borrado.

V2: contexto de variação I

(1.45)

a. Oxalá que a mais tempo o tivesse feito! E que meus 6 annos (oh *quanto* eu os amo!) | que perdi na inutilidade de ~~nossos~~ meus estudos de Olinda, os tivesse aqui empregado! ou que | ao menos a tão longa e já avansada idade de meu Pae me não impozesse a lei de voltar junto | á elle *para* adoçar-lhe a taça da velhice: eu **te confesso**, que não voltaria em 5 annos. | carta 32

b. Saudades de todos dessa casa | O *senhor* conde de Taparica já terá | escripto á *Vossa Senhoria* sobre o caso: | elle **o venera** e trata | como seu parente | carta 3

Outros tipos:

(1.46)

a. Outro sim, sei do meo com- | promisso *que* já tenho comsigo, tenho percurado me- | us recurços daqui, dacadá, e *que* hoje estou *rezolvi-* | do imcomodado, não tenho geito, *para* vêr si assim | posso trevestrar oresto destacruz; tendo nós inverno | *Deus* sendo cervido, sei *que* *Vossa Excelentíssima* (*pois* assim **me disse**) não | adianta *mais dinbeiro* *avaqueiro* quem todavia ainda *mesmo* assim | miatrevo, e comfio em sua generozidade *que* há de- | miauxiliar no seguinte sentido. carta 445

b. Dezejarás saber, meu Angelo, se estou contente com o passo, *que* | dei de vir à Europa? Oh! meu bom amigo, é esta certamente uma coiza, de que nunca poderei | arrepender-me. Oxalá que a mais tempo o tivesse feito! e que meus 6 annos (oh *quanto* eu **os amo**!) | que perdi na inutilidade de ~~nossos~~ meus estudos de Olinda, os tivesse aqui empregado! ou que | ao menos a tão longa e já avansada idade de meu Pae me não impozesse a lei de voltar junto | á elle *para* adoçar-lhe a taça da velhice: eu te confesso, que não voltaria em 5 annos. | carta 32

c. O prestigio e a respeitabilidade da emi- | nente bancada bahiana, de accordo com | a de Minas (da qual **me incumbirá**), com | certeza levarão de vencida a difficulda- | de pratica, a que me referi; espera a | bancada bahiana....solicito com vivo | interesse,- uma palavra de *Vossa Excelência*. | carta 297

d. Não vão os preguinhos que pedio por não _ | ter vindo nem a nota nem a medida | que me diseis ter mandado talvez ahi ficasse | por esquecimento, não recebi tambem os _ | ovos de annum¹⁶⁷; vai a caixinha das | [...] ¹⁶⁸gas (como **a intitulaís**) com _ | tudo o que n'ella estava, não se achou | os botões de camizas. Pompilio procurou, | por todas as costureiras[?], vão os 5 feixos _ | grandes e 3 pequenino, a escova e ferro | no outro barco. | carta 109

e. Ainda continúa a abusar de nossa | bondade, o celebre agente de correios | d'aqui; hoje recebi uma carta da | Redacção da - Bahia, a qual me | chegou as mãos, com indicio de | aberta, assim como, devido a recla | mação, que fiz a poucos dias, por | intermedio do Sr. J. B. de Castro Menezes | ao Sr. Administrador dos correios, este | mandou a proposito a - Bahia - pela | malla da viação, *para* a devida expe- | riencia, o que **causou-nos** prejuiso | porque até hoje (Bahia)! Temos lucra- | do muito com nossa malla parti- | cular por santa Luzia, nem só por | que temos nossas correspondencias com | mais urgencia, mas tambem não | 2r. nao ha extravio. Carta 311

¹⁶⁷ Manchado.

¹⁶⁸ Manchado.

f. – Esses caminhos | estão dizertos; dentro de Mon|te Santo só têm 2 ou 3 pessoas| do lugar, o *mais* e os Soldados| que segundo **disseram-me**| é de 80 a 100 praças – As ca|zas todas abertas e muitas des|sas quebrada a coice d’arma| e outra tiraram *para* lenha.-| carta 322

3.2.4 Orações com prevalência para a próclise

Nesse item, apesar dessas orações requererem uma análise mais detalhada, os dados são reunidos em grupos largos. Para o objetivo estabelecido, o de fazer comparações com os contextos de variação I e II, é suficiente elencar a sugestiva variação nesses ambientes categóricos de próclise no português europeu: negativas, dependentes de vários tipos e interrogativas.

3.2.4.1 Orações negativas

(3.47)

a. Oportador vai com or|dem de puchar, não **demore-o**|2r. Que com *minha Comadre* passe sem altera|ção - Disponha do|Primo compadre amigo do Coração| Antonio Ferreira| carta, 348

b. N. B Elle foi SubDelegado, Dele|gado <*muitas vezes*> Juiz Municipal, Capitam e| Tenente Coronel o *mais* não **lembra-me**| Intendente| carta 472

c. Consta que os adversarios estão pro-|cedendo a apuração da eleição d’essa[...]169 em Caxoeira, para também serem [di]-|plomados, como os nossos amigos. Nen-|hum só adversario **apresentou-se** hoje| na apuração que procedeo-se aqui, e| nem tão pouco prottestarão, pelo que170| tanto melhor foi para nós. carta 366

d. Não **me nego** de forma al-|guma ao seu serviço, más| sinto aparecer estes desgostos| entre amigos, e mórmente| em um logar como o Timbó,| que precisamos trabalhar |3r. *muito* para combater os adver-|sarios, que alli dispoem de| todos os elementos. carta 370

e. Recebi uma| carta de Barretto dactada de 9, e nada-| **me diz** sobre a vinda delle agora nas| férias. O Diario tem estado soberbo,-| não é possível melhor, más o Sr. Gover-|nador não liga menor importancia.| carta 365.

f. Não sei se o André da Crus cor-|reu para os Canudos, porque| o que a seu respeito sabia| achava-se[...]171 refugiado nos| mattos, onde ninguém **lhe** | **puzesse** a vista e que lá o| estavam esperando em virtude| de ser listado na companhia| do Bom Jesus. | carta 448

¹⁶⁹ Rasgado.

¹⁷⁰ Corroído.

¹⁷¹ Borrado.

3.2.4.2 Orações com sintagma-Q

Em CB, há variação em vários tipos de orações dependentes, como se verifica abaixo. Embora, marginalmente, foram encontradas ocorrências de ênclise em outros tipos de dependentes finitas (cf. Ribeiro, 1995) e Lobo, (1996) e em relativas até o século 18 (cf. GBPS 2003)¹⁷².

Tabela 3.12 Ênclise/próclise em orações dependentes em CB

Tipos de dependentes	Próclise	Ênclise
Conectivo nulo	32 71%	13 29%
Relativas	412 83%	85 17%
Completivas	249 89%	31 11%
Clivadas	11 92%	1 8%
Adjuntas e outras	174 78%	50 22%
Total	878 83%	180 17%
Total Geral	1058	

É interessante registrar que o gramático brasileiro Paulino de Brito (1908:12), em resposta ao gramático português Cândido de Figueiredo no início do século 20, se referia à variação nesse contexto como comum ao português brasileiro.

Assim, por exemplo, no português do Brasil “espero que *me faça* o favor” e “espero que faça-me o favor” são equipotentes; tanto se diz “não *lembrou-se* do recado” como “não se lembrou do recado”. No português da Europa não se nota a mesma liberdade: *disse-se* invariavelmente “espero que *me faça* o favor – não *se lembrou* do recado”, sempre com o pronome antes do verbo. (...) O Sr. Cândido de Figueiredo¹⁷³, com uma dose de orgulho nacional que não censuramos, mas até invejamos para os nossos patrícios, entendeu e ensinou que d’ aquelas duas maneiras de falar dos brasileiros só uma era legítima – a usada pelos portugueses, devendo a outra ser condenada e banida como erro crasso.

(3.48) Relativas

- a. O Nabuco no seo | Ministerio faltou a promessa que **fez** | **me**: o mesmo aconteceu-me com | o Sr. Rego Barros. carta 30

¹⁷² Martins (1994:98-102) se refere à ênclise observada no português europeu e no galego, embora como restrita às completivas e às consecutivas com verbo no indicativo.

¹⁷³ Autor de “O problema da colocação pronominal: suprimento às gramáticas portuguesas” [1909].

- b. O portador desta | é o nosso escravo Quintino | *que* leva uma carta *que* meu | Mano Fulgencio **pede=me** | para mandar levar, di- | zendo *que* já está feita | a dias, e *que* por falta | de portador não tem | hido a mais tempo | carta 24
- c. Vou pedir-lhe um favor *para* mim da | maxima importancia, em *que* ponho to- | do empenho; _ é a nomeação do meu | amigo Sr. Pedro Jaime Lisbôa para um | lugar de 3. Escripturnario da *Thezouraria* da= | qui, ou da de Pernambuco, em ambas | as quaes **da-se** vaga _ | carta 70
- d. Satisfazendo com muito praser ao pedido que | *Vossa Excelência* **fez me** em sua carta de 14 do corrente, relativo | ao *Senhor* Carlos José Botelho, acabo de escrever | ao nosso Ministro em Pariz recommendando lhe | muito particularmente ao *Senhor* Botelho. | carta 106
- e. Recebi hontem pelas 2 *horas* da tarde vossas | estimadas lettras vindas por Francisco o- | qual **entregou-me** tudo quanto vossa | paternal bondade nos mandou, de tudo | *muito* vos agradecemos, e altamente nos | regosijamos por vosso bem estar cuja | continuação almejamos de todo coração. | carta 117
- f. Hontem passei hor | rivelmente atacado¹⁷⁴ por uma depressão | na região precordial, que **durou-me** | até as 5 horas da tarde. carta 132
- g. Por cá | tem aproveitado *muito* o eu | 2r. calypto feito chá, *que* durante | o dia **toma-se** por colheres, - | *depois* de frio e a noite quente. | carta 132
- h. Estive uns dias no Rio de Contas | onde o seu saudavel clima **apro- | veitou- me** muito- carta 133
- i. Soube entrarçar com ellas | a mais linda moldura | que eu poderia desejar para | o retrato que sua terra | **offereceu-me**. carta 166
- j. Além das relações amistosas que *Vossa* Senhoria, generosamente, **concedeu-me** | e pelas quaes grato ser-lhe-ei sem- | pre, seguramente prendem-nos | profissões de fé social identica, | como abolicionistas; carta 167
- l. Em resposta a carta que *Vosmices* | **dirigirão me** em 1.º do corrente, tenho | a dizer, que não sou mais the- | soureiro da *Comissão* da Commemora- | ção do 4.º centenario, por motivo | de ordem superior, que obriga me | a ausentar-me d' esta Capital. | carta 189
- m. Recebi a sua de oje em que | **lembra-me** as cartas em | favor do *Correio* da Tarde. | carta 200
- n. Sou medico por contracto das unicas fazendas aqui existentes, en|tre estas a do *senhor* Dr. Alfredo Ellis a quem fui recomendado pelo *senhor* Dr. Rodrigues Alves, que **despensou-me** as maiores gentilêzas. | carta 209
- o. Poucos dias *depois* d'aqui chegar fui acommettido de uma | febre renittente de carater typhico que **me** | **perseguiu** durante 28 dias e me deixou em mesmo | estado de depauperamento e fraqueza. carta 219.
- p. É a unica prova que | enquanto lhe posso dar de mi- | nha eterna e profunda gratidão | 1v. pela mais acentuada gentileza e | distincção com que sempre **honrou- | me**. | carta 226

¹⁷⁴ Borrado.

r. Sem titulo, a não ser a nossa convivencia no meio da re-|presentação federal, vou recomendar o pedido que ha tempos | **fez-lhe**, afim de servir a meu amigo Doutor Miguel C. Villa | Nova, medico aqui em Batataes residente, que empenha-|se para que o seu cunhado Doutor João da Motta Ramos Cos-|ta, juiz preparador no Cumbe, para que seja nomeado Juiz | de Direito de qualquer comarca d'esse Estado. carta 234

t. Fui hontem procurado pelo Sr.| Dr.Tosta, deputado geral pela| Bahia, o qual **apresentou-me** o telegramma de *Vossa Excelência* que pedia| a remessa de vaccina anti-cor-|bunculosa, para ser ahi appli-|cada. carta 271

u. Escrevi mun|ciozamente¹⁷⁵ ao Dr. Gomes sobre o m|tivo que **levou-me** ao Monte| Santo – Os autos o Geraldo levou| para botar no Correio da *Serrinha* | para Monte Santo – fique certo | de seu convite. Nada *mais* |2v.Acceite vizitas de meu Pai| e recomende-me com visitas | a *Exceletissima* Baronesa, Joaozinho | e Totonio –| Podendo dispor|Do amigo obrigadissimo |Antero dCirqueira Gallo¹⁷⁶ |carta 322

v. P.S.: Tenho tido saudosas recor-|dações da nossa viagem, visto | a amabilidade com que *Vossa Excelência* | **tratou-me**.| Vizitas a Dr. Antonio, sua res-|peitavel consorte e Dr. Mello | com a familia. |O mesmo. | carta 332

(3.49) Adjuntas e outras

a. Recommendaste me que intervisse no novo | contracto de fornecimento. Mas quando **chegou-me** o teu Aviso, ja o contracto novo me | era communicado pelo Osorio. carta 49

b. Não é caso novo por o collector -tam-|bem administrador Fiscal, assim, *Vossa Excelência* pra-|ticará um acto de justiça, reentregando| o Coronel Antonio Jacintho, pois que na| ponta d'arcia pode ser elle um agente| Fiscal de sua Confiança que zelará.|2v. perfeitamente os interesses do Estado, sem que| **passem-se os contrabandos**, denunciados| pelos nossos intigrantes adversarios!| carta 236

c. *Vossa Senhoria* não se lembrou mais| do que me prometeo em *Fevereiro* 1900| quando **encontrou se** comigo em| Campestre que subia para o S. Geraldo com Sr. Barrow, neste dia *Vossa Senhoria* apresentou-me a elle e prometeo| me um lugar de fiel <e amanuense> da Alfandega| ahi na Bahia, perguntou me se| eu tinha fiança de 3000:000 eu lhe| respondi que tinha, creio que| de mirar sem recurso para dar| comer os filhos não sei o que| será só o desaparecimento para não velos| morrer a fome|. carta 276

d. Quando **arretirava-se**, 5 para 6 horas da tarde, foi attingido por uma balla, | fallecendo as 2 para 3 horas da madrugada: 321

f. Estava disposto a man|dar um portador directamente | ahi; ou a Secretaria passar um | telegramma visto como | desde que d'ahi **regressei-me** | não tive mais noticias. carta 328

¹⁷⁵ Por “minuciosamente”.

¹⁷⁶ Grafismo.

g. Soube| por intermedio do Geraldo a| outro que *Dona* Adelaide não| se achava restabelecida; fiquei| avexadissimo, pois quando| d'hi **ausentei-me** dexei|-a *muíto* melhorada. A secca| aqui continua intucidamente| apparece indicios de chuvas| não sei o que surtirar| 1v.surtirá. carta 328

h. Não pude| como V. **pedi-me**, e eu pretendi,| pagar seo *dinheiro* athe o fim do anno;| e *mesmo* ainda não o tinha hoje| toudo pronto; *porém* avista de não| de morar, remeto lhe *por* meo ir|máo (700\$000) sete centos mil reis,| e peço lhe *por* dizerme *quanto* resto. | carta 338

i. Hontem o Governador| baixou o acto suspendendo a lei da| organização da guarda municipal;| más creio, que o Conselho e o In-|tendente, não se submeteu a seme-|lhante arbitrariedade; tanto assim,| que **consta-me** ter feito hoje as-| nomeações da dita guarda ou par-|te d'ella. carta 368

j. O Con-|selheiro e os¹⁷⁷ fanaticos d'elle, estão-| *muíto* audazes, más creio, que se derem| um novo combate, como **espera-se**, fi-|carão aniquilados para sempre, *por que*|1v. a força¹⁷⁸ que para alli seguiu, [de]¹⁷⁹|ve constar de 500 praças, entre [li]¹⁸⁰nha e policia, e foi *muíto* bem ar[ma]¹⁸¹|da e municiaa; carta 371

l. Do *mesmo* criou-se um| directorio *para* o Partido com| a denominação de Catho|lico sendo o Vigario| escolhido chefe e o Elpi|dio vice chefe se bem| que este **disse-me** não| acceitar. Com a vista| conversaremos a respei|to de tudo *quanto* dis res|peito a Política de aqui| carta 494

m. E de facto só no| começo do mez de Maio foi *que* a febre| **deixou-a** e por *muíto* dias ainda| estavamos sempre receiosos. Sabe-o| Deos, eu e alguns *amígos que* nessa occasião| frequentarão-me a casa, e *mais* que| todos, o *Doutor* Pedro Mendes *que por* duas| veses veio medical-a, o estado de| prostração, afflicção e desconfian-|2v.ça em *que* me achava; cuja conva-|licença prolongou-se até o meado| de Junho. carta 442

A ênclise ocorre na sentença sem o operador Qu-.

Por fim, passo aos exemplos dos seguintes tipos de orações: Orações interrogativas diversas; Expressões fixas e orações coordenadas ou subordinadas com “porque”.

3.2.4.3 Orações interrogativas diversas

(3.50)

a. Sua carta de 16 d'este, em resposta| as *minhas* de 18 e 25 do passado e de 5 e-| 11 deste, me foi entregue no dia 22-| V. não se persuadia que o pôvo do Con-|selheiro recuava perante a força Federa-|l, embóra fosse elle em numero-| *muíto* inferior? Já **desenganou-se**? carta 371.

¹⁷⁷ Rasurado.

¹⁷⁸ Rasurado.

¹⁷⁹ Corroído.

¹⁸⁰ Corroído.

¹⁸¹ Corroído.

b. Quan|tos raios, brilhantes de luz,| não terá aumentado a aureola| da gloria, que **o circunda**?| Adeos. Sempre e cada vez *mais*| Seo do *Coração*| Pinto Lima| carta 205

c. Porque| D. Adelia não me escreveu quando ultimamente| a ella **me dirigi**? Como vai teu Irmão? O| João tem aparecido aqui, depois das férias,| que conosco passou desde que o Roche se| foi: está bonito, crescido e gordo, e á espera dos| 900\$000 para comprar roupa, alfinete del gravata, etc. Se te não esqueceres, manda-| 7r. 7|-me d'ahi umas sementes de mamão, mas do que| tem a forma de melão, para ir substituindo os do| nosso quintal. Até hoje não recebi o requeijão| que vão mandar pelo Doria: quando chegar pro-|vavelmente já trará ninhada.| carta 273

c. No dia 17, está| anunciado uma grande reunião| para formar-se o partido nacio-|nal, o *que me diz* a respeito? Aqui| ou em qual*quer* parte que esteja con-|tará sempre com o meo fraco ser-|viço. Tem chovido bastante aqui.|Abençõe sua affilhada e dê-| suas ordens a este que com toda|2r. estima, concideração e respeito é|De *Vossa Excelência*|Primo compadre e amigo pelo *Coração*| Benicio Penalva| carta 355

3.2.4.4 Expressões fixas

As expressões fixas são ambientes categóricos de próclise na história do português europeu. Em CB, além de pouco frequentes, também ocorrem com próclise.

(3.51)

a. O Céu **lhe dê** consolações. | carta 199

3.2.5 Orações coordenadas ou subordinadas com “porque”

A variação nesse contexto não é esclarecedora, uma vez que não foi feita distinção entre o conectivo **porque** coordenativo/explicativo e a conjunção subordinada causal devido à instabilidade diacrônica desses conectivos para a contagem da ênclise e da próclise (cf. Martins, 1994, Britto, 1999 e GBPS, 2005). Os exemplos ilustram as ocorrências das orações com conectivo “porque”, tanto em coordenadas quanto em dependentes.

(3.52)

a. Não tenho tempo, disponível|1v.porque, não obstante haver| sahido muita gente, acho|me só no balcão, as noticias| que colho não me são| ministradas pelos princi-|paes, pelo que só vou trans-|mittindo oque posso colher| sem poder sellar como| veridico-¹⁸²|os taes conselheristas estão|

¹⁸² Borrado.

cada vez mais ousados,| ultimamente forão ao Caixa-| [a] qui atacar o Sabino Barros | irmão de João Roque que | foi vaqueiro do Dr. Fiel e soube-|mos aquí que o Sabino tendo | aviso antecipado fugiu,| porem parece que oplano | era para diversos, porque soube-|se que indo d'aqui diversos | em numero de 6 a 8[...]¹⁸³, a pro-|cura de animaes, quatro,| foram mortos, podendo o res |to fugir e por isso escapa-|rão. | carta 449

c. Mana | lhe pede este favôr, e lhe manda dizer que agora n'esta | casa há mais ordem, por que ella **a governa.** carta 8

d. Sciente do | que me comunica sobre o | sarampo é difficilimo traçar lhe | uma linha de conducta, pelas | formas diversas por que elle | **se apresenta**— carta 132

3.3.6 Estudo comparativo: Cartas Brasileiras (CB), GBPS (2005) e Pagotto (1992)

Os dados desse item buscam confirmar a hipótese apresentada na introdução, a de que, nos textos de CB, é possível encontrar três gramáticas em competição com relação à colocação dos clíticos. Para isso, a discussão neste item visa apresentar as ocorrências encontradas em CB sob uma perspectiva longitudinal com base na data de nascimento dos remetentes e de produção dos documentos. Em um segundo momento, esses resultados são comparados com estudos históricos do português europeu e do português brasileiro, tendo como parâmetro GBPS (2005) para os escritos por portugueses e Pagotto (séc. 16-20) para os textos escritos no Brasil.

Um ponto complicador diz respeito à forma de tratar os dados de maneira pragmática em uma perspectiva quantitativa, considerando a data de nascimento dos autores, assim como a data de produção dos textos. O problema reside, tanto no primeiro caso quanto no segundo, na forma de agrupamento, já que essa não é uma decisão trivial. Ou seja, é impossível tratar cada remetente e inseri-lo em um ponto no tempo como é feito nos *Corpora Históricas Anotado do Português* (CTB). Isso porque estamos tratando de correspondências particulares de uma população extensa, pessoas nascidas em diferentes anos de uma mesma década e que escrevem suas cartas ao longo de suas vidas. Não se trata de um único autor. Logo, para tratar de um universo de 217 que produzem no total 500 cartas, são necessárias algumas tomadas de decisões que podem ter implicações na análise, mas são necessárias, considerando-se a especificidade da documentação. Além disso, estamos juntando gramáticas individuais como se fossem uma de certo período. Mas se por um lado há

¹⁸³ Rasurado.

implicações teóricas nesse sentido, por outro, os textos representam uma amostra substancial de língua-E do século XIX, além de ser também uma amostra pouco formal.

A forma de organização dos dados, embora questionável, foi feita de maneira a agrupar indivíduos em um período comum de tempo. Como foi resultado de um agrupamento de datas distintas, foi tirada uma média para inserção em determinado ponto na linha do tempo, ficando os dados organizados da seguinte maneira quanto à data de nascimento dos remetentes:

1. nascidos entre 1724¹⁸⁴ e 1799: ponto no tempo, 1775;
2. nascidos entre 1800 e 1850: ponto no tempo, 1825 e
- 3 nascidos entre 1851 e 1880¹⁸⁵: ponto no tempo, 1875.

E, em separado, aqueles cuja datas de nascimento não foram identificadas. Também é importante esclarecer que a maior parte dos remetentes nasceu na primeira metade do século 19, sendo poucos os nascidos no século 18 e na segunda metade do século 19. Isso gera mais um complicador, porque os dados são mais escassos nesses períodos, gerando uma limitação na documentação. Por outro lado, fica mais substancial como amostra de nascidos na primeira metade do século 19 no Brasil, como será especificado mais adiante.

Com relação à data de produção dos documentos, devido ao grande volume de cartas, datadas ano a ano (1808-1904), o agrupamento foi feito em períodos menores de tempo, em torno de 25 anos. Um ponto positivo é que a datação é feita por data de escrita da carta e não por data de publicação como ocorre em textos literários, cuja data de publicação não corresponde à data de escrita. O agrupamento proposto, a princípio, foi o seguinte¹⁸⁶:

1. 1809-1825: ponto no tempo, 1825;
2. 1826-1850: ponto no tempo, 1850;
3. 1851-1875: ponto no tempo, 1875 e
4. 1876-1904: ponto no tempo, 1900.

Uma vez esclarecidos esses aspectos, parte-se para apresentação dos tipos de orações analisados:

(i) Verbo em posição inicial absoluta.

(ii) Contexto de variação I: orações raízes declarativas afirmativas e principais com verbo precedido de sujeitos neutros, advérbios não modais e sintagmas preposicionados.

¹⁸⁴ Data de nascimento do remetente mais velho.

¹⁸⁵ Data de nascimento do remetente mais jovem, o menino Potâmio [Américo de Souza] de 13 anos.

¹⁸⁶ As cartas desse quartel foram inseridas largamente por metade de século devido ao pequeno volume de cartas desse período, a maior parte das cartas da segunda metade se concentrava no último quartel.

(iii) Contexto de variação II: Verbo em posição inicial em segunda coordenada e verbo precedido de orações dependentes

Em (ii), é também observada a atuação do clítico **SE** sobre o sujeito pré-verbal. E, quando pertinente, outras possibilidades de análise dos percentuais, com o objetivo de avaliar o impacto de determinadas construções como, por exemplo, o de sujeitos pré-verbais com nome próprio na incidência de ênclise. Nesse contexto, o padrão curvilíneo pode indicar a direção do português europeu moderno ou indicar a atuação da gramática do português brasileiro.

3.3.6.1 A variação diacrônica e as implicações para a gramática do português brasileiro

No capítulo 1, foi mostrado como determinadas construções identificam fases distintas do português europeu. Também foi visto que, no século 19, fenômenos próprios do português brasileiros se tornam bem evidentes, como se observa na subida da curva de crescimento de freqüências, vistas adiante. Com relação à colocação dos clíticos, a situação encontrada em CB é de muita variação. Tanto podem ser encontradas construções próprias do português clássico, do português europeu moderno, como também do português brasileiro, como já referido. Entretanto, uma das principais construções que evidencia a gramática do português brasileiro é a próclise com verbo em posição inicial absoluta. A variação na colocação dos clíticos nessas construções mostra de forma determinante a atuação de uma gramática com características distintas da gramática do português europeu, uma vez que em toda sua história não ocorre próclise em posição inicial absoluta, como já dito.

No gráfico 3.3, apresento o percentual relativo a 8 entre as 13 ocorrências de próclise nessa posição, relativas às orações raízes declarativas afirmativas e principais com verbo único, submetidas à data de nascimento dos remetentes. Essa próclise, que aparece em competição com as construções com ênclise, evidencia o processo de mudança ocorrido no português brasileiro. Embora seja esse tipo de colocação um dos mais significativos para a identificação da gramática do português brasileiro, não é facilmente encontrado nos textos brasileiros, mesmo para o século 19, como ficou demonstrado nos estudos de Pagotto (1992) e Lobo (2001).

3.3.6.1.1 Próclise em posição inicial absoluta

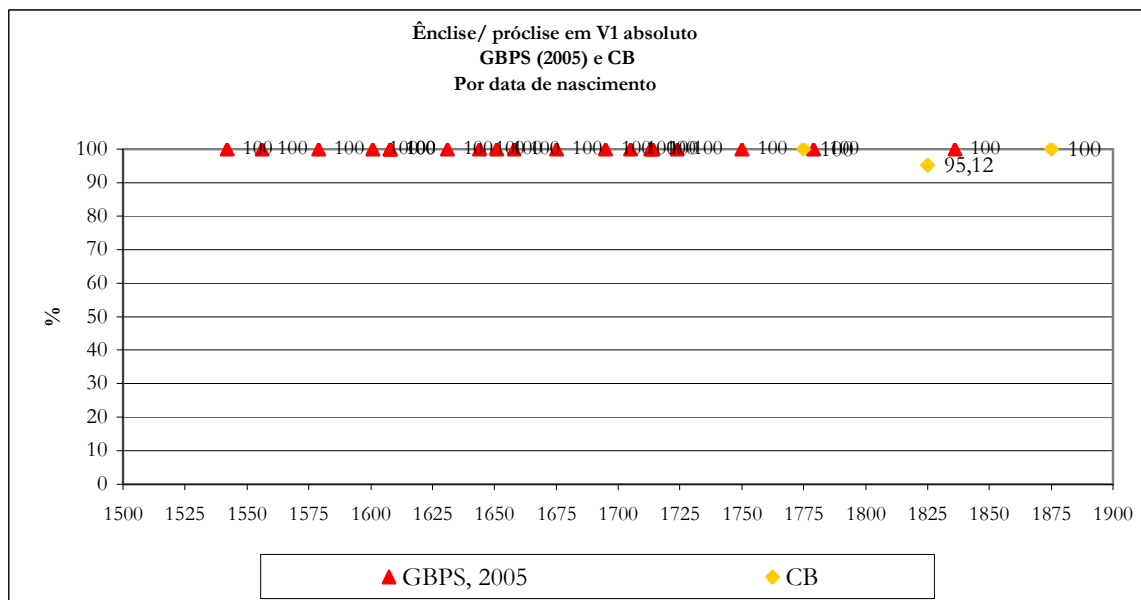
O número de ocorrências de próclise em posição inicial absoluta em CB por data de nascimento consta na próxima tabela 3.13 (cf. sobre a próclise em orações imperativas e em orações passivas com grupos verbais na tabela correspondente no início deste capítulo).

Tabela 3.13 Ênclise/próclise em posição inicial absoluta em CB. Por data de nascimento

Data de nascimento	Posição inicial absoluta				
	Orações declarativas, afirmativas principais com verbo único				TOTAL
	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	
V					
Ênclise	6	156	32	42	236
Próclise	0	8	0	0	8
% Ênclise	100	95,12	100	100	96,72
TOTAL	6	164	32	42	244

O gráfico 3.3, comparativo com GBPS (2005), mostra de forma clara a variação nesse ambiente, embora o percentual de CB seja pequeno.

Gráfico 3.3



A variação encontrada no contexto I mostra, de forma inequívoca, a atuação da gramática do português brasileiro.

3.3.6.1.2 Contexto de variação I: estudo comparativo

Esses dados foram contrastados com GBPS (2005) que, como dito, estudam o português europeu (1500-1850). Nessa comparação reside o ponto chave para a identificação das gramáticas que produziram as construções com clíticos em orações com verbo único. Conforme seja a curva ascendente, em construções no contexto I, com ênclise, é interpretada como correspondendo às construções próprias do português europeu moderno. Esse contexto é bastante importante para a descrição de construções com clíticos em toda a história do português europeu e com implicações para o entendimento do português brasileiro, sobretudo em um momento de competição de gramáticas, como o verificado em textos escritos por brasileiros nascidos a partir do século 17.

No gráfico apresentado com base nos estudos de GBPS (2005), sobre o português europeu de 1500-1850, verificam-se, como já mostrado, duas fases distintas na colocação dos clíticos nas orações raízes declarativas afirmativas e principais com verbo precedido de sujeitos neutros, advérbios não modais e sintagmas preposicionados. Na 1ª fase, a variação nesse contexto até o século 18 é interpretada como característica de uma mesma gramática, sendo que a ênclise inferior a 15% é considerada uma opção marcada. A partir do século 18, há um início de uma curva que mostra os efeitos da mudança na gramática do português europeu, caracterizando a 2ª fase, o denominado português europeu moderno. Nessa nova gramática (cf. GBPS, 2005), os percentuais de ênclise atingem em meados do século 19 quase 90%.

Vejamos a seguir, os percentuais encontrados em CB. A tabela 3.14 traz os dados encontrados em CB cruzados com a data de nascimentos dos remetentes das cartas.

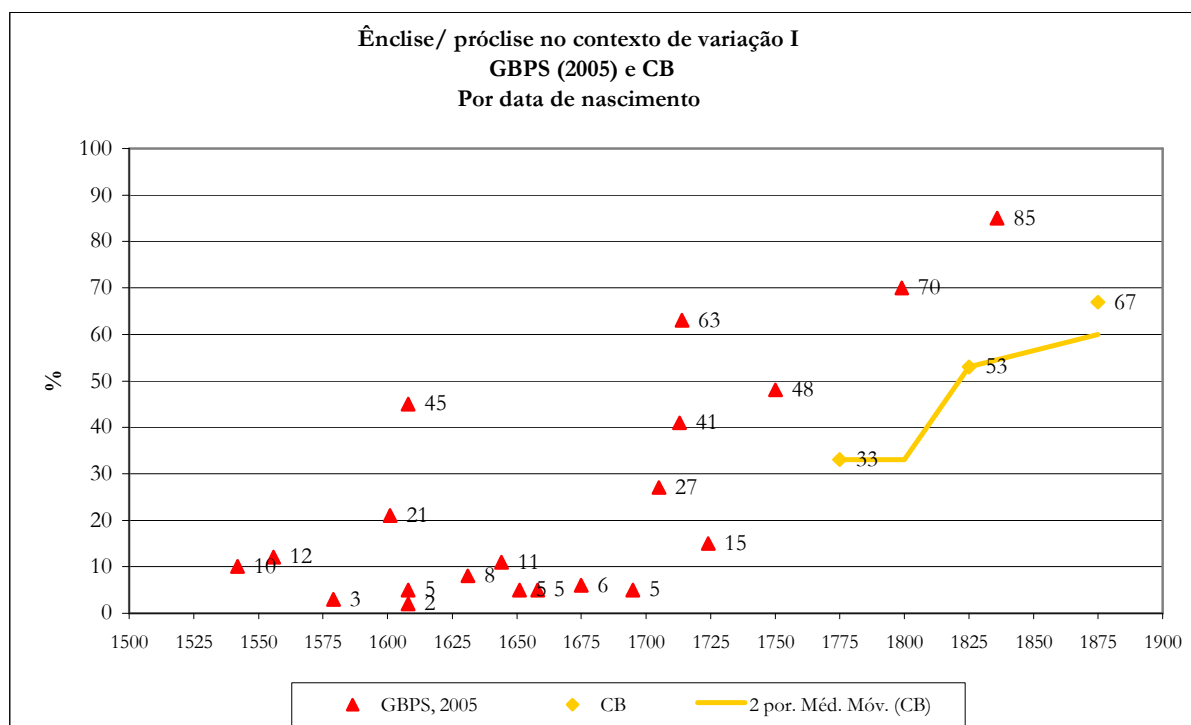
Tabela 3.14 Ênclise/próclise no contexto de variação I em CB. Por data de nascimento

Data de nascimento	Contexto de variação I				
	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL
S-V					
Ênclise	4	47	20	8	79
Próclise	6	42	6	8	62
% Ênclise	40	53	77	50	56
ADV-V					
Ênclise	0	14	1	3	18

Próclise	2	17	3	2	24
% Ênclise	0	45	25	60	43
PP-V					
Ênclise	0	32	7	9	48
Próclise	0	25	5	3	33
% Ênclise	0	56	58	75	59
TOTAL					
Ênclise	4	93	28	20	145
Próclise	8	84	14	13	119
% Ênclise	33,33 (33)	52,84 (53)	66,66 (67)	60,6	54,92

No gráfico 3.4, a seguir, que trata do mesmo contexto acima, quando cruzado com a data de nascimento dos autores nos três períodos, vê-se que a ênclise não é compatível com a do português europeu moderno, embora apresente a mesma curva ascendente. Então o que temos: algo que parece ser, até meados do século 18, uma variação que não é ainda a do português europeu moderno e pode ser interpretada como consequência da competição com o português clássico. E, de outro, a ênclise a partir daí, que se aproxima do português europeu moderno, aparece em competição com a gramática do português brasileiro. Vejamos os percentuais no gráfico que segue e que se referem à comparação de CB e GBPS (2005).

Gráfico 3.4



A hipótese que tem sido defendida, conforme dito no capítulo 1, sobretudo Pagotto (1992, 1999), é de que a ênclise que aparece nos textos escritos no Brasil do século 19 ocorre pela imposição da norma brasileira que tem o português europeu como padrão em um momento de mudança, do português clássico ou médio para o português moderno. Essa situação de mudança se reflete nas curvas do gráfico 3.4 acima¹⁸⁷.

Para comparar esses resultados aos apresentados por Pagotto (1992), submeto os dados do contexto de variação I à data de produção em cartas brasileiras, conforme tabela 3.15, a seguir:

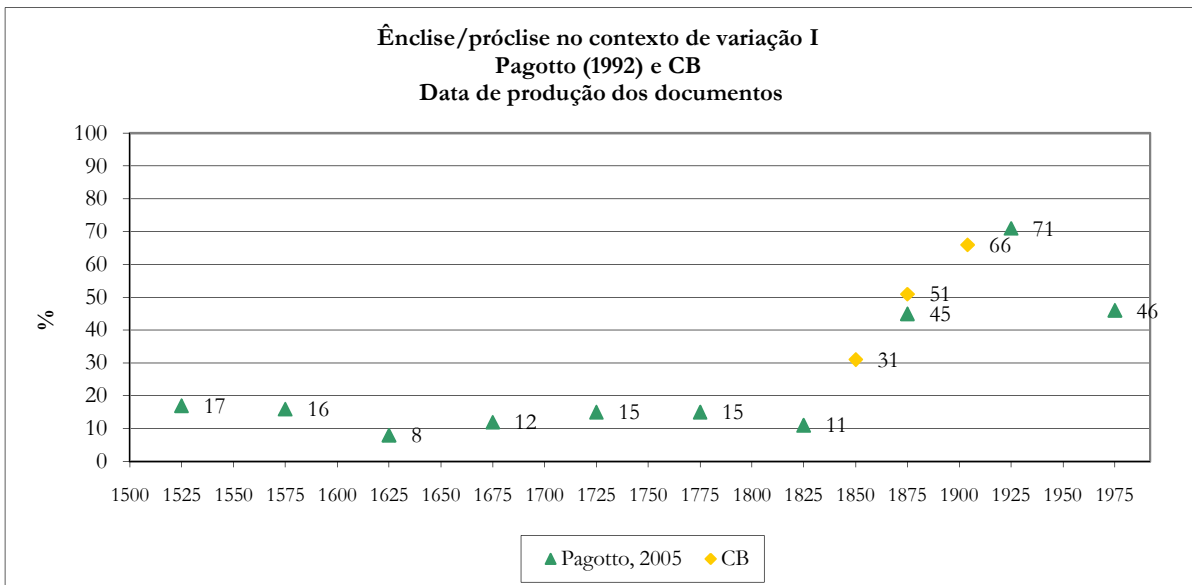
Tabela 3.15 Ênclise/próclise no contexto de variação I em CB. Por data de produção

Data de produção	Contexto de variação I				
	1809-1825	1826-1850	1851-1875	1876-1904	TOTAL
S.-V					
Ênclise	1	3	47	28	79
Próclise	2	6	41	13	62
% Ênclise	33	33	53	68	56
ADV-V					
Ênclise	1	0	12	5	18
Próclise	0	2	15	7	24
% Ênclise	100	0	44	42	43
PP-V					
Ênclise	0	0	22	26	48
Próclise	0	1	22	10	33
% Ênclise	0	0	50	72	59
TOTAL					
Ênclise	2	3	81	59	145
Próclise	2	9	78	30	119
% Ênclise	50	33, 33 (33)	50,9 (51)	66	54,92
Ênclise	5				
Próclise	11				
% Ênclise	(31)				

Os dados de CB são vistos agora segundo a data de produção dos documentos e serão novamente comparados aos estudos de Pagotto (1992). Os resultados são os seguintes:

Gráfico 3.5

¹⁸⁷ Os portugueses usam já bastante ênclise no século 18. No entanto, parece que a “norma portuguesa” só vai afetar os textos brasileiros no século 19. Por quê? Temos que levar em conta o atraso na atuação das mudanças nos textos, primeiro em Portugal, depois no Brasil. Logo, de fato, não é possível considerar a ênclise como opção normativa no século 19 (cf. Paixão de Souza, comunicação pessoal). E a próclise ainda se reveste de opção possível também, e é prestigiada (cf Figueiredo, 1909).



Os dados de língua-E expressam a mudança no português europeu moderno. A comparação desses resultados com os dados do CTB por data de produção mostra que CB apresenta a mesma curva, embora com quase 100 anos depois. Aliado a isso, espera-se a reversão de tendência com dados de meados do século 20, fato que é evidenciado no capítulo 6, quando esses dados de CB são divididos por amostra (costa/culto *versus* interior/semi-culto).

Gráfico 3.6

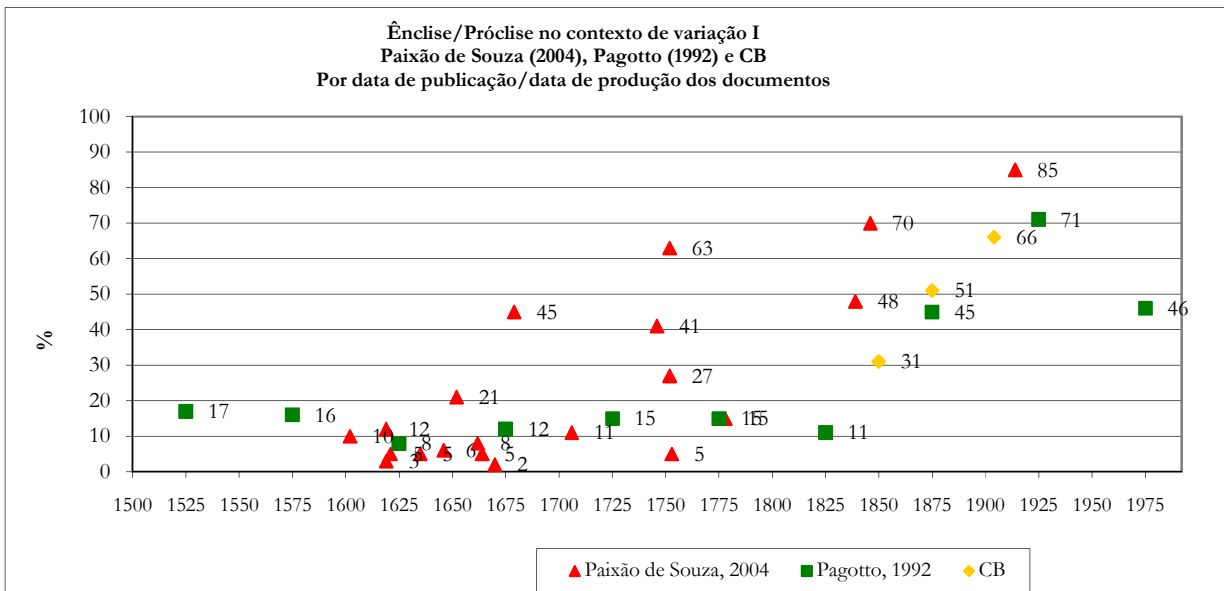
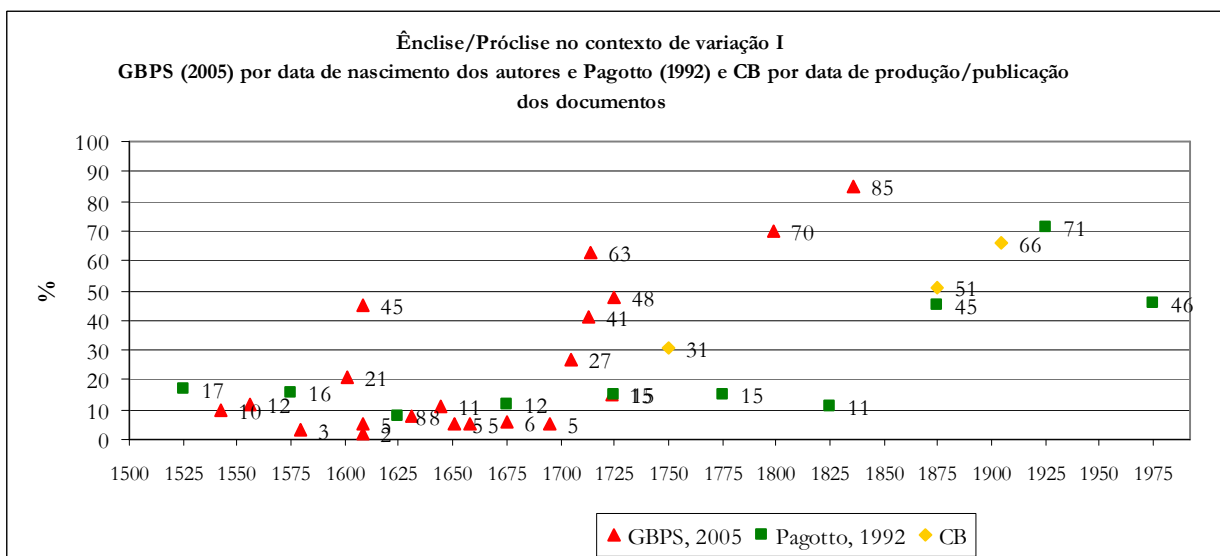


Gráfico 3.7



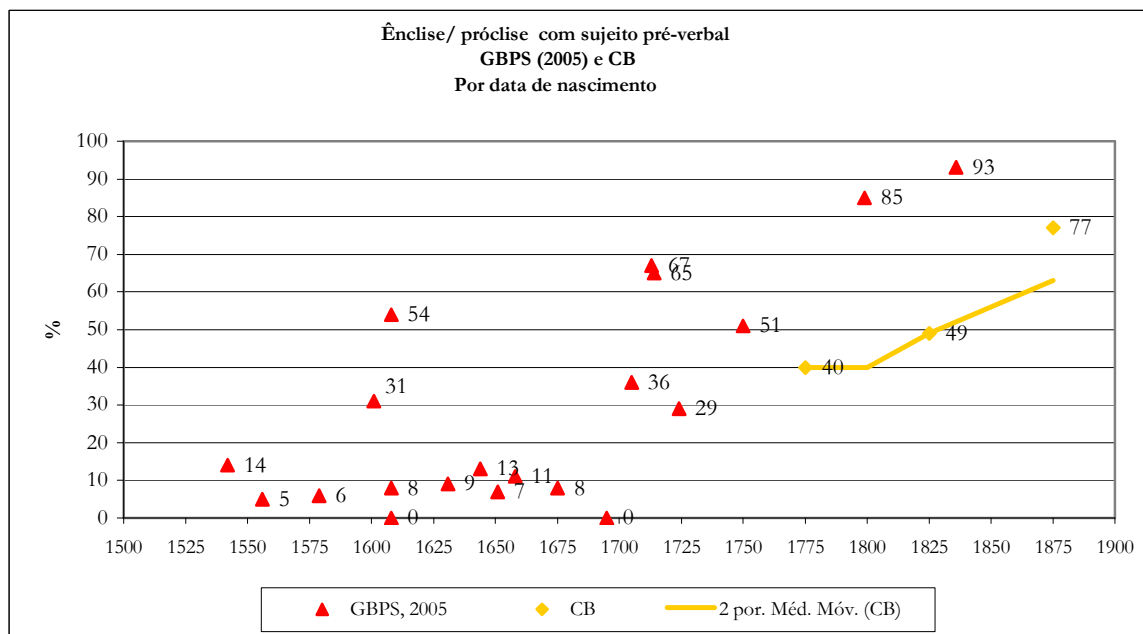
Tendo em vista a importância das construções com SV nesse contexto, comparo os dados de CB com GBPS (2005).

Tabela 3.16 Ênclise/próclise com sujeito pré-verbal em CB. Por data de nascimento

Data de nascimento	Sujeito pré-verbal S-V				TOTAL
	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	
Ênclise	4	47	20	8	79
Próclise	6	42	6	8	62
% Ênclise	40	53	77	50	56
TOTAL	10	89	26	16	141

Embora a curva no gráfico 3.8, abaixo, equivalente a CB acompanhe a curva do português europeu, aparece com percentuais inferiores.

Gráfico 3.8



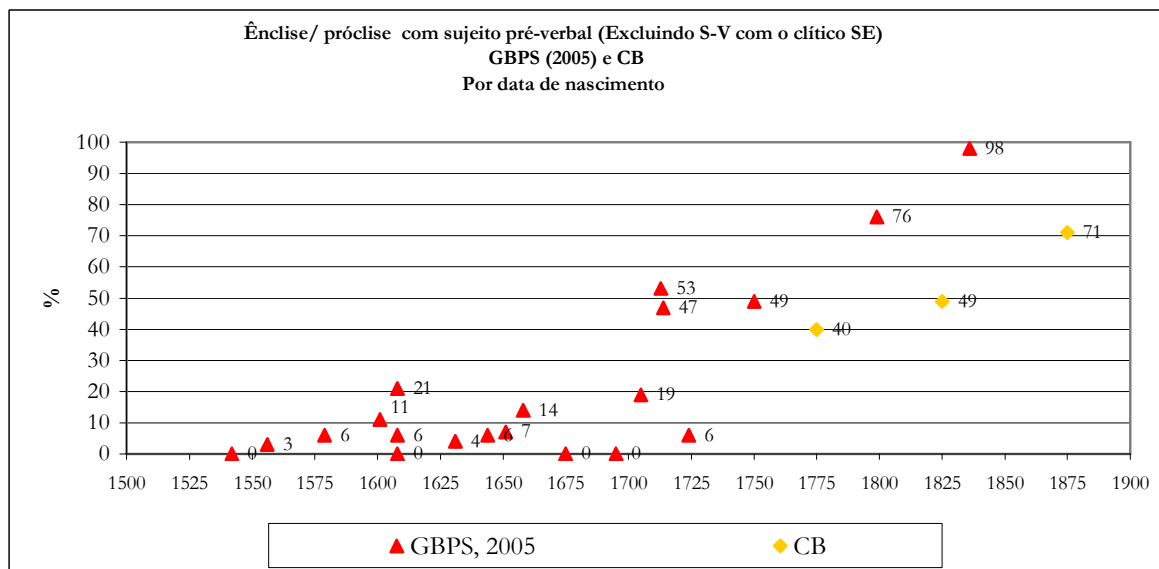
Como o clítico **se** apresenta um índice de subida importante de ênclise, as construções SV com esses clíticos são vistas em separado. Os dados de CB constam, a seguir:

Tabela 3.17 Ênclise/próclise com sujeito pré-verbal (excluindo o clítico SE) em CB. Por data de nascimento

Data de nascimento	S-V (excluindo o clítico SE)				
	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL
Ênclise	3	34	12	6	55
Próclise	3	36	5	7	51
% Ênclise	40	49	71	46	52
TOTAL	6	70	17	13	106

A análise das estruturas SV sem o SE eleva a curva. Comparem-se os resultados dos dois gráficos, 3.9 e 3.10, a seguir, sendo que, no primeiro, as construções não são comparadas com os índices de sujeito de GBPS (2005), mas com todo o contexto de variação I. Isso é importante para o entendimento em CB.

Gráfico 3.9



Seguindo esse raciocínio, faço uma nova tomada dos dados, desta vez excluindo do contexto I, os sujeitos com nome próprio, porque foi percebido que apresentam tendência à ênclise. Após isso, novamente, voltando ao contexto I: orações raízes declarativas afirmativas, principais, com verbo em segunda posição antecedido por sujeitos neutros, sintagmas preposicionais e advérbios não modais, para verificar se o índice de ênclise em sujeitos com nomes próprios interferiu. Adiante, faço o mesmo com os casos de sujeito com SE.

Nessa fase da descrição, o passo seguinte é a exclusão dos sujeitos com nomes próprios.

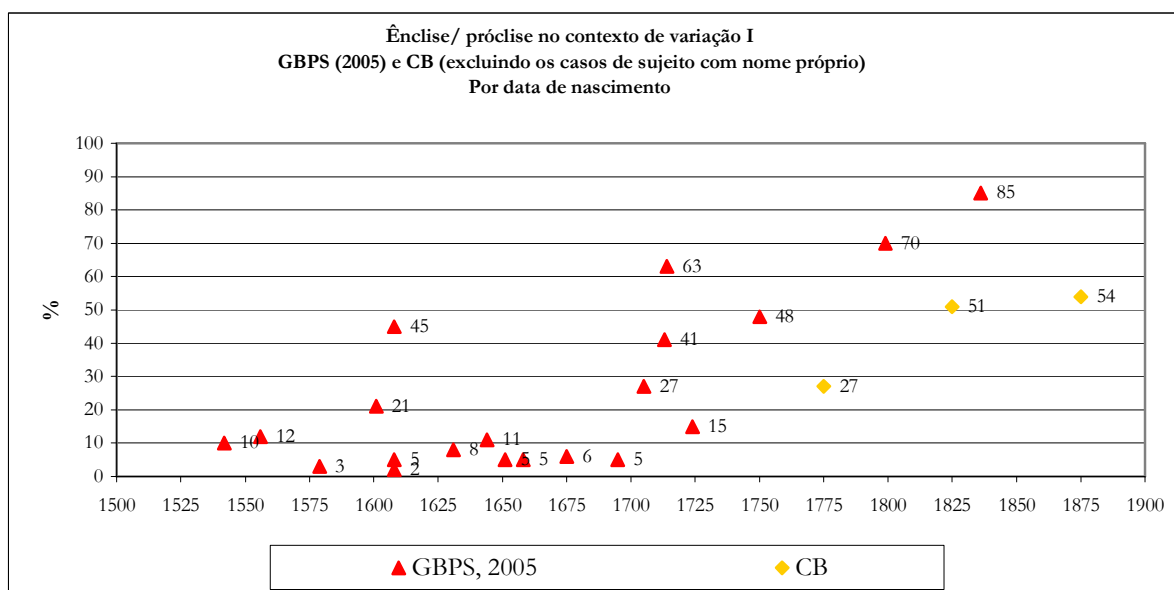
Tabela 3.18 Ênclise/próclise no contexto de variação I (excluindo S-V com nome próprio) em CB.
Por data de nascimento

Data de nascimento	Contexto de variação I (excluindo S-V com nome próprio)				
	1824-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL
Ênclise	3	31	6	4	44
Próclise	6	32	4	7	49
% Ênclise	33	49	60	36	47
ADV-V					
Ênclise	0	14	1	3	18
Próclise	2	17	3	2	24
% Ênclise	0	45	25	60	43
PP-V					
Ênclise	0	32	7	9	48
Próclise	0	25	5	3	33
% Ênclise	0	56	58	75	59

TOTAL					
Ênclise	3	77	14	16	110
Próclise	8	74	12	12	106
% Ênclise	27,27 (27)	50,99 (51)	53,84 (54)	59,25	

O gráfico 3.10 mostra esses resultados comparados com GBPS (2005).

Gráfico 3.10



Uma vez mantido o contexto de variação I em GBPS (2005), e excluindo o contexto do contexto de variação I em CB, os sujeitos pré-verbais com nomes próprios e os casos de sujeito pré-verbal com o clítico SE, vemos que a diferença é ainda maior entre GBPS (2005) e CB.

Tabela 3.19 Ênclise/próclise no contexto de variação I (excluindo S-V com nome próprio e sujeito com clítico SE) em CB. Por data de nascimento

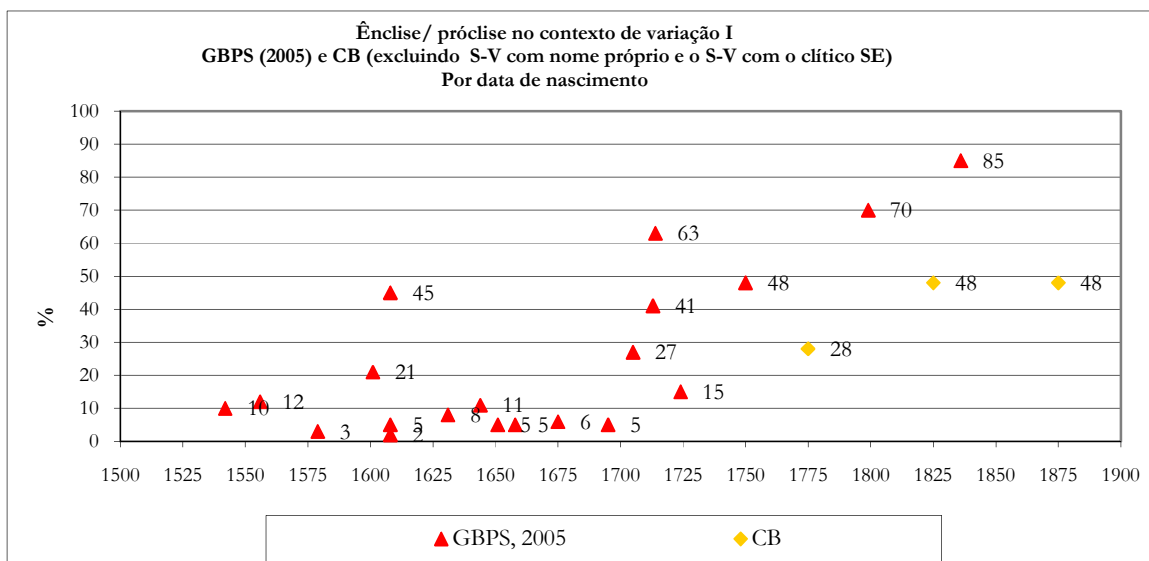
Data de nascimento	Contexto de variação I (Excluindo SV com nome próprio e S-V com o clítico SE)				
	1824-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL
Ênclise	2	23	3	3	31
Próclise	3	26	3	6	38
% Ênclise	40	47	50	33	45
ADV-V					
Ênclise	0	11	1	3	15
Próclise	2	14	3	1	20
% Ênclise	0	44	25	75	43
PP-V					
Ênclise	0	24	6	7	37
Próclise	0	23	5	3	31

% Ênclise	0	51	55	70	54
TOTAL					
Ênclise	2	58	10	13	83
Próclise	5	63	11	10	89
% Ênclise	28,57 (28)	47,93 (48)	47,61 (48)	56,52	48,25

O gráfico 3.11 mostra a comparação com GBPS (2005). Esse gráfico é importante porque evidencia que, de fato, em CB, tais construções, isto sujeitos pré-verbais com nome próprio e com o clítico SE, interferem nos resultados. Não é, entretanto, conclusivo, porque não se tem um equivalente com relação aos nomes próprios em GBPS (2005).

Dos gráficos equivalentes ao contexto de variação I, fica como conclusão aproximada que a curva em CB não acompanha a mesma tendência do português europeu. Desse ponto de vista, interpreto CB como reflexo de competição de gramáticas. É significativa a distância nos dados relativos ao português europeu e CB.

Gráfico 3.11



No item seguinte, passo ao segundo contexto de variação.

3.3.6.1.3 Contexto de variação II: GBPS (2005) e Cartas Brasileiras (CB)

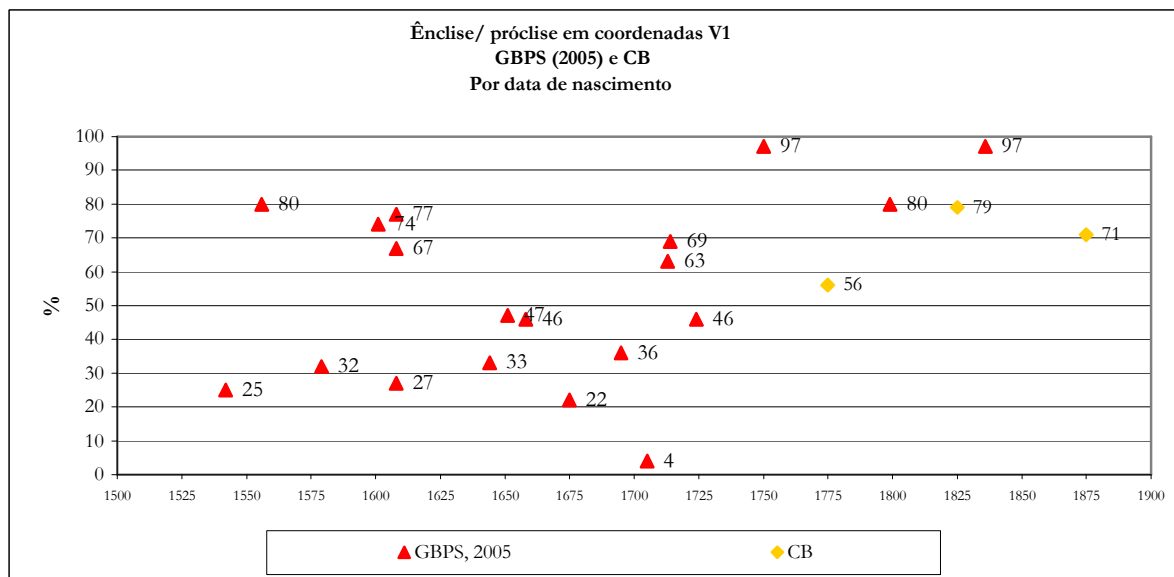
Embora prevaleça a ênclise nas orações raízes declarativas afirmativas e coordenadas, refletindo a gramática do português europeu moderno, observa-se uma pequena queda do percentual na segunda metade do século 19.

Tabela 3.20 Contexto de variação II, raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas em CB

Data de nascimento	Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas				
	1824-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL
Ênclise	5	119	15	21	160
Próclise	4	31	6	4	45
% Ênclise	55,6% (56)	79,3 (79)	71,4 (71)	84	78,0
TOTAL	9	150	21	25	205

O gráfico 3.12 mostra os resultados comparativos com GBPS (2005).

Gráfico 3.12



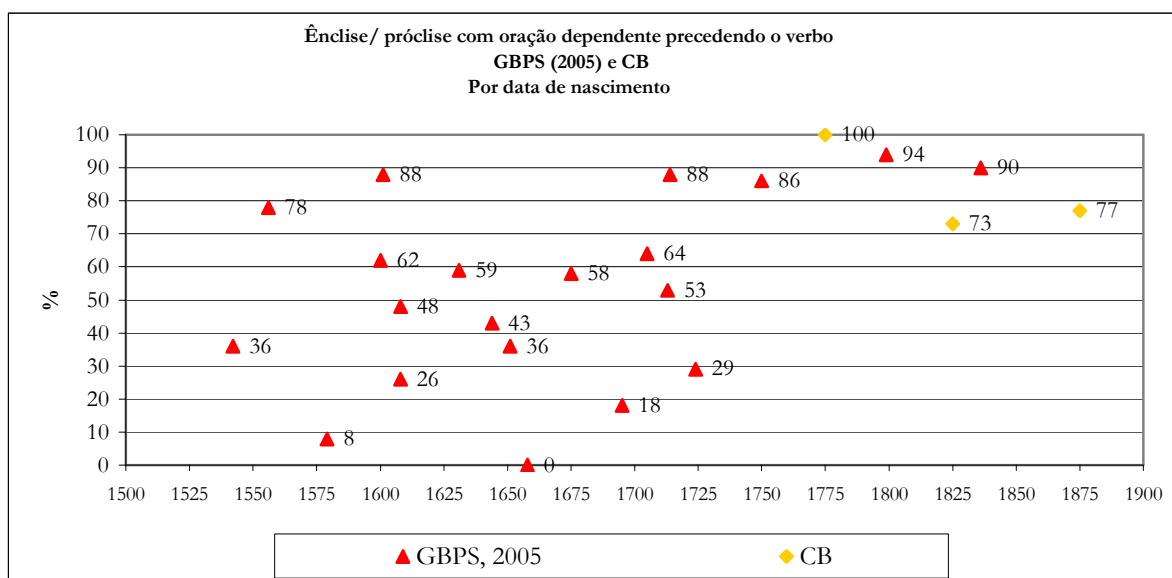
A tabela 3.21 traz os resultados da construção com verbo precedido por oração dependente reduzida ou desenvolvida que faz parte do contexto de variação II nos termos propostos por GBPS (2005).

Tabela 3.21 Contexto de variação II, verbo precedido de orações dependentes reduzidas e desenvolvidas em CB. Data de nascimento

Data de nascimento	Or. V Verbo precedido de orações dependentes reduzidas e desenvolvida				
	1824-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL
Ênclise	1	37	10	10	58
Próclise	0	14	3	5	22
% Ênclise	100	73	77	67	73
TOTAL	1	51	13	15	80

O gráfico 3.13 mostra os resultados comparativos com GBPS (2005). O percentual de 100% para o ano de 1750 não é relevante porque se refere a apenas 1 ocorrência.

Gráfico 3.13



Julgo que, a partir dos elementos apresentados nesse item, é possível postular a atuação da gramática do português brasileiro no século 19. Há evidências de que os brasileiros do século 19 de fato falavam como os brasileiros de hoje, mas tentavam reproduzir as gramáticas portuguesas que lhes serviam de norma. Nesse item, mostrou-se que a próclise que aparece nos textos, somente em parte, representa a gramática do português clássico. Parte importante dessa próclise representa a gramática do português brasileiro em orações com verbos simples, além da próclise ao verbo não finito, como será visto adiante.

Pode-se inferir que as construções com ênclise são produzidas por gramáticas distintas do português em processo de competição de gramáticas. Aliada a essas duas gramáticas em competição, ou seja, construções da gramática do português europeu de um período anterior ao século 18 com a nova gramática a partir desse período, há a gramática de uma das vertentes do português brasileiro, que apenas os falantes cultos conseguem escapar em parte, mas não os falantes não cultos (cf. capítulo 6). Digo em parte porque, embora de forma restrita, os falantes cultos (1/13) usam a próclise em início de oração, um contexto altamente marcado, uma vez que sempre foi um contexto de ênclise categórica na história do português europeu. Todos os outros casos (12/13) foram registrados nas cartas dos remententes semi-cultos. Isso indica que essas construções são próprias da gramática nuclear do falante brasileiro do interior da Bahia. Por outro lado, também apresentam, mais do que os falantes cultos, propriedades que não caracterizam a gramática do português de nenhum período. Ou seja, aspectos que não são parte de sua gramática nuclear e nem da Língua-I de falantes do português. Por exemplo, as construções com ênclise indevida, podendo ser uma tentativa de generalizar a ênclise aprendida de forma imperfeita nessas construções que não fazem parte nem da escrita e nem da fala do português que lhes serve de referência social.

No próximo item serão analisadas as construções com grupos verbais.

A próclise ao verbo não finito em construções com grupos verbais, V finito cl-V não finito, como foi mencionado anteriormente, caracteriza uma importante inovação da gramática do português brasileiro, aliado a isso, a perda de elevação do clítico, cl V finito V não finito ou V finito-cl V não finito. Esses serão os principais fenômenos a serem investigados na próxima seção.

Para demonstrar a instabilidade na colocação dos clíticos, destaco como significativa a construção com o clítico em ênclise ao particípio, um tipo de estrutura estranha a gramática do português europeu e ao português brasileiro.

(3.53) *PE, *PB

a. O novo Juiz de direito vai indo;|2r. muito Viannista – **tem trata=** | **do-me** bem, e até aqui | vai indo. Fiquei sciente so= | bre Urpia. Tenho estado com | seus vaqueiros, e disem-me | que há serios prejuisos. – | carta 328

b. Estava resolvido ir até | o Camuciátá, mas não achei | uma montada sufficiente | para esse fim. O nosso juiz de | Direito vai indo, e segundo o | que **tem manifestado-se** temos | um Pompilio ou pior; disse-me | que havia de contar-lhe aqui em | tudo, e na fuctura Eleição Mu | nicipal não deixaria um governo | obista votar, sobre pena de ser pre | so!! (rezerva) a *minha* posição de | Escrivão é critica: Eu responu | di-lhe ao pé da letra, que só | assim elle podia ganhar elei- | ção pela força bruta – e, que | não dispunha de outros ellimenu | tos, e que neste procedimento |2r. seguio o Procopio e depois as | consequencias foram fataes– | carta 330

Esse dado consta na carta de Antero de Cirqueira Gallo, filho do remetente Quintino José Gallo, o mesmo que usou próclise com verbos em posição inicial absoluta. Antero, autor das cartas 328 e 330, natural, também, de Bom Conselho, na Bahia. Nasceu em 5/5/1864 e exercia o cargo de escrivão municipal e era agente de correio em Tucano, função que seu pai assumiu após a sua morte em 1/6/1899. O que parece é que Antero evitou a construção brasileira, usando a ênclise ao participípio.

Também aparece na carta do remetente para o barão de Jeremoabo¹⁸⁸.

c. O *Senhor* Governador, está-| parecendo um governador de bob[ão]| Consta que no Rio tem havi[do]¹⁸⁹ grande movimento dos E[studan]¹⁹⁰-|1v. tes da Eschola militar e os Jacobi[nos]¹⁹¹| com a Policia e que alguns offi-|ciaes ou Generaes **tem apresenta-|do-se** em favor dos estudantes; e p[or] telegramma que vi no Jornal de| Noticias, creio *que* de hontem ou an-|tehontem, diz, estar a Armada de| prontidão, pelo que, parece-me| que as cousas lá não vão boas.| Parece-me¹⁹²que aqui haverá b[ar]ulho antes do fim de Março,| se o governador intender de fazer| valer sua arbitrariedade.| carta 368

Além de outro dado não contabilizado, por se tratar de uma construção não finita, foi retirado da carta do coronel da Guarda Nacional João Cordeiro d'Andrade. João Cordeiro d'Andrade, radicado em Jeremoabo, na Bahia, além de proprietário de terras, foi intendente em Monte Santo (1892-1894).

d. Não pude ir n'esse| dia e até hoje cumprimental-o, por| **ter saído-me** um leicenço no pesco-| ço, junto a nuca, temi viajar. Foi| o Cezar e os outros parentes. Já o-| tinha visto quando veio até junto| da *Vila* e regressou-se a Queimadas. | carta 422

Há ainda exemplos de dupla colocação do clítico, revelando pouco domínio com a gramática do português europeu, encontrados nas cartas do baiano, natural de Tucano, Quintino Gallo, nascido em 1819.

e. P.S. se lhe for po çí| vel **mande me nomiar me**| 1º Juis de Pas | carta 476

f. Homtem 22 paçou o dia imvernado| e a 6 horas da tar[de] fexou omundo e ras-|gose as nuves *que* só parecia *que* o *mun*do queria| 2r.queria se arasar xouveio¹⁹³ forte the depois| de 8 horas das 10 im

¹⁸⁸ O exemplo (3.53c) foi extraído da carta do baiano, Benício Penalva de Faria, nascido em 16/05/1847 falecido em 20/02/1925, vereador em Rio Real e primo do barão de Jeremoabo.

¹⁸⁹ Rasgado.

¹⁹⁰ Rasgado.

¹⁹¹ Rasgado.

¹⁹² Rasurado.

¹⁹³ Por “choveu”.

diante tornou a pegar | ainda *mais* groça athe madrogada as | águas zuava *que* parecia omar aqui | esbaro por hoje o *mais para* amaham **hí** me | **esqueçendome** digame alguma Coisa | sobre o mento da Agencia, vou conclu- | ir, as chuvas segundo as notícias de hoje | forão geral. carta 488

3.4 Orações com grupos verbais

Neste item, trato especificamente das construções de colocações de grupos clíticos caracterizadas por verbo finito e um verbo não finito. Em 3.4.1 trato do conjunto dos dados por tipos de estrutura com elevação e não elevação dos clíticos. Depois, o comportamento de cada uma dessas construções é visto segundo a forma do verbo finito divididos em: auxiliares; modais e volitivos; causativos e perceptivos; posição dos clíticos em relação ao verbo finito com preposição e os grupos verbais em construções passivas. Na 3.4.2, mostro a colocação dos clíticos em grupos verbais em uma perspectiva diacrônica em que retomo os critérios descritos para divisão temporal dos dados nas formas verbais simples: por data de nascimento e por data de produção dos documentos. As ocorrências por data de produção, específicos às estruturas consideradas próprias do português brasileiro, são comparados com Pagotto (1992).

Com relação à classificação dos dados, como especificado no capítulo 1, as construções de colocação de clíticos em grupos verbais foram classificadas por tipo de oração em duas classes largas:

- a. orações não dependentes **com** e **sem** atrator (incluem declarativas afirmativas, coordenadas com e sem conectivos, principais, imperativas, parentéticas e negativas)
- b. orações dependentes (incluem dependentes de todos os tipos, dependentes sem cabeça, interrogativas e coordenadas de dependentes).
- c. expressões idiomáticas e orações com “porque”.

Além de expressões causativas com elevação (cf. capítulo 1). Esses resultados são vistos primeiro em sua totalidade, separando os casos de elevação e não elevação, conforme item 3.4.1.

Do total inicial, 681 itens, serão analisados como relevantes 620 em grupos verbais.

3.4.1 Elevação e não elevação de clíticos

Como relatado no capítulo, a elevação do clítico passa de um contexto não variável até o século 17 para um contexto variável no português europeu moderno. Em Pagotto (1993:192), a próclise ao primeiro verbo era majoritária no século 19. Os dados de Lobo (2001) também apresentam um predomínio das construções com elevação de clíticos entre os portugueses (71,8%) e essa tendência se mantém nos brasileiros, mas com um percentual menor (58,2%). Com relação às construções sem elevação de clíticos em que o clítico ocorre enclítico ao verbo não finito (V_{finito} V-cl), os percentuais nas duas amostras praticamente se igualam: 26% (brasileiros) e 25,2% (portugueses). A organização dos dados, segundo essas duas classes principais (elevação e não elevação dos clíticos), é feita como segue:

- Construções com elevação do clítico

1. **cl** V finito V não finito: próclise ao verbo finito

(3.54)

O Dr. Alfredo Ellis, cuja fazenda visito duas vêzes por semana,| **me tem dispensado** finêzas e nas nossas palestras (unicas que tenho)| faz as maiores referencias a *Vossa Senhoria*, podendo mesmo *Vossa Senhoria* contar| nêlle um verdadeiro admiradôr.| carta 209

2. **cl** V finito X V não finito: próclise ao verbo finito com um elemento separando o par clítico verbo finito do verbo não finito

(3.55)

O pri-|meiro; como sabes, é meu amigo dedicado, e| o 2º **me é** sinceramente **affeioado** e for-|ma de mim bom conceito. carta 102

3. V finito-**cl** V não finito: ênclise ao verbo finito ou ao 1º verbo

(3.56)

Ja informei a *Vossa Excelência*| acerca das fortalezas;| **estou-me esforçando**| por organizar um corpo| provisorio de reserva,| *para* acudir ao Pará, se| fôr preciso; e ja en-|commendei as armas| de cabôclos. carta 83

4. V finito-cl X V não finito: ênclise ao verbo finito com um elemento separando o par verbo finito-clítico do verbo não finito

(3.57)

Pode-se | pois **considerar** o Norte da Allemanha annexado á | Prussia. A situação actual da Europa parece mais | confusa e perigosa do que era antes da ultima guerra. | carta 87

- Construções sem elevação do clítico

5. V finito V não finito-cl: ênclise ao verbo não finito

(3.58)

Estando o meu | *compadre* e amigo Sr. Bernardo José Pinto *muito* | desgosto n'este lugar p'elos motivos que de | mim vos lhe exporá, e desejando ir *para* | Bahia, mas não podendo ser já, quer | ir se aproximando, e aspira uma re | moção de sua Sr.a, *minha* Excelentissima Comadre | *para* ahi *por* um a dous annos até que | conclua certos negocios, *por* ser ella Profes- | sora aqui, *por* isso elle ahi **vae enten- | der-se** com o amigo a ver si concor- | da, e eu então rogo-lhe com toda effi- | cacia todo seu valioso apoio em seu | favor, certo de que ligo viva impor- | tancia a este meu pedido *por* causa das | tristes circunnstancias em que se ache | o meu dito amigo carta 129

6. V finito X V não finito-cl: ênclise ao verbo não finito com um elemento o par verbo não finito - clítico do verbo finito

(3.59)

Agora que assas te tenho fallado de mim, **vou** tão bem **ocupar-me** com tigo para per- | guntar-te como estás meu Angelo? carta 32

7. V XX V-cl: ênclise ao verbo não finito dois elementos separando o par verbo não finito - clítico do verbo finito

(3.60)

A anna **veio** hontem aqui **pedir-me** | 10.000 *reys* imprestado, disendo-me que V. | e os meninos lhe havião dito, que eu ti- | nha ordem de dar-lhe algum dinheiro | de que fosse necessitando, más como não ti- | ve essa ordem sua, nem de seus filhos, dei- | xei de satisfazer o pedido d'ella. carta 367

8. VXclV/ V XX cl-V: próclise ao verbo não finito com um elemento separado o clítico do verbo finito

(3.61)

a. **Quero** ainda uma vez **lhe** | **agradecer** as boas e generosas | palavras com que hontem | eloquentemente saudou-me | em nome do povo bahiano! | carta 166

b. Li sua correspondencia e a ousada resposta do taturfo João Dantas, | apresentou-se n'este escripto como homem sem macula, porem conto | que *Vossa Excelência* o esmagará e para o faser não será preciso discrever todas | essas [...] ¹⁹⁴ mazellas! porque em toda sua vida **tem** por artimanhas **se apossa-** | **do** de uma grande parte da fortuna dos que o tem acompanhado | e locupletando-se dos dinheiros dos cofres publicos!: carta 415

9. V cl-V: próclise ao verbo não finito marca gráfica une o clítico ao verbo finito ou ao verbo não finito e algum constituinte separa o clítico ou do verbo finito ou do verbo não finito.

(3.62)

a. Na- | falta do Sabino fiquei com- | *pletamente sozinho*, porque o *Presidente* | do Conselho não ajuda, sinão e | *unicamente* com a-a signatu- | ra; *para* tal trabalho **tem me-** | **auxiliado** *Jose* Ramos, *que* o tenho | 2r. alizado *muito*. carta 461

b. Muito **tenho medado** com o *Tenente* e continuo elle | me dice *que* lhe presa e *que* meo *compadre* he | *muito* Amigo do Padrinho e tio delle *que* | mora na esplanada. carta 485

c. Não fosse merecedor, mas | como a eleição estava perto *que* | me prestaria a esta depois | que lhe visse *por* que não sei | seo ceo *ricentimento* he de forma | que eu o acompanho em [to] | do centido Digame como ver | dadeiro amigo com franque | za *pois* ja **tenho lhedito** *que* so V. eso | V. *emais* ninguem. Apareço | breve elhe trazer *odinho* do Mel | quides *pois* não o axei nas canas | esim navarzia Salgada | carta 403

d. Não **te-** | **nho lhe escripto** supondo ja | se ter regressado *para* o Regalo, | e Camuciatá onde devo *mandar* | Potamio visital-o, a *Baronesa* e os | *Primos*. carta 433

e. Eu já ando *que* mal **vou me esco** | **rando** de pé – carta 132

f. Lamento que a peste de man= | queira, (uma das fórmulas do carbru- | culo) **tenha se manifestado** assim | intensamente no territorio da Bahia. | carta 271

g. Como, porem, deixaste sem resposta as minhas | primeiras cartas, a certeza de que, por esse meio, | não tevi noticias directas tuas, **tem me feito** | contacto com o que sei pelos amigos. carta 272

¹⁹⁴ Rasgado.

10. V **cl** V: clítico entre o verbo finito e o verbo não finito

(3.63)

Esses exemplos permitem dupla interpretação, tanto pode ser visto como ênclise ao verbo finito quanto como próclise ao verbo não finito.

a. Os jagunços **estão se re-|unindo** nas catingas, e| dizendo *que* o infeliz tem| de reçoçar *para* vir mos-|trar *que* é *Deus* ja vi *por* tanto| *que* o fanatismo ain-|da não se acabou des-|tes malvados, e fican-|do sem serem persegui-|dos nestes pontos onde es-|tão *muito* pior. carta 435

b. Permita-me *Vossa Excelência* que lhe diga que convem tratar bem| o Lamas; he <elle> o primeiro vulto intellectual detodo o Rio| daPrata, e, se não morrer cedo, tem ali de figurar, inevitavel=|mente nos primeiros cargos inclusive o dePresidente da| Republicueta, ecomo, bom ou maus, são esses os vesinhos mais| proximos quetemos **convem nos entreter** com elles rellações de| boa vesinhança, não por amor d'elles, más porque isso está em| nossos interesses. –| carta 26

c. A eleição **vae se ferir** amanhã, mas não haverá, provavelmente, numero e segunda| e terceira serão talvez preciso| carta 243

d. Elles ahí vão todos para a| Festa do comissario *Antonio Ferreira*| com *Jose Galdino, Vigario*; e outros, pois-|4r.pois, tudo, diz o *Vigario* são seos| amigos, só não conta com migo| e *João* Costa por sermos teimozos; rí|almente; este não se querendo involver, po-|rem **tem seportado** com seriedade| enfim desculpe a massada| edepois de meditar o meo| sofrimento resolver conforme achar| justo, pois *mais* minucioso só| posso ir com a vista. |carta 462

e. De variós pontos tem se| ouvido continuamente o| ribombar do canhão. | Dizem que¹⁹⁵ a igreja mais velha| está *completamente* destruida¹⁹⁶| e que a nova estava já| em parte, aguardamos chegada de outros pormenores. | carta 452

f. Dizem fazer horror o que| lá se passa – os doentes| a pedir uma gotta <d'agoa> ainda que| depois os mattem; uma| rapadura das pequenas **tem| se vendido** por 5\$000; um| litro d'agua pela mesma| quantia; um punhado| de sal por 1\$000; um gollo de| cachaça por 1 e 2\$000 e muitas| cousas nas mesmas condições. | Os jagunços quando lhes passam| pela frente as cargas de generos e| munições, tratão logo de mattar| os animais e os bois de carro| *para* se apossar das cargas.¹⁹⁷ | carta 454

As construções 8 e 9 são próprias do português brasileiro¹⁹⁸. Já o contexto 10 é ambíguo, podendo tanto ser interpretado com ênclise ao verbo finito quanto próclise ao verbo não finito.

¹⁹⁵ Rasurado.

¹⁹⁶ Rasurado.

¹⁹⁷ Rasurado.

¹⁹⁸ Essa variante típica do português brasileiro é registrada em Pagotto (1992) em fins do século 18, 2 itens, um na construção com infinitivo e outro na construção com gerúndio. Em Lobo foi registrada 8,9%, majoritariamente nos textos de brasileiros pouco escolarizados. Há apenas 1 entre os portugueses (1%). Se para Pagotto (1992), a generalização dessa estrutura se estende para os demais somente no século 20 (infinitivo: 18/36=50%; gerúndio: 11/13=84% e no particípio: 2/8=25%).

Essa ambigüidade pode ocorrer quando: i. sintaticamente pode ser ênclise ao verbo finito (gramática do português clássico ou do português europeu) ou próclise ao verbo não finito ou verbo temático (gramática do PB) ou ii. não há nenhuma marca que junte o clítico ao verbo finito ou ao verbo não finito. Por outro lado, não haverá ambigüidade quando: iii. sintaticamente não poderia ser ênclise ao verbo finito no português clássico ou no português europeu, ou seja, quando há “atratores” e sim próclise ao verbo não finito; iv. alguma marca gráfica une o clítico ao verbo finito ou ao verbo não finito e algum constituinte separa o clítico ou do verbo finito ou do verbo não finito. Esses são os critérios que vamos usar para descrever casos de ambigüidade ou não ambigüidade.

Apresento, a seguir, os resultados de todos os dados com construções verbais, distribuídos por tipo de estrutura: elevação e não elevação de clíticos. O maior percentual de elevação do clítico ocorre com causativos, percetivos e construções passivas. E o menor com auxiliares, além de também com o verbo **querer**, considerado um elemento favorecedor da elevação do clítico.

Tabela 3.22 Elevação/não elevação em orações com grupos verbais em CB

Estruturas	Construções em grupos verbais em CB
Elevação de clítico	401 68%
1. cl-V V	289
2. cl-VXV	15
3. V-cl V	88
4. VclXV	9
Não elevação de clítico	187 32%
5. V V-cl	127
6. V X V-cl	13
7. V XX V-cl	9
<i>Inovação brasileira</i>	
8. VXclV e VXXcl V	38
9. V cl-V (com atrator ou marca gráfica)	
Subtotal	588
Ambíguos	
10. V cl V	32
Total Geral	620

3.4.2 Classificação do verbo finito nas construções com grupos verbais

3.4.2.1 Verbos auxiliares

(3.66)

- a. **Vão-se crear** diversos lugares| de secretario de legação.| 239
- b. Os insucessos constantes em| todas as minhas pretensões| **tem-me creado** uma situa|=|cão que facilmente comprehen=|derá quanto me é penosa. |carta 239
- c. Do Jiji nada lhe posso dizer desta vez, por| que ha dias não o vejo, e agora¹⁹⁹ tenho occasião pa|ra deplorar esta *minha* falta, de que **vou reunir me** | qualquer dia destes. | carta 19
- d. É uma extenso territorio de mais de 16 leguas| quadradas, povoadas de oleo de Copahiba,| cravo de cascas, canella, que eu reputava exo-|tica, e outras especiarias, terras *para* qualquer| 1v.especie de cultura, e campos *para* duas Fazendas| de gado, que se vão situar, e *para* as quaes **vai pas-| ar-se** o gado, que tinhamos na Chapada, onde| existe a mina de cobre de Paizinho, *que* a tem| tratado vender ao Sr. *Dezembargador* Lião, *por* não poder| *por* si só lavra-las. | carta 177
- e. *Vossa Excelência* tem toda bondade commigo,| que ainda **vou** a sua presença **rogar-lhe** | benigno acolhimento *para* a pertença| inclusa, de cuja veracidade do exposto| me assegura pessoa a quem desejo servir;| isto, no caso de *Vossa Excelência* não ver nisso algum| inconveniente. | carta 28
- f. Eu considero isso como uma| verdadeira indisciplina partidaria,| mas as opiniões, muitas vezes mu|dão-se por vaidade ou interesses| mal entendidos e por isso **venho** |2r.por meio desta **exigir-lhe** toda a| franqueza, *para* como chefe do partido| nessa localidade, tomar as providen|cias que o cazo merece. carta 196
- g. Agora que assas te tenho fallado de mim, **vou** tão bem **ocupar-me** com tigo *para* per-|guntar-te como estás meu Angelo? carta 32
- h. Estimo que tivesse chegado ahi incolu|me e encontrado a *Excelentissima Senhora minha* | Comadre vigorosa, *Excelentissima Senhora* D. Rosa etc. Como disse-me hoje| o Ceciliano que *Vossa Excelência* indagou d'el|le quaes os limites da freguezia do| Aporá, e não sabendo eu se elle| lh'os deu conforme são realmente,| **vou por meio d'esta dal-os**. carta 447
- i. Boa saude_ e boas entra-|das do novo anno a V. | e a toda a *Excelentissima* Familia _| Matarão a porrete o| Joaquim Dionilho _, é a-|quelle homem aleijado da| ~~mão~~ braço que ahi **foi** | há tempos **pedir-lhe** uma| carta de recommendação| *para* Sr. Gomes Filho. carta 118
- j. Fallei-lhe sobre *minha* pre-|ttenção, e elle desenganou-me que| não **podia servir-me**; más, peço-|lhe licença *para* diser-lhe, que| elle só não me dá a collocação| *que Vossa Excelência* pede, *por* que não quer,| visto não depender da vontade| de outro e sim da d'elle, assim| como tambem o que pedi, não é caso virgem, pois já se/deo| no governo do Marechal Hermes,| que aposentou um dos lousado|1v.res e nomeou o Ponphilo de| *Santa Cruz*: carta 363

¹⁹⁹ Borrado.

(3.67)

a. Já lhe mandei dizer que nosso negocio não tem havido | precisa reserva; e ainda hontem o Pinto Vieira, director | da *Companhia* J. Botânico, meu amigo, **veio me inquerir** | sobre esse negocio, para informar ao Presidente da *Companhia* | que é sobrinho do Pimentel Barbosa, director da *Empresa* Viação. | carta 257

b. Note que Honorio era meo | vaqueiro eque ia em *companhia* | do irmão, com | trezentos e tantos mil reis meu, | afóra outras quantias, que havia | tomado emprestado para com- |prar tambem alguns animais; | especialmente da *minha* parte eu | **havia lhe fornecido** para | elle ir á *Vila* Nova comprar | roupas e outros artigos | 2v. necessarios ao fortalecimento da ²⁰⁰força aquí. | carta 450

Em resumo, as construções encontradas em português brasileiro e que nunca ocorreram com o português europeu são: próclise ao verbo não finito, principalmente quando há atratores; próclise ao verbo finito em orações iniciadas por verbo (V1); próclise ao verbo finito em orações raízes e coordenadas (V2) sem atratores.

3.4.2.2 Verbos modais e volitivos

O ambiente gramatical se define pelo fato de esses verbos selecionarem um verbo no infinitivo com sujeito obrigatoriamente nulo. Diferentemente do que ocorre no português europeu, no português brasileiro, prevalece a próclise ao verbo principal, isto é o padrão que lhe é exclusivamente peculiar, embora possa também ocorrer a ênclise.

(3.68)

a. **Quero mostrar-lhe** | a famosa descripção do | de Clarke recebida de Londres, | e de que feito Scherbe, cujo livro | desejo ainda ver, por estar o ex- | tracto que me deu, em mao do | estudante que me recommendou | Sempre seu | velho collega e criado obrigado | SilvaLima²⁰¹ | carta 174

b. Os Bulhões tambem acham | que seria conveniente escreveres, apesar da conside|ração com que elle me trata: elle, que já votou | contra a medida do substitutivo *quando* elle foi proposto | isoladamente, **poderia aferil-o** agora para | 2r. evitar, pelo veto, a divisão do Registro. | carta 275

²⁰⁰ Rasurado.

²⁰¹ Grafismo.

c. Recebi a sua de 18 do *corrente*, em letra tão miuda e | grifa, que *muito* me custou a ler: do *mesmo* se queixa | o Pedreira, e á ponto tal, que não **pode** pelas suas | assignaturas **decidir-se**, que o seo apelido era *Siqueira* | como diria o Imperador, ou Serqueira como vinha escripto | na nomeação e informação da Prsidente da Bahia. | carta 17

(3.69)

a. Nas proxí- | mas eleições *que* aqui francamente as pleiteia meo Pai contra o | Dr. Monteiro unicamente não si pode, e nem si deve appellar | para o espirito pulitico deste Municipio, nada há *que* não sejam con | siderações pessoaes, e como eu desejo ter direitos a obzequios seos | por amizade e parentesco não **posso me eximir** de deregir lhe | a prezente pedindo=lhe para nos prestar como fracos o seu valio | zo apoio, mas em todo cazo tomo esta liberdade, salvando | o juizo *que* o meo amigo de huma tal cauza possa fazer, pois | como seo amigo, e como homem não exijo a quebra de suas idéias | politicas, e *muito* menos o sacrificio de sua honra, e dignidade. | carta 120

b. Em quanto as du- | as cartas *que* o meu cunhado | lhe escreveu de pois da mor= | tede meu tio e sógro a= | primeira que *Vossa Excelência* accuza | não ter recebido e a 2^a | sem dacta esta foi escri- | pta em nossa caza | no dia 13 de *Março* do *mesmo* | anno pois fui eu quem adi= | verti a elle *que* **podia lhe es-** | crever visto ter ficado | em logar de seu pay em | 2r.companhia de 3 irmãs, sendo | esta criança hoje nasceu | em 6 de *setembro*²⁰² pois nasceu | de 1876, de pois *que* *Vossa Excelência* | já era proprietario no Regalo, | desde *novembro*²⁰³ de 66 eu *que* vos | conheço desde sua infancia | d'aquido Caritá fui quem | disse a elle *que* podia commu- | nicar-lhe em logar de seus | pay, *que* a vossa palavra | sempre valeu e vale tudo. | carta 425

3.4.2.3 Verbos causativos e perceptivos

Os verbos causativos (**fazer, mandar, deixar**) e os sensitivos ou perceptivos (**ver, ouvir, sentir, olhar, esquecer** e outros) seleccionam um verbo não finito (infinitivo) que serve como objeto. Isto é, o sujeito lexical seleccionado tem função acusativa em uma situação conhecida na literatura como de marcação excepcional de caso. O padrão de colocação dos clíticos distingue o português europeu do português brasileiro; neste ocorre a posição proclítica seguindo a direção dessa gramática e, no português europeu, a posição de próclise é condicionada à presença de “atratores” que impedem a ênclise.

²⁰² No original está grafado “7bro”.

²⁰³ No original está grafado “9bro”.

(3.70)

a. **Fez-me vêr** que estava comprometido|1v. para as primeiras vagas, e que só d'aqui ha| alguns meses poderia consideral-o.| Vere)mos se cumpre a promessa. | carta 105

b. Em casa do João Pedro de Souza| Brito, conferente d'Alfandega,| vai elle morar, e peço-te que| o tenhas sempre, sob tuas vistas| e bons conselhos, como recorda-|ções de nossos saudosos²⁰⁴ tempos| academicos. **Manda-o buscar**| a bordo e entrega-o ao Brito.|2r. Elle é completamente inexperien-²⁰⁵|te e é a primeira vez *que* sae| da casa paterna.| Olhe por elle, meu Severino e| mais penhorarás| ao velho, grato, amígo,| Jose d'Oliveira Coelho|P. S. O que elle ahi precisar| lhe darás e contra mim| sacarás. Si adoecer, olhe| ainda por elle. |Oliveira Coelho²⁰⁶ carta 299

c. a lem disso, *que* haven| do dispezas extraordinarias com os Vínculos he| a sua importancia lançada no quinhão dos Suc|cessores delles; talvez, *que* votem p|da emenda, sem| attenção a estas circunstancias, e a outras mais, di=|gnas todas de concideração; como se|ão: aobriga=|ção de concorrer o Admenistrador de hu) Vínculo *para*| a sustentação dos Irmaos quando percizem, e se=|jão pobres: o direito que tem o immediato suc=|cessor de entrar na admenistração do Vínculo *quando*| o actual Admenistrador **deixa arruinar-se** os be)s,| de *que* elle se compoem finalmente *que* esses bens vem| aficar no numero das Nacionaes, *quando* o Admenis|trador não tem parentes *que* lhe succedão. carta 14

O exemplo abaixo, sem hífen é ambíguo. A colocação do clítico ao verbo finito caracteriza o PE, enquanto a colocação do clítico ao verbo não finito é tipicamente brasileira.

(3.71)

a. Tenho de remetter-lhe por estes dois| dias cem mil libras que **mandou me**| **pedir**. Não sei se ainda por este paquete| terei de mandar te os saques. | carta 49

Além de contextos ambíguos que permitem duas leituras, ênclise ao verbo finito ou próclise ao verbo não finito, o que caracterizaria o padrão de inovação brasileira em (3.72).

(3.72)

Manda me dizer o que| entendes sobre isto, e| se lhe devo dar aquella| quantia com o titulo de| gratificação, fazendo| cessar quaesquer outros| vencimentos militares,| menos cavalgadura, que| he um achêgo necessario. | carta 45

²⁰⁴ Borrado.

²⁰⁵ Borrado.

²⁰⁶ Grafismo.

Além de exemplos de ênclise em contextos de próclise tanto em PE quanto em PB.

(3.73)

a. Como já **mandei-lhe dizer**, as for-|ças que estiverão no Cumbe e Mas |²⁰⁷3v. sacará etc forão as que compu|nhão a 3ª Brigada, coman|dada pelo *coronel* Flôres, cuja regressou | 2ª ou 3ª da semana passada e ante|hontem teve de seguir em procural de Canudos. A 1ª seguiu hontem | as 1ª horas da manhã e a 2ª jál havia seguido anteriormente. | carta 450

b. Apesar de mediár poucos dias | da penultima *para* esta, vejo-me | obrigado de o fazer em razão da | obrigação que me impoz de ir | pondo-o ao corrente do que me | constar sobre a expedição. | Pois bem, já **mandei-lhe dizer** | o que sabia sobre os 1º embates | das forças legaes com os phanaticos, | hoje soube [...]²⁰⁸ demais algumas | cousas seaqui as consigno-: | Que as cargas de munição não forão | na totalidade tomadas [...]²⁰⁹ e sim uma | parte; que a mortandade de *offizais* | já sobe a grande numero; que tem | sido enorme o numero de solda- | dos mortos; que o numero de phana- | ticos mortos tem sido zero em relação | daquelles, que além de quasi todos | *offizais* da artilharia que forão mortos, | tambem foi morto o Dr. Plinio; | 1v. que ha desgostos entre as patentes, | superiores; que os jagunços | é que tem em cerco as forças | legaes, porque de plano, deixarão se | a proximar das rebanceiras de | Canudos e por fóra, ou rectaguar- | da os trazem em continuo e nu- | trido fogo; que nas estradas | conservão numerosa gente | para lhes fazer fogo na passa- | gem como agora fizerão com | a brigada commandada pelo | *Coronel* Medêiros que veio até esta | Villa em busca de muni- | coes de boca e de guerra; tendo | morrido alguns soldados victi- | mas dos tiros sahidos dos mattos | e nenhum jagunço foi alcan- | çado; que hoje para conducção | degado é preciso que o fornece- | dor pague a 20\$ por dia aca- | da tangedor e *para* conseguir | animaes de cargas é preciso | que saião a recrutar-os. | carta 454

c. Disse-me *que* tinha despachado | 2r. o *capitam* com a força *por* elle tra|sido; mas este telegraphou ao | Chefe de policia, que **mandou-lo ficar** *por* mais algum tempo. | Esse *capitam* é *muíto* insolente e | audaz. Carta 441

d. *Recebi* esta semana uma carta de meo | filho, o *que* está no Rio, disendo-me | que consta estar o colera em Mi- | nas e já a um mez ou *mais*, [...]²¹⁰ e que aí | no Rio tambem disião ter apare- | cido alguns casos, más que elle | não acreditava, visto já estar | com tanto tempo e a commu- | nicação que tem aquelle Estado- | 2v. com o do Rio, todos os dias pelo trem | de ferro, e não estar tudo devastado; | pela molestia, e que o estado sani- | tario do Rio era presentemente | o melhor possivel; o que **faz-me** | tambem **crer**, que não é o colera | morbus que allí, como em Minas | está graçando; por que esta moles- | tia desenvolve-se com uma rapi- | dez extraordinaria, salvo porém, | se agora ella vem mais mo- | derada do que em 1856. carta 368

e. **Elle**, como **mandei dizer-lhe**, compra e não vende *deben-tures*. Todos os possuidores de | maior somma destes, estão con|vencidos, como elle e o Ludolf, de que a empresa é de grande | futuro. carta 305

²⁰⁷ Rasurado.

²⁰⁸ Rasurado.

²⁰⁹ Rasurado.

²¹⁰ Rasurado.

Em resumo, a principal diferença desse grupo deve-se ao alçamento de clíticos em orações raízes declarativas e coordenadas V2, com próclise ao verbo não finito. No PE, somente a ênclise é possível.

3.4.2.4 Verbos seguidos de preposição

Como dito no capítulo 1, a tendência à ênclise em grupos verbais com o segundo verbo seguido por preposição segue o padrão das orações finitas com verbo único (cf. Abdo 2003)²¹¹. As infinitivas introduzidas por **a** tornam-se essencialmente enclíticas. A variação ocorre com as construções com a preposição **de**, antes um contexto favorecedor de próclise.

(3.74)

a. Vá trabalhando na Hygiene| e esperando pela Pathologia, que, se não houver inquali-|ficavel deslealdade, **lhe hade caber** mais cedo ou mais| tarde. carta 17

b. Pois, meu caro, quem enbrulhou que desenbrulhe. Se| o não conseguir, não **me ha de faltar** ensejo para| desforra. carta 274

c. Fico seriamente convencido que| 1v. não **me hade desamparar.** | cara 317

e. O boato a meu respeito foi o preludio| de alguma cousa que **havia de| me acontecer**, porquanto aprincipio| foi agarrado um idiota que| pretendeu atravessar os piquetes| fazendo manganjas, e disse-|ra que vinha a meu chamado;| ora que era para[...]²¹² receber de mim,| ora que era para me pagar| certa quantia; carta 448

f. Outro sim, sei do meo com-|promisso *que* já tenho comsigo, tenho percurado me-|us recurços daqui, dacadá, e *que* hoje estou rezolvi-|do incomodado, não tenho geito, para vêr siassim| posso trevessar oresto destacruz; tendo nós inverno| *Deus* sendo cervido, sei *que* *Vossa Excelentíssima* (*pois* assim me disse) não| adianta *mais dinheiro* *avaqueiro* quem todavia ainda mesmo assim| miatrevo, e comfio em sua generozidade *que há de-| miauxiliar* no seguinte sentido. carta 445

g. **Hasde lembrar-te**_que te mandei um documento| a respeito dos saques de Mauá em favor de Lopes. Já exami-|nei a questao. Não podia o banco deixar de faze-lo, porque| era depositario de fundos do Agente de Lopes que ali esta-|vão há muito tempo. carta 43

h. **Tenho de remetter-lhe** por estes dois| dias cem mil libras que mandou me| pedir. carta 49

i. Em virtude de seu pedido, **tenho a diser-|lhe**, *que* por algumas veses *que* fui a sua casa, em tem=|po do finado Sr. seu Pae, meu mui presado *Amigo*,| sempre d'elle ouvi diser que *Vossa Excelência* era quem lhe regia| sua casa, e eu mesmo presencieí *Vossa Excelência* dar ordens,| e pedir ao

²¹¹ Alguns autores colocam esse contexto com um dos menos salientes entre o português europeu e brasileiro (cf. Galves, Ribeiro e Torres Moraes, 2003) dada a variação que apresenta.

²¹² Rasurado.

dito Sr. seu Pae coisas *para* a casa si alguẽm | ha *que* lhe *queira* extorquir esse direito, é uma injusti= | çã *que* lhe querem fazer estou mui convensido de que | todos *que* ião á sua casa n'esse tempo, o *mesmo* affirma= | rão. carta 115

j. V. **venha a diser-lhe** o que agora me disse | com tanta crença e sinceridade = meu velho | amigo =carta 265

l. À esta simples exposição com o acrescimo dos tormentos, que me | causou a terrivel e penoza estação, que vem de passar, a certeza, que a pesar de um clima | tão rude, tem o teu amigo sido favorecido de sofrivel saude, se deverião limitar as novas, *que* | de mim **tenho a dar-te**; se não considerasse, que o interesse de tua amisade a meu respeito | se estende a uma outra epocha a lem do passado, e até do *presente*. carta 32

m. Não sei se ainda por este paquete | **tereí de mandar te** os saques. | carta 49

Foram registradas construções que caracterizam o português brasileiro.

(3.75)

a. Consumei o maior dos sacrificios, meu amigo! pus-me | acima das *minhas* forças *para* vencer as lagrimas de *minha* Familia, *para me vencer* a mim *mesmo* sobrepujando | o excesso de filial affecto, *para* aventurar nova carreira, e apurar ainda *sentimentos* já tão apurados | em 6 annos de separação daquelles, de quem um só minuto dezejara viver separado! | carta 32

b. Tomo a liberdade de enviar- |lhe 200 exemplares do primeiro | opusculo de uma serie para **me** | **fazer** o favor de collocar á venda <a 300 reis> | em alguma, ou algumas, casa | de confiança que se queira encar- |regar d'isso com 30% de commissão | e condição de ajustar contas com- |migo a cada numero. | carta 165

c. *Quando* es |tive na *Bahia* em Fivereiro, não pu- |de pagar as 6 rodas de arame, *por* não | ter recebido um *dinheiro* ali; *por* isso só | agora remeto lhe 130\$000 *para me* | **lv. fazazer**²¹³ o favor mandar pagar, | e *por que* não tivesse o Palmeira re- |metido conta, não sei ao certo *quanto* de |vo, pedindo lhe *que* se for *mais* pague, e | me *mande* a conta. carta 346

d. Hontem *mesmo* foi uma | commissão do centro operario pe- |dir providencias ao conselho muni- |cipal sobre a carestia dos generos de | primeira necessidade, e aglome- |rou-se mais de 100 pessoas na ca- |mara e sahirão satisfeitos; O con- |selheiro Couto, já providenciou de | maneiras tal, que **ouvi elle dizer** | que a carne <verde> amanhã será vendida a 700 *reis* o kilo; *para* mil reis, como esta- |va, e ameaçada a população de com- |<prar> nestes 8 dias a 1\$500 *reis*, já foi por | conseguinte uma vantagem ex- |traordinaria. Quanto a farinha- | creio *que* elle deo tambem providencias. | carta 365

²¹³ Por “fazer”.

3.4.2.5 Verbos em construções passivas

(3.76)

a. **Me foi entregue** sua carta de 8 do| vigente; é certo que as forças rece-|berão balla e *muita* da garganta de| Cocorobó até Canudos, sendo o| ataque em Cocorobó no dia 25 do *passado*| e houve grande perda nas forças,| tão bem morrendo jagunços, o Coro-|nel Sucupira foi victima de| duas ballas no Trabubu, distan-|te meia legua de Canudos, á lem| de outros officiaes; chegando á| 1v.a Collunna do General Lavaget| a Canudos no dia 27; carta 418

b. **Mefoi intregui** | a Intendencia com o debito de 90 \$ =| e o cofre vazio com 680 reis, d'ahi| para esta dacta comprou-se| 2 fortes, fezse uma istrada cal =| 1v.calsou-se uma rúa, melhorou-se| um banheiro publico, collocou|-se iluminação e seos emprega-|dos, e outras *muitas* dispezas inclusi-|ve o custeio dos empregados eguar-|das municipaes que conforme| as contas prestadas sobe a arre-|cadação tal vez a maior de cinco| contas, tendo actual^{mente} um cofre| mais de um conto de reis. |carta 462

c. **Mefoi intregue** pello Antero a-| sua presada carta de 1 do-| corrente acompanhada com-| 428.000 que fico recebido. |carta 468

(3.77)

a. Sua carta de 11 **foi-me entregue** em 16 do| corrente, e *muito* estimei saber que com toda| *Exceletissima* familia gosa perfeita saude e todos| os bens, aceitando nossas sincéras visi-|tas e dando um beijo no pequeno Cicero.| O *Doutor* Reis Magalhães lhe telegraphou no| dia 7, avisando-lhe os acontecimentos que derão-|se no Rio, e eu lhe escrevi no *mesmo* sen-|tido; se não recebo, foi então destraviada[*]²¹⁴ *minha* carta. O telegramma do *Doutor* Reis Ma-|galhães foi por intermedio do Anisio-| ou do nosso *amigo* o expreparador de Alagoinhas,| que não me recordo do nome. carta 379

b. O sr. Visconde de Tamandaré| escreve ao *senhor* ministro da| marinha sobre o combate| de 24, segundo **me foi com-|2r.municado**. carta 60

c. Fica em meo poder o Officio, em que *Vossa Excelência* pede a| continuação de licença, que pelo Senado **lhe foi| concedida** na Sessão de 1862 – carta 98

d. Estou porem certo que vencerá todas as diffi-|culdades, para o que sobraão lhe coragem civica,| competencia e tino administrativo e que não| desertaria do honroso posto que **lhe foi** em boa| hora **confiado** ainda que fosse simplesmente frio.| carta 219

f. Logo que **me sejam entregues** pelo corretor, as cautelas,| mandarei os numeros com os respectivos proprietarios| para que *Vossa Excelência*| remetta as procurações com plenos poderes|2r.para representar nas assembéas ordinarias e extraordi-|narias cuja convocação poderia requerer estas¹ carta 260

²¹⁴ Por “extraviada”.

¹ Borrão.

A colocação dos clíticos em orações com grupos verbais apresenta-se com construções próprias tanto do português europeu quanto do português brasileiro, evidenciando um processo de competição de gramáticas. No próximo item, esses dados serão submetidos à data de nascimento e à data de produção.

3.4.3 Colocação dos clíticos em grupos verbais: por data de nascimento e por data de produção

Quando feita a comparação, o que se observa é uma maior concentração de dados na primeira metade do século 19, tanto para as estruturas de elevação quanto para a inovação brasileira.

Tabela 3.23. Colocação de clíticos em grupos verbais por tipo de estrutura em CB. Por data de nascimento.

Estruturas	Colocação de clíticos em grupos verbais por tipo de estrutura CB				
	Por data de nascimento				
	1824-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL
Elevação de clítico					
1. cl-V V	6	176	27	80	289
2. cl-VXV	1	8	2	4	15
3. V-cl V	2	57	19	10	88
4. V-clXV	0	8	0	1	9
Não elevação de clítico					
5. V V-cl	3	103	7	14	127
6. V X V-cl	0	11	2	0	13
7. V XX V-cl	1	6	1	1	9
<i>Inovação brasileira</i>					
8. VXclV VXXcl V 9. V cl-V	0	31	4	3	38
Ambíguos					
10. V cl V	0	24	3	5	32
Subtotal	13	424	65	118	620
Total Geral	620				

Na tabela, a seguir, vê-se uma melhor distribuição e, ao contrário do que ocorre com a data de nascimento, há um maior número de ocorrência entre meados do século 19 e início do século 20.

Gráfico 3.14

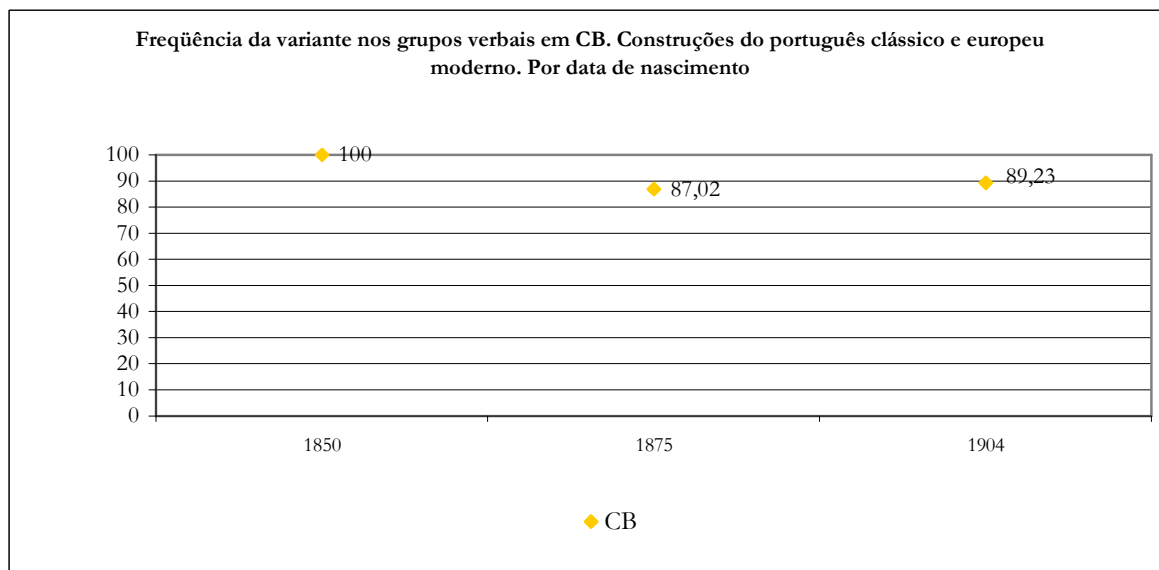


Gráfico 3.15

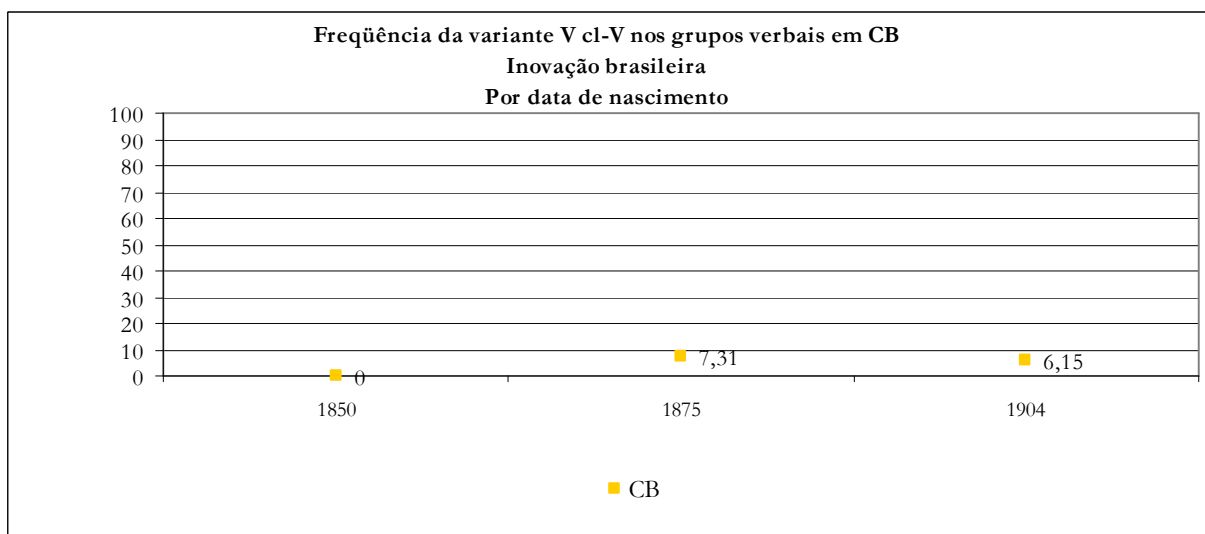


Tabela 3.24. Colocação de clíticos em grupos verbais por tipo de estrutura em CB. Por data de produção

Estruturas	Colocação de clíticos em grupos verbais por tipo de estrutura/CB				
	Por tipo de produção				
	1809- 1825	1826-1850	1851-1875	1876-1904	TOTAL
Elevação de clítico					
1. cl-V V	1	9	175	104	289
2. cl-VXV	0	2	7	6	15
3. V-cl V	0	1	61	26	88
4. V-clXV	0	0	8	1	9
Não elevação de clítico					
5. V V-cl	0	5	98	24	127
6. V X V-cl	0	1	9	3	13
7. V XX V-cl	0	0	7	2	9
<i>Inovação brasileira</i>					
8. VXclV VXXcl V 9. V cl-V	1	0	25	12	38
Ambíguos					
10. V cl V	1	0	23	8	32
Subtotal	3	18	413	186	620

Como visto nos dados de Pagotto (1992), no capítulo 1, não foram encontradas construções com a inovação brasileira no século 19. Em CB há um percentual significativo desse tipo de construção na segunda metade do século 19. Também se registra a queda das estruturas de elevação dos clíticos nas construções cl V V.

Gráfico 3.16

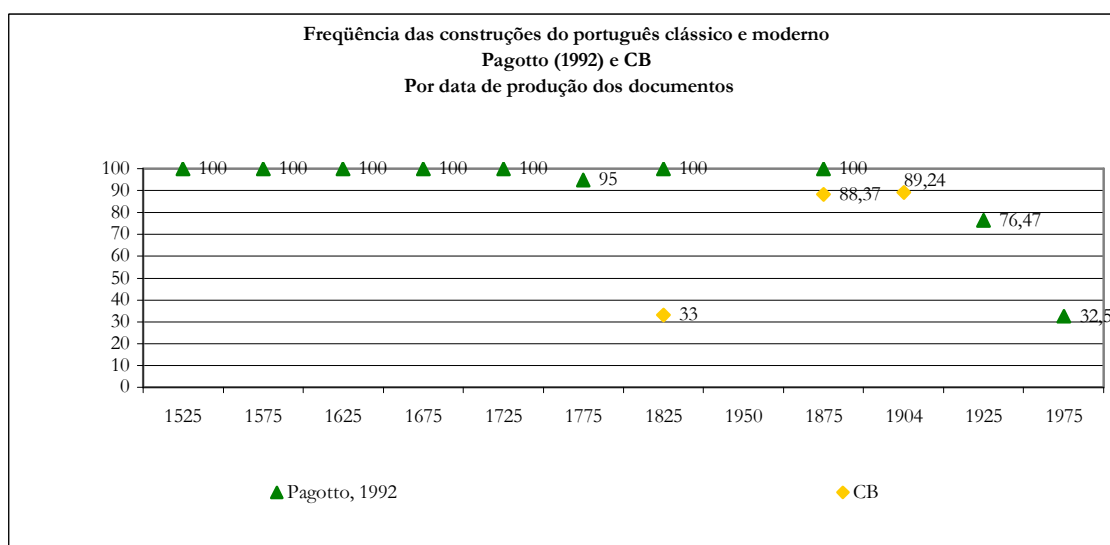
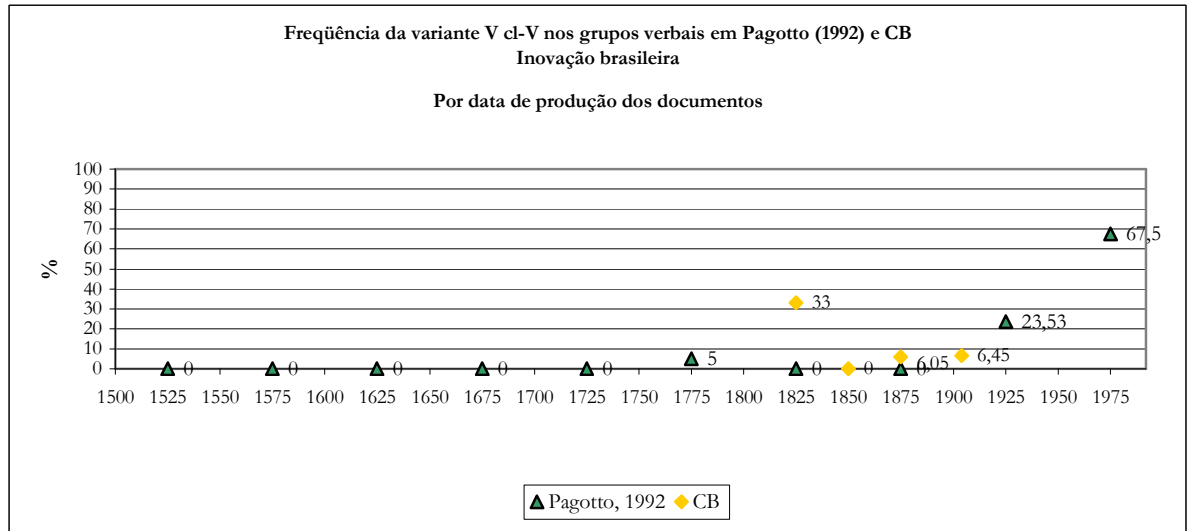


Gráfico 3.17



Por fim, trago alguns dados de interpolação.

3.5 A interpolação

A interpolação registrada em CB somente ocorre com **não**, a exemplo do que foi encontrado em Lobo (2001).

(3.80)

a. Por to|dos estes motivos parece, *que* são necessarios, e athe| uteis as Instituicoens de Vinculos de Morgados,| e a conservação dos *que* existem, pelos principios| *por que* os querem extinguir com o ffença da inviola|bilidade do Direito de Propriedade, fazendo dividir hu| todo, *que* he administrado *por quem* tem obrigação de o| conservar, e o não pode a lienar *por* principio ou| cauza alguma Sempre *que* Vossa Excelência *queira* occupar-me| em seu serviço me achara *pronto* com a cordialidade e esti|ma com *que* sou carta 14

b. Oxalá que a mais tempo o tivesse feito! e que meus 6 annos (oh *quanto* eu os amo!)| que perdi na inutilidade de ~~nosso~~ meus estudos de Olinda,os tivesse aqui empregado! ou que| ao menos a tão longa e já avansada idade de meu Pae **me não impozesse** a lei de voltar junto| á elle para adoçar-lhe a taça da velhice. carta 32

c. Taes são *minhas*| intenções, meu amigo; resta só que para as executar **me não apareção** embaraços invencíveis, que| em verdade não espero ter. carta 32

d. Se **os** não **submette**, não | he ainda *Vossa Excelencia* | responsavel pelo | ridiculo insulto que em contestação[...]215 | de supostas allusões ao imperador | me atirou um buffa no com-|mmunicado entrelinhado, que acabo | de ter naquella folha. | carta 41

e. Faze-me o favôr de explicar ao | Gomes a razão porque hoje **o** não | **procuro**. Dize-lhe que *muíto* cedo | lhe fallarei amanhã. | carta 42

f. Fomos forçados a vir para a Tijuca, por causa da Lourdes, cujo estado **me** não **agrada**. carta 307

g. Sinto *me*mo, que não se apresen-|te alguma vaga em concurso, por| que elle não deixava de se inscre-|ver, *muíto* embóra, o governo **o** não | **nomeasse**, más, ficaria todo o pu-|blico conhecendo de suas habilitações. | carta 390

h. Deve assim logo toqui | em caza dos pae *me*smo e exige | cautela e providencia; em ordem *que* | ou elle sahia ou eu, *pois* **menão** | **empportava** com tropa *mais* não | queria *que* elle aqui fosse achado | por forma alguma, seguiu *para* caza | de uns parentes em Estado deferente | eja *mais* óvi. carta 427

i. Por *que* não seno miao Jeraldo mem | bro da intentença²¹⁶ Amigo *que* ain | da não nos troço²¹⁷ qual o modo do | 1v. do Miranda sendo Geraldo | seo affilhado Amigo serto, | elle não, combina comigo [n]em | só *dinheiro* em grandeza onosso par | tido, elle merece e talvez sem [que] | estiveçe presente *quando* sefes as no | meação meo *compadre* **o** não **deixa** | **va** fora *por que* the hoje ainda | não deo prova de traidor | hé este omeo pari cer e | se me acridita o mande nomiar. | o *capitam* João não sei se aceita | rá a nomeação de 1º *Suplente* a | Delegado. carta 476

j. Recebi seo recado *para* lhes dar noticias | do fenado José Americo e logo | de momento escrevelhe pela mai da | Agua mais sube e *que* **onão** **achou** | *mais* em casa, senti o pasamento delle | *por que* sei *que* era seo Amigo, *muíto*s Amigos | 1v. Amigos tem meo *Compadre* perdido e estes | escolhidos. | carta 485

²¹⁵ Rasura.

²¹⁶ Por “intendência”.

²¹⁷ Por “traíram”, criação de verbete dialetal a partir de “traição”~“traçoou”.

3.6 Algumas considerações finais

Os dados foram examinados neste capítulo inicialmente sem uma perspectiva diacrônica. A variação geral observada na colocação dos clíticos evidencia que, em casos de ênclise em contextos de próclise no português europeu, tal se deve a fatos da língua-E, uma vez que não se justifica na gramática do português brasileiro.

Os mesmos dados foram descritos sob uma perspectiva diacrônica, tanto a partir da data de nascimento dos remetentes, quanto da data de produção dos documentos. A variação geral nos dados ganha contornos de competição entre construções do português brasileiro com a gramática do português europeu. Esse fato nos levou a comparar os resultados com os dados do português europeu: século 16-19 com base nos resultados de estudos do CTB, sobretudo GBPS (2005). E o mais importante, através da comparação com dados do português europeu, foi possível observar a atuação da colocação dos clíticos, no mesmo período, em textos produzidos por portugueses e brasileiros contemporâneos, diferentemente do que vinha sendo feito em estudos diacrônicos do português brasileiro, como sugerido por Mattos e Silva (1998) e como chamou a atenção Ribeiro (2001). A autora mostra que as comparações entre o português brasileiro e o português europeu têm sido pautadas no português europeu do século 20.

Essa comparação diacrônica possibilitou que se identificasse, no século 19 em CB, tanto construções produzidas pela gramática do português europeu anterior ao século 18 em processo de competição com o português brasileiro. Depois a competição do português brasileiro com o português europeu posterior a esse período.

Diante do quadro, a interpretação que pareceu ser mais plausível é a de que há competição de gramáticas no sentido de Kroch (1994, 2001), mas não apenas relativa a uma mudança gramatical, mas a duas mudanças. Por exemplo, no contexto de variação I em CB há um paralelismo com o português europeu (cf. GBPS, 2005), mostrando a direção da mudança e o processo de competição entre as construções entre o português europeu clássico e o português europeu moderno. Por outro, evidencia-se claramente a atuação da gramática brasileira com construções de próclise em posição inicial absoluta e o movimento curto de clítico, como a próclise a verbo não finito, construções próprias do português brasileiro.

Viu-se que a mudança que caracteriza o português europeu moderno interfere na produção de brasileiros do século 19. A questão é saber em que medida. A hipótese é de que afete as

produções de língua-E em falantes cultos. Esse é o tópico que será explorado na segunda parte deste trabalho, conforme foi proposto, a de ter controle sobre as amostras de língua-E, através da integração entre conhecimentos de filologia e sócio-história.

Então o passo seguinte é procurar verificar se a competição entre o português brasileiro e o português europeu moderno afeta apenas a língua-E, o que parece ocorrer. No capítulo 6, subimonto os dados a outra descrição, em função da variação dialectal geográfica e social, mas antes, apresento dois capítulos que oferecerão subsídios para essa abordagem nos capítulos 5 e 6.

4

Algumas considerações sobre a expansão da língua portuguesa no Brasil e a sua relação com o *corpus*

Neste capítulo, levanto alguns dados sobre o processo de expansão da língua portuguesa no Brasil. O objetivo não é apresentar uma proposta sobre os domínios ou sobre a configuração lingüística do Brasil Colonial e Imperial, mas apenas examinar os contextos sócio-históricos em que a documentação editada no volume 2 foi produzida.

A organização é a seguinte: no item 4.1, tomo como ponto inicial a proposta de Mattos e Silva (2001), em 4.2, o processo de ocupação territorial brasileiro e o avanço da língua portuguesa entre os séculos 16-19, centrando-me no interior da Bahia.

4.1 Sobre a formação sócio-histórica do português brasileiro

A partir de fontes e estudos sobre a configuração social brasileira, Mattos e Silva (2001:298-299), ao tratar sobre a formação do português brasileiro no período colonial, defende que os atores fundamentais no contexto de multilingüismo/multidialealismo foram o *português europeu*, as *línguas gerais indígenas* e o *português geral brasileiro*, nos termos definidos abaixo:

- a. o *português europeu* na sua dialeção diatópica, diastrática, que teria ao longo do período colonial um contingente de 30% da população brasileira; seria esse *português europeu*, base histórica do *português culto brasileiro* que começaria a elaborar-se a partir da segunda metade do século 18;
- b. as *línguas gerais indígenas*, que, plurais e dialetalizadas, poderiam até confundir-se com o *português geral brasileira* nas áreas geográficas delimitáveis em que se difundiram;
- c. o *português geral brasileiro*, antecedente histórico do *português popular brasileiro* que, adquirido na oralidade e em situações de aquisição imperfeita, é difundido pelo geral do Brasil sobretudo pela maciça presença africana e dos afro-descendentes que perfizeram uma média de mais de 60% da população por todo o período colonial.

Essas variantes, segundo, Lucchesi (cf. 1994, 2001)²¹⁸, teriam se constituído a partir de duas grandes vertentes principais, oriundas de situações sócio-históricas assim definidas:

1. De um lado, os pequenos centros urbanos, onde se situavam os órgãos da administração colonial, sob forte influência cultural e lingüística da Metrópole. A elite colonial era naturalmente bastante zelosa dos valores europeus, buscando assimilar e preservar ao máximo (o que é previsível nessas situações) os modelos de cultura e de língua vindos d'além-mar.
2. A outra vertente da formação da língua no Brasil fincou suas raízes no interior do país, para onde se dirigiu a maior parte da população no período colonial. Fora dos reduzidos centros da elite, nas mais diversas regiões do país, o português era levado, não pela fala de uma aristocracia de altos funcionários ou de ricos comerciantes, mas pela fala rude e plebéia dos colonos pobres.

Diferentemente da situação 1, a organização de *corpora* históricos para o estudo da situação 2 é mais difícil por vários motivos. Nem sempre os documentos dessas regiões distantes foram preservados. Além disso, a população brasileira do interior no período colonial e imperial era composta por iletrados. A documentação do passado do português a que os pesquisadores normalmente têm acesso, sobretudo no período colonial, representa a ínfima parte da população, a letrada (de acordo com Houaiss, 1985:137, apenas 0,5% da população), o que limita muito a organização de amostras diacrônicas para o estudo do português brasileiro²¹⁹. Sobre essa vertente, destaca-se o *corpus* composto por Oliveira (2003) formada por textos escritos por africanos e afro-descendentes na Bahia do século 19.

Também há outras dificuldades para representar historicamente a vertente 2, como o de se distinguir, por exemplo, até meados do século 19, meio urbano de meio rural, principalmente nas áreas que circundam a região costeira e as vilas. Diante desse quadro, uma documentação originada em uma área claramente interiorana, como as cartas enviadas ao barão de Jeremoabo e as cartas enviadas ao coronel Exupério Canguçu, líderes importantes dos longínquos sertões baianos do século 19, ganha especial relevância. Os sertões baianos são definidos por historiadores como “verdadeiros mundos perdidos e isolados”. A autora Mattoso (1992:74²²⁰), a partir do relatório feito pelo vigário Januário José de Souza Pereira no século 18, dá como exemplo de uma das localidades

²¹⁸ Lucchesi (1994, 2001) concebe o português do Brasil como um sistema não apenas heterogêneo e variável, mas plural, um diassistema formado por dois subsistemas, por sua vez, igualmente heterogêneos e variáveis, definidos como “normas”. Distingue-se, fortemente, de Silva Neto (1986 [1950]:234-235) sobre a unidade e o conservadorismo no português do Brasil e, sobretudo, da visão de uma suposta hierarquia de culturas.

²¹⁹ Tendo em vista essa situação, Mattos e Silva (2002:443-462), no seu artigo intitulado “Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa”, chama a atenção, justamente, para essas dificuldades e mostra que as vias de pesquisa para a reconstrução do passado do português são distintas, tendo em vista que a reconstrução do passado do português culto brasileiro se “esteia numa tradição escrita”.

²²⁰ Cf. Carvalho Júnior (2002).

mais isoladas a freguesia de Jeremoabo, região de onde provém a maior parte da documentação da 3ª parte do volume 2,

“A freguesia de São João Batista de Jeremoabo tem três povoações²²¹, a saber, uma no sítio de Jeremoabo, onde está a matriz, e consta de **32 casas, ou choupanas**, por serem todas cobertas de palha, exceto a paroquia e outra. Nelas vivem **252 pessoas** de comunhão, **entre brancos, que não passam de cinco, pardos, mestiços, índios e pretos cativos de um e outro sexo** [...].

Em todo o continente ou território desta não há mais povoação alguma que as sobreditas três, salvo se por povoação se estender cada um sítio ou fazenda, as quais em 70 léguas, pouco mais ou menos, que tem o terreno desta freguesia de longitude de nascente ao poente, em trinta léguas, pouco mais ou menos, que tem de latitude de sul a norte, se acham dispersas em distâncias diversas, umas das outras, a saber, umas distam das outras uma légua, duas, três, e mais até de 12 léguas.

As fazendas ou sítios são 152, promiscuamente situados e nas mais delas não se acha mais que o curraleiro com um, dois, e mais escravos, dos donos das fazendas, por benefício dos gados, e em muito poucas se chegam a contar vinte pessoas [...] Nestas **152 fazendas e povoações de Jeremoabo** ou em todo território desta freguesia, que consta de 70 léguas não numerando os sertões despovoados e desertos há **1365 pessoas de comunhão entre brancos que não chegam a 80, pardos, mestiços e pretos cativos de um e outro sexo**.

[...] Vivem estas pessoas em 285 casas ou choupanas, porque só quatro são cobertas de telhas em toda a freguesia, e as mais de palha; gente a mais dela toda pobre, e de servir de criadores de gados ou curraleiros; de sorte que somente 12 pessoas há fazendas suas próprias, quanto aos gados, que quanto a terra só um se acha em sítio seu, que o comprou a Casa da Torre, e os mais todos são foreiros à mesma casa. [...]

Exceto os 12 donos de fazendas, ou dos gados delas, que existem nesta freguesia, e curraleiros que são tantos quantos são as fazendas, tiradas as mulheres e pretos cativos, também tudo o mais é gente ociosa, sem ocupação alguma, malfeitores e foragidos, uns **naturais da terra, outros que de fora se vem acoitar nesta freguesia**, e não poucos vivem como bandoleiros, porque não tem casa, e assim são incríveis e indizíveis as perturbações e malefícios que experimentam os bons, principalmente os párocos, contra os quais todos os dias se atrevem com injúrias, opróbrios e malefícios, tais quais se podem considerar de um povo que não tem nem temor de Deus, nem respeito às leis humanas, por não conhecerem justiça nem malícia, mas que pelo nome, e não haver quem os reprima ou castigue...”.

Por fim, o contraste entre as cartas provenientes do interior com as cartas de regiões costeiras poderá trazer subsídios às questões sobre a formação externa do português brasileiro.

No item, a seguir, apresento alguns dados sobre o processo de re-ocupação e organização social do território brasileiro no período colonial e imperial.

²²¹ Segundo, ainda, Carvalho Júnior, “as outras duas povoações eram aldeias de índios, a de Massacará aldeia de Kaimbés e Kiriris, governada pelos religiosos franciscanos, e do Saco dos Morcegos dos jesuítas; ambas eram isentas da jurisdição paroquial”.

4.2 A re-ocupação territorial brasileira: séculos 16-19

O povoamento brasileiro não autóctone teria se dado, segundo a maioria dos estudos que tratam do tema, através do afluxo espontâneo de colonos brancos (portugueses na grande maioria) e da imigração forçada de africanos²²². De acordo com Prado Jr. (1970:185-186 [1945]), a corrente demográfica formada por trabalhadores braçais em finais do século 19²²³, como a que ocorreu na região sudeste, não foi uma regra. Da mesma forma, o autor considera como sendo excepcionais as formas de ocupação em áreas estratégicas dominadas pela imigração espontânea (como a que se deu em setores fronteiriços), a imigração açoriana e os demais núcleos coloniais formados por imigrantes alemães, suíços²²⁴, entre outros.

À ocupação do **litoral** nos meados do século 16, segue-se à abertura de **entradas** no início do século 17, que se intensifica nos séculos subseqüentes.

4.2.1 Da costa para o interior

Como sabemos, a ocupação do litoral tem como principal motivação econômica, para além da curta fase pau-brasil, os núcleos açucareiros e a reduzida economia pecuarista. Essa ocupação, por sua vez, costuma ser definida como agro-latifundiária, conservadora, patriarcal e aristocrática. E, principalmente, **de domínio português**. O avanço da economia pecuarista e o das entradas rumo ao interior em processo progressivo, principalmente, a partir do século 17, constituem, por sua vez, **obra exclusiva de brasileiros** na visão de Freire (1998).

Esse processo de ocupação de terras de população autóctone, como se sabe, não foi pacífico, antes resultou de grandes genocídios. Inicialmente, Ayron Rodrigues (1994:19) calcula que, na época da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, o número de línguas indígenas tenha sido superior a 250. Em cálculo posterior, estimou que houvesse 1.175 línguas. Segundo o autor, desapareceram, sobretudo, aquelas línguas sedimentadas em áreas que foram mais intensamente colonizadas, região Sudeste e a maior parte das regiões Nordeste e Sul do Brasil²²⁵.

²²² A chegada dos africanos ao Brasil data de fins do século 1 até 1850, fim oficial do tráfico de escravos, embora o mesmo continuasse a ocorrer.

²²³ A exemplo dos imigrantes da Europa e da Ásia, sobretudo, em 1890.

²²⁴ Nash (1950:199-201), com base nos dados publicados no Diário Oficial de 13 de janeiro de 1921, referentes ao período de 1820-1919, os estima em apenas 7% dentre os demais imigrantes.

²²⁵ Segundo o autor, as principais famílias lingüísticas que constituem a base das línguas indígenas brasileiras são: o Tupi e o Guarani, de onde provêm as línguas de regiões de floresta tropical e subtropical, e a família Macro-Jê. A distribuição dessas famílias lingüísticas é a seguinte: Jê (campos cerrados), Karíbe, (norte da região amazônica), aruák e arawa (oeste

No século 17, já serão os brasileiros descendentes de portugueses, mestiços de índios e, posteriormente, de africanos, em uma costa em que a língua geral é a mais falada, que terão sido os primeiros difusores da língua portuguesa rumo ao interior, inicialmente através das bandeiras²²⁶, em volta dos rios brasileiros (cf. Capistrano de Abreu, 1930). Foram esses caminhos que deram origem às estradas e às vias de comunicação entre o interior e as sedes das capitânicas. Além desses caminhos, destacam-se as entradas iniciadas na região da Amazônia Setentrional no século 17, através da rota das chamadas “drogas do sertão”, posterior caminho da borracha no século 19, constituídas pelos domínios de terras indígenas e da atuação dos jesuítas e, também, no século 19, do pólo de crescimento cafeeiro em parte da região sudeste.

No que diz respeito às bandeiras, convém ressaltar que várias passavam pelos transitados caminhos da região do rio Itapirucu, região Nordeste da Bahia. Por lá passaram os paulistas em direção ao Piauí e ao Maranhão e os próprios baianos, também em direção ao Maranhão.

Puntoni (2002:204-206), em seu livro “A guerra dos bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720”, escrito, originalmente, como tese de doutoramento, fornece um quadro em que mostra a composição étnica de uma dessas marchas em direção ao interior. O autor baseou-se na análise de 243 registros do livro do escrivão do terço dos paulistas do mestre de campo Manuel Álvares de Moraes Navarro. Destaca-se a grande presença indígena nessas marchas, em algumas regiões do Brasil, sem contar a “bagagem”, como se denominavam as mulheres e as crianças dos tapuias que os acompanhavam. É importante dizer ainda que nessas

de Mato Grosso e no Brasil Central). E, ainda, as famílias lingüísticas menores, provenientes de áreas especiais (pantanal matogrossense). E, ainda, o Tukáno, Makú e Yanomámi (norte do Rio Amazonas). Além dessas, há outras línguas faladas por menos de 200 falantes e por isso em adiantado processo de extinção nas regiões de Rondônia e Roraima, além de pequenas áreas de Minas Gerais e de São Paulo.

²²⁶ Prado (2001:99-100) resume o avanço das bandeiras a partir da obra de Capistrano de Abreu da seguinte forma (sem destaques no original): “a) *bandeiras paulistas*, ligando o Paraná ao Paraguai, e pelo Guaporé, Madeira, Tapajós e Tocantins atingindo o Amazonas (o Xingu, pelas más condições de navegabilidade, nunca foi freqüentado; *bandeiras paulistas*, ligando o Paraíba ao São Francisco, ao Parnaíba e Itapicuru até o Piauí e Maranhão por um lado; ligando o São Francisco, o Doce, o Paraibuna, ao Paraíba do Sul, galgando a serra dos Órgão, para terminar na Guanabara; *bandeiras paulistas*, entre a serra do Mar e o Paraná, todas elas atravessando o Uruguai para o Rio Grande do Sul; b) *bandeiras baianas*, ligando o São Francisco ao Parnaíba, e chegando ao Maranhão pelo rio Itapicuru; bandeiras baianas ligando o São Francisco ao Tocantins; *bandeiras baianas*, que indo do Serro e Minas Novas, procuravam o rio pelo caminho da terra do ouro; c) *bandeiras pernambucanas* entre o Capibaribe e serra da Ibiapaba, muito menos importante que as duas anteriores, traçadas a menor distância do litoral, pelo sertão “de fora”; recebendo muita gente diretamente do litoral, subindo os rios que nele desembocam; d) *bandeiras maranhenses*, de pouco alcance, ligando o Itapicuru ao Parnaíba e São Francisco, e o Parnaíba às terras aquém da Ibiapaba; e) *bandeiras amazônicas*, que pelo Madeira se ligaram às de São Paulo; alcançaram os limites do Javari e ocuparam a Guiana. Para Boris Fausto (1996:94) as entradas paulistas eram formadas por grupos de origem portuguesa ou mestiça que, por uma série de condições geográficas, sociais e culturais construíram uma sociedade como menor distinção entre brancos e mestiços”.

marchas havia a presença de “línguas”, isto é, espécie de intérprete de línguas indígenas e variedades de língua geral²²⁷. Veja-se tabela 4.1.

Tabela 4.1 Distribuição das etnias no terço do mestre-de-campo Morais Navarro

Grupos	%	Descrição	Número	%
brancos	23,5	alvos	50	23,5
índios ²²⁸	54,0	índio (genérico)	37	17,4
		canindé	8	3,8
		cariri	27	12,7
		do silva	4	1,9
		paiacu	15	7,0
		tapuia	24	11,3
mestiços	13,6	amulatado	1	0,5
		moreno	7	3,3
		trigueiro	7	3,3
		pardo	11	5,2
		cariboca	3	1,4
negros	8,9	preto	19	8,9
Total	100,0%		213	100,0%

Fonte: Livro do escrivão do terço, mestre-de-campo Manuel Álvares de Morais Navarro, IHGRN, caixa 34 (apud Pedro Puntoni, 2002:206).

Uma amostra da população do Piauí apresentada por Mott (1979:68), entre fins do século 17 e início do século 18 é, em parte, indicativa desse processo. Também nos dados apresentados por esse autor prevalece o número de não-brancos, como destacado na tabela 4.2, a seguir:

²²⁷ A língua geral – a variante paulista de base tupiniquim/guarani falada por colonos e índios nas bandeiras e a variante amazônica, de base tupinambá (Maranhão), além de outras – perduraram no Brasil por duzentos e cinquenta anos aproximadamente. Eram faladas por grande parte da população brasileira, não apenas por índios aculturados e integrados, como pela população lusa. Holanda, em “Raízes do Brasil” (2002:354) caracteriza essa situação com a ilustrativa situação ocorrida na província de São Paulo. Um juiz de órfãos quando tratou do processo de inventário de Brás Esteves Leme teria precisado do intérprete Álvaro Neto, prático na língua geral da terra, para que pudesse compreender as declarações de Luzia Esteves, filha do inventariado, “por não saber falar bem a língua portuguesa”. Isso leva a crer que os paulistas mestiços ocupantes da região das minas nos séculos XVIII tenham adquirido um português de seus pais que o adquiriram como segunda língua (ou L2).

²²⁸ A presença indígena segundo o autor seria resultante da agregação informal de guerreiros aliados.

Tabela 4.2 Composição da população por etnia no Piauí (1697-1723)

Composição da população por etnia no Piauí (1697-1723)				
Etnias	1697	%	1772	%
Branços	155	35,3	3.205	16,7
Índios	59	13,5	1.131	5,9
Negros	210	48,0	6.343	33,0
Mamelucos	-	-	1.354	7,0
Mulatos	4	0,9	4.050	21,1
Mestiços	10	2,3	3.108	16,3
Total	438	100	19.191	100

Fonte: Adaptado de Luís Mott (1979:68)

Evidencia-se, também, na distribuição, o fato de os brancos terem sempre sido minoria, tanto no período colonial quanto no imperial, conforme também atesta Mussa (1991:163) na tabela 4.3, abaixo, a partir de dados extraídos de Hasenbalg (1979), Carreira (1981) e dos censos (1850-1890), entre outros. Os africanos em sua maioria, algo em torno de 50%, pertenciam ao grupo lingüístico banto.

Tabela 4.3 Distribuição demográfica no Brasil do século 16-19

	1538-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
Africanos	20%	30%	20%	12%	2%
Negros do Brasil	-	20%	21%	19%	13%
Mulatos	-	10%	19%	34%	42%
Branços do Brasil	-	5%	10%	17%	24%
Europeu	30%	25%	22%	14%	17%
Índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%

Fonte: Adaptado de Mussa (1991:163).

Após a escravidão indígena em meados do século 17, a presença de escravos africanos até 1850 (quando da extinção do tráfico) eleva o percentual de não-brancos de origem africana²²⁹ (negros brasileiros e mulatos)²³⁰.

²²⁹ A extensão da presença africana na formação do português brasileiro está fartamente documentada na literatura corrente brasileira e outras, desde aqueles autores que as diferenças entre o português (cf. Renato Mendonça, 1933). Além dessas interpretações, destacam-se: a formação do português vernacular a partir do aprendizado imperfeito (cf. Neto, 1963, Elia, 1979), ou de que o português popular seria resultante de um processo de transmissão lingüística irregular (cf. Lucchesi, 1998). Entre os que situam as línguas africanas como base para a configuração das variedades brasileiras (cf. Guy, 1981-1989 e Holm, 1988) e, ainda, na visão particular de Silva Neto (1963: 125), segundo a qual o

No século 18, a configuração demográfica de parte do Brasil se modifica e se intensifica com a descoberta das minas auríferas, para quais afluíram, segundo Freire (1998:116), enormes massas populacionais vindas das outras capitanias e de Portugal. O autor destaca, como ilustrativo dessa situação, o testemunho do jesuíta André João Antonil (sem grifos no original).

Cada ano vem nas frotas quantidade de portugueses²³¹ e de estrangeiros para passarem às minas. **Das cidades, vilas, recôncavos e sertões do Brasil vão brancos, pardos, pretos e muitos índios de que os paulistas se servem.** A mistura é de toda a condição de pessoas, homens, mulheres, moços e velhos, nobres e plebeus, seculares e religiosos de diversos institutos, muitos dos quais não têm no Brasil nem conventos nem casas²³².

À proporção que a população crescia, o interior com urbanização ainda rarefeita, para além dos pontos de concentração em áreas de mineração, o Brasil de meados do século 19 aparece interligado por novas vias de comunicação, um crescimento motivado, também, pela transferência da sede da monarquia portuguesa.

A elite brasileira que aparece escrevendo nas cartas do volume 2, sobretudo na 1ª e 2ª partes, compõe-se dos nascidos em regiões costeiras, ou descendentes daqueles brasileiros e portugueses que enriqueceram no interior e de lá se deslocaram para estudar em faculdades nacionais ou universidades no exterior, sobretudo, em Coimbra, e por descendentes de portugueses costeiros. Uma gente, sobretudo, branca. São homens que ocuparam os mais altos postos administrativos brasileiros, diferem da elite rural (3ª parte) radicada no interior, formada por homens que não cursaram faculdade.

“os negros trazidos para o Brasil já vieram, na sua grande maioria, falando português, o seu português simplificado e deturpado, eram os negros ladinos, os que não falavam esse português, os negros boçais aprendiam-no com os ladinos”.
²³⁰ Nash (1950:209), com base em avaliações aproximadas compiladas nos estudos históricos sobre a população africana forra e escrava no Brasil no início do século 19, apresenta população africana em quatro províncias, conforme tabela, a seguir:

População livre e escrava em algumas províncias na primeira década do século 19

Anos	Província	Homens livres			Escravos		
		Negros	Mulatos	Total	Negros	Mulatos	Total
1813	São Paulo	3.951	44.053	48.004	37.602	10.648	448.250
1804	Goiás	7.963	15.645	23.608	-	-	19.889
1812	Santa Catarina	-	-	665	-	-	7.578
1812	Paraíba	8.000	28.000	36.000	-	-	17.000
			Total	108.277	Total		92.717

Fonte: Adaptado de Nash (1950:209).

²³¹ Estima-se que 800.000 portugueses se dirigiram às regiões de mineração.

²³² Freire (2000 [1907:118]) destaca, ainda, a fala de Capitão-Mor Silva Pontes, ao dizer que tanto os brasileiros quanto os portugueses conduziam às costas tudo quanto possuíam, sendo raros os nobres que haviam se mudado para as minas.

4.2.2 Rumo ao “íntimo” dos sertões baianos e os indícios da configuração das variedades semi-culta e popular no interior da Bahia: contextualizando os remetentes de Cícero Dantas Martins (barão de Jeremoabo) e do coronel Exupério Pinheiro Canguçu

Como se poderia esperar, o modelo de re-ocupação territorial na Bahia reflete a situação brasileira como um todo. O padrão de povoamento formado por rotas de boiadas e suas variantes no interior da Bahia é, segundo Sylvio C. Silva et al (1989:94-97), um padrão linear, comum a outras regiões do nordeste do Brasil. O autor destaca três características desse processo:

- i) um povoamento no nordeste da capitania com tendência à linearidade (devido às rotas de boiadas e das tropas);
- ii) uma grande dispersão com vilas localizadas em pontos de interseção das estradas que serviam de rotas para o gado, ouro, etc;
- iii) um grande número de estradas nas áreas de pecuária e mineração, ambas no sertão. Esse processo ocorreu, inicialmente, a partir das entradas baianas²³³ em busca de metais preciosos, da expansão pecuária exigida pela também expansão da economia açucareira e a expulsão ou extinção dos índios ou o seu aldeamento pelos jesuítas, franciscanos e capuchinhos. Tais aldeamentos transformaram-se, posteriormente, em lugares e vilas, dando-se, a partir daí, uma das origens do processo de urbanização do interior da Bahia.

Andrade (1996) diz que houve dois grandes pólos de irradiação da pecuária na Bahia, um em direção ao Ceará (ainda no século 16) e outro pelo Rio São Francisco em direção ao Centro (Tocantins e Araguaia). O avanço do gado para os “sertões” e o processo de colonização através das guerras de extermínio e escravização de populações autóctones²³⁴ deram lugar a uma vastíssima rede de propriedades, as fazendas de gado de pessoas oriundas, principalmente, das regiões Norte e do Recôncavo baiano²³⁵.

²³³ Na Bahia, as primeiras entradas datam de meados do século 16, a exemplo da entrada feita por Francisco Bruza Espinosa, em 1553. Ele partiu de Porto Seguro e chegou até o Rio São Francisco. No século 17, as primeiras foram feitas pelos Ávilas e as dos chamados sertanistas de contrato, os bandeirantes paulistas, e, ainda, a do baiano Pedro Barbosa Leal, que explorou a famosa Serra de Jacobina. A essas se seguiram várias outras.

²³⁴ Pedro Puntoni (2002:289) diz, ainda, que as novas vilas do sertão “foram controladas por administradores, recrutados entre os membros das elites vizinhas, grandes sesmeiros ou seus prepostos, e as populações indígenas paulatinamente marginalizadas do convívio “urbano” foram submetidas a novas situações de opressão. Vários grupos ou indivíduos optariam, certamente, por uma estratégia de incorporação, negando, para tanto, sua identidade e seu passado indígena”.

²³⁵ As estradas do recôncavo até o sertão eram muito transitadas. A variante de Itapicuru, assim conhecida por margear o rio Itapicuru até Amparo da Ribeira do Pau Grande, atravessava muitas fazendas. Provavelmente terá sido do recôncavo que se originaram muitos dos habitantes do Sertão.

Es, margeavam o rio Itapicuru até Amparo da Ribeira do Pau Grande, passando, também, por muitas fazendas. Foi justamente do recôncavo que se originaram muitos dos habitantes do Sertão.

Com a chegada de pessoas dessas regiões a partir do século 18, através de variantes de velhos caminhos, a população aumenta bastante no sertão. Um dos caminhos mais antigos é a marcha do gado, do Rio São Francisco até Jeremoabo e, daí, em direção a Ribeira do Pombal, Alagoinhas e Salvador e a chamada “Estrada Real do Gado”, que ligava os Sertões do Piauí, Bonfim, Queimadas, Coité, Serrinha, e de novo, Alagoinhas para Salvador.

Através desses caminhos e das veredas do gado pela bacia do Itapicuru, do caminho do Raso (Araci), ou do caminho de Massacará e Monte Santo, passando por várias fazendas e, a mais importante, a que ligava Monte Santo a Tucano, além de outras variantes, no século 18, é que muitas pessoas se fixaram na região, misturando-se com índios “mansos”. Esses índios ficavam sob domínio de brancos, vaqueiros, camaradas, cabras, fábricas, passadores, tangedores e guias, escravos e forros (caboclos e mamelucos, em sua maioria). Assim, cresceram muitas vilas, antigos aldeamentos ou pousos de viajantes, de onde se originaram as cartas da 3ª parte, a exemplo das localidades de Serrinha, Ribeira do Pombal e Jeremoabo.

Essa via de ocupação baiana tem como principais caminhos as margens do rio São Francisco e do rio Itapicuru (até o interior do Piauí, por um lado, e por outro, até o Tocantins); é definida por Capistrano de Abreu (1963:147) como “sertão de dentro”, em oposição à via pernambucana (até o Ceará) por regiões próximas à costa, o chamado “sertão de fora”.

Já as feiras de gado, organizadas em São João da Mata no século 18, entre outras localidades, principalmente Feira de Santana, já no século 19, ligando o recôncavo a Serra Geral, fazem aparecer um importante núcleo pecuário constituído ainda no século 18, os domínios do poderoso coronel Exupério Pinheiro Canguçu, cuja sede é a Fazenda Brejo Seco.

Esse tipo de dispersão de vilas, localizadas em pontos de interseção das estradas que serviam de rotas para o gado, ouro (cf. item 2, acima, Silva et al, 1989:94-97) e, em especial, o avanço ao interior via agropecuária, em que Prado Jr.²³⁶ considera, como fruto de uma economia “recalcada para o íntimo dos sertões”. Segundo Francisco Silva (1996:123-159), essa forma de ocupação desenvolveu-se, sobretudo, a partir do chamado *rush* fundiário (1670-1690). Inicialmente com uma forma de distribuição de terras similar aos grandes latifúndios das áreas de *plantation*, conforme item

²³⁶ A configuração proposta por Serafim da Silva Neto (p. 124) para as áreas rurais em fins do século 19 que segundo o autor, seriam a continuação e o desenvolvimento das seguintes áreas: a) antigos aldeamentos indígenas (cultura caipira); b. antigas fazendas onde conviviam brancos, índios e negros, ou só brancos e negros; c) quilombos com mesclas de tribos índias; d) antigos acampamentos e estabelecimentos militares, com a presença de mulher índia e, portanto, do mameluco e e) antigos agrupamentos de colonização açoriana;

a abaixo, modificando-se, posteriormente, com a redistribuição dessas em pequenas e médias extensões territoriais num processo que vai caracterizar a área de dominância da pecuária sertaneja.

Em termos de Bahia, observa-se que as formas colocadas nos itens *a* e *b*, até o fim do século 18, e *c* e *d*, a partir do século 19, caracterizam esse processo (sem grifos no original):

- a) a grande propriedade, de origem sesmarial, **com exploração direta e trabalho escravo;**
- b) sítios e situações, terras arrendadas por um foro contratual **com gerência do foreiro e trabalho escravo;**
- c) terras indivisas ou comuns, de propriedade comum — não são terras devolutas, nem da Coroa —, exploração direta, **com caráter de pequena produção escravista ou familiar**, muitas vezes dedicada à criação de gado de pequeno porte²³⁷;
- d) áreas de uso coletivo, como malhadas e pastos cumunais, utilizadas pelos grandes criadores e pelas comunas rurais;

Esse, como referido, é o ambiente que caracteriza o momento de produção das cartas para o barão do Jeremoabo, região Nordeste da Bahia.

A presença portuguesa na região acontece através da exploração dessas sesmarias. Muitas fazendas foram habitadas por portugueses²³⁸, como a fazenda Caimbé, de propriedade do português Manuel Américo de Souza e as Fazendas Ilha e Olho do Meio, pertencentes ao coronel José Américo Camelo de Sousa Velho e a Potâmio Américo de Souza, remetentes da 3ª parte. Potâmio era afilhado do barão de Jeremoabo, como já mencionado.

Encontramos os remetentes do interior da Bahia, sobretudo aqueles que escreveram ao barão de Jeremoabo, aparecendo na documentação do APEBA no período pós-extinção do sistema de sesmarias, ocorrido em 1822, conforme resolução de 17 de julho (item *a*), dando início ao processo de legitimação de propriedades.

Quase todos os remetentes das cartas para o barão de Jeremoabo e para o coronel Exupério Pinheiro Canguçu são proprietários de terras (cf. fichas do catálogo que precede cada parte do volume 2). Esses remetentes foram mencionados em vários documentos, principalmente nos Registros Eclesiásticos da Freguesia de Itapicuru e nos termos de Jeremoabo, em cumprimento à Lei de Terras de 1850.

A maioria aparece como herdeiros ou comprando terras entre si, denotando se tratar, principalmente, de uma elite local. Aparecem, entre os remetentes do barão, vaqueiros e alguns comerciantes. A lei de 1850, segundo Silva (1996:334), foi mais utilizada como um instrumento para

²³⁷ Os principais latifúndios são os de Gárcia d'Ávila (Casa da Torre) e os de Guedes de Brito (Casa da Ponte).

²³⁸ A presença portuguesa deve-se ao processo de doação de sesmarias e à instalação de currais e engenhos de cana de açúcar. Os seus descendentes tornaram-se a elite local.

conciliar grupos sociais estabelecidos, o que leva a crer que se tratava de grupos com longo domínio na região, muitos dos quais coronéis da Guarda Nacional, como são muitos dos remetentes do barão de Jeremoabo.

Consta, em Mattoso (1992:242-244), que o serviço da Guarda Nacional na Bahia, além do grande prestígio social, era elitista e conservador. Para fazer parte dessa corporação, era necessário que a pessoa fosse “bom cidadão” e livre, com mais de dezoito anos e menos de sessenta, com renda superior a 200,000 réis anuais para as províncias da Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco e Maranhão e 100.000 para as demais. Por outro lado, a atuação desses coronéis era limitada aos municípios onde residiam. Esses indicadores, por si só, ajudam a compor o perfil de parte dos remetentes das cartas para o barão de Jeremoabo, muitos dos quais detentores do título de coronel, como dito e como fica evidenciado no levantamento apresentado a seguir (para maior detalhamento, ver fichas no catálogo anexo ao volume 2). Dos 43 remetentes, 21 (48,83%) possuíam patentes da Guarda Nacional, conforme a tabela 4.4, a seguir:

Tabela 4.4. Patentes da Guarda Nacional dos autores das cartas da 3ª parte do volume 2

Patentes da Guarda Nacional	Nº.
Coronel	9
Tentente - Coronel	6
Tenente	2
Major	1
Capitão	3

Como se vê, são patentes do “Regimento do Estado Maior”, que incluía, além dessas, outras, como, sargento-mor, ajudantes e quartel mestre. As outras funções menores, a saber, tambor-mor, corpo de regimento, tenente, furriel, porta-bandeira, pífanos, tambor e soldados não aparecem, com exceção da função de capitão.

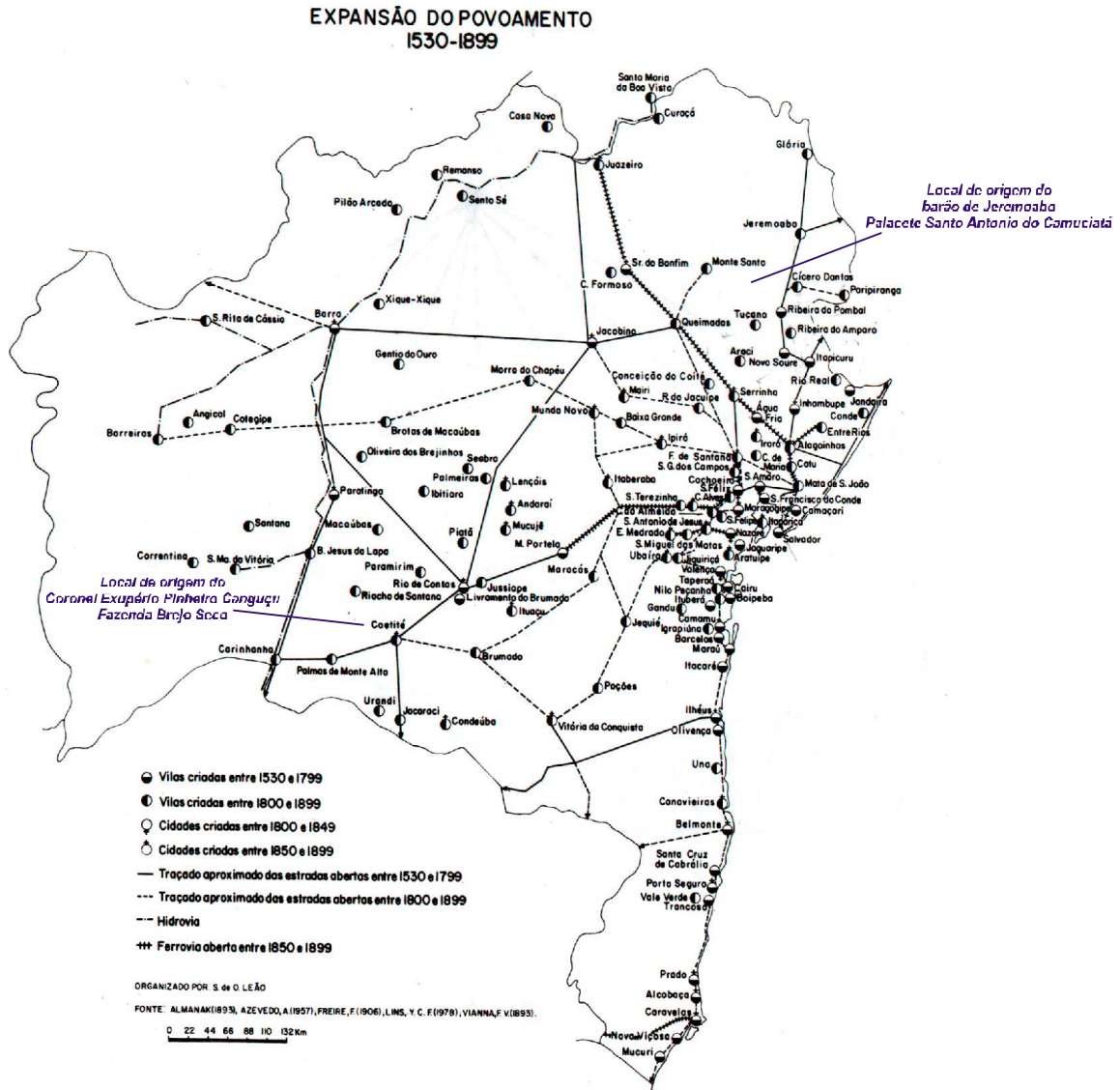
Essa elite rural da 3ª parte é distinta da que aparece na 1ª parte e na 2ª parte, como mostrado por Pang (1979:19-26), no interessante estudo sobre esse tipo de coronelismo, que atinge seu ápice justamente no período de regularização de terras na década de 1850.

O título de coronel era ofuscado por cinco categorias de nobreza: duque, marquês, conde, visconde e barão, em ordem decrescente, além disso, os títulos acadêmicos de bacharel, para os advogados, e doutor, para os médicos, davam mais prestígio que “coronel”. Enquanto proprietários de terras são, também, possuidores de patentes da Guarda Nacional, fundada em 1831, que tinha como característica, justamente essa, a de ser controlada por proprietários de terras, tinha como função a manutenção da ordem interna com poderes mandatários.

O autor (1979:19) também aponta para o fato de o comandante militar da Guarda Nacional ser proprietário de terras, sendo muitos provenientes de famílias de coronéis de milícias coloniais de fins do século 18, a exemplo dos antecessores de Exupério Pinheiro Canguçu, já citado. Essa família, segundo o autor, “gabava-se de ter três gerações com títulos, desde o avô, Capitão-mor Antonio, da milícia colonial, até o neto, coronel Exupério Pinheiro Canguçu,, da Guarda Nacional”. Esse coronel, como se viu, é um dos destinatários da 1ª parte e traduz no seu arquivo particular os tipos de relações formados por um grupo com destaque local. Muitos membros poderiam chegar a barão, como foi o caso do sobrinho de Exupério Pinheiro Canguçu, um dos remetentes de suas cartas, Jose Egídio [de Moura e Albuquerque] (depois barão de Santo Antonio da Barra), mas parece que não era tão comum que os coronéis da Guarda Nacional fizessem curso superior. Apenas as famílias mais ricas enviavam seus filhos para faculdades. Na família desse senhor, possuía nível superior o irmão de José Egídio, o bacharel Marcolino [de Moura e Albuquerque] e o filho do próprio Exupério Pinheiro Canguçu, o engenheiro Pinheiro [Antonio Pinheiro Canguçu].

O mapa 1, a seguir, (extraído de S. Leão, 1989), traz em destaque a região onde viveram tanto o barão de Jeremoabo, atual região econômica do Nordeste, quando a região onde viveu o coronel Exupério Pinheiro Canguçu, atual região econômica da Serra Geral, localizada mais ao centro da Bahia, próximo à Chapada Diamantina. E, ainda, o processo de expansão do povoamento não autóctone da Bahia do século 19.

Mapa 4.1. Expansão do povoamento não autóctone na Bahia: 1539-1899



Com exceção desses, o sertão na verdade foi reocupado, principalmente, por populações pobres provenientes de várias províncias, Pernambuco e Alagoas, entre outras, além ex-escravos, como atesta Antero de Cirqueira Gallo, em uma carta datada de Tucano, em 19 de março de 1897, enviada ao barão de Jeremoabo, onde dá notícias sobre a presença de ex-escravos na região de Canudos (sem grifos nos originais):

Quanto os jornais allegarem que lá existe vultos | habilitado para dirigir combate e que João Abbade | é filho de Ilheus e foi estudante de um lyceu e | matou uma namorada, é completamente inverídico. Lá os vultos que estão desenvolvendo a revolta, é | o mesmo Conselheiro com seus sequazes d'entre estes | soldados dezertores de diversos

Estados e o povo do 13 de | Maio²³⁹, que é a maior parte; advirto mais, que gente | de cor branca poucos lá têm, quanto mais homem | que occupa certa projeção! Ainda mesmo o Conde | d'Eu se aparecesse lá, éra até vitima pois não o co | nhecem; e finalmente, João Abbade é filho d'aquí, co | nheço de tenra idade, tem Pai, mãe e irmaos [e]²⁴⁰ | todos morigerados; é um typo alto, grosso, mo-lato, | pouca barba espigado presúmia valentia d'esde | seus principios e apresentando aspecto dizagrada- | vel.

Na região, há remanescentes de quilombos. Em Jeremoabo, por exemplo, existem vilas originárias de comunidades quilombolas: Algodões, Angico, Baixão da Tranqueira, Casinhas, Olho d'água dos Albinos, Olho d'água dos Negros, Vasos do Ouricuri e Viração.

Segundo Neves (1996:38), “o trabalho compulsório desenvolveu-se no Alto Sertão baiano, simultânea e articuladamente com a meação, confundindo-se choupanas de agregados e casebres de escravos”. Escravos, em sua maioria brasileiros, falantes de uma variante do português que pode ter sido um dos antecedentes do português rural brasileiro. Rios (2003:60) identifica, também, apenas pequenos plantéis em freguesia próxima da área de atuação do barão de Jeremoabo, conforme tabela 4.5, a seguir:

²³⁹ Termo pejorativo para os ex-escravos.

²⁴⁰ Borrado.

Tabela 4.5 Quantidade de escravos por propriedade na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Coité, na Bahia

Número de escravos	Quantidade de propriedade	%
1	110	59,8
2	27	14,7
3	12	6,5
4	13	7,1
5	7	3,8
6-9	13	7,1
+ de 10	2	1,0
Total	184	100,0

Fonte: Rios (2003:60) com base nos Livros de Escrituras (1856-1859, 1869-1875, 1863-1868 e 1876-1883) do APEBA.

A presença indígena na região, com dito, é marcante. No século 18²⁴¹, diversas vilas foram criadas a partir de antigos aldeamentos, a exemplo de Jeremoabo, índios Cariris (Jeremoabo), Bom Conselho (Cícero Dantas), Santa Teresa de Canabrava, Pombal (Ribeira do Pombal), aldeia de Tupinambás (Soure), Tucano, Saco dos Morcegos/Mirandela, aldeia de índios Moritis e Cariris (Ribeira do Pombal), Maçacará (Euclides da Cunha)²⁴². Há hoje na Bahia nessa região remanescentes e emergentes de indígenas, a exemplo dos *Tuxá* (Ibotirama), *Kantaruré* (Glória), *Pankararé* (Glória, Rodelas e Paulo Afonso), *Kaimbé* (Euclides da Cunha) e *Kiriri* (Cícero Dantas, Quinjingue e Banzaê), entre outros. A população, no entanto, é pequena (em média com 50 indivíduos), a exemplo dos Kiriri das terras do Rodeador em Cícero Dantas e os Atikúm do Angical até, no máximo, 1.350, como os Kiriri do Banzaê²⁴³. Todos são falantes do português. Aliás, em todo o nordeste brasileiro, somente os fulniôs se expressam em sua própria língua (cf. Puntoni, 2002).

Por fim, penso que os documentos do volume 2, contextualizados neste capítulo, permitem opor duas amostras do português brasileiro (cf. capítulo 6). De um lado, a produção dos remetentes da costa, representada, sobretudo, pelos documentos depositados no IGHB e, de outro, a produção dos remetentes do interior, pelos documentos dos arquivos de sertanejos, como o do barão de Jeremoabo e do coronel Exupério Pinheiro Canguçu. Esses últimos são representativos de um tipo de documentação rara, os registros de parcela da sociedade sertaneja do interior baiano.

²⁴¹ Dados de MATTOSO, Kátia M. Queirós de. (1992) e de VILHENA, Luís dos Santos (1969).

²⁴² Cf. Maria Flexor (2001).

²⁴³ Pedro Puntoni (p.46-47) ressalta que em todo o Nordeste os indígenas são apenas 5,5% da população estimada na época do descobrimento que está distribuída em 26 grupos estabelecidos em pouco mais de 40 áreas.

O capítulo seguinte vai tratar de um outro aspecto importante para justificar o caráter sócio-histórico da documentação, a formação educacional do Brasil e Bahia, após expulsão dos jesuítas, como forma de justificar o nível de escolaridade dos remetentes das cartas do volume 2.

5

Do desenvolvimento do sistema de escolarização no Brasil em fins do século 18, sua relação com o *corpus* e indicadores sociais

O principal objetivo deste capítulo é apresentar alguns dados sobre o sistema educacional brasileiro no período imperial. E, de forma específica, informar sobre o nível de escolaridade dos remetentes das cartas editadas no volume 2.

O capítulo está organizado da seguinte forma: Em 5.1, faço um breve histórico sobre alguns processos de escolarização no Brasil, a partir de meados do século 18. Em 5.2, falo rapidamente das universidades brasileiras onde estudaram parte dos remetentes cultos (1ª e 2ª parte), enfim, a elite, os filhos de funcionários públicos, de senhores de engenho, de pecuaristas e descendentes de mineradores. No item 5.3, trato da criação de escolas no interior da Bahia no século 19, destacando as escolas da região Nordeste e da Chapada Diamantina, onde provavelmente estudaram os remetentes do barão de Jeremoabo e alguns dos que escreveram ao coronel Exupério Pinheiro Canguçu. Contraponho, nesse item, também, os índices de escolarização desse período, chamando a atenção para a discrepância entre a média do interior do estado da Bahia, especificamente a de localidades isoladas. E, por fim, discuto sobre a formação de uma norma semi-culta no interior baiano para justificar a produção dos documentos provenientes do interior da Bahia, tanto aquela formada por pecuaristas de médio porte quanto por pequenos produtores, a exemplos, de um tipo específico de vaqueiros. Em seguida, estabeleço um paralelo entre indicadores sociais do século 19 e os remetentes das cartas.

5.1 Breve histórico da educação no Brasil

A educação no Brasil esteve confiada ao clero secular até meados do século 18²⁴⁴, período que pode ser dividido em duas vias concomitantes, a partir de uma origem comum, a saber²⁴⁵:

1ª) Fundação de colégios para meninos²⁴⁶, aulas primárias e avulsas, seminários, cursos superiores de Teologia, Artes e Matemáticas e o envio dos alunos mais abastados para a Universidade de Coimbra²⁴⁷.

2ª) Aldeamentos e aculturação dos indígenas sobreviventes entre os que não conseguiram recuar rumo ao interior do país²⁴⁸.

O objetivo mais específico deste item, no entanto, é tentar compreender, a partir do “encerramento” da chamada 1ª via, a criação das faculdades brasileiras e a implementação das escolas, principalmente, as de primeiras letras no interior da Bahia.

5.1.1 Universidades e os remetentes cultos

A população de letrados, referida anteriormente, representa, principalmente, a sociedade abastada da época²⁴⁹. Em fins do século 18, os senhores ricos costumavam enviar seus filhos para a Universidade de Coimbra, conforme demonstra Nunes (2002:12), com base em uma lista publicada nos Anais da Biblioteca Nacional (Querino, 1955:136, nota 20), na tabela 5.1 abaixo:

²⁴⁴ Basicamente formado pelos jesuítas e, em menor proporção, por carmelitas, franciscanos e capuchinhos.

²⁴⁵ Inicialmente havia na costa escolas de indígenas, onde estudavam, também, filhos de colonos, portugueses (inclusive os órfãos), conforme está fartamente documentado na historiografia.

²⁴⁶ O de meninas conservou o nome de conventos (Almeida, 2000:25).

²⁴⁷ Durante o período jesuítico (1529-1759) foram criados 17 colégios. Além de cursos superiores, também, no Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, no Maranhão e no Pará (cf. Cunha, 2000).

²⁴⁸ Na Bahia, muitos aldeamentos criados no século XVII e no século XVIII foram transformados em vilas e lugares e, provavelmente, muitos índios foram integrados.

²⁴⁹ Uma sociedade elitista, sobretudo, branca, embora, como destacou o próprio Freyre (1685) haja raros exemplos de ascensão de mestiços ou negros, remetentes mesmos da 1ª parte citados por ele, os Rebouças (cf. André Rebouças no catálogo de fichas da 1ª parte), José Maurício, Torres Homem, Saldanha Marinho, além do médico Juliano Moreira. Não por acaso, uma gente possuidora de muitos títulos nobiliárquicos: barões, muitos dos quais receberam, posteriormente, títulos de viscondes, condes e marquês (cf. catálogo de fichas no volume 2), além de muitas honorarias e outros inúmeros títulos de ordens, associações e patentes. Na 2ª parte, apenas um possui título nobiliárquico, trata-se do barão de Traipu. Os remetentes da 3ª parte possuíam apenas patentes da Guarda Nacional, como já visto no capítulo anterior.

Tabela 5.1 Distribuição de estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra (1772-1872)

Período	Estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra
1772-1800	527
1801-1814	116
1815-1827	355
1828-1849	145
1850-1872	99

Fonte: Adaptado de Nunes (2002:12).

O decréscimo do número de estudantes da segunda metade do século 19 deve-se à consolidação de faculdades brasileiras no início desse século²⁵⁰. As cátedras isoladas eram bastante simples. Criadas por D. João VI, essas cátedras deram origem as faculdades brasileiras, a de Medicina na Bahia e do Rio de Janeiro, 1808 (atuais Universidades Federais de ambos os estados), Academia Militar Rio de Janeiro (1810), os Cursos Jurídicos de Olinda e São Paulo (1827), além dos Cursos de Minas em Ouro Preto²⁵¹. A tabela 5.2, a seguir, adaptada de Almeida (2000:113), mostra o número de estudantes nesse período.

Tabela 5.2 Distribuição de estudantes brasileiros em faculdades nacionais em meados do século 19

Unidades de Ensino Superior	Estudantes brasileiros
Faculdade de Direito de Recife	396
Faculdade de Direito de São Paulo	430
Faculdade de Medicina da Bahia	133
Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	166
Faculdade de Farmácia da Bahia	25
Faculdade de Direito do Rio de Janeiro	30

Fonte: Adaptado de Almeida (2000: 113)

Os remetentes da 1ª parte refletem bem esse quadro. Os nascidos em meados do século 18 aparecem como diplomados por Coimbra e os nascidos entre a primeira e a segunda metade do século 19 aparecem como bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais em Olinda e Recife, ou em Ciências Físicas e Matemáticas pela Escola Militar de Praia Vermelha no Rio de Janeiro, ou, ainda,

²⁵⁰ Gilberto Freyre (1950:434) diz, ainda, que para Recife se dirigiam, principalmente, os estudantes do Norte e Nordeste do Brasil e para São Paulo (Faculdade de Direito de São Paulo ou Academia do Largo de São Francisco), os estudantes do Centro Sul “com suas cartolas e sobrecasacas pretas e calças brancas, mais próprias ao clima brasileiro, no traje, por assim dizer, oficial da classe alta e letrada do seu tempo”.

²⁵¹ Cf. Cunha (2000:163-165).

médicos das faculdades baianas ou cariocas, artistas, jornalistas, etc., enfim, a elite letrada da alta aristocracia do século 19, ocupantes de cargos públicos de projeção nacional e local.

Contam, ainda, 2 remetentes que fizeram seminário, 1 autodidata, o barão de Mauá, 1 músico internacional, Carlos Gomes, 3 mulheres cultas, a condessa de Barral, Maria Augusta e Accillyna. Dos 30 remetentes não identificados quanto ao grau de escolaridade é possível observar que possuíam um bom nível de letramento. No total, 67,54% dos remetentes da 1ª parte cursaram faculdade. Definem-se como representantes de uma variedade culta do Brasil de fins do século 18 e início do século 19, conforme fica evidenciado na tabela 5.3 abaixo²⁵²:

Tabela 5.3 Nível superior comprovado dos remetentes da 1ª parte

Unidades de Ensino Superior	Nº de remetentes que estudaram nessas unidades
Faculdade de Direito de Coimbra ²⁵³	11 ²⁵⁴
Outras Faculdades de Nível Superior na Europa	4
Faculdade de Direito de Olinda (e depois Recife)	16
Faculdade de Direito de São Paulo	17
Faculdade de Direito da Bahia	2
Faculdade de Direito sem especificação de local	4
Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	1
Faculdade de Medicina da Bahia	11
Escola Militar da Praia Vermelha	9
Escola Politécnica da Bahia	1
Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro	1
Total	77

Há, ainda, um pequeno grupo que escreveu ao coronel Exupério Pinheiro Canguçu provavelmente não terá cursado faculdade, a saber: Arlindo Gomes, Cândido Leão, Dechy Pinheiro

²⁵² Gilberto Freyre (2000:121, nota 10) mostra, ainda, que os “Estatutos do Colégio de Nossa Senhora do Bom Conselho”, Recife, 1859 podem ser considerados típicos dos estatutos dos colégios do meado do século 19 para onde foram enviados os filhos de abastados da época, meninos ainda crianças “não só os senhores da cidade e educados por mestres que os faziam perder vários de suas características rurais, inclusive vícios de pronúncia”, continuando seus estudos nas faculdades. Cf. também, Ribeiro (2002). Autora mostra que no final do século 19, os falantes cultos eram ainda poucos, giravam em torno de 15% da população brasileira.

²⁵³ Como dito, a primeira geração de bacharéis do Brasil (fins do século 18 e início do século 19) foi formada em Coimbra. E, salvo exceções, era formada de “brancos”, originários de classes sociais elevadas, já que não era permitido o acesso de pessoas cujos pais exerciam ofícios mecânicos, entre outros embargos. Os estudos eram custeados pela família.

²⁵⁴ Inclui o barão de Muritiba (esse embora tenha começado o curso em Coimbra, o concluiu em São Paulo).

Canguçu, irmão de Exupério, Deraldo, Henrique Teixeira, João Batista Muniz, João Júlio Jacob e José Egídio de Moura e Albuquerque, barão de Santo Antonio da Barra²⁵⁵. Além desses, 3 senhores de engenhos, que escreveram a Maria Augusta Argollo, não tiveram seu grau de escolaridade identificado. Seus nomes também não constam nas listas das faculdades pesquisadas.

Passo a apresentar agora os remetentes da 2ª parte, os “continuadores” da alta aristocracia da 1ª parte. São também cultos, nascidos em meados do século 19. Dentre esses, 56,66% cursaram faculdade. Outros 21 remetentes, provavelmente, também cursaram faculdades ou aulas maiores.

Veja-se a tabela 5.4, a seguir:

Tabela 5.4. Nível superior comprovado dos remetentes da 2ª parte

Unidades de Ensino Superior	Nº de remetentes que estudaram nessas unidades
Faculdade de Direito de Recife (e Olinda)	6
Faculdade de Direito de São Paulo	3
Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	3
Faculdade de Medicina da Bahia	2
Faculdade de Medicina sem especificação de faculdade	2
Escola de Minas de Ouro Preto	1
Escola Militar do Rio de Janeiro	1
Escola Naval	2
Escola Politécnica	1
Escola central de Paris	1
Nível superior sem especificação de faculdade	12
Escola Normal (nível secundário)	1
Não identificados	22*
Total Geral	57**

* Provavelmente, o político local do Timbó, Augusto da *Silva* Ribeiro não tenha cursado faculdade.

**Além de 3 mulheres cultas.

O processo de reestruturação do sistema educacional, após a expulsão da Companhia de Jesus em 1759, durante a administração pombalina, culminou na criação de várias leis que buscavam regulamentar a instrução pública. Em 3 de setembro de 1772 são criadas as escolas régias ou menores de ensino de primeiras letras e aulas avulsas ou maiores de ensino secundário, a partir da

²⁵⁵ Esses remetentes do coronel Exupério Pinheiro Canguçu assemelham aos do barão de Jeremoabo, Cícero Dantas Martins (3ª parte). Parece se tratar de sertanejos das regiões circunvizinhas a Bom Jesus do Meira (atual região da Serra Geral).

descentralização regencial, período em que provavelmente foram criadas as escolas onde estudaram os remetentes do interior da Bahia, conforme passo a detalhar no próximo item.

5.1.2 Instrução primária e secundária a partir do ato adicional no interior da Bahia: 1834-1889²⁵⁶

A Lei Imperial de 15 de outubro de 1827 determinou a criação de escolas de primeiras letras nas localidades mais populosas do império. Essa lei foi criada em consonância ao estabelecido na Constituição outorgada por D. Pedro I em 25 de março de 1824, no já bastante citado artigo 179, título 8º, que determinava a gratuidade da instrução a todos os cidadãos, período em que são criadas várias escolas de primeiras letras sob regulamento Imperial²⁵⁷. As crianças escravas não estão incluídas, porque não tinham direito à educação regular²⁵⁸.

Esse sistema sofreu uma reforma constitucional em 1833, transformada em lei em 12 de agosto de 1834, passando às assembleias provinciais a atribuição de legislar sobre o ensino primário e secundário. A primeira lista solicitada pelo presidente de província às câmaras municipais na Bahia, em consonância com a Lei de Imperial de 15 de outubro de 1827, já citada, data de 1830. Há, nessa lista, uma relação das vilas mais populosas com crianças em idade escolar, na época, com uma indicação para que fossem criadas 160 escolas, sendo 30 somente na capital. Mesmo antes do Ato Adicional, ou seja, quando a criação de escolas não estava a cargo do governo da província, a Bahia contava com 61 cadeiras de primeiras letras, 9 de aulas maiores e 26 de gramática latina (cf. Rabelo, 1929: 219 e Nunes 2003:14).

A partir dessa relação e da lista de escolas fornecida por Rabelo (1929) foi feito um levantamento das leis e resoluções no Arquivo Público da Bahia, referentes à criação de escolas nas localidades indicadas, a fim de que fosse avaliado o desenvolvimento do sistema educacional no interior baiano. Principalmente nas localidades onde os remetentes do interior da Bahia residiam, conforme tabela 5.5, a seguir:

²⁵⁶ Parte desse levantamento foi apresentada no VI PHPB, realizado em setembro de 2004 na Ilha de Itaparica/Bahia.

²⁵⁷ O Regulamento de 5 de janeiro de 1871, art. 10 estabelece que “a matrícula do aluno seria feita pelo professor mediante a guia do pai, tutor ou protetor, em que se declararia, além da naturalidade e filiação, sua condição de não escravo, ter entre cinco a quinze anos, estar vacinado e não sofrer de doença contagiosa”.

²⁵⁸ Com relação aos escravos, há na legislação da província da Bahia (1835-1888) uma resolução e quatro regulamentos que tratam da proibição do acesso dos escravos à escola no final do século XIX, a saber: “que os escravos não são admitidos à matrícula, pois não poderiam freqüentar as escolas primárias” (cf. Resolução nº 1.561 de 28 de junho de 1875, Art. 86, § 4º, Regulamento de 22 de abril de 1862, art. 46, § 3º e Regulamento de 27 de setembro de 1873, art. 83, § 3º).

Tabela 5.5 Aulas existentes na província da Bahia (1808- 1840): resoluções da Assembléia Legislativa da Bahia e atos dos presidentes da província (1835-1889)

Localidades onde foram instaladas escolas primárias (*cadeira pública de Latim ou particular) ²⁵⁹ (Rabelo, 1929; Nunes, 2003) e documentos do APEBA.	Data da Fundação (Almeida, 1889) ²⁶⁰ .	APEBA. Leis e Resoluções da Assembléia Legislativa da Bahia (1835-1889). (Sem grifos no original).
Água Fria		Lei nº 1.490 de 29 de maio de 1875 (Criando uma cadeira de instrução primária para o sexo masculino na povoação d'Água Fria, termo da Purificação, p.60/1).
Arraial Capela de Santana da Serrinha		Lei nº 13 de 2 de junho de 1835 (Criando uma Escola de primeiras letras no <u>Arraial da Capela de Santana da Serrinha</u> , p.36/7). Volume 1. Resolução nº 2.588 de 18 de junho de 1888 (Criando cadeiras nos arraiais da <u>Pedra</u> , termo de <u>Serrinha</u> , Boqueirão e Tapera, termo de Amargosa, p.23/4).
Arraial da Gameleira		Lei nº 2.121 de 26 de agosto de 1880 (Criando cadeiras na vila do Riacho de Santana, na povoação de São Francisco do Paraguaçu, no <u>arraial da Jibóia</u> , na povoação da <u>Gameleira</u> , na freguesia de Passé, na povoação da Ponta de Nossa Senhora, na povoação do Brejo da Serra e na povoação de S. José das Canastras, p.302-4).
Arraial da Lagoa Clara		- (Comarca de Jacobina).
Arraial da Saúde		- (Comarca de Jacobina).
Arraial da Volta		- (Comarca de Jacobina).
Arraial de Bom Jesus (Rio de Contas)	16/6/1832	Lei nº 2.686 de 10 de julho de 1889 (Criando uma cadeira mista no <u>arraial do Bom Jesus</u> , p.130/1). (?).
Arraial de Brejinho		Lei nº 1.547 de 22 de junho de 1875 (Criando uma cadeira de instrução primária para o sexo masculino no <u>arraial do Brejinho</u> , termo do Urubu, p.150/1).
Arraial de Cajueiro		- (Comarca de Jacobina).
Arraial de Catulés		Resolução nº 2.587 de 11 de junho de 1888 (Criando cadeiras do ensino primário nos <u>arraiais de Catulé</u> e Bonito, no de Beija-Flor, Boqueirão da Parreira e Boqueirão do Riacho de Santana, comarca de Monte-Alto, nas povoações de Matarandiba, termo de Jaguaripe, e Maragogipinho, termo de Nazaré, p.21-3).
Arraial de Figuras		- (Comarca de Jacobina)
Arraial de Furna		Lei nº 1.543 de 18 de junho de 1875 (Criando uma cadeira de instrução primária para o sexo feminino no <u>arraial da Furna</u> , de Minas do Rio de Contas, p.144/5).
Arraial [ou Vila] de Juazeiro	16/6/1832	Lei nº 469 de 25 de abril de 1853 (Criando uma cadeira de ensino primário para o sexo feminino na <u>vila do Juazeiro</u> , comarca de Sento Sé, p.27/8). Volume VII. Resolução nº 535 de 30 de abril de 1855 (Criando uma cadeira de primeiras letras para meninos na povoação do Salitre <u>termo de Juazeiro</u> , p.42/3). Volume VIII.
Arraial de Mato Grosso		- (Comarca de Jacobina).
Arraial de Montes Altos		- (Comarca de Jacobina) “Capela de Bom Jesus da Boa Morte”.
Arraial de Montes Altos		- (Comarca de Jacobina) “Capela Nossa Senhora Mãe dos Homens”.
Arraial de Santa Rita [do Rio Preto?]		Lei nº 1.322 de 18 de junho de 1873 (Criando duas cadeiras de ensino primário para o sexo feminino, uma na vila do Campo Largo, e outra na de <u>Santa Rita do Rio Preto</u> ; e cinco para o sexo masculino, sendo uma no arraial do Brejo Grande, outra no do Boqueirão, ambos do município do campo Largo, outra no arraial do Boqueirão, outra no do Icatu e outra no de

²⁵⁹ Destaque (*) das localidades onde existiam as poucas cadeiras de Latim na época.

²⁶⁰ Almeida (1889) diz, entretanto, que a maior parte dessas escolas embora tenha sido criada em 1832 não foram instaladas de imediato.

		Porto Alegre do município da vila da Barra do Rio Grande, p.115/6). - “Comarca de Jacobina”.
Arraial do Bom Jesus		
Arraial do Boqueirão da Parreira		Lei nº 1.341 de 3 de julho de 1873 (Criando uma cadeira de ensino primário para o sexo masculino na povoação de <u>Boqueirão das Parreiras</u> , no termo da vila de Monte Alto, (p.171/2). Resolução nº 2.587 de 11 de junho de 1888 (Criando cadeiras do ensino primário nos arraiais de Catulé e Bonito, no de Beija-Flor, <u>Boqueirão das Parreiras</u> e Boqueirão do Riacho de Santana, comarca de Monte-Alto, nas povoações de Matarandiba, termo de Jaguaripe, e Maragogipinho, termo de Nazaré, p.21-3).
Arraial do Morro Fogo		Lei nº 1.488 de 29 de maio de 1875 (Criando duas cadeiras de instrução primária na freguesia do <u>Morro do Fogo</u> , termo de Minas do Rio de Contas e no arraial do Bom Jesus da Lapa, termo de Urubu, p.57/8).
Arraial dos Remédios		Resolução nº 555 de 5 de junho de 1855 (Criando duas cadeiras de primeiras letras para meninos no <u>Arraial de Nossa Senhora dos Remédios</u> do Campestre freguesia do Senhor do Bom Jesus da Vila de Rio de Contas, p.84/5). Volume VIII.
Arraial Parateca		- (Comarca de Jacobina)
Arraial S. Antonio Queimadas		Resolução nº 1.855 de 17 de setembro de 1878 restabelecendo a cadeira primária do sexo masculino da <u>freguesia de Santo Antonio das Queimadas</u> (p.134/5). Lei nº 2.260 de 9 de agosto de 1881 (Criando uma cadeira na freguesia de <u>Santo Antonio das Queimadas</u> , da comarca da Vila Nova da Rainha e outra no arraial da Missão do Sahy, p.233/4).
Camisão	16/6/1832	Resolução nº 571 de 30 de junho de 1855 (Criando uma cadeira de primeiras letras para meninos na povoação de Serra Preta, <u>Freguesia da Comisão</u> , p.117/8). Volume VIII. Resolução nº 1.297 de 14 de maio de 1873 (Cordenando que a cadeira de instrução primária, criada na <u>vila do Camisão</u> pelo art. 1º da lei nº 1.263 de 21 de março de 1873, seja para o sexo feminino e não para o masculino, como está na referida lei , p.68/9). Lei nº 1.263 de 21 de março de 1873 (Criando três cadeiras de instrução primária para o sexo masculino, sendo uma na freguesia do Riachão do Jacuípe, outra na <u>vila do Camisão</u> e a terceira na freguesia de Massacará, termo de Monte Santo, p.15/6). Resolução nº 571 de 30 de junho de 1855 (Criando uma cadeira de primeiras letras para meninos na povoação de Serra Preta, Freguesia da Comisão, p.117/8).
Conde		Lei nº 1.553 de 25 de junho de 1875 (Criando uma cadeira de instrução primária para o sexo masculino no arraial do Timbó, <u>termo do Conde</u> , p.159/160).
Itapicuru de Cima	1801	Lei nº 1.296 de 14 de maio de 1873 (Criando uma escola primária para o sexo feminino na <u>vila do Itapicuru</u> , p.67/8). Lei nº 1.996 de 6 de julho de 1880 (Criando duas cadeiras para o sexo masculino nos arraiais de Areias, da freguesia do Barracão e dos Nambis, do termo do <u>Itapicuru</u> , p.70/1). Lei nº 2.003 de 14 de julho de 1880 criando uma cadeira para o sexo masculino na povoação denominada Sambaíba, da freguesia do Itapicuru, p.82/3). Lei nº 2.261, de 9 de agosto de 1881 (Criando três cadeiras, sendo uma no arraial de S. Francisco, da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira dos Campinhos; outra na povoação de Catingas, termo do Brejo Grande, e a outra no arraial do Mucambo, <u>termo do Itapicuru</u> , p.234/5).
Jacobina*	Fundação antiga	Resolução nº 259 de 15 de abril de 1847 (Criando uma cadeira de primeiras letras pelo método simultâneo para meninas da <u>Vila de Santo Antonio da Jacobina</u> , p.329/30). Volume IV. Resolução nº 1.289 de 10 de maio de 1873 restabelecendo a cadeira pública de instrução primária do sexo masculino na sede da freguesia de Nossa Sra. da Saúde do município da vila da Jacobina (p.57/8).
Julgado de Jeremoabo	16/6/1832	Lei nº 1.395 de 04 de maio de 1874 (Criando uma cadeira de primeiras letras para o sexo feminino na freguesia de Nossa senhora do Patrocínio de Coité, no <u>termo de Jeremoabo</u> , p. 95/6). Lei nº 1.505 de 4 de junho de 1875 (Criando uma cadeira de instrução primária para o sexo feminino na freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Coité, p.77/8).

		Lei nº 2.127 de 27 de agosto de 1880 (Criando uma cadeira na freguesia de Santo Antonio da Glória, <u>termo de Jeremoabo</u> , p.311/2).
Julgado de Tiúba		- (Comarca de Jacobina).
Julgado de Tucano	16/6/1832	Lei nº 1.387 de 04 de maio de 1874 (Criando uma cadeira de instrução primária para meninos na Povoação de S. Francisco de Paraguassú, termo de Cachoeira, e outra no Raso, <u>termo de Tucano</u> , p.79/80).
Mirandela * (particular)	16/6/1832	-
Missão do Sai		Lei nº 2.260 de 9 de agosto de 1881 (Criando uma cadeira na freguesia de Santo Antonio das Queimadas, da comarca da Vila Nova da Rainha e outra no arraial da <u>Missão do Sahy</u> , p.233/4).
Monte Santo	1838	Lei nº 1.263 de 21 de março de 1873 (Criando três cadeiras de instrução primária para o sexo masculino, sendo uma na freguesia do Riachão do Jacuípe, outra na <u>vila do Camisão</u> e a terceira na freguesia de Massacarã, <u>termo de Monte Santo</u> , p.15/6). Lei nº 1.323 de 18 de junho de 1873 (Criando duas cadeiras de instrução primária para o sexo feminino, sendo uma no curato do Rio Vermelho, município da capital e outra na <u>vila de Monte Santo</u> , p.117/8). Lei nº 1.608 de 13 de junho de 1876 (Criando uma cadeira de instrução primária para o sexo masculino na Capela do Uauá, pertencente à freguesia do <u>Monte Santo</u> , p.46/7). Lei nº 1.965 de 11 de junho de 1880 (Criando no arraial do Cumbe uma cadeira de primeiras letras para o sexo masculino, p.26/7). Resolução nº 2.197 de 8 de julho de 1881 (Suprimindo a cadeira de primeiras letras do arraial de Massacarã, p.102/3). Lei nº 2.238 de 6 de agosto de 1881 (Criando uma cadeira no arraial de Santo Antonio dos Canudos, p.194/5).
Montes do Boqueirão		Lei nº 1.322 de 18 de junho de 1873 (Criando duas cadeiras de ensino primário para o sexo feminino, uma na vila do Campo Largo, e outra na de Santa Rita do Rio Preto; e cinco para o sexo masculino, sendo uma no arraial do Brejo Grande, outra no do Boqueirão, ambos do município do campo Largo, outra no <u>arraial do Boqueirão</u> , outra no do Icatu e outra no de Porto Alegre do município da vila da Barra do Rio Grande, p.115/6). (?)
N. S. do Livramento de Rio de Contas*	16/6/1832	Lei nº 117 de 26 de março de 1840 (Criando Cadeiras de Primeiras Letras na <u>Comarca do Rio de Contas</u> , p.103/4). Volume I. Resolução nº 182 de 22 de março de 1843 (Autorizando ao governo a conceder a Jeronymo José das Neves Júnior, professor de Latim na <u>Vila de Minas do Rio de Contas</u> três meses de licença, p.130/1). Volume IV. Resolução nº 555 de 5 de junho de 1855 (Criando duas cadeiras de primeiras letras para meninos no <u>Arraial de Nossa Senhora dos Remédios do Campestre freguesia do Senhor do Bom Jesus da Vila de Rio de Contas</u> , p.84/5). Lei nº 1.225 de 3 de junho de 1872 (Criando uma cadeira de instrução pública no arraial da Vila Velha, município do <u>Rio de Contas</u> , p.103/4). (?) Lei nº 1.304 de 15 de maio de 1873 (Criando duas cadeiras do ensino primário para o sexo masculino, sendo uma no arraial de Catolés e outra no do Paramirim no município de <u>Minas do Rio de Contas</u> , p.79/80). Lei nº 1.416 de 07 de maio de 1874 (Criando uma cadeira de primeiras letras para o sexo feminino no Arraial da Chapada Velha do termo dos Lençóis., p.139/40). Lei nº 1.417 de 07 de maio de 1874 (Criando duas cadeiras no lugar denominado Estiva e outra no lugar denominado Campestre do termo de Lençóis, p.141/2). Lei nº 2.068 de 11 de agosto de 1880 (Criando diversas cadeiras, sendo uma para o sexo masculino na povoação das Tabocas e outra na povoação do Cedro, do termo de <u>Minas do Rio de Contas</u> ; uma para o sexo masculino e outra para o feminino na povoação de S. Miguel, do termo de Santana do Catu e uma para o sexo feminino na freguesia de N. Sra. do Amparo, do termo de Pombal, p.183/4). Lei nº 2.172 de 18 de junho de 1881 (Criando duas cadeiras na povoação da Tapera do Lima, termo do Itapicuru e na povoação do Gravatá, termo de Minas do Rio de Contas, p.54/5). Resolução nº 2.242 de 6 de agosto de 1881 (Criando uma cadeira de primeiras letras no

		<p>arraial de Paramirim, em <u>Minas do Rio de Contas</u>, p.202).</p> <p>Resolução nº 2.265 de 9 de agosto de 1881 (Criando uma cadeira na povoação de Bom Sucesso, do termo de Bom Jesus do Rio de Contas, p.241/2). (?).</p> <p>Resolução nº 2.593 de 21 de junho de 1888 (Criando uma cadeira de ensino primário no arraial do Cochó, termo da cidade dos Lençóis, p.32/3).</p>
Pambu		Lei nº 1.636 de 14 de julho de 1876 (Criando três cadeiras primárias para o sexo masculino, uma na <u>vila do Pambu</u> , outra no arraial do Chorochó, e outra no lugar denominado Pé da Serra, p.131/2).
Pombal	16/6/1832	<p>Ato do Governo da Província de 29 de outubro de 1861 restabelecendo a cadeira de primeiras letras da <u>Vila do Pombal</u> (p.93). Coleção de Regulamento, parte II.</p> <p>Lei nº 1.208 de 16 de maio de 1872 (Criando uma escola primária na <u>vila do Pombal</u>, p.72/3).</p> <p>Lei nº 2.068 de 11 de agosto de 1880 (Criando diversas cadeiras, sendo uma para o sexo masculino na povoação das Tabocas e outra na povoação do Cedro, do termo de Minas do Rio de Contas; uma para o sexo masculino e outra para o feminino na povoação de S. Miguel, do termo de Santana do Catú e uma para o sexo feminino na freguesia de N. Sra. do Amparo, do <u>termo de Pombal</u>, p.183/4).</p>
Santo Sé ²⁶¹		- (Comarca de Jacobina)
Soure * (particular)	16/6/1832	-
Urubu de Cima * (particular)		Lei nº 793 de 13 de julho de 1859 (Criando diversas cadeiras primárias para meninos, duas nos arraiais do Bom Jesus, Santa Luiza do Barracão, município de Caetitê, comarca do mesmo nome, três nos arraiais da Malhada, município de Carinhanha e do Bom Jesus da Lapa, <u>termo do Urubu</u> , uma de meninas na comercial vila dos Lençóis da comarca do Rio de Contas, p.135/6). Volume XIII.
Vila de Feira de Santana *		<p>Resolução nº 486 de 6 de junho de 1853 (Criando uma cadeira de latim na vila da <u>Feira de Santana</u>, p.62/3). Volume VII.</p> <p>Lei nº 788 de 8 de julho de 1859 (Criando uma cadeira de primeiras letras para meninos no arraial do Bom Despacho, termo da <u>vila da Feira de Santana</u>, p.125/6). Volume XII.</p> <p>Resolução nº 572 de 30 de junho de 1855 (Igualando o ordenado do professor de primeiras letras da <u>Feira de Santana</u>, ao do professor do mesmo ensino da cidade de Nazaré, p.119/20).</p> <p>Lei nº 1.498 de 2 de junho de 1875 (Criando uma cadeira de instrução primária para o sexo masculino no arraial do Limocero, <u>termo da Feira de Santana</u>, p.69/70).</p> <p>Lei nº 1.803 de 10 de julho de 1878 (Criando uma cadeira de instrução primária para o sexo feminino na freguesia de N. Sra. dos Humildes do termo da <u>cidade de Feira de Santana</u>, p.4-6).</p> <p>Resolução nº 2.413, de 29 de julho de 1883 (Concedendo sete loterias para obras de diversas igrejas e fundação de uma biblioteca popular na <u>Feira de Santana</u>, p.178/9).</p>
Vila de Macaúbas		Lei nº 1.529 de 17 de junho de 1875 (Criando uma cadeira de instrução primária para o sexo feminino na sede da <u>Vila de Macaúbas</u> , p.127/8).
Vila Nova da Rainha (Senhor do Bonfim)	-	Lei nº 1.578 de 30 de junho de 1875 (Criando uma cadeira para o sexo masculino no arraial de Bananeiras, termo da <u>Vila Nova da Rainha</u> , p.281/2).
Vila Nova do Príncipe (Caitité) *		<p>Resolução nº 474 de 7 de maio de 1853 (Restabelecendo a cadeira de Latim da <u>Vila de Caitité</u>, p.38/9). Volume VII.</p> <p>Resolução nº 528 de 30 de abril de 1855 (Criando uma cadeira de primeiras letras para o sexo masculino no Arraial de Canabrava das Cadeiras <u>termo de Caitité</u>, p.27/8). Volume VIII.</p>

²⁶¹ Na fala que recitou o presidente de província, o desembargador João José de Moura Magalhães, em 25 de março de 1848 sobre o mapa das aulas públicas, com base na frequência do ano de 1847, para a região semi-árida, se destaca o baixíssimo número de alunos em Santo Sé (4) e Urubu (16) em comparação com as demais localidades, Rio de Contas (248), Itapicuru (190), Rio de S. Francisco (172) e Jacobina (152).

		<p>Lei nº 1.285 de 6 de maio de 1873 (Criando duas cadeiras para instrução primária do sexo masculino, sendo uma na povoação do Bonito, e outra na povoação de S. Sebastião, ambas no <u>termo de Caetité</u>, p.50/1).</p> <p>Lei nº 1.598 de 30 de maio de 1876 (Criando cadeira de instrução primária para o sexo masculino na povoação das duas Barras, município de Caetité, p.23/4).</p> <p>Lei nº 2.063 de 6 de agosto de 1880 (Criando mais uma cadeira do sexo masculino na cidade de Caetité, p.175/6).</p> <p>Resolução nº 2.586 de 11 de junho de 1888 (Criando desde já duas cadeiras do sexo feminino, sendo uma na <u>freguesia de S. Sebastião do Caetité</u> e outra na de Canabrava, p.20/1).</p>
Xique-Xique * (particular)	16/6/1832	<p>Lei nº 1.467 de 3 de abril de 1875 (Criando duas cadeiras para o sexo feminino, uma na <u>povoação de Xique-Xique</u>, termo de Santa Isabel do Paraguaçu, e outra na povoação da Ilha do Senhor Bom Jesus dos Passos, da freguesia da Madre de Deus do Boqueirão; e uma para o sexo masculino na referida <u>povoação de Xique-Xique</u>, p.29/30).</p> <p>Lei nº 2.309 de 15 de junho de 1882 (Criando três cadeiras de instrução primária do sexo masculino, sendo uma para o povoado do Banco d'Areia, outra no povoado do Bromado, ambas no <u>Xique-Xique</u>, e na povoação do Pau a Pique, no termo do Remanso, p.47/8).</p>

Fonte: Leis e resoluções da Assembléia Legislativa da Bahia; Atos do Governo da Província (1835-1889); Almeida (1889:68 e 69) e Rabelo (1929:5-235, apud Nunes, 2003:276-178).

É interessante dizer que o número de escolas primárias na Bahia cresceu muito nos anos subseqüentes. Em 1875, o número de escolas públicas passou para 428, além de mais 26 particulares. Um número muito maior do que foi dado, anteriormente, por Almeida (1889:80), por exemplo, para todo o Império que tinha, trinta e cinco anos antes, apenas 441 escolas, como referido. Também o diretor geral da instrução pública da Bahia, Dr. Eduardo Freire de Carvalho, em relatório ao presidente de província de 1º de março de 1877, diz que a Bahia contava nesse período com 460 escolas primárias, sendo 310 para meninos e 150 para meninas, freqüentadas por 13.001 meninos e 5.206 meninas (cf. Nunes, 1997: 189).

Com relação às demais províncias, houve, também, um crescimento razoável nas demais províncias, como pode ser observado nos dados do relatório estatístico apresentado pelo Ministro Paulino José Soares de Souza (1869:533) publicado em Primitivo Moacyr (1939) para o ano de 1869 (relatório de 1879), conforme está explicitado na tabela 5.6, a seguir:

Tabela 5.6 Dados do relatório do Ministro Paulino José Soares de Souza

Províncias	Nº total de escolas	Para Meninos matriculados	Para Meninas	Frequência total
Minas Gerais	378	317	61	12.709
Bahia	274	217	57	9.635
São Paulo	240	132	108	9.323
Pernambuco	236	140	96	7.603
Rio Grande do Sul	203	129	76	6.865
Rio de Janeiro	191	121	70	6.514
Ceará	174	112	62	5.693
Pará	106	80	26	5.234
Alagoas	104	64	40	4.710
Paraíba	103	79	24	4.459
Maranhão	101	60	41	4.121
Sergipe	100	69	31	2.958
Santa Catarina	73	50	23	2.448
Goias	69	45	24	1.871
Rio Grande do Norte	56	38	18	1.571
Espírito Santo	51	39	12	1.174
Paraná	48	32	16	1.153
Piauí	47	27	20	897
Amazonas	31	24	7	627
Mato Grosso	15	-	-	549

O relator diz que em todo o Império o número de escolas, incluindo as particulares que não constam nessa tabela, era de 3.378 (2.187 de meninos e 1.079 meninas). Com relação ao número de escolas públicas secundárias, diz que as mesmas estão em proporção inversa a de particulares. O relator explica que isso se deve aos “lucros que deixa o ensino secundário procurado pelos filhos de famílias abastadas, encarregando-se os diretores de colégios e professores menos de instruir os alunos, do que de dispô-los para os exames de admissão nos cursos superiores”.

Um pouco antes, Dias (1852 apud Primitivo, 1889:526) fala que entre os “defeitos da instrução pública” está a não obrigação de frequência escolar. “Nas melhores escolas na capital, e em tempos ordinários, falta diariamente 1/4 ou 2/9 e quando menos 1/5 dos matriculados”. Nesse relatório, também apresenta um dado novo, o fato de as escolas de todas as províncias visitadas por ele, incluindo a Bahia, quer pública, quer particular, “se achar em mãos de nacionais, salvo raras exceções”.

A despeito do aumento de escolas, o percentual de letrados no Brasil e na Bahia ainda é baixo em fins do século 19, como está demonstrado na tabela 5.7, a seguir:

Tabela 5.7 Distribuição do índice de alfabetizados nas províncias em fins do século 19

Dados de Ferreira (1875:15) colhidos em 1874.		Dados de Novais e Alencastro (1997:474-475) da população livre que sabe ler e escrever com base no censo de 1872.		
Províncias	Índice de Alfabetizados	Livres	Instruídos	Índice de Alfabetizados
Alagoas	13,41	312.268	41.860	13,4
Amazonas	13,44	56.631	7.613	13,4
Bahia	20,19	1.211.792	249.072	20,6
Ceará	11,53	689.773	79.560	11,5
Espírito Santo	16,36	59.478	9.732	16,4
Goiás	15,13	149.743	22.656	15,1
Maranhão	24,14	284.101	68.571	24,1
Mato Grosso	20,31	45.851	9.721	21,2
Minas Gerais	13,51	1.669.276	224.539	13,5
Município Neutro²⁶²	43,87	-	-	-
Pará	24,55	247.779	60.395	24,4
Paraíba	11,53	354.700	41.212	11,6
Paraná	27,39	116.162	31.816	27,4
Pernambuco	19,58	746.753	146.663	19,6
Piauí	15,56	178.427	27.770	16,5
Rio de Janeiro	32,49	716.120	213.756	29,8²⁶³
Rio Grande do Norte	18,02	220.959	39.822	18,0
Rio Grande do Sul	25,97	367.022	95.303	26,0
Santa Catarina	15,14	144.818	21.926	15,1
São Paulo	20,72	680.742	141.067	20,7
Sergipe	18,64	153.620	29.138	19,0
Total	18,98			18,82

Fonte: Adaptado de Ferreira (1875:115) e Novais e Alencastro (1997:474-475).

Destacam-se, inicialmente, o Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Pará, Maranhão, Mato Grosso e São Paulo com os maiores índices e o Ceará com o menor. A Bahia com aproximadamente 20% aparece levemente acima da média nacional que era de 18,82%. Esses percentuais mostram, por outro lado, como é óbvio, o altíssimo percentual de iletrados na população brasileira do período, algo em torno de 81,08 %. Esses números estão de acordo com o que é dado por outros autores para fins do século 19 e início do século 20 (cf. Houaiss, 1985:137 e Boris Fausto, 1994:237). Mattos e Silva (2002:452), com base nesses números, chama a atenção para o fato de que a discrepância entre o número de letrados *versus* iletrados “está na raiz da polarização sociolinguística do português brasileiro de hoje”. Como se verá adiante, essa polarização parece

²⁶² O autor separou a população da Corte estabelecida no Rio de Janeiro do restante da província.

²⁶³ Nesse caso, os autores incluíram a população da Corte no geral da província do Rio de Janeiro.

ainda mais acentuada nos vastos sertões baianos, principalmente, nas regiões mais adversas ou nas áreas ribeirinhas do vale do São Francisco.

5.2.2.1 O interior da Bahia: onde estudaram os remetentes sertanejos?

Em fins do período imperial, o vice-governador Joaquim Leal Ferreira fornece, em 30 de setembro de 1891²⁶⁴, à Assembléia Geral Legislativa, os dados estatísticos sobre instrução pública baseados no recenseamento de 1875. Vê-se que houve um grande equilíbrio em toda a província da Bahia, o que deve ser visto com ressalva, uma vez que os censos desse período apresentam problemas na coleta. As impressões de Aguiar parecem se adequar mais a realidade para o que se espera da região do semi-árido baiano. Mesmo as listas enviadas pelas câmaras municipais não são de todo confiáveis²⁶⁵, conforme atesta o remetente Augusto da Silva Ribeiro em carta para Severino Vieira em 1901 (sem grifo no original):

A criação de mais uma Cadeira na Esplanada| (por enquanto) será apenas objecto de luxo, que só trará| a vantagem do sobrecarregar os cofres do estado.| No Timbó tem muito maior numero de crianças do| que tem a Esplanada – isto é que é real.| Consta-me que o Sr. Intendente segue para ahi| munido d'um rescenciamento das crianças de Esplanada| no qual figurão muitos, como criados para augmentar o| numero e ver se conseguem a criação da almejada ca-| deira para collucar a filha de José Ferreira de Souza – aqual| legalmente já tinha perdido a cadeira de Timbó, por ter-|se auzentado para Entre Rios em 15 de Novembro do Anno| proximo passado de donde voltou em 15 de maio deste anno, 6 mezes| completos; durante os quaes somente de dois mezes te-|ve licença da Intendencia; mas, me consta, que nem des-|tes 2 mezes a secretaria teve sciencia; isto é publico e| notório – creio que o unico que o ignorava (eu creio-| cinceramente) era o Sr. Intendente por que dava os attes-|tados para ospagamentos.| Timbó 20 de agosto de 1901.| Augusto da Silva Ribeiro

Para fins comparativos, seguindo o raciocínio de Almeida (1889), foi elaborada uma tabela com base em informações sobre população geral e escolar do recenseamento de 1875 e o de Ferreira

²⁶⁴ Esse relatório foi publicado em 1892.

²⁶⁵ Sobre o nível de escolarização dos professores de primeiras letras e sobre a forma de preenchimento de vagas nas escolas públicas há um dado bastante interessante em Farias e Menezes (1937: 14-15), conforme trecho abaixo, (sem grifo no original):

“Logo que uma dellas se vagava, o Juiz de Fora punha-a, por edital, em concurso, ao que succedia o exame dos candidatos, feito perante dois professores, que lhe apresentavam um livro com os “Elementos de Civilidade”, do qual aquelles liam alguns periodos. Em seguida, eram-llhes dictadas algumas phrases muitos communs, para serem escriptas; eram-llhes dadas diversas contas de sommar, diminuir, multiplicar e dividir, para serem feitas, e, finalmente, eram arguidos em grammatica portuguesa e doutrina christã. Prestado este exame, por tal forma, eram as provas enviadas ao arcebispo ou a quem suas vezes fizesse, para opinar acerca de qual dos candidatos ser o preferido, mandando então a Camara Municipal passar o titulo de nomeação”.

Há, ainda, um outro dado sobre o nível de escolarização desses professores em um documento do Arquivo Público da Bahia que se refere à dispensa dos professores de primeiras letras em frequentar a Escola Normal e a fazer novo exame. (cf. Resolução nº 155 de 18 de março de 1842 p.5/6, volume IV).

(1892), respectivamente, em diversas localidades do interior. Vê-se que se a média nacional, algo em torno de 2% dada por esse autor para 1854 (cf. apêndice 1) se aplicasse a Bahia, os 15% obtidos no recenseamento de 1875 demonstrariam que houve um avanço de 12% em trinta anos. No entanto, duas questões precisam ser consideradas. A primeira diz respeito ao próprio índice de 15%, praticamente o mesmo para todas as localidades. Regularidade essa que não deixa de ser curiosa. A segunda refere-se aos problemas qualitativos, uma vez que a situação de grande parte das escolas era bastante precária, como pode ser presumido a partir do testemunho de Aguiar (1882), sem falar na evasão escolar, um problema que ainda persiste no Sertão. Veja a seguir, na tabela 5.8, os comentários do autor:

Tabela 5.8 População geral e escolar com base no recenseamento (1875) e das impressões de Durval Vieira Aguiar (1882) sobre a região de semi-árido baiano

Cidade e região	Ferreira 1892. Mensagem e Relatórios apresentados à Assembléia Geral Legislativa. Bahia (baseado no recenseamento de 1875)			Impressões de Durval Vieira de Aguiar (1882) ²⁶⁶ Obs.: Os dados em geral referem-se às sedes. As informações sobre os distritos parecem ter sido obtidas com base em informações recolhidas na própria sede.
	População	Nº de alunos na escola	%	
Feira de Santana	72.320	11.352	15,69	Não há referências.
Serrinha	17.440	2.738	15,69	“Há na vila duas escolas e uma casa ordinária que serve de quartel e cadeia, com um destacamento de 4 a 5 praças.” (p. 109).
Camisão (Atual Ipirá)	34.616	5.420	15,65	“Funcionava duas escolas com escassa freqüência” (p. 114).
Orobó	17.303	2.710	15,66	“A instrução anda lá muita atrasada, apesar das duas escolas da vila dirigidas por hábeis e zelosos professores, e freqüentadas por avultado número de crianças dos dois sexos; ressentindo-se ambas de falta de bons compêndios e mobília, que consiste em toscos bancos arranjados pelos ditos professores. Estas escolas à maioria da população, moradora nas matas e caatingas”. (p. 130).
Itapicuru	34.732	5.486	15,79	“Funcionavam também 2 escolas freqüentadas com cerca de 30 crianças de cada sexo. No Barracão havia outras duas. No arraial dos <i>Nambís</i> , que dista da vila 7 léguas, também uma contratada e outra no <i>Mocambo</i> .” ²⁶⁷
Pombal	17.366	2.743	15,79	“Na vila existem 2 escolas de 1ª classe com 50 meninos e 30 meninas, outras duas na Ribeira e mais duas em Mirandela, antigo Saco dos Morcegos, 5 léguas abaixo; povoação formada pelo aldeamento hoje reduzido a cerca de mil índios”.
Bom Conselho ²⁶⁸	15.520	2.436	15,69	Funcionavam duas escolas de 1ª classe dos dois sexos; tendo a de meninos 30 de freqüência e a de meninas 26; ressentindo-se essa de mobília, e ambas de compêndios. [...]. Na freguesia do Coité existem duas escolas mais ou menos em idênticas condições”. (p. 79-80).

²⁶⁶ Aguiar (1889.) apresenta dados sobre a população mais ou menos equivalentes ao recenseamento de 1875.

²⁶⁷ Sena (1972:186-187), a partir da Fala dos Presidentes de Província da Bahia e do Mapa de aulas públicas e particulares da Bahia no ano de 1851, ambos documentos do APEBA, informa que sobre a existência de 6 escolas públicas para meninos com 128 matriculados. A escola para meninas aparece apenas em 1866.

²⁶⁸ Cf. APEBA. Lei nº 1.546 de 22 de junho de 1875 criando uma cadeira de instrução primária para o sexo feminino na freguesia do Bom Conselho (p.149/50).

Jeremoabo	31.040	4.872	15,69	“A população do termo [...] muito pobre e ignorante, pois que as duas escolas da vila de nada servem à maior parte dos moradores que habitam nas caatingas”. (p. 76).
Vila-Nova [da Rainha] atual Senhor do Bonfim	37.183	5.928	15,94	“Encontramos na vila, perfeitamente regidas duas escolas de ambos os sexos com alguns utensílios angariados pelos respectivos professores, faltando traslado e compêndios e freqüentada por cerca de 50 alunos cada uma. As duas do sexo masculino de Jaguari e Saí estavam bem freqüentadas. Existiam mais uma de meninos na Itiúba, outras nas Bananeiras, 2 dos dois sexos, nas Queimadas e outras duas na Vila Velha” (p. 121).
Jacobina	37.808	5.934	15,69	“Funcionava na cidade duas bem dirigidas escolas primárias com cerca de 80 crianças; tendo a de meninos 47 e a de meninas 30. Ambas precisavam de compêndios e tinha por mobília toscos bancos. Havia mais uma cadeira de meninos no Riachão, outra na Utinga e outra na Saúde”. (p. 125).
Monte Santo	26.444	4.151	15,69	Funcionavam na vila duas escolas públicas com 30 meninos e 20 meninas de freqüência, ambas sofrivelmente providas de livros e utensílios; bem como uma outra particular. Existiam mais duas contratadas, uma no Uauá e outra no Cumbe, que é um lugar muito habitado”. (p. 83).
Juazeiro	22.976	3.601	15,67	“Encontramos duas escolas habilmente dirigidas, bem freqüentadas e melhor servidas de bancos e umas toscas carteiras; se bem que tivesse falta de bons livros”. (p. 66).
Curaçá	11.488	1.800	15,66	Não há referências.
Lavras da Diamantina	33.618	5.804	17,26	Não há referências.
Andaraí	17.732	2.420	13,64	Não há referências.
Minas do Rio de Contas	72.179	11.331	15,69	“Na Vila Velha existiam três escolas; sendo duas na povoação do alto da Matriz, com poucas meninas e uns 34 meninos e uma, de meninas do bairro de baixo, também com escassa freqüência. As duas da cidade tinham melhor aparência, mais freqüência e regularidade. As demais escolas achavam-se uma no Paramirim; 2, dos dois sexos, no Carrapato; uma, de meninos, bem regularizadas, na Casa da Telha; outra na Boa Sentença; outra nas Tabocas; outra no Cedro; outra nos Cristais; outra na Canabrinha; outra nas Mamonas; outra no Gravatá; outra no Bom Jesus; outra nos Catolés; outra no Bom Sucesso; duas, de ambos os sexos, na Freguesia d'Água Quente; duas, idem, na Furna e outras duas, idem, nos Remédios; ao todo 25 cadeiras, das quais 17 contratadas, 19 de meninos, com uma matrícula de 521 anos e 6 de meninas, apenas com a matrículas de 123! Ora, sendo a freqüência na razão de metade da matrícula, como presenciamos, calcule-se quão proveitosa não tem sido, para um lugar que já teve aulas públicas de curso secundário, essa instrução pública, falta de livros, mobílias, traslados, etc., etc., para uma população de 60.000 almas!!!”. (p. 151-152).
Brejo Grande	22.219	3.488	15,69	“A vila [...] sofrível edificação de perto de 300 casas, onde se abrigam cerca de 1800 moradores; havendo duas escolas públicas que tinham matriculados 47 meninos e 22 meninas”. (p. 159).
Maracás	25.587	3.911	15,28	“No Caldeirão [povoado de Maracás] onde o povoado não é pequeno, lamentavam os pais de família a falta de uma escola”. (p. 216).
Cacitité	36.334	5.703	15,69	“A instrução pública constava de três cadeiras primárias e uma particular de preparatórios. As públicas eram duas de meninas com 43 matriculadas. Além destas, havia mais: uma com 33 meninos no Barracão, uma S. Sebastião, quase deserta, por desagradados com o

				professor, que, entretanto apresentava uma matrícula de 56, outra nas Aroeiras, então vaga, outra no Caculé ²⁶⁹ , idem; outra no Gentio com 32 meninos matriculados; outra na Canabrava com 27; outra no Bonito, vaga; duas dos dois sexos nas Umburanas com 34 meninos e 15 meninas”. (p. 182).
Urubu	29.473	4.626	15,69	“Existiam no termo as seguintes escolas: duas, de ambos os sexo, na vila que tinham 56 meninos e 30 meninas matriculados, e outras contratadas, sendo duas no Bom Jesus da Lapa, duas no Bom Jardim, que fica 12 léguas abaixo, uma de meninos no sítio do Mato, a 8 léguas, outra no Brejinho, a 12 léguas. Estas escolas eram desprovidas de livros e mobílias apropriadas, e cada qual com uma pequena frequência, aliás muito natural em todas as escolas S. Francisco, onde a par da negação para aprenderam a ler, são os meninos da gente pobre os únicos criados da casa e suprem-na de água e lenha, quando não anda em <i>viaginhas</i> ou pescando, ou à procura de animais; não sendo raros os pais que ouvimos dizer que <i>suber ler não enche barriga</i> .”. (p. 41- 42).
Macaúbas	49.884	7.830	15,69	“É lamentável o estado de ignorância daquelas populações de cerca de 40 mil almas, em 40 léguas quadradas, inclusive Brotas, e onde só existiam seis desprovidas escolas apenas com a matrícula de 223 alunos, dos quais somente 29 meninas em uma das da vila, pois que as demais eram de meninos; sendo uma em Santa Rita – 8 léguas, uma na Lagoa Clara – 8 léguas, lugar de muito frio, onde encontramos no verão, à noite, uma temperatura de 10º, uma em S. Sebastião – 12 léguas, e uma na Vila de Brotas – 30 léguas; escolas estas que a necessidade impõem serem mistas não só por economia e pequena frequência, como para não continuarem sem instrução as pobres meninas”. (p. 166-167).
Rio São Francisco [75 ilhas]	20.687	5.251	25,38	Não há referências.
Carinhanha [Comarca?] ²⁷⁰	61.586	9.730	15,79	“A instrução, educação e civilização estão ali em grande atraso; e a melhor prova é só existirem quatro escolas no termo, sendo uma de meninos na Malhada, outra no Alegre e duas de dois sexos na vila”. (p. 19).
Xiquexique	28.406	4.439	15,62	Cidade em conflito: “Quando em 1882 aportamos a este infeliz termo, achamos a vila completamente saqueada”. (p. 59).
Remanso [de Santo Sé]	14.204	2.229	15,69	Não há referências.

Fonte: APEBA. Seção Colonial e Provincial. Série Polícia. Recenseamento. Doc. 6176 – 1 e Aguiar (1872).

Entretanto, quando se compara o percentual não mais de alunos matriculados, mas o índice geral de alfabetizados da Bahia, 20,6%²⁷¹ com o geral do interior, 17,13% vê-se, no entanto, que não é uniforme, ao contrário, há um desequilíbrio muito grande na distribuição. Em Juazeiro, por exemplo, o percentual de alfabetizados é de apenas 4%, enquanto que em outras localidades há índices superiores, inclusive acima da média nacional, como por exemplo, Monte Alegre, 34%,

²⁶⁹ Cf. APEBA. Lei nº 2.062 de 6 de agosto de 1880 criando duas cadeiras para o sexo masculino nos distritos de Aroeiras e Caculé (p.174/5).

²⁷⁰ Cf. APEBA. Lei nº 1.977 de 23 de junho de 1880 criando uma cadeira de instrução primária para o sexo feminino na vila de Carinhanha (p.43/4).

²⁷¹ Vale destacar, ainda, que esse índice na capital da província (Salvador) entre os livres era de aproximadamente 36,32% (cf. censo de 1872).

Lençóis com 30%, Morro do Chapéu, 28,58% e Itapicuru, 27% (região dos remetentes para o barão de Jeremoabo), como detalhado na tabela 5.9, a seguir.

Não se sabe se houve algum interesse governamental em mascarar a realidade apresentando índices maiores nas localidades mais populosas. Ou, talvez, esses índices se justifiquem, em parte pela história das localidades, como, por exemplo, àquelas que foram urbanizadas a partir de ganhos auríferos (Lençóis e Morro do Chapéu).

Tabela 5.9 Classificação da população em (livre ou escrava), nacionalidade (brasileira ou outras), por instrução (alfabetizados ou analfabetos) e por localidade (Censo de 1872)

Município	Situação		Nacionalidade		Instrução		
	Livre	Escrava	Brasileira	Outra	Alfabetizados	Analfabetos	Índice de alfabetizados da população livre
Barra do Rio de Contas	3.102	510	3.066	36	440	2.662	14,0
Barra do Rio Grande	10.891	634	10.885	6	1.031	9.860	9,46
Brejo Grande	5.533	1.098	5.528	5	507	5.026	9,16
Caetité	31.346	3.292	31.137	209	4.629	26.717	14,76
Camisão	27.183	3.140	27.166	17	4.743	22.440	17,44
Capim Grosso	8.020	742	8.016	4	544	7.476	6,78
Carinhanha	6.855	656	6.838	17	605	6.250	8,82
Entre Rios	8.773	2.611	8.735	38	1.273	7.500	14,51
Feira de Santana	47.588	4.108	47.312	276	10.360	37.228	21,77
Itapicuru	16.181	1.324	16.124	57	4.486	11.695	27,77
Jacobina	17.327	1.255	17.186	141	1.752	15.575	10,11
Jeremoabo	36.347	1.460	36.286	61	9.247	27.100	25,44
Juazeiro	6.454	1.409	6.451	3	263	6.191	4,00
Lençóis	22.055	1.858	21.973	82	6.624	15.431	30,00
Macaúbas	34.229	2.921	34.150	79	7.118	27.111	20,79
Maracás	8.185	950	8.156	29	654	7.531	7,99
Minas do Rio de Contas	50.920	8.973	50.841	79	9.680	41.240	19,00
Monte Alegre	5.451	3.909	5.415	-	1.861	3.590	34,0
Monte Alto	16.629	1.698	16.594	35	1.854	14.775	11,14
Monte Santo	9.991	1.787	9.984	7	809	9.182	8,00
Morro do Chapéu	10.892	660	10.884	8	3.114	7.778	28,58
Pilão Arcado	14.260	3.711	14.255	5	1.830	12.430	12,83
Pombal	6.782	624	6.782	-	1.018	5.764	15,00
Rio das Éguas	32.889	3.789	32.705	184	5.342	27.547	16,24
Santa Isabel de Paraguaçu	23.183	3.476	22.969	214	2.601	20.582	11,21
Santo Antônio da Barra	37.773	3.234	37.683	90	5.989	31.784	15,85
Sento Sé	6.137	547	6.137	-	541	5.596	8,80
Soure	5.589	385	5.564	25	925	4.664	16,55
Tucano	6.443	770	6.439	4	553	5.890	8,58
Urubu	17.830	944	17.819	11	4.640	13.190	26,00
Vila Nova da Rainha	21.752	801	21.745	7	1.678	20.074	7,71
Xique-Xique	14.317	1.429	14.239	78	1.298	13.019	9,00
Total	624.077	72.950	622.086	1.991	106.914	517.163	17,13

Fonte: Censo de 1872 sobre alfabetizados no interior da Bahia por situação, livre ou escrava e nacionalidade.

Surpreendentemente, as localidades onde residiam os remetentes apresentam nesse censo bons índices de escolarização, a exemplo de Itapicuru e Jeremoabo.

Esse é o contexto dos remetentes radicados no interior da Bahia. Como se ver, nesse período não é possível falar de um português culto²⁷² mas, apenas, de um português semi-culto, e, principalmente, de um português popular, se, de fato, o processo de escolarização ocorreu nessa região nos termos como parece evidenciado pelos dados apresentados nos itens precedentes. Provavelmente é essa variedade que aparece nos escritos dos remetentes dos dois arquivos supracitados, principalmente, o do barão de Jeremoabo, Cícero Dantas Martins e o do coronel Exupério Pinheiro Canguçu.

Os mestiços aparecem nos dados do censo de 1872 em número muito superior ao número de brancos, algo em torno de 73% do total da população baiana. Essa, inclusive, é a população que aparece nas escolas públicas de primeiras letras, conforme documento sobre instrução pública (cf. APEBA. Seção Colonial. Série Instrução pública, maço 3971 e maço 3997), a partir de dados assistemáticos, apresentados, abaixo, a título de exemplificação, para os meados e fins do século 19 no interior da Bahia²⁷³.

Localidades/Período	Nº de alunos por cor ou etnia
<i>1840</i>	
Nossa Senhora da Saúde	17 (10 pardos e 7 brancos)
Coração de Jesus de Riachão de Jacobina	14 (10 pardos, 3 brancos e 1 cabra)
Santo Antonio de Jacobina	53 (sem distinção de cor)
<i>1842</i>	
São João Batista de Jeremoabo	21 (sem distinção de cor)
<i>1843</i>	
Barra do Rio Grande	62 (35 pardos, 8 brancos, 7 cabras, 5 pardos claros, 1 pardo mestiço, 4 mamelucos e 2 crioulos)
<i>1844</i>	
Pombal	32 (sem distinção de cor)
Barra do Rio Grande	31 (3 crioulos , 27 pardos e 1 branco)
Caitité	28 (sem distinção de cor)
Jequiriça	
Vila Nova da Rainha da Freguesia de Jacobina	34 (17 pardos, 15 brancos e 2 pretos)
Jequiriça	13 (sem distinção de cor)
Vila Velha do Rio de Contas	45 (sem distinção de cor)
<i>1845</i>	

²⁷² Definido aqui como o falado ou escrito por portadores de nível superior.

²⁷³ Documento pesquisado no APEBA e apresentado no VI PHPB, Bahia, setembro de 2004.

Vila da Barra do Rio São Francisco	80 (62 pardos, 15 cabras e 3 brancos)
Alagoinhas	31 (sem distinção de cor)
Aporá	28 (sem distinção de cor)
Feira de Santana 1879	46 (sem distinção de cor)
Feira de Santana	106 (sem distinção de cor)

Por outro lado, a grande maioria das localidades de onde provêm as cartas desses arquivos não tinha aulas maiores²⁷⁴ ou mesmo cursos preparatórios, situações nas quais em que realmente haveria um maior contato com a leitura, a escrita e o estudo não só da gramática do português, mas também da gramática latina, grega etc. Mesmo que o percentual de alfabetizados entre os livres para o geral do interior gire em torno de 17,13%, essa média não se aplica ao interior como um todo.

A implantação de uma possível variante culta do português brasileiro no interior da Bahia parece ser recente. É provável que a variedade semi-culta, encontrada nos textos produzidos por remetentes do interior, adquirida via pouquíssimo contato com a escolarização, ofereça dados da língua vernácula do interior da Bahia. É certo que os remetentes de regiões interioranas tiveram pouco contato com a variante culta, conforme pode ser inferido do relatório, já citado, do Ministro Paulino José Soares de Souza (1869:533 apud Primitivo Moacyr, 1939). Esse relator chama a atenção para a discrepância entre o número de matriculados e aqueles que de fato terminavam o curso (sem grifos nos originais):

Em todas as províncias o número de alunos aprovados e dados por prontos não está em relação com os matriculados. Aponta-se como causa deste fato o ser eles retirados das escolas antes de concluírem os estudos, **julgando os pais, logo que os vêem assinar o nome e soletrar a letra redonda, que já sabem bastante para os misteres em que os pretendem entregar.**

Contrapondo-se aos demais, pode-se afirmar, com relativa segurança, que os remetentes do barão de Jeremoabo e alguns do coronel Exupério não possuíam nível superior. Não há indícios de que tenham feito cursos preparatórios para as faculdades. Não encontrei, também, nenhum registro desses remetentes nos internatos e externatos da capital da província. É provável que a maioria tenha feito o curso de primeiras letras na região e, ainda, quando crianças ou na fase infanto-juvenil, uma vez que as escolas para adultos, destinadas aos maiores de 25, foram criadas em fins do século 19. Dessa forma, penso que os textos da 3ª parte tenham sido produzidos por pessoas pouco cultas,

²⁷⁴ Havia em algumas localidades que fazem parte da zona de mineração (século 18), cursos preparatórios e os cursos secundários. Com a “queda” da extração de ouro e diamantes uma parte dos abastados dessas localidades migrou, fazendo com que muitos desses cursos fossem extintos.

fato evidenciado pelas marcas de oralidade (menos evidentes nas cartas da 1ª e 2ª partes). Provavelmente, apenas os remetentes mais abastados tenham tido maior contato com as pessoas com maior grau de escolaridade, como os páraquos ou professores contratados.

A região de Jeremoabo tinha antes da saída dos jesuítas diversos aldeamentos. Dos indígenas remanescentes, antes sob a tutela dos jesuítas, sabe-se que não receberam educação formal, como pode ser inferido a partir do relatório escrito em 1852 (apud Primitivo Moacyr, 1939):

No antigo regime era costume criarem-se cadeiras primarias nas localidades em que estabeleciam índios novamente convertidos. Se nos não convém ir procurar novos índios ás florestas para os converter e civilizar, nem mesmo olharmos de perto para a instrução dos aldeamentos, é de necessidade atendermos ao menos a essa outra classe, que, entremeadada com a população livre, tem ela uma ação desmolarizadora, que não procuramos remediar. *Quero crer perigoso dar-se-lhe instrução*, mas porque não se lhe dar uma educação moral e religiosa.

Com base nesses dados, dividi as cartas segundo o grau de escolaridade dos remetentes em dois grandes grupos:

1. Grau universitário no Brasil²⁷⁵ e fora do Brasil (Universidade de Coimbra e outras): **variante culta.**
2. Grau não universitário (intermediário e de primeiras letras): **variante semi-culta.**

Encerro o capítulo com alguns indicadores sociais dos remetentes e algumas palavras sobre gênero.

5.2 Indicadores sociais: classe social e ocupação

Voltando à situação dos letrados da 1ª parte e de uma parcela da 2ª parte, comprova-se o que foi dito por Holanda (1995 [1936]:156) para o Brasil desse período. O autor diz que os formados em medicina, bacharelado e em minas não foram homens de sua profissão:

“Ninguém aqui procura seguir o curso natural da carreira iniciada, mas cada qual almeja alcançar aos saltos os altos postos e cargos rendosos: e não raro o conseguem”. “Os alferes de linha sobe aos pulos a major e a coronel de milícia e cogita, depois, em voltar para a tropa de linha com essa graduação. O funcionário público esforça-se por obter colocação de engenheiro e o mais talentoso engenheiro militar abandona sua carreira para ocupar o cargo de arrecadador de direitos da alfândega. O oficial da marinha ao uniforme de chefe

²⁷⁵ Inclui os cursos de escolas militares e cursos de teologia de seminários religiosos.

de esquadra. Ocupar cinco ou seis cargos ao mesmo tempo e não exercer nenhum é coisa nada rara”.

Os remetentes formados nas faculdades (bacharéis e médicos, principalmente) ²⁷⁶ não exerciam suas profissões de formação. As profissões exercidas, também em parte cumulativas, estavam ligadas à administração pública. Muitos exerceram diversidades diplomáticas no exterior (adido, chanceler, cônsul, diplomata, enviados especiais, ministros residentes e plenipotenciários, secretário de legações, entre outras). São pessoas que podem ser enquadradas como pertencentes à elite.

Na tabela a seguir, tento identificar os 217 remetentes a partir de classes sociais. Como não há uma classificação de grupos sociais do interior, faço uma adaptação da proposta de Mattoso (1992:598-599) para a Salvador no século 19. Os agrupamentos de Mattoso, por sua vez, foram feitos a partir da proposta de Vilhena (1969 [1798-1799]) para o século 18. A autora, tendo por base outros indicadores, estabelece 4 grupos principais, a partir dos 7 grupos propostos por Vilhena.

A distribuição dos remetentes por classes conta na tabela 5.10, a seguir:

Tabela 5.10 Indicadores sociais no período colonial e imperial (Vilhena, 1969 [1798-1799]) e Mattoso (1992:259-599)

Vilhena séc. 18 (Bahia)	Kátia Mattoso século 19 (Bahia, Salvador)	114 remetentes da 1ª parte	60 remetentes da 2ª parte	43 remetentes da 3ª parte
1. Magistrados e funcionários das finanças.	1. Rendas acima de R\$ 1.000.000, 00 de réis Altos funcionários graduados da administração real: Governador geral, chanceler, desembargadores do Tribunal da Relação. Ouvidor geral do crime, ouvidor geral do cível. Tesoureiro geral da Real Junta da Arrecadação da Real Fazenda. Juizes da alçada, deputado da Real Junta de Arrecadação da Real Fazenda. Secretário de estado e Governo. Intendente geral do ouro, intendente da Marinha e provedor da Alfândega. Oficiais de patentes mais elevadas (coronéis, tenentes-coronéis, sargentos-mores). O alto clero secular (arcebispo e membros do alto clero) Grandes negociantes Grandes proprietários de terras	27 ministros 12 senadores 1 cônsul 5 embaixadores 3 presidentes de província 9 deputados	1 presidente da república 3 ministros 3 senadores 1 deputado	-
2. Corporação eclesíastica		1 general 1 brigadeiro 3 tenentes coronéis 1 major	-	-
		1 arcebispo	-	-
		3 grandes negociantes	-	-
		*1 filha de um grande proprietário de terras * 1 escritor filho de grande proprietário	-	-

²⁷⁶ Entre os remetentes das cartas do volume 2, há na 1ª parte 51 bacharéis e 13 médicos e, na 2ª, 15 bacharéis e 9 médicos.

		rural * 1 músico internacional filho de grande proprietário rural		
	Senhores de engenho ou pecuaristas	2 senhores de engenho *2 filhas de senhores de engenho		
3. Corporação militar. 4. Corpo de comerciantes.	2. Rendas acima de R\$ 500.000,00 réis Funcionários de nível médio: Juizes de primeira instância, tabeliães, almoxarifes do Arsenal, diretores da Casa da Moeda, entre outros.	1 juiz de direito 2 desembargadores 1 promotor 5 diretores 1 intendente de município 6 "políticos"	1 Juiz de direito 1 promotor público 1 procurador 4 diretores 1 intendente 5 "políticos"	10 intendentes municipais 1 "político"
	Oficiais de nível médio: Capitães, tenentes e suboficiais.	1 alferes 1 "militar"		
	Membros do baixo clero: Párocos, vigários e capelães de confrarias religiosas.	1 pároco	1 monsenhor	-
	Lojistas: Representantes de casas portuguesas, distribuidores de mercadorias importadas por negociantes baianos e intermediários.			-
	Proprietários rurais: Produtores de cana, tabaco e de alimentos.	6 proprietários rurais (os remetentes do coronel Exupério Pinheiro Canguçu)		16 proprietários rurais
	Profissionais liberais: Advogados, médicos diplomados de origem social elevada.	2 médicos 3 advogados 2 engenheiros 3 lentes	3 médicos 1 advogado 1 zoólogo 1 médico veterinário 1 engenheiro 1 delegado 3 lentes 2 jornalistas * 1 escritora filha de advogado. * 1 mulher médico	-
	Pessoas que vivem de rendas (rendas de aposentadoria, aluguéis e de escravos), mestres-artesão em ofícios nobres.	-	-	-
5. 'Povo nobre' 6. 'Povos artesãos'	3. Rendas que não ultrapassavam de R\$ 500.000,00 réis Funcionários públicos e militares de baixo escalão, profissionais liberais secundários (sangradores, barbeiros, pilotos de barco e outros), artesãos, comerciantes de frutas, doces e outros.		1 bacharel em letras 1 contador de correios 4 funcionários públicos 1 estudante da escola naval 1 professor de instrução pública *1 mulher que parece ser pertencente a uma classe de baixa renda, M. Torres (cf. 2ª parte do volume 2)	2 tabeliões 1 agente de correio 2 pequenos comerciantes 3 professores de primeiras letras 1 coletor de correios 1 juiz de paz 6 vaqueiros (administradores de fazenda com direito a pequenos lucros)
7. 'Escravos'	4. Grupos marginalizados (escravos, vagabundos, mendigos e prostitutas)	-	-	-
Não identificados		5	14 incluindo 2 estrangeiros	-

Os resultados aproximados com base na proposta de Kátia Mattoso apontam para:

1ª parte: classe 1 (74/109 - **67,889%**) e classe 2 (35/109 - **32,110%**).

Além de 5 não identificados. Como se vê, os remetentes são oriundos, em sua maioria, da classe mais alta ou da classe imediatamente inferior, mas, sobretudo, constituem uma classe alta letrada. É o único grupo em que não há representantes da classe 3.

2ª parte: classe 1 (8/46 - **17,391%**); classe 2 (29/46 - **63,043%**) e classe 3 (9/46 - **19,562%**), além de 14 não identificados. Nesse grupo, a situação se inverte e a maioria pertence à classe 2, já com um percentual em torno de 20% da classe 3. Uma elite imediatamente inferior à primeira, mas, ainda, letrada e, sobretudo cidadina.

3ª parte: classe 2 (27/43 - **62,790%**) e classe 3 (16/43 - **37,209%**). Essa 3ª parte parece ter as características da categoria 2, mas diferente da 2ª parte, como já referido no capítulo 5, uma elite pouco letrada. E, diferente daqueles, não há representantes da classe 1, como era de se esperar.

É importante destacar que em nenhuma das 3 partes, até onde se pôde apurar, haja representantes da classe 4 (ou 7 de Vilhena).

5.3 Gênero

Por fim, algumas observações sobre gênero. As cartas foram escritas, majoritariamente, por homens, conforme se vê, a seguir, há apenas 7 mulheres²⁷⁷.

Partes/Gênero	Masculino	Feminino	Total
1ª parte	111	3	114
2ª parte	57	3	60
3ª parte	42	1	43

No Brasil, a taxa de iletrados entre as mulheres é alta, principalmente, entre as mulheres das classes menos abastadas. O ensino de primeiras letras para mulheres, tanto no espaço doméstico, quanto nos conventos ou recolhimentos, era fundamentalmente destinado às mulheres de classes mais ricas. No caso do interior da Bahia, eram raras as mulheres que sabiam escrever. Em Lycurgo Filho (1956), há um relato sobre a atitude do coronel Exupério Pinheiro Canguçu com relação as suas filhas. Esse senhor, apesar de ter contratado um professor e um sacerdote português em Bom Jesus dos Meiras para ministrar aulas para seus filhos, não permitiu que as meninas dessem continuidades aos estudos. Depois de aprenderem a ler, passaram a se ocupar com bordados e costuras.

²⁷⁷ Esses remetentes aparecem com relação ao estado civil em sua maioria na condição de casados, 46 em cartas avulsas, 15 cartas para Severino Vieira e 21 nas cartas para Cícero Dantas Martins, barão de Jeremoabo entre os identificados quanto ao estado civil.

Os aspectos estudados, tanto nesse capítulo quanto no capítulo 4, serviram de base para a descrição dos dados no capítulo seguinte e último, em que submeto os dados a critérios externos.

6

Estudo comparativo em Cartas Brasileiras (CB): *costa/culto versus interior-semi-culto*

Neste capítulo, submeto a descrição do *corpus* a critérios externos. A pergunta que se pretende responder é se o caráter diglótico das cartas do volume 2 será mais claramente explicitado com base em questões dialetais, tanto geográficas quanto sócio-culturais (item 6.1).

A organização segue, em linhas gerais, o capítulo 3, destacando as diferenças encontradas nas amostras (item 6.2), tanto em orações finitas com verbos simples, quanto em grupos verbais.

6.1 Divisão dos dados em Cartas Brasileiras (CB): *costa/culto versus interior/semi-culto*

Foram retirados 1.748 itens das cartas que identifiquei como escritas por pessoas com formação superior²⁷⁸ ou equivalente, nascidas ou radicadas na costa e 1.448 itens das cartas escritas por pessoas sem formação superior, nascidas ou radicadas em áreas rurais²⁷⁹. Essa divisão permite também opor, para além de critérios geográficos, o português culto e o português semi-culto do Brasil do século 19. Dessa forma, optei também por agrupar as duas variantes na descrição. Essas duas amostras serão referidas de agora em diante, respectivamente como “português da costa/culto” *versus* “português do interior/semi-culto”.

A comparação feita neste capítulo tem como propósito identificar os padrões de distribuição dos clíticos nessas duas possíveis vertentes históricas. A hipótese que comumente tem sido defendida é a de que a variante culta seria mais suscetível à pressão da norma portuguesa moderna veiculada pela educação formal. A outra, oriunda de regiões marcadas por contatos inter-étnicos com pouco contato com a escola, estaria mais próxima do português brasileiro vernacular (cf. capítulos 4 e 5).

²⁷⁸Inclui os falantes radicados na costa e em sua hinterlândia. Alguns remetentes, apesar de terem nascido em áreas rurais, se radicaram ou foram estudar em centros urbanos (caso de alguns da 1ª parte e da 2ª parte). Embora a maior parte seja citadina e culta, há um pequeno grupo formado por pessoas do interior, basicamente, os remetentes que escreveram ao coronel Exupério Pinheiro Canguçu, a saber: os correligionários Antônio Gomes Calmon, Arlindo Gomes e Cândido Leão, e os parentes de Exupério, Dechy Pinheiro Canguçu, José Egídio [de Moura e Albuquerque] e Deraldo.

²⁷⁹ Além dos citados na nota anterior, todos os remetentes da 3ª parte.

Seguindo essa perspectiva, mostro os pontos contrastantes entre as duas amostras. Primeiro os dados são vistos por amostra, depois serão cruzados tanto por data de nascimento dos remetentes quanto por data de produção das cartas (cf. detalhamentos no capítulo 3). O agrupamento, considerando-se três períodos de tempo, é o seguinte:

a) data de nascimento:

1. 1724²⁸⁰ – 1799: ponto no tempo, 1775;
2. 1800 – 1850: ponto no tempo, 1825 e
3. 1851 – 1880²⁸¹: ponto no tempo, 1875.

b) data de produção:

1. 1809-1825: ponto no tempo, 1825;
2. 1826-1850: ponto no tempo, 1850;
3. 1851-1875: ponto no tempo, 1875;
4. 1876-1904: ponto no tempo, 1900.

Como feito no capítulo 3, para a identificação dos tipos de construções, se do português europeu clássico ou moderno, comparo cada uma das amostras com os estudos de GBPS (2005), a partir da data de nascimento dos remetentes. E, para a identificação de construções que identificam as inovações brasileiras, contraste com Pagotto (1992), com base na data de produção dos documentos.

Os pontos abordados são: tipos de clíticos, verbo em posição inicial absoluta, contextos de variação I e II, estruturas de elevação/não elevação do clítico em orações com grupos verbais e, de forma específica, a próclise ao verbo temático em estruturas **V** finito **cl V** não finito.

Uma série de tabelas e gráficos irá mostrar para cada tipo de construção, dados globais, dados por data de nascimento dos remetentes e por data de produção dos documentos.

²⁸⁰ Data de nascimento do remetente mais velho.

²⁸¹ Data de nascimento do remetente mais jovem, o menino Potâmio [Américo de Souza] de 13 anos.

6.1.1 Diferenças entre tipos de clíticos

Segue a distribuição dos tipos de clíticos na tabela 6.1.

Tabela 6.1 Comparação da distribuição dos clíticos: CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto)

Tipo de clíticos	Comparação	
	Cartas da costa/culto	Cartas do interior/semi-culto
me	658	515
te	104	-
se	416	348
lhe	291	335
nos	44	56
vos	37	15
o/a	168	172
Grupos clíticos	30	7
Subtotal	1.748	1.448
Total Geral	3.196	

Embora haja um maior número de dados na amostra da costa, é significativa a baixa ocorrência de grupos clíticos e a ausência do clítico TE nas cartas do interior. Prevalece, nessa amostra, o clítico LHE, entretanto, majoritariamente com valor de 2ª pessoa.

(6.1) Interior

Não pude | como ~~V.~~ pediume, e eu pretendi, | pagar seo *dinheiro* athe o fim do anno; | e mesmo ainda não o tinha hoje | toudo pronto; *porém* avista de não | de morar, **remeto lhe** por meo ir | mão (700\$000) sete centos mil reis, | e peço *lhe* por dizerme *quanto* resto. | carta 338

Destaca-se na amostra do interior, o uso do pronome lexical na posição de objeto:

(6.2) Interior

a. Estou achando **ella** | muito abatida e fraca *muito* du | ente. apesar d'emeanima= | rem eu ja perdi toda espe- | rança, seja tudo pelo amor | de *Deus* elle me acuda. | carta 426

b. que estando | meos filhos e genro na Roça *quando* meu | irmão chega lá de siguida *para* a casa | honde elle vivi, com uma criação de | cabra uma banda levava dentro | de uma capanga grande q'elle tem, | e foi da-lha, o troco de litros di- | milho; e não fáturo Outros factos | por ter vergonha; pergunte a elle | odia que eu **encomtrei elle** prega= | do com o filho Manoel; carta 444

Quanto ao clítico NOS, maior na amostra do interior, aparece nas duas amostras competindo com a expressão A GENTE.

(6.3) Interior

Estes senhores que se collocarão chefes,| **xingando a Gente** não vão bem, muitos homens| do centro não crêem no que escreve a Gazeta| eu mesmo que me prezo de não <ser> dos piores sol-
| dados, com franquesa digo a *Vossa Excelência* que não confie| nos actuaes generaes e como eu muitos
assim| pensão: carta 412

(6.4) Costa

Si preocupações e affazeres| quanto **distrahem a gente**| desses deveres, que se pode| adiar –
Sergipe me tem feito| este anno resumir enorme-| mente a minha correspondencia.| carta 281.

Na colocação dos clíticos no contexto de variação I, destaca-se o maior uso da ênclise com o clítico **o**. Entretanto, como será visto adiante e já detectado na descrição geral CB no capítulo 3, parte da ênclise é estranha à gramática do português brasileiro, como visto: orações negativas, dependentes e orações matrizes declarativas afirmativas, principais precedidas de “atratores”.

6.2 Orações finitas com verbos simples e com grupos verbais

A seguir, mostro na tabela 6.2 as diferenças por tipo de orações. É significativo o maior percentual de ênclise na amostra do interior em negativas, interrogativas e dependentes. Como visto, esse é um contexto categórico de próclise na história do português europeu. Essa ênclise “indevida”, que vai contra a tendência também do português brasileiro, pode ser interpretada como aquisição imperfeita da ênclise do português europeu moderno²⁸².

²⁸² Ou como o defende, o gramático Figueredo (1909:119-120) em resposta ao Sr. Paulino de Brito:

Mas todos sabemos que a suposta repugnância não abrange estes modismos que o Sr. Paulino de Brito defende:

– “Quem chamou-me?”

– “Por que fugiu-lhe”

– “Já enganaram-me?”

Etc.

E mais adiante: Esses modismos passaram dos campos para as cidades; e, quando os gramáticos brasileiros deram conta do desatino, a muitos pareceu que já era tarde para a correção, e outros, como o Sr. Paulino de Brito, tentaram dar foros de cidade à gramática dos negros.

Que os Negros estão de acordo com o Sr. Paulino de Brito, é próprio o poderá facilmente verificar; mas, se imagina que foram eles que aprenderam a colocação com os pais dos *Brasileiros* do Sr. Brito, então, como gramático, que é, pode

Tabela 6.2 Ordenação dos clíticos em orações finitas e em grupos verbais: CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto)

Tipo de orações/Amostras	Cartas da costa/culto			Cartas do interior/semi-culto		
1. Orações com prevalência para a ênclise						
	Próclise	Ênclise	Total	Próclise	Ênclise	Total
a. Raízes declarativas afirmativas, principais	223 36%	395 64%	618	180 37%	304 63%	484
Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas com verbo precedido de conectivo	23 29%	55 71%		23 29%	57 71%	
Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas com verbo em posição inicial	1 4%	24 96%		7 16%	36 84%	
b. Ambas as raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas (conectivo + sem conectivo)	24 23%	79 77%	103	30 24%	93 76%	123
c. Imperativas	4 9%	42 91%	46	4 15%	23 85%	27
d. Parentéticas e apositivas	7 41%	10 59%	17	2 18%	9 82%	11
2. Orações com prevalência para a próclise						
	Próclise	Ênclise	Total	Próclise	Ênclise	Total
a.						
Segundas coordenadas dependentes	34 76%	11 24%	45	31 72%	12 28%	43
Dependentes	689 88%	96 12%	785	428 75%	146 25%	574
Negativas	74 97%	2 3%	76	109 85%	19 15%	128
Interrogativas	18 100%	-	18	12 92%	1 8%	13
Expressões fixas	7 88%	1 13%	8	12 92%	1 8%	13
b.						
Coordenadas ou subordinadas com "porque"	25 78%	7 22%	32	23 72%	9 28%	32
Total Geral	1.105 63%	643 37%	1.748	831 57%	617 43%	1.448

comparar a pura gramática portuguesa, não a gramática das escolas, mas as dos *factos* – com as gramáticas das línguas africanas, e verá como diferem”.

Esse contato pode ter se dado através da leitura de jornais uma vez que os livros eram pouco comuns. Como é sabido, o jornal apresenta uma grande diversidade de tipos de textos, desde editoriais e cartas do redator até anúncios escritos por pessoas com diferentes graus de escolaridade. Uma outra possibilidade seria o contato com os destinatários, geralmente homens com maior grau de escolaridade. O barão, que na documentação da 3ª parte do volume 2, aparece como principal destinatário, era bacharel em direito pela Faculdade de Direito de Recife (cf. explicação na apresentação do volume 2). Vivia parte do tempo na capital da província, Salvador, na época denominada de “Bahia”. No levantamento da colocação dos clíticos em sua correspondência ativa para o amigo e compadre José Gonçalves da Silva, editada por Carvalho Jr. (2000:273-343), vê-se que o próprio barão apresenta ênclise em contextos de próclise no português europeu (i-vi). Também foi encontrada a próclise da gramática brasileira em posição inicial absoluta (vii).

(i) O Marcelino vai já muito desconfiado com a direção da política republicana. Aqui continua o mesmo marasmo, enfim não **chegou-nos** os benefícios da República. (Camuciata, 24 de janeiro de 1890)

(ii) O ministério como o nosso não **sustenta-se** mais. Os liberais virão e isto é sem a menor dúvida. Por falta de tempo não te escrevo mais irei fazendo o possível. O Manuel Nolasco te procurará. É de família minha delicadíssima. (Corte em 30 de maio de 1888)

(iii) Torno a dizer-te que **agradeço-te** teus esforços e acredito que não serão baldados. (Camuciata, 22 de fevereiro de 1887)

(iv) Passamos por uma crise medonha e se **faltam-nos** inverno teremos as cenas do Ceará. Já se morre de fome pelo Pombal e Bom Conselho. Os furtos são em alta escala. Ainda não vi crise igual; nada se vende e tudo sem valor. Tenho me visto em apuros. (Camuciata em 22 de fevereiro de 1887)

(v) Na quarta, na passagem do trem de carga para Alagoinhas, meteram-se nele os tais emissários e foram-se corridos... ia deixando de vergonha, mas lembrei-me em tempo que eles não as tem. Com a fuga das pestes, voltou a cidade a calma, mas eu lá **demorei-me** até hoje...(Piabas em 6 de janeiro de 1895)

(vi) Teve 7 votos contra 8, foi o Freire que **salvou-me**. (5 de agosto de 1893)

(vii) O nosso Monarca está agonizante, ora está melhorado. **Me parece** que o seu estado é gravíssimo e que só por milagre de Deus voltará ao Brasil vivo²⁸³. Parece haver dito o necessário para avaliá-lo o nosso estado. O Gomes de Castro foi atirado para a oposição. (Corte em 30 de maio de 1888)

²⁸³ Ao se referir ao Imperador, D. Pedro II, que havia adoecido desde 17 de fevereiro de 1887, e, depois de longa estada na Europa, voltou ao país em 5 de dezembro de 1891.

6.2.1 Prevalência dos clíticos em 1ª posição na amostra do português brasileiro do interior/semi-culto

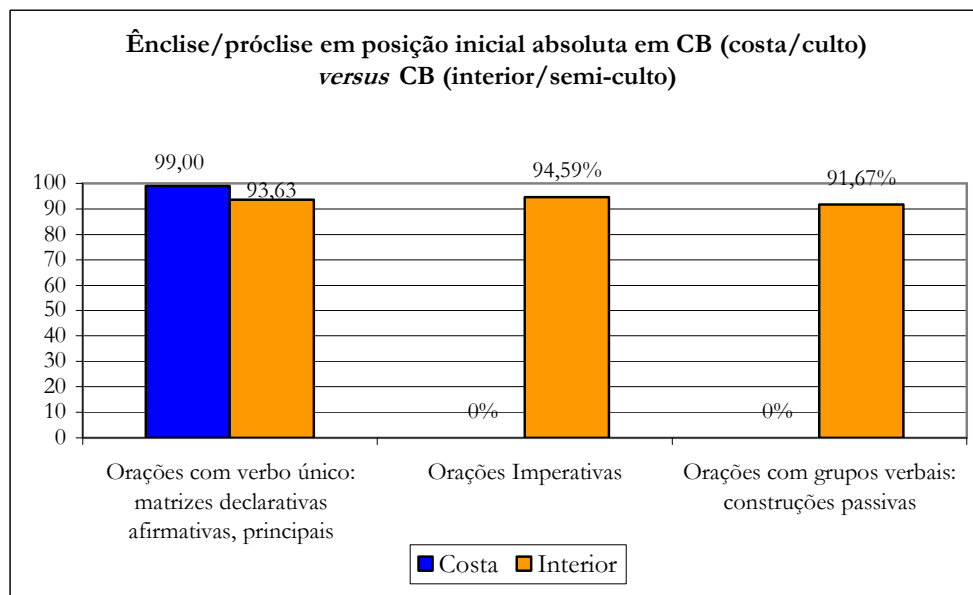
A variação ênclise/próclise com verbo em posição inicial absoluta, tanto na amostra da costa quanto na amostra do interior, é uma evidência da gramática do português brasileiro. O fato de a próclise nesse contexto se concentrar na amostra do interior/não culto pode ser interpretado de duas maneiras. Ou era mais freqüente na amostra do interior ou era evitada pelos remetentes cultos por ser uma construção vernacular. A seguir, os dados da tabela 6.3.

Tabela 6.3 Ênclise/próclise em posição inicial absoluta: CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto)

Orações com verbo único	Ênclise/próclise por tipo de orações em posição inicial absoluta					
	Cartas da costa/culto			Cartas do interior/semi-culto		
	Próclise	Ênclise	Total	Próclise	Ênclise	Total
Raízes declarativas afirmativas, principais com verbos simples	1 1%	148 99%	149	7 7,37	88 93,63	95
Imperativas	0 0%	30 100%	30	2 5,41%	35 94,59%	37
Orações com grupos verbais						
Construções passivas	0 0%	32 100%	32	3 8,33%	33 91,67%	36
TOTAL	1 0,47%	210 99,53%	211	12 7,14%	156 92,86%	168

O gráfico 6.1 ilustra esse uso.

Gráfico 6.1



Os exemplos das ocorrências de próclise em posição inicial absoluta por amostra são os seguintes:

(6.5) Raízes declarativas afirmativas, principais com verbos simples: Costa/culto

a. **Me parece** que não proponho, nem tenho pe-|-dido nenhum deproposito, para que ate hoje| não tenha sido attendido, e tenha de ver a offi-|cina continuar no estado pouco lisongeiro| em que a consideram.| carta 158

Como mostrado no capítulo 3, essa ocorrência de próclise foi encontrada em uma carta escrita em 1878 por Dr. Rosendo Aprígio Pereira Guimarães, médico baiano, nascido em 1826.

(6.6) Raízes declarativas afirmativas, principais com verbos simples: Interior/semi-culto²⁸⁴

- a. **Me entendi** com o João Victorino a serca | do seo boi que matarão, e depois disto> | 4r. tudo resolvido trataremos da liqui | dação, me parece é *que* o tal sugei= | to não terá com *que* pague, com *quanto* | á pesar de ser morador aqui eu | não conheço bem se elle pode pa | gar. | carta 418
- b. **Me diz** a consciencia *que* ainda | não commetti acto algum com | relação a sua pessôa pelo qual | 2r. se posso dizer que eu hoje sou menos | dedicado a si, entretanto que aqui | se diz o contrario, e se me tem como | um dos mais dedicados e afeiçoados | seu. carta 442
- c. **Me parece** que já lhe mandei | que os taes phanaticos, principi- | arão a matar e a roubar como | fiserão com os 2 irmãos Torquato | e Honorio VasFerreira, eMartinho d'Assis | e o filho de João Gomes, pois destes | ficarão com *quantia* seguramente de 14 a | 15 contos. | carta 451
- d. **Me | disse** o Vigário Sabino que a mortandade *que* | fêz Moreira Cezar, calcula-se em dois mil | pois não se pode contar, isso dito por dois | individuos *que* o conselheiro fez prisioneiro, *equê* | depois soltou-os *que* tinham marchado com o ga- | do. carta 464
- e. **Lhe dirigi** carta por o Coronel Porfirio do- | Geremoábo que passou para Bahia em 7 do- | corrente que não acusa recebida. | carta 464
- f. **Me está** muito dif | ficil ir lá e com muita vontade de | o vê-lo, o que farei quando puder. | carta 482
- g. **Me** é impossí- | vel procurar noticias por | mim, visto os portadores | para a Camociata serem | raros. carta 498

(6.7) Imperativas

- a. **Nos dê** suas | noticias. carta 463
- b. **Me | responda** se a relação tem pode- | res de impedir que se faça inventario | porque o Gallo <ou outra pessoa> me disse *que* eu requere-se | a relação alegando motivo justo | que não havia bens a inventario eu ignoro Porque o *que* tenho é para os filhos, afim | de ver se posso realizar a educação | delles, para *que* se repartir? carta 472

²⁸⁴ A próclise com forma não finita referida no capítulo 3 foi registrada também na amostra do interior.

(i) **Me recommendando** a *Excelentíssima* | Família *que* toda estima, consideração e respeito | sou o | Vosso Respeitador amigo muito obrigado Criado | Annibal Galvão de Oliveira²⁸⁴ | carta 318

(6.8) Orações com grupos verbais: construções passivas

a. **Mefoi intregui** | a Intendencia com o debito de 90 \$ = | e o cofre vazio com 680 reis, d'ahi | para esta dacta comprou-se | 2 fortes, fezse uma istrada cal = | 1v.calsou-se uma rúa, melhorou-se | um banheiro publico, collocou | -se illumination e seos emprega- | dos, e outras *muítas* dispezas inclusi- | ve o custeio dos empregados eguar- | das municipaes que conforme | as contas prestadas sobe a arre- | cadação tal vez a maior de cinco | contas, tendo *actualmente* um cofre | mais de um conto de reis. | carta 462

b. **Me foi entregue** sua carta de 8 do | vigente; é serto que as forças rece- | berão balla e *muíta* da garganta de | Cocorobó até Canudos, sendo o | ataque em Cocorobó no dia 25 do *passado* | e houve grande perda nas força, | tão bem morrendo jagunços, o Coro- | nel Sucupira foi victima de | duas ballas no Trabubu, distan- | te meia legua de Canudos, á lem | de outros officiaes; chegando á | 1v.a Collunna do General Lavaget | a Canudos no dia 27; carta 418

c. **Mefoi intregue** pello Antero a- | sua presada carta de 1 do- | *corrente* acompanhada com- | 428.000 que fico recebido. | carta 468

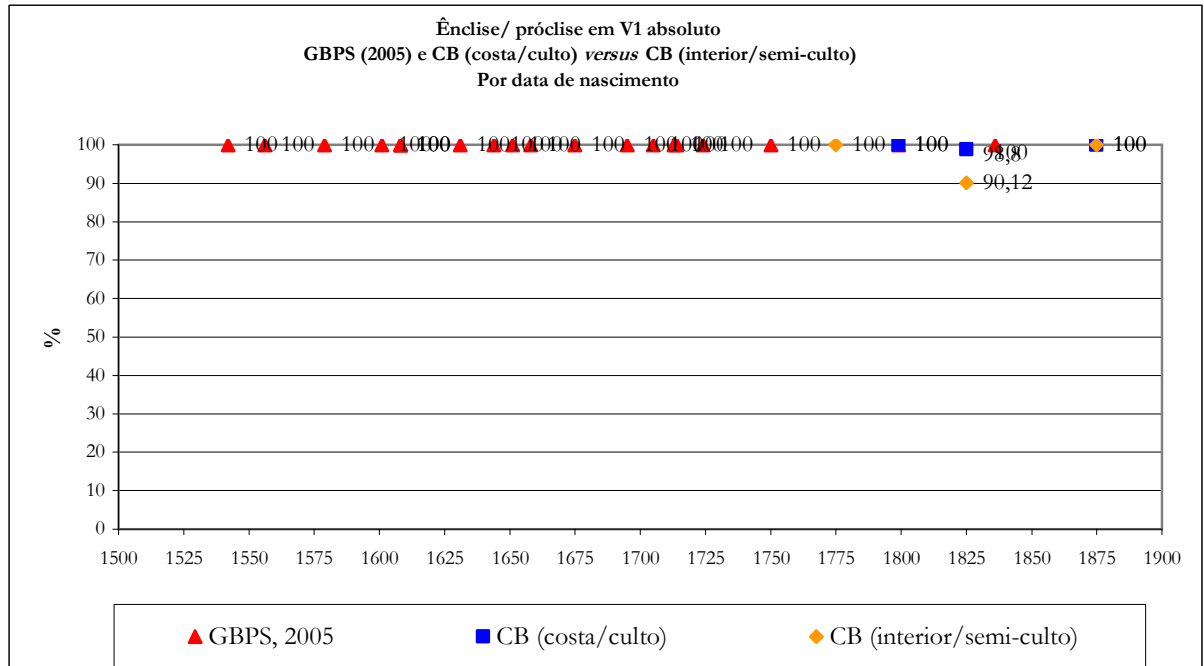
No item seguinte, mostro a distribuição temporal da próclise em posição inicial absoluta, considerando a data de nascimento dos autores. Esse tipo de próclise é verificado somente na 1ª metade do século 19.

Tabela 6.4 Ênclise/próclise em posição inicial absoluta em cartas brasileiras: CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento

Data de nascimento	Posição inicial absoluta em orações com verbo único orações declarativas, afirmativas principais									
	Cartas da costa/culto					Cartas do interior/semi-culto				
	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL
V										
Ênclise	6	83	22	37	148	-	73	10	5	88
Próclise	0	1	0	0	1	-	8	0	0	8
% Ênclise	100,0	98,80	100,0	100,0	99,32	-	90,12	100,0	100,0	92,63
TOTAL	6	84	22	31	149	-	81	10	5	95

Esses mesmos resultados são comparados ao português europeu (1500-1850) com base em GBPS (2005).

Gráfico 6.2



A seguir, o contexto de variação I, como visto, bastante importante para identificar construções equivalentes às três gramáticas: construções da fase escrita do português europeu clássico, a do português europeu moderno e a do português brasileiro (cf. capítulo 1), em maior competição na amostra do interior.

6.2.2 Contextos de variação na história do português: oposição variante da amostra do português da costa/culto *versus* interior/semi-culto

As tabelas seguintes trazem o padrão de colocação dos clíticos no contexto de variação I.

Tabela 6.5 Classes de constituintes que precedem o verbo ou o clítico nas orações matrizes e principais no contexto de variação I: CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto)

Tipos de constituintes que precedem o conjunto verbo/clítico	Raízes declarativas afirmativas, principais Contexto de variação I em construções X-V					
	Cartas da costa/culto			Cartas do interior/semi-culto		
	Próclise	Ênclise	Total	Próclise	Ênclise %	Total
S-V verbo precedido de sujeito não focalizado	40 51%	39 49%	79	22 35%	40 65%	62
AD-V verbo precedido de advérbios não modais	16 76%	5 24%	21	8 38%	13 62%	21
PP-V verbo precedido de preposições	15 39%	23 61%	38	18 42%	25 58%	43
S-x V Verbo de sujeito composto por SN seguido de oração relativa	2 18%	9 82%	11	1 20%	4 80%	5
Subtotal	73 49%	76 51%	149	49 37%	82 63%	131
Total Geral	280					

De novo esses dados precisam ser olhados com mais cuidado. E se, aparentemente indicam a influência da norma portuguesa moderna nos dados do interior, tem um estatuto diferente dos dados da costa, porque deixa de ser relevante quando vemos que os remetentes do interior generalizam a próclise em outros contextos, situação não verificada no português europeu, isto é contextos de próclise categórica, como se verá adiante.

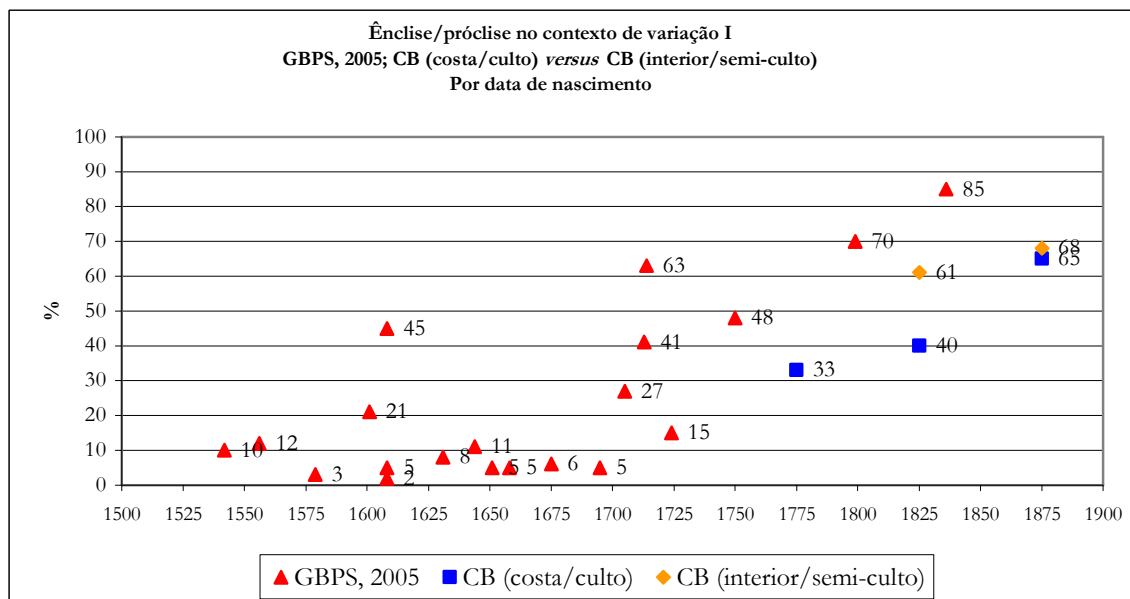
Vejamos os dados segundo a data de nascimento dos remetentes.

Tabela 6.6 Ênclise no contexto de variação I: CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento

Data de nascimento	Contexto de variação I									
	Cartas da costa/culta					Cartas do interior/semi-culto				
	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL
S-V										
Ênclise	4	19	8	8	39	0	28	12	0	40
Próclise	6	25	2	7	40	0	17	4	1	22
% Ênclise	40	43	80	53	49	0	62	75	0	65
ADV-V										
Ênclise	0	2	0	3	5	0	12	1	0	13
Próclise	2	9	3	2	16	0	8	0	0	8
% Ênclise	0	18	0	60	24	0	60	100	0	62
PP-V										
Ênclise	0	7	7	9	23	0	25	0	0	25
Próclise	0	9	3	3	15	0	16	2	0	18
% Ênclise	0	44	70	75	61	0	61	0	0	58
TOTAL										
Ênclise	4	28	15	20	67	0	65	13	0	78
Próclise	8	43	8	12	71	0	41	6	1	48
% Ênclise	33,33 (33)	39,65 (40)	65,21 (65)	62,50	48,55	0	61,32 (61)	68,42 (68)	0	61,90

Essa distribuição temporal por data de nascimento é comparada com GBPS (2005). As duas amostras ficam abaixo da curva de crescimento do português europeu moderno na segunda metade do século 19. O fato de que há mais ênclise no interior mostra, por outro lado, que a norma portuguesa que, por hipótese, seria mais flexível aos cultos ainda não é ainda a ênclise. Ou seja, parece que a variante culta está mais próxima do vernáculo efetivo do português europeu por ter mais familiaridade com os contextos, em contrapartida, no interior (semi-cultos), há maior diferença na colocação dos clíticos, incluindo a ênclise indevida, maior entre os semi-cultos. Outros aspectos indicam isso: mais construções brasileiras em grupos verbais, como se verá adiante, uso de LHE de segunda pessoa, variação NÓS/A GENTE.

Gráfico 6.3

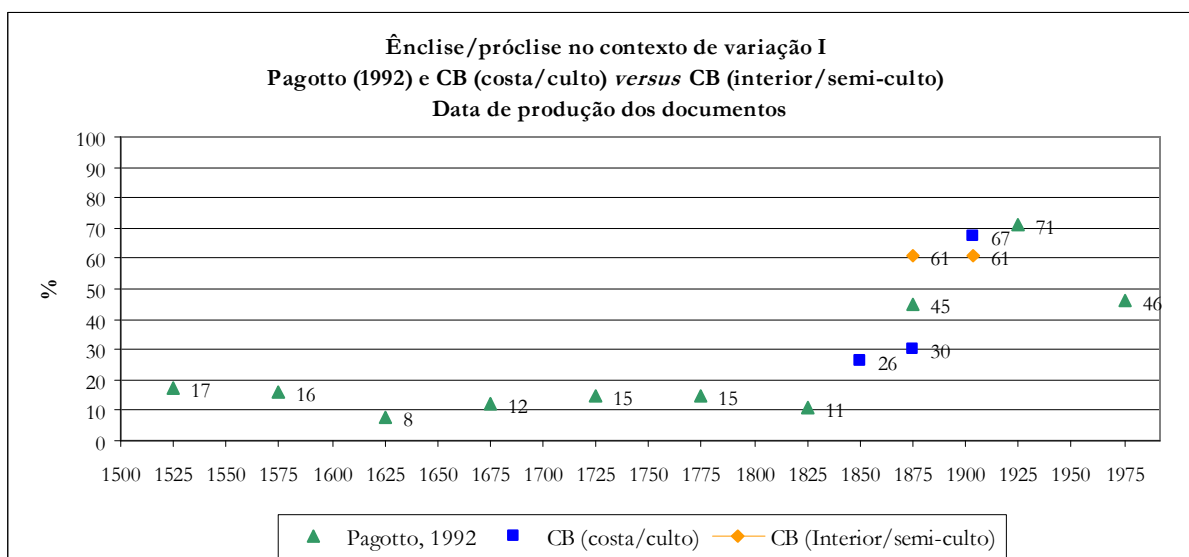


Esses mesmos dados são vistos, a seguir, por data de produção.

Tabela 6.7 Ênclise/próclise no contexto de variação I: CB (costa/culto) versus CB (interior/semi-culto). Por data de produção

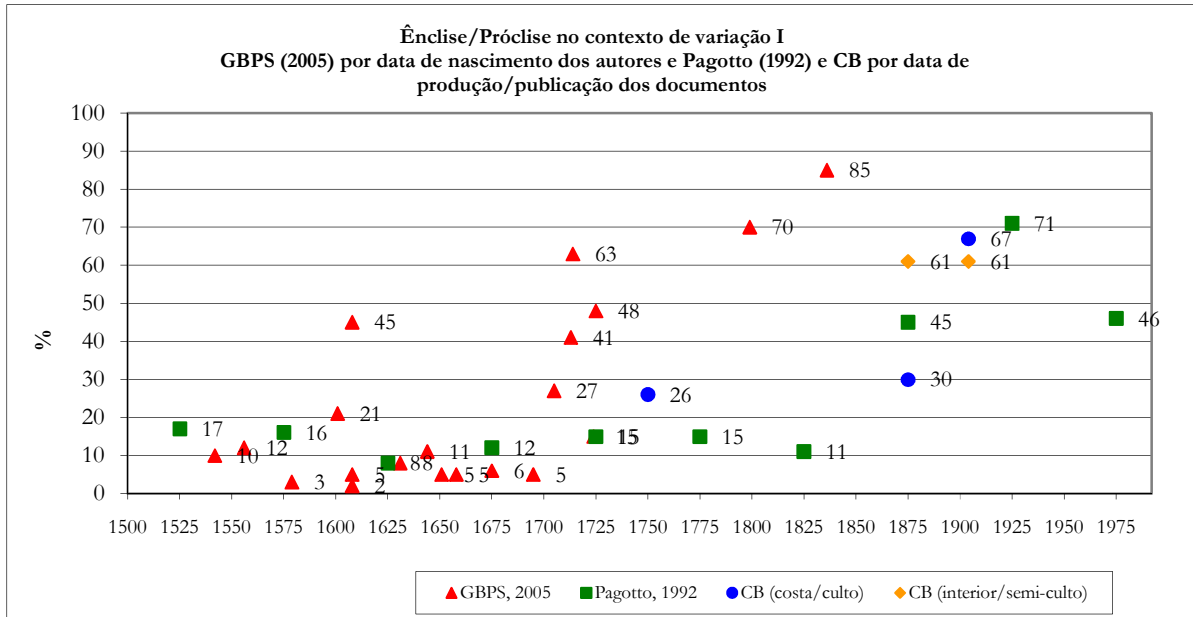
Data de produção	Contexto de variação I									
	Cartas da costa/culto					Cartas do interior/semi-culto				
	1809/1825	1826/1850	1851-1875	1876-1904	TOTAL	1809-1825	1826-1850	1851-1875	1876-1904	TOTAL
S-V										
Ênclise	1	3	12	23	39	0	0	36	4	40
Próclise	2	6	22	10	40	0	0	19	3	22
% Ênclise	33	33	35	70	49	0	0	65	57	65
ADV-V										
Ênclise	0	0	1	4	5	1	0	11	1	13
Próclise	0	2	8	6	16	0	0	7	1	8
% Ênclise	0	0	11	40	24	100	0	61	50	62
PP-V										
Ênclise	0	0	3	20	23	0	0	19	6	25
Próclise	0	1	7	7	15	0	0	15	3	18
% Ênclise	0	0	30	74	61	0	0	56	67	58
TOTAL										
Ênclise	1	3	16	47	67	1	0	66	11	78
Próclise	2	9	37	23	71	0	0	41	7	48
% Ênclise	33,33	33,33	30,18	67,14	48,55	100	0	61,68	61,11	61,90
Ênclise	4									
Próclise	11									
% Ênclise	26									

Com exceção dos 100% (1/1) do interior, de apenas 1 ocorrência, que não é significativo, verifica-se que, diferentemente, dos dados da costa/culto, com índices similares àqueles apresentados por Pagotto para a primeira metade do século 20. Isso parece confirmar o efeito do português moderno. Essa tendência se mantém em outros contextos por data de nascimento (cf. adiante, a estrutura SV). No gráfico 6.4, comparo esses resultados com Pagotto (1992). Com relação aos resultados da costa/cultos, devido ao pouco número de dados no primeiro quartel, agrupo os dois primeiros quartéis. Em CB (costa culto) verifica a mesma tendência em Pagotto. Os dados do interior/semi-culto se concentram nos dois últimos quartéis do século 19 e embora, aparentemente siga a mesma tendência, é também nesse grupo que a ênclise é generalizada nos contextos de variação.



O gráfico 6.5 mostra a comparação com Pagotto (1992) e CTB (2005) e CB (costa/culto versus interior/semi-culto). Essa comparação evidencia, de forma de interessante, que a curva referente ao português europeu aparentemente se repete no português do Brasil, tanto em Pagotto quanto em CB, mas com relação à CB com uma diferença de tempo, como se vê no gráfico.

Gráfico 6.5



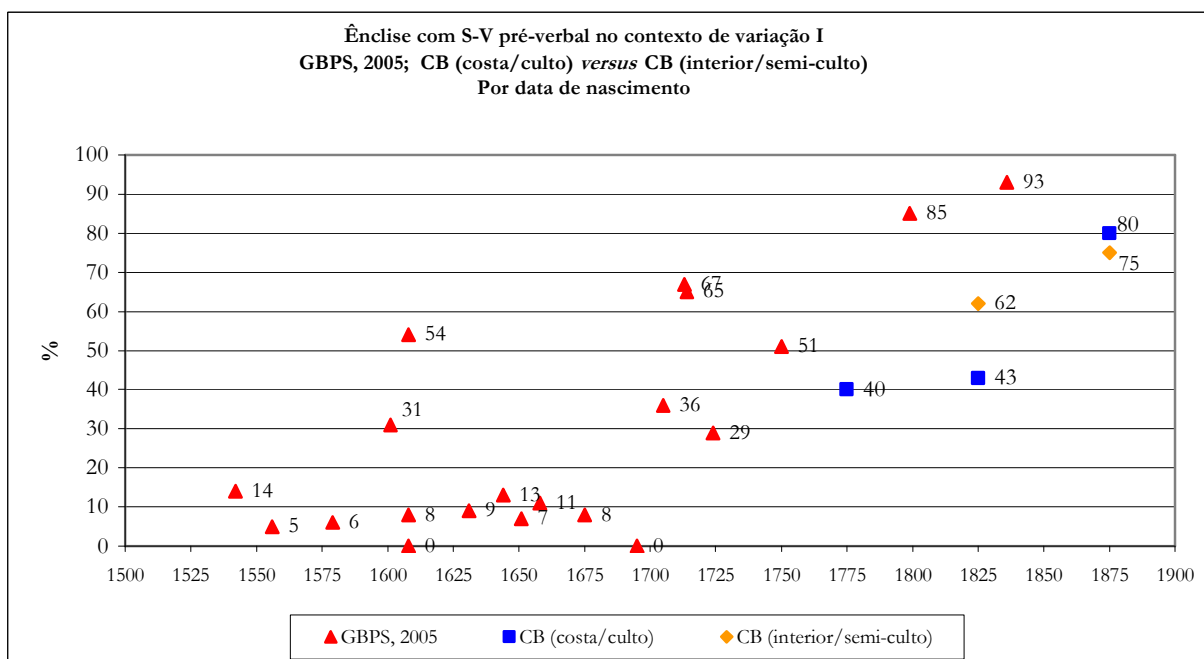
Passo a apresentar o comportamento em separado das construções Suj-V pro data de nascimento dos remetentes.

Tabela 6.8 Ênclise/próclise em sujeito pré-verbal: CB (costa/culto) versus CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento

Data de nascimento	Contexto de variação I									
	Cartas da costa/culta					Cartas do interior/semi-culto				
	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL
S-V										
Ênclise	4	19	8	8	39	0	28	12	0	40
Próclise	6	25	2	7	40	0	17	4	1	22
% Ênclise	40	43	80	53	49	0	62	75	0	62

Destaca-se a linha média a subida da ênclise no português da costa, acima do percentual apresentado no interior no gráfico 6.6.

Gráfico 6.6



Na tabela 6.9 seguinte, separo as construções SV com o clítico SE e comparo também com os resultados de GBPS (2005). A influência do clítico se para a ênclise foi apontada em estudos sobre o português brasileiro contemporâneo (cf. capítulo 3).

Tabela 6.9. Contraste entre os sujeitos com o clítico SE e os outros tipos: CB (costa/culto) versus CB (interior/semi-culto)

	Raízes declarativas afirmativas, principais Contexto de variação I em construções X-V					
	Cartas da costa/culto			Cartas do interior/semi-culto		
	Próclise	Ênclise	Total	Próclise	Ênclise %	Total
Sujeitos com SE	6 38%	10 62%	16	5 26%	14 74%	19
Outros	34 54%	29 46%	63	17 40%	26 60%	43
Subtotal	79			62		
Total geral	141					

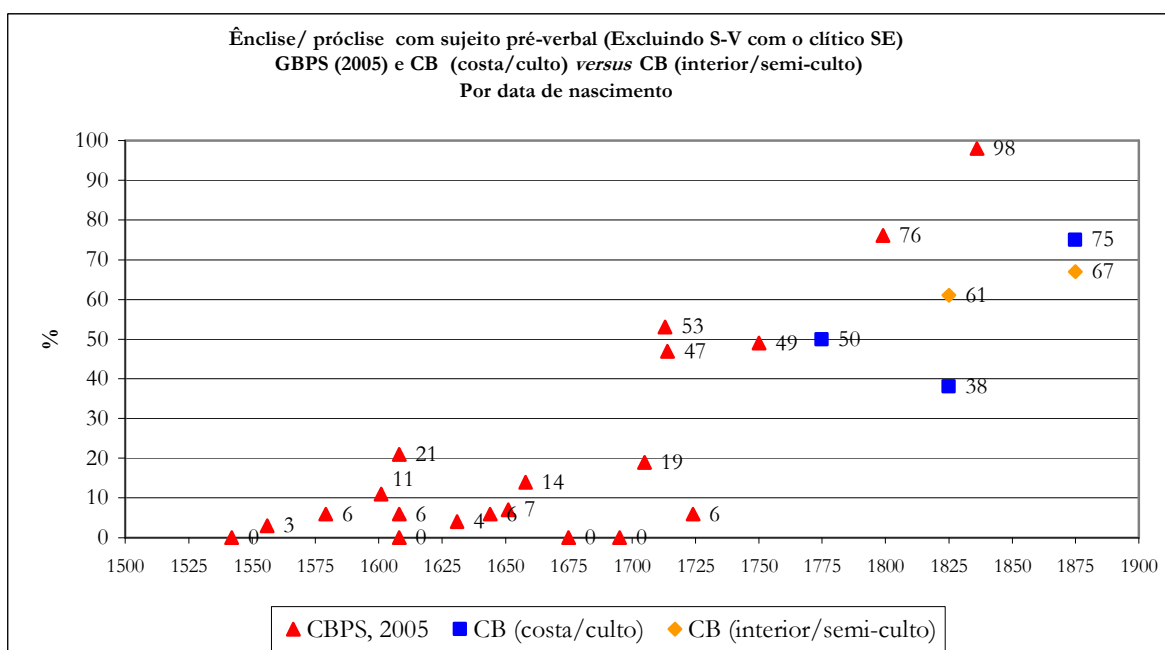
A tabela 6.10 seguinte traz os resultados por data de nascimento.

Tabela 6.10 Ênclise/próclise com sujeito (excluindo o SE): CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento

Data de nascimento	S-V excluindo o SE									
	Cartas da costa/culto					Cartas do interior/semi-culto				
	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL
Ênclise	3	14	6	6	29	0	20	6	0	26
Próclise	3	23	2	6	34	0	13	3	1	17
% Ênclise	50	38	75	50	46	0	61	67	0	60
TOTAL	6	37	8	12	63	0	33	9	1	43

A comparação com o português europeu é mostrada no gráfico seguinte. Depois de uma curva linear, sobe o percentual de ênclise na segunda metade do século 19.

Gráfico 6.7



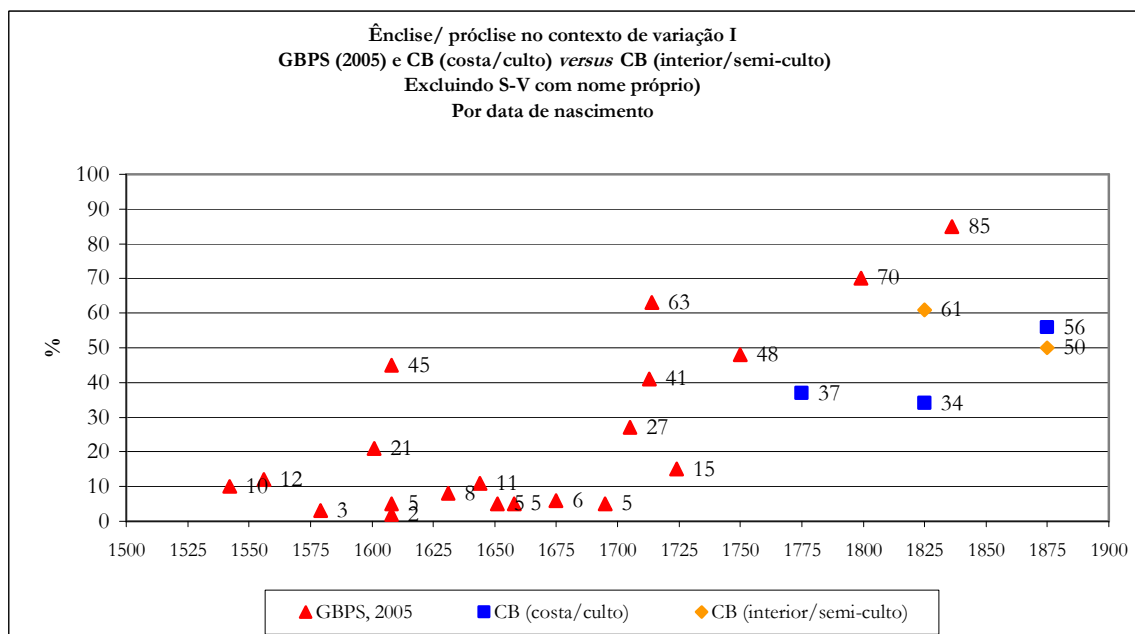
A tabela 6.11 seguinte apresenta o contexto de variação sem as ocorrências de SV com nome próprio.

Tabela 6.11 Ênclise/próclise no contexto de variação I: CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto), excluindo S-V com nome próprio. Por data de nascimento

Data de nascimento	Contexto de variação I									
	Cartas da costa/culta					Cartas do interior/semi-culto				
	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL
S-V (excluindo sujeito nome próprio)										
Ênclise	3	11	2	4	20	0	20	4	0	24
Próclise	6	20	1	6	33	0	12	3	1	16
% Ênclise	33	35	67	40	38	0	63	57	0	60
ADV-V										
Ênclise	0	2	0	3	5	0	12	1	0	13
Próclise	2	9	3	2	16	0	8	0	0	8
% Ênclise	0	18	0	60	24	0	60	100	0	62
PP-V										
Ênclise	0	7	7	9	23	0	25	0	0	25
Próclise	0	9	3	3	15	0	16	2	0	18
% Ênclise	0	44	70	75	61	0	61	0	0	58
TOTAL										
Ênclise	3	20	9	16	48	0	57	5	0	62
Próclise	8	38	7	11	64	0	36	5	1	42
% Ênclise	37,5	34,48	56,25	59,25	42,85	0	61,29	50	0	59,60
Total Geral	11	58	16	27	112	0	93	10	1	104

O gráfico 6.8 demonstra a queda dessa construção na variante do interior/semi-culto.

Gráfico 6.8



As ocorrências exemplificam a colocação dos clíticos em SV com nome próprio na amostra da costa/culto e no interior/semi-culto.

(6.9) Costa/culto: ênclise

a. O Cesar mandou-me hu)a| conta honte de dous Sobrecazacos, refuguei-a, *por que* apesar| da fraqueza²⁸⁵ de *minha* memoria, recordei-me que Vosmice recambiara a| preta, *por* não lha-haver encomendado, dando-a ao Professor| para a - levar; mas este usa della, e á Cesar dice que dalli hou-|vesse a paga. quando tiver mais vagar, mandarei a minha| conta. Eu passo mal do meu peito. carta 13

b. O Netto douctorou-se em| Pisa; deo um passeio na Italia, e|em Junho volta *para* Pernambuco,| de *presente* aqui se axa e com saude,| dado aos seus romanismos. carta 32

c. O Flores | **escreveu-me** que acompanharia a| Mitre. carta 44

d. OSr. Visconde de Tamandaré fal-| tou-me, é verdade, em um Aviso, que na opi-|nião d'aquelle Visconde, parecia derogatorio| do ajuste anterior. |carta 46

e. O Amigo Visconde de Carvalhido man=| da-lhes *mnitas* lembranças _ carta 88

f. O Zinho pede-me | o cavallo foreiro e o outro. |147

g. OVictor disse=me | ter=lhe ouvido, e| hoje li no Jornal| de Noticias de hon-|tem que vão os li-|bertos cumprimen-|tar=me amanhã. | Imagina o effeito de| tal noticia sobre meos| nervos. Eu *que* tenho| deixado de vir á cidade| ver as festas, só *para*| poupal=os!| 163

h. O deputado Pereira de| Brito, de Pernambuco, pediu-me | que lhe entregasse o officio| junto interessando-me ao| mesmo tempo pelo seu benigno| acolhimento. |carta 20

i. Confidencial O Vergne fallou-me hontem, ao chegar| de um negocio qua ahi tem e que segundo o que| ouvi está em mão pé. carta 256

j. O Odilon fez-se fazendeiro; comprou fazenda| em Franca por 170:000 *reys* e vai *mnito* contente| entre os pés de café e a clinica, que, suppo-|nho, lhe vai dar bons fundos, pois o unico| instrumento, que ahi hoje me mandou pedir,| foi um Speculem anal. carta 273

l. O Neiva procurou-nos em teu nome, e| deu-me os pesames| e á *minha* familia. carta 286

m. Não sei se é caso de| tal recusa; mas o Leitão da Cunha | **assevera-me** que o interpoz com fun-|damento constitucional, como verei| pelas razões que elle mandou impri-|mir para se fazer a respectiva dis-|tribuição pelos juises. carta 289

²⁸⁵ Borrado.

n. O Paula mostrou-me uma carta | sua sobre um topico do Relato-|rio de Martinho, assim como | um officio seu ao Campos Salles,| protestando conta o que d'elle | consta. carta 289

o. O Rui mandou-me | um cartão de visita, | quando cheguei e pelo Car|los mandou-me pedir | que eu fosse jantar | com elle domingo (5 de | outubro,) para conversar|mos sobre as bases do|7v.requerimento de informações | e do protesto, que elle| enunciará da tribuna | do senado contra esse pretendido direito da | União a 18:00:000\$ | de garantia de juros á | retra[...] Inglesa. | carta 289

(6.10) Costa/culto: próclise

a. Osorio me escreve com data de 2, um | tanto queixoso de lhe mandares officaes | paisanos e <de> lhe teres suspenvido o direito | de dar patentes de comissão, quando elle | estava creando artilheiros para as | baterias novas. carta 49

b. Mitre os mandara como explora- | dores para policiarem; e elles | quizerão fazer uma acção d'eilat | e pensárao que lhes bastava | desembainhar a espada para | fazerem fugir o inimigo. | carta 57

c. O Antunes lhe responderá. carta 57

e. O Nery te participará tudo. carta 64

f. A Felicia te dará o abraço, que pessoalmente | eu teria dado se não fosse a vinda do Saldanha | pela molestia de Lourdes. carta 275

(6.11) Interior/semi-culto: ênclise

a. P.S. | o Sr. Fasano envia-lhe | muitas recommen | dações. | O mesmo | carta 311

b. Nada *mais* José Amg | rico, Dr. Americo, acha-se em Serrinha com os *familiares*[...] |²⁸⁶ logo que souberam da noticia. Adeus, pode *Vossa Excelência* dis | por do Criado amigo | carta 321

c. O Dr. Urpia retirou-se | no dia anterior- | Gallo |²⁸⁷Antero de Cirqueira Gallo |²⁸⁸ carta 321

a. P.S. o Dr. Urpia pede-me para | pedir-lhe uns sellos velhos do | tempo da Monarchia, basta | do *somente* 2 de cada quallidade; | sendo o *mais* breve possivel - | não sei *para* que será | Antero²⁸⁹ | carta 324

b. O Conselheiro conser- | va-se no seu solio dan | do suas ordens e baxou | uma ordem do dia dizen- | do a seus adeptos, que lo | go que acabasse esta | lucta iam arrazar tudo | desde o Cumbe, Monte | Santo, Pombal, Tucano, | Soure!! e Itapicurú, e | fazendo brinde das se | guintes propriedades: | 3r. 5 | as fazendas pertencentes a Jose | Americo e Dr. Americo, ao | frei Matheus – Propiedades e En | genho do Coronel Antonio Ferreira de | Britto em Pombal à João Abb | ade, o seu Engenho Camocia | tá depois de assassinar-lhe, | a Jose Villa nova – e outras | *mais* propriedades a outros. | carta 319

c. O Coronel Mo | reira Cezar e Tamarindo, por- | taram-se heroicos e denoda | 2r.damente. carta 320

²⁸⁶ Papel dobrado, conferido no arquivo.

²⁸⁷ Grafismo.

²⁸⁸ Grafismo.

²⁸⁹ Grafismo.

d. O Mar|celino escreveu-lhe: Aqui vamos dis-|posto ao que *Deus* quizer; farinha | a 40\$000 (hoje)!!! até onde vamos. | 1v. carta 329

e. P.S. O Dr. Uripia visita-o | carta 329

f. Antônio Ro|drigues mostrou me um pedido seu | (por prevenção) dei os nomes. | carta 344

g. O General Euphrasio embarcou-|se hontem com a familia para o Rio. | carta 367

h. O Doutor Lago-| disse-me que seguia *para* | o Conde no dia 25, e na Ab-|badia, o Argemiro pedio ao|2r. Conselheiro Couto para man-|dar um dos nossos amigos | para guial-os alli, e até o-| fazer esta, não soube qual será o que vai, nem *mesmo-|* sei se hirá algum. carta 370

i. O Felipino res-|pondeo-me *que* a vender cá-| vende aqui *mesmo* i não sai | para fora. Consta me *que* | seos serviços do Alegrete es-|tão findos, de portêras tranca-|das. *Adens*, saude lhes | desejamos com toda *Excelentíssima Família* | Seo *Compadre* | amigo *obrigadíssimo* | Marcelino Pereira de Miranda |²⁹⁰ carta 468

j. Do *mesmo* criou-se um | directorio *para* o Partido com | a denominação de Catho|lico sendo o Vigario | escolhido chefe e o Elpi|dio vioce chefe se bem | que este disse-me não | aceitar. Com a vista | conversaremos a respei |to de tudo *quanto* dis res |peito a Política de aqui | carta 494

l. Aristides escreveme | dizendo que tinha-mos | qualificação, porem the a|qui não recebi officio | *para* isso, e se veio foi an|tes de sermos nomiados. | carta 496

(6.12) Interior/semi-culto: próclise

m. Com a pena não posso discrever. | O Marcelino lhe explicará melhor | *pois* o official está em caza d'elle. | carta 332

n. O Doutor Reis Magalhães lhe telegraphou no | dia 7, avisando-lhe os acontecimentos que derão-|se no Rio, e eu lhe escrevi no *mesmo* sen-|tido; se não recebo, foi então destraviada[*]²⁹¹ | *minha* carta. carta 379

o. O Doutor Americo Gomes me escreveo pedindo votos e exigindo | logo *antecipadamente* resposta, que acha *Vossa Excelência* d'essa ur-|gencia? motivo que me foi não lhe dar votos. | carta 416

p. O compadre Joaquim Cardozo lhe | pede que mande pagar | sua assignatura de Gas|ta, *que* brevemente lhe envia | a importancia, e lhe envia | visitas. | As²⁹² ordens fica o seo. | *Compadre* amigo obrigado. | José de Góes |²⁹³ carta 437

q. Diversos censurarão o procedimento | dotal *capitam* e o Seixas me garantiu | nada haver porque fallaria ao *General* Barbosa. | carta 448

r. João Ramos medisse *que* hia es | crevêr-lhe pedindo escusa da De | legacia, eu aconselhei-o *que* não fi | sesse, *pois Vossa Excelência* muito o considera e | n'este sentido o nomeará, não | sei se mandará. | carta 459

²⁹⁰ Grafismo.

²⁹¹ Por “extraviada”.

²⁹² Rasurado.

²⁹³ Grafismo.

Com a exclusão de sujeitos com nome próprio no contexto de variação I, a curva na amostra do interior passa a ser descendente, fato que não ocorre com a amostra da costa, apesar da diminuição da frequência.

No item seguinte, mostro as construções do contexto de variação II, a saber: orações raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas e construções com verbos precedidos de oração reduzida ou desenvolvida. O contraste se dá entre os tipos de segundas coordenadas. A conjunção “**mas**” é a que mais favorece a ênclise em ambas as amostras (78% na costa e 100% no interior), seguida da conjunção “**e**” (costa 56% e 65% no interior). As demais apresentam ênclise de 36% (costa) e 48% (interior).

(6.13) Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas sem conectivo: costa/culto

a. *Vossa Senhoria* não se lembrou mais| do que me prometeo em Fevereiro 1900| quando encontrou se comigo em| Campestre que subia para o Geral|do com Sr. Barrow, neste dia *Vossa Senhoria* apresentou-me a elle e prometeo| me um lugar de fiel <e amanuense> da Alfandega| ahi na Bahia, **perguntou me** se| eu tinha fiança de 3000:000 eu lhe| respondi que tinha, creio que| de mirar sem recurso para dar| comer os filhos não sei o que| será só o desaparecimento para não velos| morrer a fome|De *Vossa Senhoria* Amigo Velho e obrigado| carta 276

(6.14) Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas sem conectivo: interior/semi-culto

a. Sua Comadre vai com milhora, os *mais* sem| novidade. Seguirão os chefes, na sema|na *proximpassada*, para conferenciarem com o João| Dantas; chegou o *Monte Santo* na 4ª feira, e o Ricardo| 5ª; procurei sondar este, **achei-o** um| pouco indiciso; no dia seguinte inter|pelei-o sobre o passado com o Agripino,| respondeu-me *que por* forma alguma com|sentiria o rompimento do Agripino com-| Benigno, e *que por* sua parte tinha escripto| ao João dos Reis {pelo Benigno *que seguio para Bahia*} | *que* o dever pulitico oobrigava á acompa|nha-lo; e o Christão o chamava a suas fi|lheiras; pelo *que* estava disposto a dividir o| seo contingente- *porem que* só na chegada| 1v.do Benigno poderia diserme o *que* faria| ao certo. carta 335

(6.15) Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas com verbo precedido de conectivo: costa/culto.

a. Tem paciencia, que o que te| digo he de amigo e **digo-t’o** | só a ti. |carta 63

b. Já escrevi a*Vosmice*, e **lhe dei** parte de| ter vendido a sua parelha de Cavalos por 300\$000 Reis para o| Marquez deSanto Amaro, tomei esta resolução, meditando nas ava-|rias, á *que* são sugeitos os folegos. carta 13

c. Para satis|fazer este triplicado fim, passarei ainda na Belgica, e vezitarei a Hollanda, a Prussia,| Allemanha, e Suissa, e **me recolherei** a Italia à fim de ali procurar azilo contra o inver-|no. carta 32

d. Veja isso e **me escreva**-| carta 289

(6.16) Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas com verbo precedido de conectivo: interior/semi-culto.

a. Nunca esquece-| rei o *que* recebi d'esses Senhores;| *porém*, como o homem *que* se involui| nesta miserável política, não| tem sentimentos, eu, coro a face,| e **abrolhes** os dentes.| carta 337

b. *Tenho* estado *muito* do-| ente de antrazes e **parece-me** | sarna estou em remedio. | carta 390

c. O prejuizo foi inorme, e| **consta-me** que foi cresci-|do nas *fazendas* do falecido *Doutor* | Fiel. carta 419

d. Aceite com a *excelentissima Prima* e| os Primos visitas de Maria| Vivalda e Potamio oqual pede|3v.lance sua benção; e eu saudosamente a todos visito e **abraça-o** | carta 432

e. *Tenho* estado *muito* do-| ente de antrazes e **parece-me** | sarna estou em remedio. | *Adeos* muitas vizitas a todos| carta 390

f. O prejuizo foi inorme, e| **consta-me** que foi cresci-|do nas *fazendas* do falecido²⁹⁴ *Doutor* | Fiel. Se não tiver-mos 5 ou -|mais annos bons, não rehave-|remos o gado *que* perdeo-se-| carta 419

g. *Recebi* sua carta em*que* nos comoni|cava sua rezolução no*que* fiquei| certo, o *dipois* recebi úma carta| do *Doutor* Jose *Gonçalves* convidandome *para*| eu continuar V. sabe que ja temos relaçoens amuito *porém* **respon|dile** *que minha* politica he touda| pessoal *que* *por* isso me disculpace| que V. retirado eu tão bem| *pois* estava certo não encontra|ria outro *que* me prestace igu|al considiração embora eu|1v. não fosse merecedor, mas| como a eleição estava perto²⁹⁵ *que*| meprestaria aesta depois| que lhevisse *por* que não sei| seo ceo *ricentimento* he deforma| que eu oacompanho em [to]²⁹⁶|do centido carta 403

h. Peço por tanto recommendar-me aos| *Doutores* Jâjão, e Totonio e receba *Vossa Excelência* e a *Excelentissima* Senhora Baroneza, recommmen-|dações minhas e de minha humilde com-|panheira, e **nos queirão honrar** sempre| com suas amisades. | carta 313

i. Sentimos *que* não encontrásse o Sertão nas condiç|ções que esperáva *que* desejavamos – mas já desconfiá|vamos que isto se daria, porque na occasião de sua| partida chegou de lá o *Coronel* Chichi e **me deu** a triste no|ticia que *VossaExcelência* acaba de confirmar; aopasso que *por*| aqui as chuvas tem sido abundantes e continuadas, *por*| fôrma a tornárem os caminhos quasi intransitaveis. | carta 352

j. Escrevi-lhe a semana passada para Ala-|goinhas e **lhe remetti** 6 gazetas, o “De-|bate” que o *Doutor* Ribeiro dos Santos deo-me| para lhe mandar. Passamos regular[mente]²⁹⁷| graças a Deos. carta 378

²⁹⁴ Rasurado.

²⁹⁵ Por “certo”.

²⁹⁶ Corroído.

²⁹⁷ Rasgado.

A tabela 6.12 mostra os dados globais do contexto de variação II: raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas por amostra: costa/culto *versus* interior/semi-culto.

Tabela 6.12 Ênclise/próclise no contexto de variação II, raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas e com verbo precedido de orações dependentes reduzidas e desenvolvidas: CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto)

	Contexto de variação II					
	Cartas da costa/culto			Cartas do interior/semi-culto		
	Próclise	Ênclise	Total	Próclise	Ênclise %	Total
Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas com verbo precedido de conectivo	19 29%	47 71%		18 27%	49 73%	
Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas com verbo em posição inicial	1 5%	19 95%		3 9%	32 91%	
Ambas as raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas	20 23%	66 77%	86	21 21%	81 79%	102
Or. V (verbo precedido de oração reduzida ou desenvolvida)	17 28%	43 72%	60	5 25%	15 75%	20

O contraste entre ambas as coordenadas visto globalmente não é significativo, assim como os ambientes em que o verbo é precedido de oração.

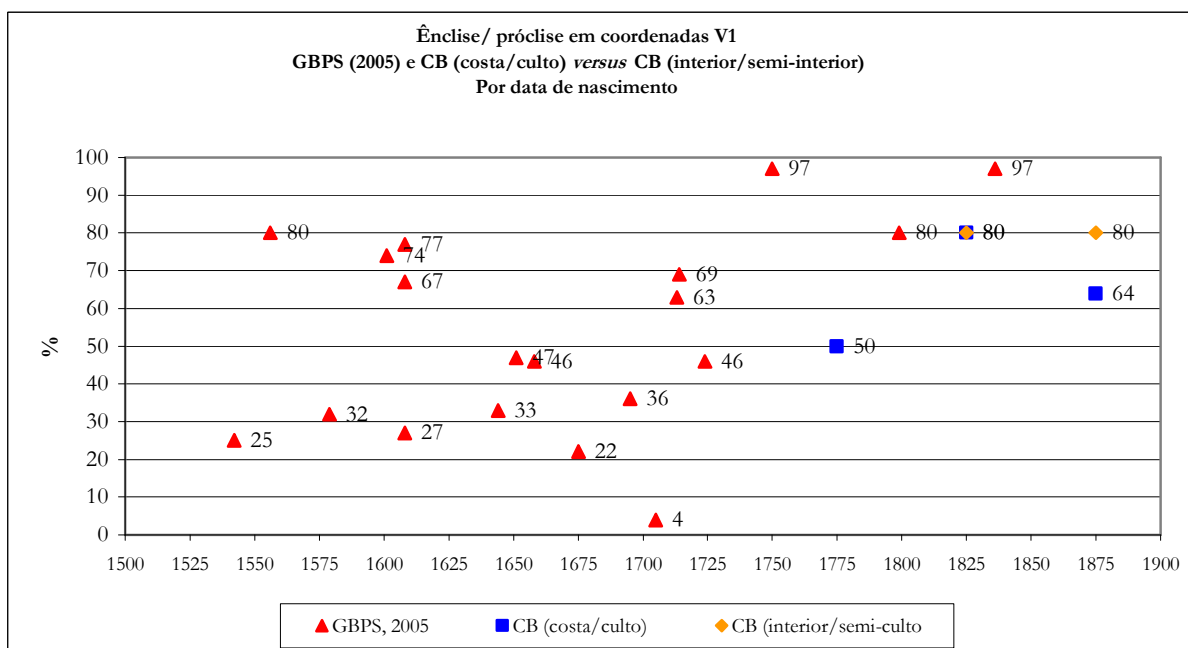
Esses dados do contexto II: raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas são vistos abaixo na tabela 6.13 com base na data de nascimento e comparados adiante com os resultados de GBPS (2005).

Tabela 6.13 Contexto de variação II, raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas: CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto). Por data de nascimento

Data de nascimento	Raízes declarativas afirmativas, segundas coordenadas									
	Cartas da costa/culto					Cartas do interior/semi-culto				
	1724-1750	1800-1849	1850-1880	Data não identificada	TOTAL	1724-1750	1800-1849	1850-1880	Data não identificada	TOTAL
Ênclise	4	47	7	8	66	0	72	8	1	81
Próclise	4	12	4	0	20	0	18	2	1	21
% Ênclise	50	79,66	63,63	100	76,74	0	80,0	80,0	50,0	79,41
TOTAL	8	59	11	8	86	0	90	10	1	102

A ênclise categórica apresentada na costa para o ano de 1750 na amostra culta não é significativa porque se refere a apenas a 1 dado.

Gráfico 6.9



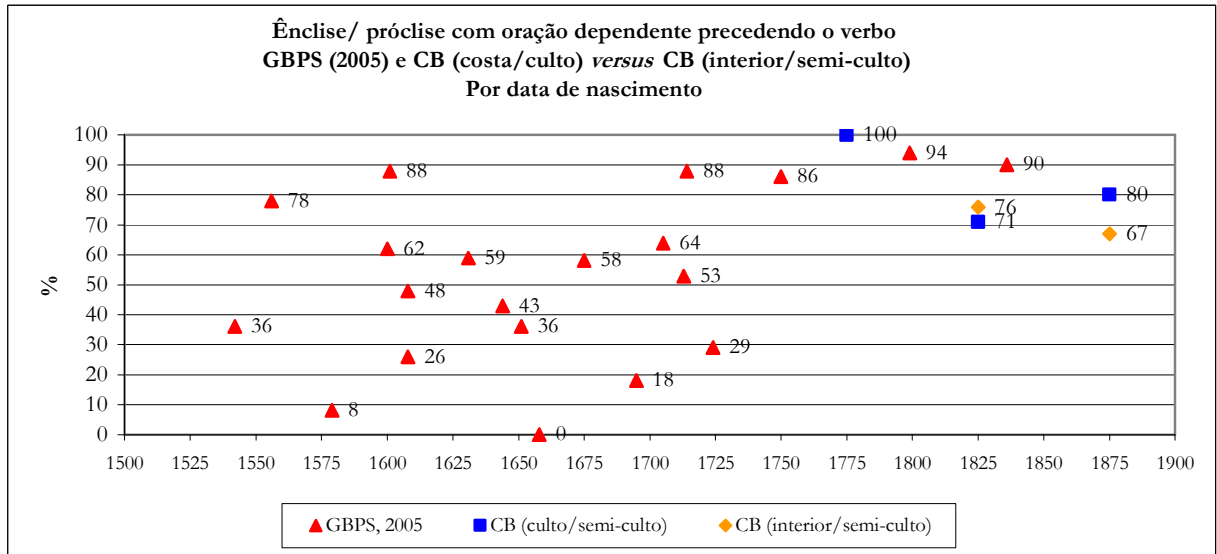
No segundo ambiente de variação II com verbos precedidos por orações dependentes reduzidas e desenvolvidos, a costa apresenta um percentual inferior ao da amostra do interior.

Tabela 6.14 Contexto de variação II, verbo precedido de orações dependentes reduzidas e desenvolvidas. Por data de nascimento

Data de nascimento	Verbo precedido de orações dependentes reduzidas e desenvolvidas									
	Cartas da costa/culto					Cartas do interior/semi-culto				
	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL
Ênclise	1	24	8	10	15	0	13	2	0	15
Próclise	0	10	2	5	5	0	4	1	0	5
% Ênclise	100	71	80	67	75	0	76	67	0	75
TOTAL	1	34	10	15	20	0	17	3	0	20

O gráfico 6.10 apresenta a comparação com GBPS (2005). A ênclise categórica na amostra da costa entre os remetentes nascidos por volta de 1750 não é significativa, porque se refere também a apenas 1 dado. Nesse caso, a amostra do interior apresenta tendência de queda em relação à amostra culta.

Gráfico 6.10



6.2.3 Variação na colocação dos clíticos em contextos não variáveis para a próclise na amostra do interior/semi-culto

A ênclise também ocorre em orações de próclise categórica no português europeu. Nota-se que aparecem mais ênclises “indevidas” nos dados do interior/semi-culto que nos dados da costa. Esses dados parecem estar de acordo com o fato de os mesmos dados do interior apresentarem mais construções “do português brasileiro”, como mostrado adiante. Ou seja, os dados do interior têm mais construções brasileiras, e indícios de aquisição imperfeita. Estão, entretanto, no geral, em número bem inferior com o que se esperaria do português europeu contemporâneo.

Tabela 6.15 Classes de constituintes que precedem o verbo no contexto de não variação: CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto)

	Orações matrizes e principais Contexto de variação I em construções X-V					
	Cartas da costa/culto			Cartas do interior/semi-culto		
	Próclise	Ênclise	Total	Próclise	Ênclise	Total
AD-V verbo precedido de advérbios modais	14 78%	4 22%	18	18 86%	3 14%	21
Q, Foc verbo precedido de partículas focalizadoras e quantificadoras	17 77%	5 23%	22	18 72%	7 28%	25
X-V verbo precedido de complementos e predicativos	2 67%	1 33%	3	6 60%	4 40%	10
Subtotal	34 77%	10 23%	44	41 75%	14 25%	55
Total Geral	99					

O contexto em que o verbo é precedido de constituintes pelo clítico, registra apenas 1 ocorrência com ênclise em cada uma das amostras, no entanto, a próclise prevalece na amostra da costa/culto, 67% (2/3).

Tabela 6.16 Próclise/ênclise em orações dependentes: CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto)

Tipos de dependentes	Cartas da costa/culto			Cartas do interior/semi-culto		
	Próclise	Ênclise	Total	Próclise	Ênclise	Total
Conectivo nulo	23 79%	6 21%	29	9 56%	7 44%	16
Relativas	261 88%	36 12%	297	151 75%	49 25%	200
Completivas	165 91%	16 9%	181	84 85%	15 15%	99
Clivadas	6 100%	-	-	5 83%	1 17%	6
Adjuntas e outras	96 90%	11 10%	107	78 67%	39 33%	117
Total	620			438		
Total Geral	1058					

Os exemplos estão distribuídos por amostras.

(6.17) Costa/culto

- a. Porem a liberdade de apresentar a | *Vosmice* e aos nossos parentes e amigos como | candidato na proxima eleição para De|putados provinciais o Dr. Manoel | José dos Reis, que acaba de ser depu|3r.tado na legislatura que **findou-se** | por esta capital, onde reside e é advu|gado. carta 126
- b. As ophthalmias | invadem todas as partes do olho, *porem* em graós *differentes*, | *principalmente* são *muito* pronunciadas na conjuntiva, | debaixo da *qual* **formão-se** *algumas* vezes pequenos abces- | sos, *que* podem abrir-se com uma lanceta, e que | *algms* oculistas aconselham tocar estas especies de | pustulas com nitrato de prata – carta 130
- c. Em virtude | do *que* **informou- me** e verbal- |mente o nosso amigo Florindo so- |bre o estado de sua presada | Filha receitei o vinho de qui | na ferruginoso de Moitier- | si por ventura não melho- | rar me comunique para appli- | car outro remedio-131

(6.18) Interior/semi-culto

- a. Estive de viagem *para* ahi, *porem* | no dia anterior a *minha* viagem | adoicir de uma constipação | de cujo emcomodo **acho-me** | radicalmente curado. carta 324
- b. A pelle aqui | está, assim como um chapeo *que* | o João-sinho **emcomendou-me.** | ainda não foram por falta de *portador* | carta 325
- c. Tenho em mão seo favor de 11 do *andante* | *que* muito **alegroume** *por* saber que a | *Exceletíssima* Comadre já vai melhorada; Deos | e sua Santicima May lhe prolongue | vida e robusta saúde. Dei distino | as cartas *que* vierão, bem como, as *que* vi | erão pelo *Compadre* Jose Americo. | carta 334
- d. Vivo sempre resignado com os infor- | tunios da sorte, Deus um dia se com | padecerá de mim! Já tinha sabi- | do da traição que a ultima hora **fez** | -**lhe** o *Doutor* João Dantas, não me causan- | do porém admiração. carta 357
- e. Recebi hoje²⁹⁸ uma carta de Bar-|retto datada de 25 do mez findo, | onde **dizeme** que alguns²⁹⁹ <desses> Generaes | tem pedido demissão dos Cargos | que estavam occupando, motivo | pelo *qual* corre com *muita* insistencia | no Rio, que querem proclamar | o Marechal Floriano Dictador; | más acressenta elle que não crê. | carta 365
- f. Consta que os adversarios estão pro- | cedendo a apuração da eleição d’essa[...]³⁰⁰ em Caxoeira, para tambem serem [di]- | plomados, como os nossos *amigos*. Nen- | hum só adversario apresentou-se hoje | na apuração que **procedeo-se** aqui, e | nem tão pouco prottestarão, pelo que³⁰¹ | tanto melhor foi para nós. carta 366
- g. Examinei | o n° do bilhete *que* **mandou-me**, e está bran- | co. carta 367

²⁹⁸ Rasurado.

²⁹⁹ Rasurado.

³⁰⁰ Rasgado.

³⁰¹ Corroído.

i. No dia 23 foi-me entregue sua carta de 16 d'es-|te, em resposta a *minha* de 12, a qual **deo-me muito** | prazer *por* saber que com toda *Excelentíssima* familia gosa-|va saude, aceitando nossas sincéras visitas-| e saudades. Permitta escrever-lhe esta n'es-|te papel sem ta[r]³⁰²ja, por não ter hoje outro-| em casa. carta 377

j. Tendo havido ultimamente algumas | alterações na magistratura do nos-|so Estado, como sejam, remoções, no-|meações, etc, e estando eu com| o meo parente *Doutor* Raul Passos,-| *que* é promotor do Tucano, este-|1v.mostrou-se-me receioso de ser remo-|vido da comarca onde serve, por per-|tencer ella ao 5º districto, onde V. é| influencia politica; pelo que eu| **disse-lhe** que não havia motivo pa-|ra receios, visto como estava certo *que*| V. não o perseguiria. carta 394

l. Para aproveitar | o vaqueiro do jacurici | fasço esta a *Vossa Excelência* pro|curando suas noticias | e responder-lhe[...]³⁰³ a uli|ma carta *que dignou se* | mandar-me pelo Fran|celino do Saturno, que | lá, soube, da viagem | delle *para* ahi, depois | da saida delle por | dizer-me meu Irmão Paulo. carta 397

m. Pelo correio chegado hoje recebi a presada carta de *Vossa Excelência* de 28 do mez | *proximo passado* que **cauzou-me** contentamento pela certesa que tenho de ficar gosando | saude e a *Excelentíssima Senhora* Baronesa a quem respeitosa-mente comprimento e visito | carta 415

n. No Patamute | tem chovido bastante verde o *qual* | estende-se até o *São Francisco*. | De Cachaqui, Curral velho, | 4r. até o Uauá, ha *somente* verde [...] ³⁰⁴ | de ramos e capim pequeno. | O prejuizo foi inorme, e | consta-me que foi cresci-|do nas *fazendas* do fallecido³⁰⁵ *Doutor* | Fiel. Se não tiver-mos 5 ou -|mais annos bons, não rehave-|remos o gado *que* perdeu-se-|A *Senhora* do Cezar tem está-|do bastante duente, e serio | o mal. | carta 419

o. O prejuizo foi inorme, e | consta-me que foi cresci-|do nas *fazendas* do fallecido³⁰⁶ *Doutor* | Fiel. Se não tiver-mos 5 ou -|mais annos bons, não rehave-|remos o gado *que* perdeu-se-|A *Senhora* do Cezar tem está-|do bastante duente, e serio | o mal. | carta 419

p. Li seus artigos, e o uli|mo, embora verdadeira a sua | narração fez-me ficar re|ceioso de sua pessoa, em vista | da exaltação do povo com | aquelles acontecimentos, | suppondo o tirano capaz | de instigar o povo e no for[...]³⁰⁷ | para vingar-se de [...] ³⁰⁸ | mas depois da chegada do | *compadre* Joaquim Cardoso, que | **disse-me** estar e exercito | consigo e o *Doutor* Jose Gonçalves, des-|cansei dessa *minha* apprehen-|são. | carta 439

q. Confirma-se que alli existem | as melhores armas e já hão sido | muitos mortos por ballas [...] ³⁰⁹ explo-|sivas cujas **assemelhão-se** | do estourar de foguetes.³¹⁰ | carta 454

r. Depois da que accusa escripta | por mim com data de 21 de *Jumbo* faltan-|do lhe ser entregue 1 ou 2 entre 6 e 16, | já enviei-lhe uma escripta em *Alagoinhas* | a 24, e duas depois de meu regresso | Nas ultimas dava-lhe conta do que | aqui soube relativamente aos combates | e citei-lhe diversos nomes dos que | havião fallecido, dos feridos ect, entre | os quaes **achão-se** amigos seos. | Além desses, hoje

³⁰² Rasgado.

³⁰³ Rasura.

³⁰⁴ Rasurado.

³⁰⁵ Rasurado.

³⁰⁶ Rasurado.

³⁰⁷ Rasgo.

³⁰⁸ Rasgo.

³⁰⁹ Rasurado.

³¹⁰ Rasurado.

soube mais da morte | do capitam João Gutierre que era secretario | ou ajudante do general Barbosa e do Tenente | Meirelles e capitam Barbosa d'arma de artilharia. | carta 455

s. Tive carta de meu procurador | Manoel Dionizio, do dia 12 do corrente; | na qual **dizia-me** que o Governador | já tinha despachado todos os meus pã | peas, e que o Thesouro já tinha conta | do o tempo de serviço e dado d'isto a | certidão; creio só faltar o Decreto de | minha jubilação.. carta 457

t. O Gallo quer recrutar o sugei|to guarda costa do Jose Gonçalvez a que **des | feitiou-o**, porque este vae casar-se sabbado eadquire inzenções; eu| era de opinião mais adiante, por tanto se succeder esteja previni|do. O Jose Filbo do Manoel piraú, an|da nas quinas da rua lendo a| correspondência do Jose Dantas contra VossaExcelência| e elles gostando e fasendo alarde| isto é, Julio, Vigario Bento muitos porem | depois que cheguei não tive afortu|na de vêr, já tinha passado.| carta 458

u. Não |3v. apressei logo em responder aespera| de seo portador que disse-me voltava bre-|ve, aopasso que muito **demorouse**. | carta 464

v. E vamos bem com | o Vigario. Quanto a ex|cluzão de VossaExcelência nem | elle pretendeu e ainda |2v. que pretendesse não o conse |guiria inta[?]tum>. A esta | acompanha a copia da acta | da Eleição, que **parece-me** | estara conforme. Se | bem <não< dizem empenhei fiz oque | pude, e lembrado da fra|queza humana que | é proprio da natureza | cair em falta e por isso | descupará a | Não houve | precizão |da vaca |³¹¹De VossaExcelência seu Amigo |e fiel criado |Victor Marcolino de Menezes | carta 494

Passo agora a mostrar a colocação dos clíticos em orações com grupos verbais.

6.3 Grupos verbais: comparação entre a amostra da costa/culto *versus* interior/semi-culto

A distribuição geral por tipo de verbo não finito em grupos verbais está na tabela 6.17. Nos itens seguintes, os contextos são visto de forma mais detalhada.

Tabela 6.17 Grupos verbais: verbo finito e verbo não finito: CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto)

Seqüências V finito V não finito	Orações com grupos verbais					
	Cartas da costa/culto			Cartas do interior/semi-culto		
	Próclise	Ênclise	Total	Próclise	Ênclise	Total
Verbo finito + Infinitivo	125 56%	97 44%	222	82 45%	99 55%	181
Verbo finito + Particípio	95 84%	18 16%	113	97 81%	23 19%	120
Verbo finito + Gerúndio	15 88%	2 12%	17	19 68%	9 32%	28

³¹¹ Linha formando um quadrado em torno do adendo.

Total	233 67%	117 33%	352	198 60%	131 40%	329
Total Geral	681					

6.3.1 Elevação e não elevação de clíticos: algumas diferenças

A comparação nas duas amostras evidencia que o interior segue as tendências do português brasileiro. Inclusive os casos estranhos à gramática do português europeu e do português europeu, como visto no capítulo 3 e repetido abaixo, como a ênclise ao participio e a dupla colocação pronominal.

O exemplo (6.19a) consta na carta de Antero de Cirqueira Gallo era natural de Bom Conselho na Bahia, nascido em 5/5/1864, exercia o cargo de escrivão municipal e agente de correio em Tucano, função que seu pai assumiu após a sua morte em 1/6/1899.

(6.19) *PE, *PB

a. O novo Juiz de direito vai indo;|2r. muito Viannista – **tem trata=|do-me** bem, e até aqui| vai indo. Fiquei sciente so=|bre Urpia. Tenho estado com| seus vaqueiros, e disem-me| que há serios prejuisos. –|carta 328

b. Estava rezolvido ir até| o Camuciatá, mas não achei| uma montada sufficiente| para esse fim. O nosso juiz de| Direito vai indo, e segundo o| que **tem manifestado-se** temos| um Pompilio ou pior; disse-me| que havia de contar-lhe aqui em| tudo, e na fuctura Eleição Mu|nicipal não deixaria um governo| obista votar, sobre pena de ser pre|so!!. (rezerva) a *minha* pozição de| Escrivão é critica: Eu respon|di-lhe ao pé da letra, que só| assim elle podia ganhar elei-|ção pela força bruta – e, que| não dispunha de outros ellimeu|tos, e que neste procedimento|2r. seguio o Procopio e depois as| consequencias foram fataes–| carta 330

Assim, como do sertanejo baiano, Benício Penalva de Faria, nascido em 16/05/1847 e morto em 20/02/1925, vereador em Rio Real e primo do barão de Jeremoabo.

c. O *Senhor* Governador, está-| parecendo um governador de bob[ão]| Consta que no Rio tem havi[do]³¹² grande movimento dos E[studan]³¹³-|1v. tes da Eschola militar e os Jacobi[nos]³¹⁴| com a Policia e que alguns offi-|ciaes ou Generaes **tem apresenta-|do-se** em favor dos estudantes; e por| telegramma que vi no Jornal de| Noticias, creio *que* de hontem ou an-|tehontem, diz, estar a Armada de|

³¹² Rasgado.

³¹³ Rasgado.

³¹⁴ Rasgado.

prontidão, pelo que, parece-me| que as cousas lá não vão boas.| Parece-me³¹⁵que aqui haverá ba-|rullo antes do fim de Março,| se o governador intender de fazer| valer sua arbitrariedade.| carta 368

Além de outro dado em uma construção não finita do coronel da Guarda Nacional João Cordeiro d'Andrade, radicado em Jeremoabo, na Bahia, proprietário de terras e intendente em Monte Santo (1892-1894).

d. Não pude ir n'esse| dia e até hoje cumprimental-o, por| **ter saído-me** um leicença no pesco-|ço, junto a nuca, temi viajar. Foi| o Cezar e os outros parentes. Já o-| tinha visto quando veio até junto| da Vila e regressou-se a Queimadas. | carta 422

E o exemplo de dupla colocação do clítico encontrado na carta do baiano, natural de Tucano, Quintino Gallo, nascido em 1819.

e. P.S. se lhe for po çí| vel **mande me nomiar me** | 1º Juis de Pas | carta 476

Vejamos os dados de colocação em grupos verbais segundo os diversos tipos de estrutura na tabela 6.18. A análise das construções de elevação por tipo de clíticos quantificados nas tabelas seguintes indica que ocorre menos elevação na amostra do interior.

Tabela 6.18 Estruturas de elevação/não elevação em orações com grupos verbais:
CB (costa/culto) *versus* CB (interior/semi-culto)

Estruturas	Construções em grupos verbais CB (costa/culto) versus CB (interior/semi-culto)	
	Cartas da costa/culto	Cartas do interior/semi-culto
Elevação de clítico	230 71,42%	171 57,38%
1. cl-V V	174	67
2. cl-VXV	8	7
3. V-cl V	41	47
4. V-clXV	7	2
Não elevação de clítico	92 28,57%	127 42,62%
5. V V-cl	60	67
6. V X V-cl	5	8

³¹⁵ Rasurado.

7. V XX V-cl	3	6
<i>Inovação brasileira</i>		
8. VXclV VXXclV	11	27
9. V cl-V		
Ambíguo		
10. V cl V	13	19
Subtotal	322	298
Total Geral	620	

6.3.2 A inovação brasileira: próclise ao verbo não finito

É na amostra do interior que se verifica o maior número de construções do português brasileiro como a próclise ao verbo não finito ou verbo temático, quase o dobro do que se verifica na amostra culta. Mas nas duas amostras há exemplos inequívocos de próclise ao verbo não finito em construções VXcl-V e VXXcl-V, como (6.19a) da costa/culto, escrita pelo carioca Pedro Luís P. de Souza, nascido em 13 de dezembro de 1839, formado em Ciências Jurídicas pela Faculdade de São Paulo, em carta escrita no P. da Vitória em 25 de julho de 1882, quando exercia o cargo de Presidente de Província na Bahia. O outro exemplo, (6.20a) da amostra do interior, de Gustavo Caldas Brito, em carta escrita em Santa Ritta do Rio Preto, datada de 26 de dezembro de 1890.

(6.20) Costa/Culto *PE, PB

a. **Quero** ainda uma vez **lhe** | **agradecer** as boas e generosas | palavras com que hontem | eloquentemente saudou-me | em nome do povo bahiano! | 166

b. Eu já ando *que* mal **vou me esco** | **rando** de pé – carta 132

(6.21) Interior/semi-culto *PE, PB

a. Li sua correspondencia e a ousada resposta do taturfo João Dantas, | apresentou-se n'este escripto como homem sem macula, porem conto | que *Vossa Excelência* o esmagará e para o faser não será preciso discrever todas | essas [...] ³¹⁶ mazellas! porque em toda sua vida **tem** por artimanhas **se apossa-** | **do** de uma grande parte da fortuna dos que o tem acompanhado | e locupletando-se dos dinheiros dos cofres publicos!: carta 415

³¹⁶ Rasgado.

b. **Me foi entregue** sua carta de 8 do | vigente; é certo que as forças rece-|berão balla e *muita* da garganta de | Cocorobó até Canudos, sendo o | ataque em Cocorobó no dia 25 do *passado* | e houve grande perda nas forças, | tão bem morrendo jagunços, o Coro-|nel Sucupira foi victima de | duas ballas no Trabubu, distan-|te meia legua de Canudos, á lem | de outros officiaes; chegando á | 1v.a Collunna do General Lavaget | a Canudos no dia 27; carta 418

c. **Mefoi intregui** | a Intendencia com o debito de 90 \$ = | e o cofre vazio com 680 reis, d'ahi | para esta dacta comprou-se | 2 fortes, fezse uma istrada cal = | 1v.calsou-se uma rúa, milhorou-se | um banheiro publico, collocou | -se illumination e seos emprega- | dos, e outras *muitas* dispezas inclusi- | ve o custeio dos empregados eguar- | das municipaes que conforme | as contas prestadas sobe a arre- | cadação tal vez a maior de cinco | contas, tendo *actualmente* um cofre | mais de um conto de reis. | carta 462

d. **Mefoi intregue** pello Antero a- | sua presada carta de 1 do- | *corrente* acompanhada com- | 428.000 que fico recebido. | carta 468

e. **Muito tenho medado** com o Tenente e continuo elle | me dice *que* lhe presa e *que* meo *compadre* he | *muito* Amigo do Padrinho e tio delle *que* | mora na esplanada. carta 485

f. Não fosse merecedor, mas | como a eleição estava perto *que* | meprestaria aesta depois | que lhevisse *por* que não sei | seo ceo *ricentimento* he deforma | que eu oacompanho em [to] | do centido Digame como ver | dadeiro amigo com franque | za *pois ja* **tenho lhedito** *que* so V. eso | V. *emais* ninguem. Apareço | breve elhe trazer *odinheiro* do Mel | quides *pois* não oaxeí nas canas | esim navarzia Salgada | carta 403

g. Muito **tenho medado** com o Tenente e continuo elle | me dice *que* lhe presa e *que* meo *compadre* he | *muito* Amigo do Padrinho e tio delle *que* | mora na esplanada. carta 485

h. Não fosse merecedor, mas | como a eleição estava perto *que* | meprestaria aesta depois | que lhevisse *por* que não sei | seo ceo *ricentimento* he deforma | que eu oacompanho em [to] | do centido Digame como ver | dadeiro amigo com franque | za *pois ja* **tenho lhedito** *que* so V. eso | V. *emais* ninguem. Apareço | breve elhe trazer *odinheiro* do Mel | quides *pois* não oaxeí nas canas | esim navarzia Salgada | carta 403

i. Não **te-|nho lhe escripto** supondo ja | se ter regressado *para* o Regalo, | e Camuciatá onde devo *mandar* | Potamio visital-o, a *Baronesa* e os | *Primos*. carta 433

j. Na- | falta do Sabino fiquei com- | pletamente *sozinbo*, *porque* o *Prezidente* | do Conselho não ajuda, sinão e | *unicamente* com a-a signatu- | ra; *para* tal trabalho **tem me-|auxiliado** Jose Ramos, *que* o tenho | 2r. alizado *muito*. carta 461

l. Festas alegres e entrada do no- | vo anno com todas as felicida- | des de coração apeteço e a *Excelentissima Prima* e *Primos*. Damos-lhes eu | com Potamio, mãe e Irmã | nossos parabens pelo feliz | conçorcio do *Primo* Joãozinho; e | que o Sr. do Bonfim queira dar-lhe[...]³¹⁷ | *muitos* anos de vida com todas | as felicidades *que* se pode am- | bicionar na vida. Não **te-|nho lhe escripto** supondo ja | se ter regressado *para* o Regalo, | e Camuciatá onde devo *mandar* | Potamio visital-o, a *Baronesa* e os | *Primos*. Eu vivo sem saber se | 1v. vivo padecendo dia e noite, | ate *quando* o sr. do Bonfim for ser- | vido. Vamos no pior estado aque | pode uma terra sem governo che- | gar. Carta 433

³¹⁷ Rasgado.

Além de outras construções.

(6.22) Costa/culto

a. Tomo a liberdade de enviar-|lhe 200 exemplares do primeiro| opusculo de uma serie para **me** | **fazer** o favor de collocar á venda <a 300 reis> | em alguma, ou algumas, casa| de confiança que se queira encar-|regar d'isso com 30% de commissão | e condição de ajustar contas com-|migo a cada numero. | carta 165

b. Consumei o maior dos sacrificios, meu amigo! pus-me| acima das *minhas* forças *para* vencer as lagrimas de *minha* Familia, *para me vencer* a mim *mesmo* sobrepujando | o excesso de filial affecto, *para* aventurar nova carreira, e apurar ainda *sentimentos* já tão apurados | em 6 annos de separação daquelles, de quem um só minuto dezejara viver separado! | carta 32

(6.23) Interior/semi-culto

a. Quando es|tive na *Bahia* em Fivereiro, não pu-|de pagar as 6 rodas de arame, *por* não| ter recebido um *dinheiro* ali; *por* isso só| agora remeto lhe 130\$000 *para me* | **lv. fazazer**³¹⁸ o favor mandar pagar, | e *por que* não tivesse o Palmeira re|metido conta, não sei ao certo *quanto* de|vo, pedindo lhe *que* se for *mais* pague, e | me *mande* a conta. carta 346

b. Hontem *mesmo* foi uma| commissão do centro operario pe-|dir providencias ao conselho municipal sobre a carestia dos generos del| primeira necessidade, e aglome-|rou-se mais de 100 pessoas na ca-|mara e sahirão satisfeitos; O con-|selheiro Couto, já providenciou del| maneiras tal, que **ouvi elle dizer** | que a carne <verde> amanhã será vendida| a 700 *reis* o kilo; *para* mil reis, como esta-|va, e ameaçada a população de com-|<prar> nestes 8 dias a 1\$500 *reis*, já foi por| conseguinte uma vantagem ex-|traordinaria. Quanto a farinha-| creio *que* elle deo tambem providencias. | carta 365

Por fim, as estruturas de colocação dos clíticos em grupos verbais são vistas por data de nascimento e por data de produção nas duas amostras: CB (costa/culto *versus* interior/semi-culto), especialmente, perda de elevação e a inovação brasileira.

³¹⁸ Por “fazer”.

6.3.3 Colocação dos clíticos em grupos verbais: por data de nascimento e data de produção em Cartas Brasileiras (CB), costa/culto *versus* interior/semi-culto

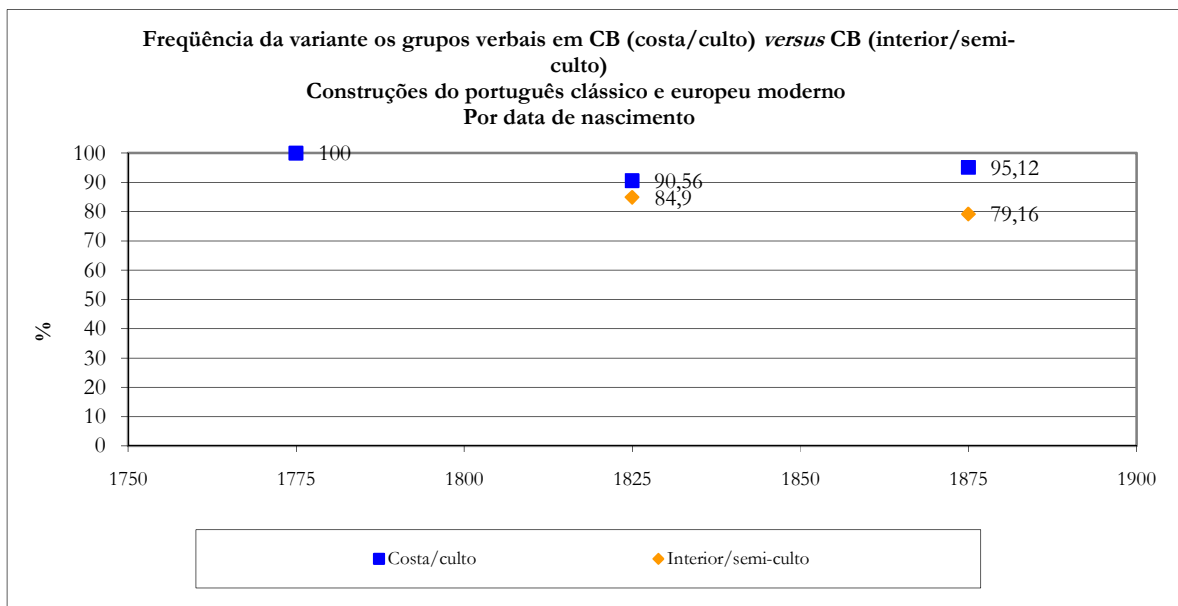
Nessa comparação entre a variante da costa/culto *versus* interior/semi-culto, por data de nascimento e produção, o índice de elevação na costa/culto por data de nascimento é de 62% e na amostra do interior/semi-culto é de 49,0%, portanto, um índice inferior. Paralelamente a esse fato, a inovação brasileira, também é menor entre os cultos, 23,3% e na amostra dos semi-cultos é de 37,7%. Esses índices comprovam o comportamento dessas construções em outros estudos do português brasileiro (cf. Pagotto, 1992, Cyrino, 1993). A tabela 6.19 traz a distribuição das variantes por data de nascimento e a 6.20 por data de produção.

Tabela 6.19 Colocação dos clíticos em grupos verbais por tipo de estrutura: CB (costa/culto *versus* interior/semi-culto). Por data de nascimento

Estruturas	Colocação de clíticos em grupos verbais por tipo de estrutura em CB (costa/culto <i>versus</i> CB (interior/não culto)									
	Por data de nascimento									
	Cartas da costa/culta					Cartas do interior/semi-culto				
	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL	1724-1799	1800-1850	1851-1880	Data não identificada	TOTAL
Elevação de clítico										
1. cl-V V	6	75	19	74	174	-	101	8	6	115
2. cl-VXV	1	2	2	3	8	-	6	0	1	7
3. V-cl V	2	16	13	10	41	-	41	6	0	47
4. V-clXV	0	6	0	1	7	-	2	0	0	2
Não elevação de clítico										
5. V V-cl	3	39	5	13	60	-	64	2	1	67
6. V X V-cl	0	5	0	0	5	-	6	2	-	8
7. V XX V-cl	1	1	0	1	3	-	5	1	0	6
<i>Inovação brasileira</i>										
8. VXclV VXXcl V 9. V cl-V	0	7	2	2	11	-	24	2	1	27
Ambíguos										
10. V cl V	0	8	0	5	13	-	16	3	0	19
Subtotal	13	159	41	109	322	-	265	24	9	298
Total Geral	620									

É interessante ver que a maior concentração das construções referidas ocorre no período posterior à data de nascimento. Os resultados do interior confirmam a maior queda dessa variante na amostra.

Gráfico 6.11



O próximo gráfico 6.12 trata da construção **V cl-V**, a inovação brasileira. Trata-se de casos não ambíguos:

Gráfico 6.12

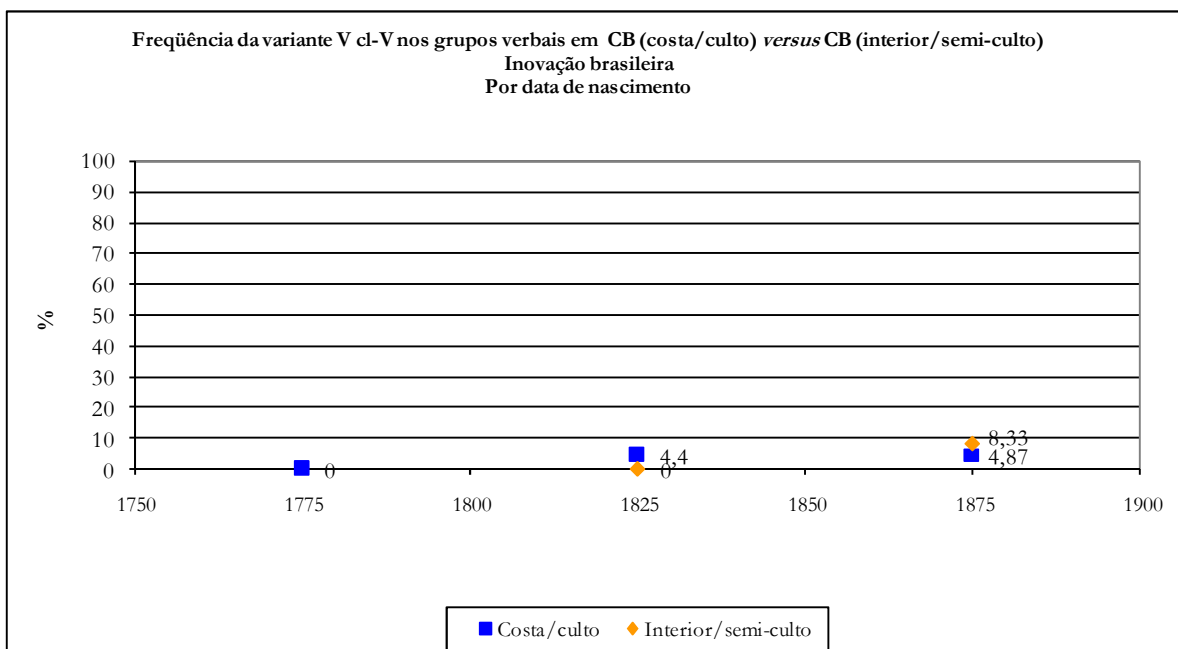


Tabela 6.20 Colocação dos clíticos em grupos verbais por tipo de estrutura: CB (costa/culto *versus* interior/semi-culto). Por data de produção

Estruturas	Colocação de clíticos em grupos verbais por tipo de estrutura: CB (costa/culto) <i>versus</i> CB (interior/não culto)									
	Por data de produção									
	Cartas da costa/culto					Cartas do interior/semi-culto				
	1809-1825	1826-1850	1851-1876	1876-1904	TOTAL	1809-1825	1826-1850	1851-1899	1876-1904	TOTAL
Elevação de clítico										
1. cl-V V	1	9	79	85	174	0	-	96	19	115
2. cl-VXV	0	2	1	5	8	0	-	6	1	7
3. V-cl V	0	1	18	22	41	0	-	43	4	47
4. V-clXV	0	0	6	1	7	0	-	2	0	2
Não elevação de clítico										
5. V V-cl	0	5	37	18	60	0	-	61	6	67
6. V X V-cl	0	1	4	0	5	0	-	5	3	8
7. V XX V-cl	0	0	1	2	3	0	-	6	0	6
<i>Inovação brasileira</i>										
8. VXclV VXXcl V	0	0	6	5	11	1	-	19	7	27
9. V cl-V										
Ambíguos										
10. V cl V	0	0	8	5	13	1	-	15	3	19
Subtotal	1	18	160	143	322	2	-	253	43	298

Os gráficos a seguir, ilustram duas dessas construções, a queda do uso de construções do português clássico e do português europeu, em 6.13. E no gráfico 6.14, a elevação da construção do português brasileiro.

Gráfico 6.13

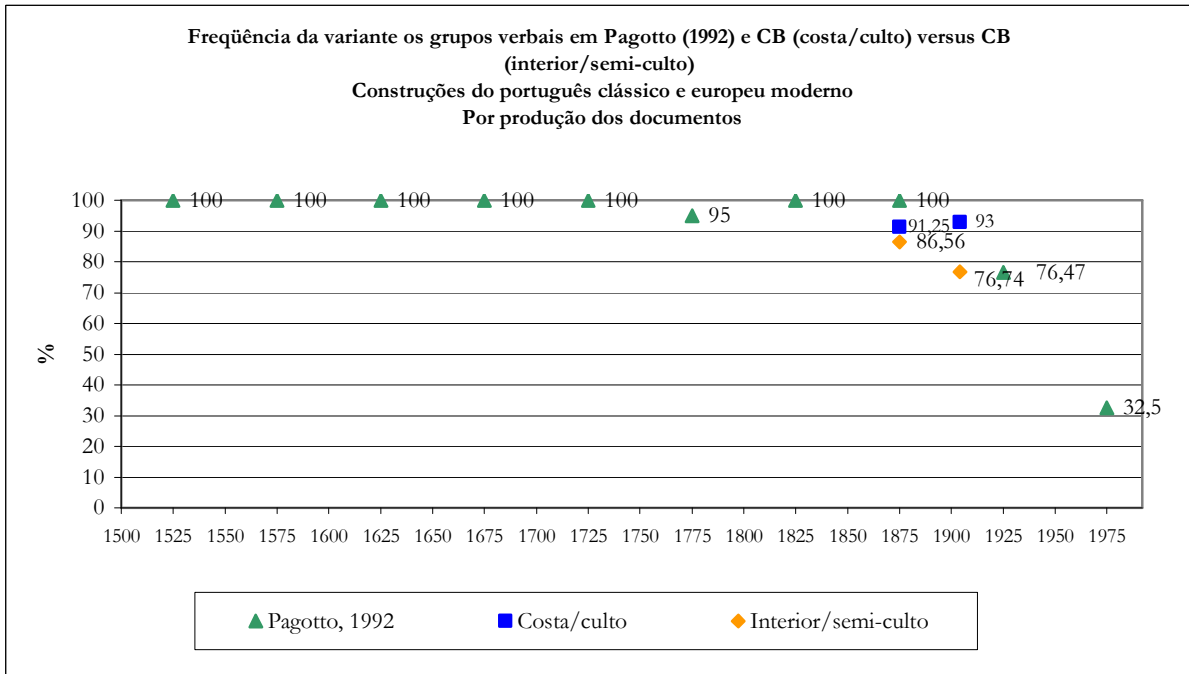
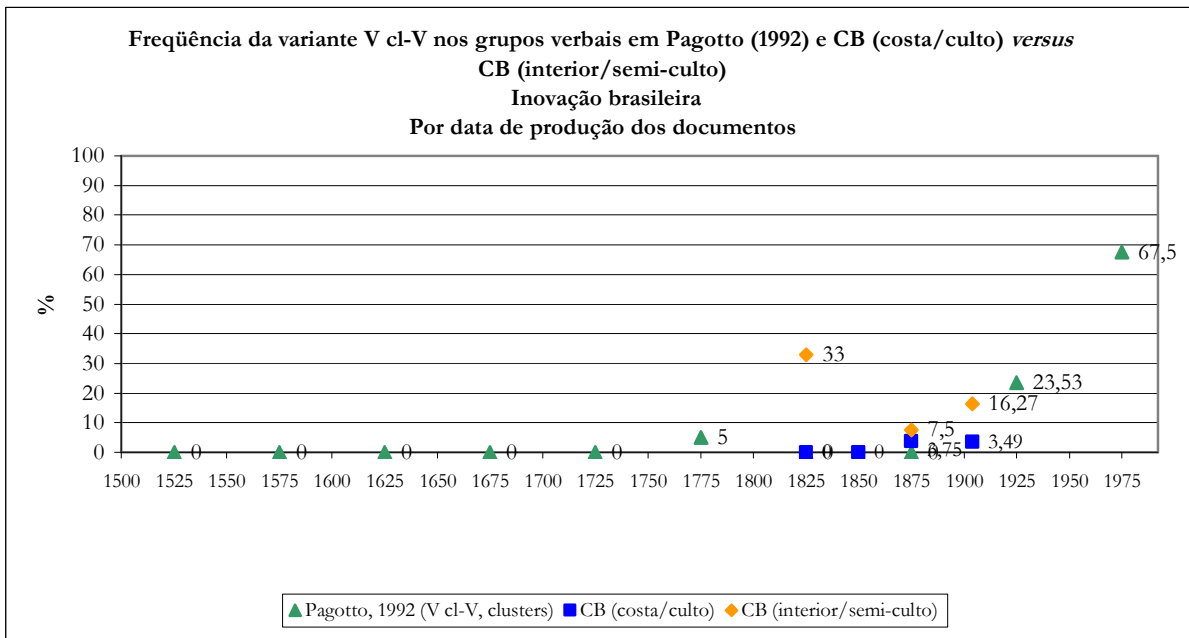


Gráfico 6.14



6.3.4 Resumo do capítulo

A análise desenvolvida nos capítulos anteriores proporcionou o conhecimento, através de uma abordagem temporal comparativa, dos padrões e das tendências do processo de colocação dos clíticos, primeiro, globalmente (capítulo 3) e depois, neste capítulo, por contraste culto/costa *versus* não culto/interior, ou mais precisamente, brasileiros cultos *versus* brasileiros não cultos. O século 19, sob essa perspectiva, a exemplo da descrição do capítulo 3, foi visto também diacronicamente.

Viu-se que os remetentes semi-cultos usam muita ênclise em contextos de próclise obrigatória. E isso deixa, por um lado, de ser enigmático se pensar que a ênclise usada pelos falantes do interior é representativa de modelos sobre os quais não conhecem inteiramente, evidenciando um processo que parece ser de aquisição imperfeita. Outras interpretações podem ser feitas também, o que esperamos ser possível com o andamento das pesquisas, no sentido de entender esse processo singular de variação nos textos do século 19. Por outro lado, são também os remetentes semi-cultos que apresentam mais características do português brasileiro, como a próclise em V1 em posição inicial absoluta e próclise ao verbo não finito. Se por um lado, também é aparentemente surpreendente o índice de ênclise em construções de variação I, deixa de ser se se pensar que os brasileiros da costa/cultos têm, em tese, maior contato com a “tradição escrita” portuguesa moderna.

Resumindo, embora as tendências observadas através do contraste CB (costa/culta) e CB (interior/semi-culta) sejam captadas em CB em sua totalidade, não há dúvida que a observação da amostra sob essa perspectiva permite levantar questões sobre língua-I e língua-E nos estudos diacrônicos do português brasileiro do século 19, ou seja, verificar até que ponto as construções representam gramáticas maternas nucleares, afetam apenas a periferia ou se são usos restritos à língua-E.

Considerações finais

Embora o fundamental para a definição de uma gramática do português brasileiro numa perspectiva diacrônica já tenha sido levantado em trabalhos seminais, alguns pontos permanecem em aberto. Este trabalho, seguindo uma linha de pesquisa que vem sendo desenvolvida no Brasil, parte dentro das discussões feitas pelo “Projeto Para a História do Português Brasileiro”, pretendeu contribuir para a construção de um modelo que agrega aspectos da história interna e da história externa do português brasileiro.

No esteio do que tem sido feito pelo “Projeto Para a História do Português Brasileiro” sobre questões relacionadas à constituição de *corpora* diacrônicos adequados ao estudo do português brasileiro, condizentes com a sua constituição sócio-histórica, minha preocupação central foi dar um tratamento metodológico a amostra constituída para o estudo do português brasileiro no século 19, que aparece no volume 2, como parte constitutiva da tese, portanto, não é um anexo, mas um material empírico levantado para uma análise lingüística histórica. Em suma, pretendemos deixar as questões teóricas sobre língua-I e língua-E sobre fenômenos lingüísticos para uma análise posterior. Acreditamos, no entanto, que a descrição feita a partir de um material constituído com rigor metodológico pode fornecer uma boa base para o teste de hipóteses, o que pretendemos fazer a partir da continuação da pesquisa, como dito. No que diz respeito à interpretação de fenômenos da sintaxe, foram indispensáveis os resultados de estudos diacrônicos do português europeu e brasileiro e, de forma específica, na comparação com o português europeu, os resultados dos *Corpora Anotados Históricos do Português Tycho Brahe* (CTB) porque permitiram que estudo do século 19, feito aqui sob uma perspectiva de mudança, através da datação dos textos e, de forma inédita para o português brasileiro, com base na data de nascimento dos autores, fosse inserido em uma mudança mais ampla na história do português.

Encerro este trabalho apontando o que foi possível obter, a partir do que me propus inicialmente - levantar questões sobre as construções gramaticais desses textos em relação ao processo de ordenação superficial dos clíticos com base na edição de material para estudo do português brasileiro. Então, vejamos os resultados sobre questões metodológicas e sintáticas.

Sobre as questões do material empírico e sobre a metodologia:

- i. seleção de fontes fidedignas para o estudo do português brasileiro através de técnicas convencionalmente adotadas pela filologia;
- ii. identificação do remetente quanto ao uso de L1 ou L2 nos textos;
- iii. exploração da integração entre história interna e história externa do português brasileiro;
- iv. comparação do processo de colocação dos clíticos: português europeu *versus* português brasileiro;
- v. estratificação da amostra para comparação de variantes dialetais geográficas e sociais brasileiras.

As conclusões feitas com base na integração desses campos com referência a uma teoria da linguagem apontam algumas breves considerações que julgo relevante retomar com relação ao fenômeno sintático descrito, a partir da diversificação interna da amostra: cartas brasileiras representando a amostra na sua totalidade e o contraste por amostra: costa/culto *versus* interior/não culto:

- i. colocação dos clíticos com verbo em posição inicial de sentença. Apesar de ser uma das construções mais relevantes por definir a mudança do português brasileiro não é facilmente encontrável em textos produzidos por sujeitos cultos, tendo em vista ser um contexto estável de ênclise do português, mas que os resultados aqui apontam como sendo de uso inequívoco no século de 19 por brasileiros não escolarizados, principalmente, mas também de uso dos brasileiros cultos.

- ii. contexto de variação I, definido pelas construções com orações raízes declarativas afirmativas, principais com verbo único em segunda posição (Sujeito neutro, sintagmas preposicionais e advérbios não modais). Esse contexto mostrou que não se trata simplesmente de dizer que os falantes cultos teriam mais influência da norma portuguesa moderna, evidencia uma situação mais complexa. Embora mais homogêneos, mostram claramente as construções que indicam a mudança do português brasileiro. Por outro lado, surpreendentemente, na amostra do interior, a despeito de uma ênclise elevada, fruto do que parece ser a incidência de construções específicas, como a ênclise em nomes próprios, também verificada na costa, não se distancia da amostra da costa nesse sentido, ao contrário.

Por outro lado, é na amostra do interior onde mais claramente aparecem as inovações brasileiras: rearranjo pronominal com mudanças no sistema de caso, próclise ao afirmativo, próclise ao verbo temático e “confusão” com ênclises “inesperadas” em contextos categóricos de próclise no português europeu. Obviamente, que essa “ênclise” carece de estudos aprofundados, sobretudo, o padrão de ordem nas dependentes.

No geral, penso que o modelo apresentado abre perspectivas para os estudos diacrônicos no Brasil e para a lingüística histórica na medida em que é possível captar nos textos a competição de mais de uma mudança. Aponta por outro lado, para a necessidade de um estudo detalhado das diferenças dialetais no processo de formação do português brasileiro.

Mas é com o estudo comparativo diacrônico do português europeu com o português brasileiro do século 19 que espero ter contribuído mais. Especialmente pelas evidências significativas, extraídas de fontes primárias produzidas por brasileiros comuns desse período, sobretudo a de brasileiros semi-cultos do interior da Bahia. Obviamente que dado o esforço para congregar áreas distintas e o trabalho com a seleção de materiais do passado do português, as dificuldades para identificação do tipo de língua utilizado por quem escreve os textos, se primeira ou se segunda, impediram avanços mais significativos na interpretação do fenômeno. Nesse sentido, este trabalho não é explicativo, mas descreve as construções relevantes a partir de uma representação de linguagem com base no que tem sido colocado como pertinente no âmbito da gramática gerativa.

O ponto de confluência é um estudo descritivo da colocação dos clíticos. O fato de ser um tópico bastante explorado oferece uma vantagem adicional, a de permitir identificar quais gramáticas estão em jogo no processo de aquisição e de mudança do português brasileiro. O objetivo principal foi atingido, o de que o século 19 fosse visto sob uma perspectiva diacrônica, tanto a partir da data de produção dos textos, mas, sobretudo, da data de nascimento dos autores, em consonância com a noção de gramática e mudança na perspectiva gerativa, através do modelo apresentado, neste trabalho. Acredito que isso pode abrir novas perspectivas para os estudos diacrônicos no Brasil.

Viu-se que é possível captar, em amostras da língua, a competição de três gramáticas nos textos brasileiros do século 19. Fato tornado possível através da comparação de textos produzidos por brasileiros com textos produzidos por portugueses no mesmo período. Nesse sentido, penso também ter contribuído com dados importantes para um problema dos estudos diacrônicos no Brasil, como levantado por Ribeiro (1998), ao salientar que as comparações entre o português brasileiro e o português europeu terem sido pautadas no português europeu moderno. A autora defende que a base do português brasileiro atual se acha em duas gramáticas portuguesas, correspondentes aos séculos 16-18 e aos séculos 19-20. Este trabalho, penso, traz novos dados que ajudam a esclarecer essa questão se considerarmos o processo de competição de gramática, no sentido de Kroch (1994, 2001), a substituição de uma gramática antiga, a do português europeu anterior ao século 18 pela gramática do português brasileiro. Isso traz outros problemas ao revelar

um processo mais complexo na análise de textos do passado do português brasileiro. Primeiro, porque a competição da gramática do português europeu anterior ao século 18 estava também em processo de mudança. Segundo, porque a segunda gramática do português europeu não parece ter afetado a gramática nuclear do brasileiro do século 19, mas apenas a língua-E. É interessante ver que os dois processos de mudança, uma primeira mudança, a gramática do português europeu anterior ao século 18 em competição com o português brasileiro, e uma segunda mudança, a gramática do português europeu moderno com o português brasileiro, dão-se de forma distinta, fato que fica evidenciado quando se submete a análise das amostras de língua-E a critérios sócio-históricos, como a oposição dos textos escritos por brasileiros cultos e não cultos (cf. capítulo 6). Ficando demonstrado através de outros estudos diacrônicos, baseados no português brasileiro, que a variante do português que parece ter se disseminado pelo Brasil em meados do século 18 já não apresentava a mesma gramática do português europeu do mesmo período. Até onde foi possível verificar, parece que as características da nova gramática do português europeu, posterior ao século 18, captada nos textos escritos por brasileiros (cf. capítulos 3 e 6,) mais presentes nos textos dos indivíduos mais escolarizados, apresentam as características inequívocas da gramática do português brasileiro no fenômeno analisado, através de construções com próclise em posição inicial absoluta e próclise ao verbo temático. O outro contexto relevante, a colocação dos clíticos em orações raízes declarativas afirmativas, principais, com verbo em segunda posição antecedido por sujeitos neutros, sintagmas preposicionais e advérbios não modais, expresso pela subida da ênclise tanto na amostra produzida por indivíduos cultos e não cultos, não se justifica por si só. Principalmente se se considerar o uso de ênclise em construções proclíticas do português europeu em toda a sua história nas duas amostras. Por outro lado, o fato da gramática do português brasileiro ser mais claramente evidenciada na amostra do interior aponta para a necessidade de um estudo mais detalhado das diferenças dialetais no processo de formação do português brasileiro.

Obviamente que dado os vários percalços em relação às dificuldades de integração entre **sintaxe** (1ª e 2ª partes, volume 1), **sócio-história** (3ª parte, volume 1) e **filologia** (volume 2, que traz a edição de 500 cartas manuscritas datadas entre 1809-1904) deixam ainda muitos pontos em aberto.

8

Fontes e referências

8.1 Fontes

MANUSCRITAS

APEBA. Arquivo Público do Estado da Bahia. Seção Colonial e Provincial:
Série Instrução Pública: Maço 3996, 3997, 3971
Série Polícia: Recenseamento. Doc. 6176.1
Série Administração: Recenseamento. Doc. 1602. Cx. 529

Sessão do Judiciário. Livro de Notas dos Municípios. Câmaras Municipais Itapicuru

Livro do tabelionato de José de Faria Góes (1875 -1878). Doc. 26.
Livro de João Antonio Hermenegildo dos Santos (1878 – 1889).
Livro de Pedro Augusto César (1892 –1896). Doc. nº 31).
Câmaras Municipais: Ata da câmara de Itapicuru (1870 – 1890). Termo de Juramento e Posse. Doc. nº 5467.

Jeremoabo

Livro de Porfírio da Costa Borges (1893). Doc. nº 18, ano de 1893.
Livro de Manuel do Nascimento Silva (1878 – 1888). Doc. 19.
Livro de João Batista de Souza (1875 – 1908). Doc. nº 14.
Livro de Trajano José de Carvalho (1873 – 1880). Doc. nº 13, ano de 1875.
Livro de Manuel Cardoso Varjão (1896 – 1900). Doc. nº 19.
Livro de José André Ribeiro de Moraes (1869 – 1872). Doc. nº 11, documento referente à venda de escravo.

Tucano

Livro de José Raimundo Nonato (1865 – 1869). Doc. 16, documento referente à compra de escravos.
Livro de João Moreira de Góes (1879 – 1885). Doc. nº 20.
Livro de Manuel do Nascimento Silva (1887 – 1888). Doc 23 e Doc. nº 19, ano de 1878.
Livro de Patrício José de Góes (1853). Doc. nº 7.

Cícero Dantas (Bom Conselho)

Livro de Pedro Augusto César. (1879-1884). Doc. nº 1.
Livro de João Moreira de Góes. (1879 – 1885). Doc. nº 20.

Paripiranga

Livro de Anselmo Cardoso da Silva. (1871 – 1874). Doc. 01.

Outros

Procuração do Professor Caetano Mauricio Rodrigues (1876).

IMPRESSAS

Atos do Governo da Província

1ª Seção:

Maços: 963 (1835-1848) ; 966.(1849-1852); 967 (1853-1855); 968. 1ª Seção (1856-1857); 970 (1858-1859); 971 (1860); 972 (1861); 973 (1862); 974 (1863); 975 (1864). , 976 (1865); 980 (1866); 982 (1867); 985; 990 (1869); 992 (1880); 995 (1871); 1000 (1873); 1003 (1873); 1004 (1874); 1007 (1875); 1010 (1876); 1016 (1878); 1017 (1879); 1022 (1880); 1024 (1881); 1026 (1882); 1030 (1884); 1034 (1885); 1036 (1886); 1042 (1888).

2ª. Seção:

Maços: 1014 (1878); 1032 (1885); 1040 (1887); 1043 (1888); 1048 (1889).

3ª. Seção:

Maços 997 (1871); 1003 (1873); 1029 (1883); 1031 (1884); 1039 (1887); 1041 (1888).

4ª. Seção:

Maços 986 (1868); 988 (1869); 1011 (1877); 1023 (1881); 1035 (1883-1886).

Documentos governamentais publicados

BARBUDA, Gordilho de. (1828). *Fala à Assembléia Provincial*. 1º de dezembro de 1828. Bahia (em xérox, no APEBA).

FERREIRA, Joaquim Leal (1892). *Mensagem e relatórios apresentados à Assembléia Geral Legislativa*. Bahia. Tipografia e Encadernação do Diário da Bahia.

COLEÇÃO DE LEIS E RESOLUÇÕES DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA BAHIA. (1865). Bahia. Tipografia de Antonio Olavo França Guerra (Ao Aljube n. 1). , v. 1-7.

8.2 Referências

ABAURRE, M. B; GALVES, C. (1996). Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A.; BASÍLIO, M. (Eds.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 267-312.

ABDO, Patrícia Lourençato. (2003). *Colocação dos clíticos em orações infinitivas introduzidas por preposição no português clássico*. UNICAMP (<http://www.ime.usp.br/~tycho/relatórios>).

ACCIOLY, Marcus. (1986). *Nordestinados*. Rio de Janeiro: José Olimpio, p. 17-71

ADAMS, M. (1987). *Old French, null subjects, and verb second phenomena*. Los Angeles: University of Califórnia. Ph. D. Dissertation.

AGUIAR, Durval Vieira. (1979 [1882]). *Descrições práticas da província da Bahia: com declaração de todas as distâncias intermediárias das cidades das cidades, vilas e povoações*. 2. Brasília: INL.

ALBUQUERQUE, A. C. R. C. (1982). *Perda dos clíticos num dialeto mineiro*. UFRJ. Dissertação de mestrado.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. (2000 [1889]). *Instrução pública no Brasil: 1500-1889*. São Paulo: Educ.

- ANDRADE, M. C. (1996). A pecuária e a produção de alimentos no período colonial. In: SZCMRECSÁNYI, T. *História econômica do período colonial*. São Paulo: Hucitec, p.99-108.
- ANTONIL, André João. (1982 [1649]). *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte: Universidade de São Paulo.
- ARAS, José. (2003). No sertão do Conselheiro. *Contexto & arte editorial*. Salvador.
- AZEVEDO, M. D. Moreira D. (1892). Instrução pública nos tempos coloniais do Brasil. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 55, parte 2, p. 141-158.
- BARBOSA, Afranio G. (1999). *Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em cartas de comércio*. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de doutorado.
- BENINCÀ, Paola (1994). *La variazione sintattica* (studi di dialettologia romanza). Bologna: Il Mulino.
- BENINCÀ, Paola (1995). Complement clitics in medieval Portuguese: the Tobler-Mussafia Law. In: BATTYE, A. e ROBERTS, I. (Orgs.). *Language change and verbal systems*. Oxford: Oxford University Press, p. 325-344.
- BRITO, Paulino de. [s.n.]. *Brasileirismos de colocação de pronomes: resposta ao Sr. Cândido de Figueiredo*.
- BRITTO, Helena. (1999). *Clíticos na história do português*. Relatório da Fapesp. (<http://www.ime.usp.br/~tycho/participantes>).
- DUARTE, I. (2003). Padrões de colocação dos pronomes clíticos. In: MATEUS, M. H. M.; BRITTO, A. M., DUARTE, FARIAS, I. Faria (Eds.). *Gramática da língua portuguesa*. C. 20.6, p. 847-868.
- CÂMARA Jr. J. (1972). Línguas européias de ultramar: o português do Brasil. *Dispensos*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, p. 71-87.
- FIGUEIREDO, Cândido de (1944 [1909]). *O problema da colocação de pronomes*. Lisboa: Livraria Clássica.
- CAPRISTANO DE ABREU, João (1998). *Capítulos de história colonial: 1500 -1800 & os antigos povoaamentos do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais e ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. (2002). *Elementos para uma sócio-história do português o semi-árido baiano*. Comunicação apresentada no V Seminário para a História do Português Brasileiro.
- CARVALHO JUNIOR, Álvaro Pinto Dantas de (2000). *Cícero Dantas Martins, de barão a coronel: trajetória política de um líder conservador na Bahia (1838-1903)*. Salvador, v. 2. Dissertação de mestrado.
- CARVALHO JUNIOR, Álvaro Pinto Dantas de. (2002). *De aldeia a vila: breve resumo da história de um município do 'sertão de cima' da Bahia*. São João Batista de Jeremoabo.
- CARVALHO JUNIOR, Álvaro Pinto Dantas de. (2000). Arquivo do barão de Jeremoabo: catálogo de correspondência e documentos. *Revista da Fundação Pedro Calmon*. Centro de Memória da Bahia. Salvador; ano 5, p. 145-202.
- CARREIRA, (1981). Situação das pesquisas acerca do tráfico em Portugal. In: *O tráfico de escravos negros: séculos XV-XIX*. Lisboa: Unesco. p. 317-334.

- CASTILHO, Ataliba T. de (Org.). (1998). *Para a história do português brasileiro: primeiras idéias*. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, v.1.
- CHOMSKY, Noan. (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- CHOMSKY, Noan. (1986a). *Knowledge of language: Its nature, origin and use*. New York: Praeger.
- CHOMSKY, Noan. (1988). *Language and problems of knowledge*. The Managua Lectures. Cambridge: MIT Press.
- CHOMSKY, Noan. (1995). *A minimalist program*. Press. Massachusetts: Cambridge, MIT PRESS.
- CHOMSKY, Noan; LASNIK, H. (1991). *The theory of principles and parameters*. Cambridge.
- CHOCIAY, Lucianne (2003). *O papel dos tipos de clíticos na ordem proclítica ou enclítica no português clássico*. UNICAMP (<http://www.ime.usp.br/~tycho/relatórios>).
- CLARK, R.; ROBERTS, I. (1993). A computational model of language learnability and language change. *Linguistic inquiry*, 24, p. 299-345.
- CORRÊA, Vilma R. (1992). *O objeto direto nulo no português do Brasil*. Dissertação de mestrado, UNICAMP.
- CUNHA, Luiz Antonio. (2000). Ensino superior e universidade no Brasil. In: LOPES et al. (Org.). (2000). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, p.151-204.
- CYRINO, S. M. L. (1990b). *O objeto nulo no português do Brasil: uma mudança paramétrica?* UNICAMP.
- CYRINO, S. M. L. (1993). Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 163-175.
- CYRINO, S. M. L. (1994). *Objeto nulo do português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese de Doutorado. Campinas: Editora da UNICAMP.
- CYRINO, S. M. L. (1997). *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico* Londrina. UEL.
- CYRINO, S. M. L., DUARTE, E., KATO, M. (1996). *Visible subjects and invisible clitics in brazilian portuguese*. *NWAVE XXV*. Las Vegas: University de Nevada.
- COUTINHO, I. de L. (1976). *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica:, p. 335-353.
- CUNHA, Luiz Antonio. (2000). Ensino superior e universidade no Brasil. In: LOPES et al. (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, p.151-204.
- CUNHA, Euclides. (1998 [1901]). *Os sertões: campanha de canudos*. São Paulo: Ática.
- DANTAS JÚNIOR, João da Costa Pinto. (1968). O capitão mor João d'Antas e sua descendência. *Revista do Instituto Genealógico da Bahia*, Salvador, v. 15.
- DANTAS, B. G. et alli.(1992). “Os povos indígenas no Nordeste brasileiro: um esboço histórico”. In: CUNHA, Manuela Carneiro (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. Secretaria Municipal de Cultura/FAPESP, p. 431-456.

- DECAT, B. (1989). Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz *Diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- DUARTE, M. E. L. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 107-157.
- DUARTE, M. E. L. (1986). *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUCSP.
- DUARTE, M. I. (1987). *A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutorado.
- ENÇ, M. (1991). The Semantic of Specificity. *Linguistic inquiry*, p. 22: 1-25.
- ESTRELA, Edite. (1996). *A questão ortográfica: reforma e acordos da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Notícias.
- ELIA, S. (1979). *A unidade lingüística do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão.
- FARIAS, Gelasio de Abreu e MENEZES, Francisco de Conceição. (1937). *Memória histórica: ensino secundário oficial na Bahia (1837-1937)*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado.
- FAUSTO, Boris. (1996). *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Unibrade/Unesco.
- FERREIRA, C. (1984). Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. *Revista lusitana*, n.5 (nova série), p 21-34.
- FREIRE, Felisbello. (1998 [1897]). *História territorial do Brasil*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Edição fac-similar.
- FREYRE, Gilberto. (1977). *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: J. Olympio/MEC, v.2.
- FROTA, S. and Vigário, M. (2002). Efeitos de peso no português europeu. In: MATEUS, M.; CORREIA, N. (Eds.). *Saberes no tempo: homenagem à Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Edições Colibri, p. 315-333.
- GALVES, C. (1987). A sintaxe do português brasileiro. *Ensaio de lingüística*, p. 13:31-50.
- GALVES, C. (1989a). O objeto nulo no português brasileiro: percurso histórico de uma pesquisa. *Cadernos de estudos lingüísticos*, 17, p. 65-90.
- GALVES, C. (1991). *Subjects and operators in brazilian portuguese*. UNICAMP.
- GALVES, C. (1993b). O Enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I; KATO, M. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 387-408.
- GALVES, C. et alii (1998). *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística*. Projeto de pesquisa aprovado pela FAPESP.

- GALVES, C. (2000). Agreement, predication and pronouns in the history of portuguese. In: J. Costa (ed). *Portuguese syntax. new comparative studies*. Oxford: University Press, p.143-190.
- GALVES, C. (2002). *Ensaio sobre gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- GALVES, C. (2003 [2001]). Sintaxe e estilo em Padre Antonio Vieira. In: ALCKIMIN, T.; ALBANO, L, HADLER, M.I; POSSENTI, S. (Eds.). (2003). *Saudades da língua*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GALVES, C. 2004 *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística*, Fase 2. Projeto de pesquisa/FAPESP. (<http://www.ime.usp.br/~tycho/apresentação>).
- GALVES, C., BRITTO H.; PAIXÃO DE SOUZA, M. C. (2005 [2002, 2003]). *The change in clitic placement from classical to modern european portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus*. UNICAMP.
- GALVES, C., BRITTO, H.; PAIXÃO de SOUSA. (2001). *Clitic placement in the 17th and 18th european portuguese texts: first results from the Tycho Brahe Corpus*. (<http://www.ime.usp.br/~tycho>).
- GALVES, A.; GALVES C. (1994). *A case study of prosody driven language change: from classical to modern european portuguese*. UNICAMP.
- GALVES, C. RIBEIRO, Ilza; TORRES MORAES, Maria Aparecida (2005). *Syntax and morphology in the placement of clitics in european and brazilian portuguese*.
- GALVES, C.; SÂNDALO, F. (2004). Clitic-placement in european portuguese and the syntax-phonology interface. In: CASTRO, A.; FERREIRA, M. HACQUARD, V.; SALANOVA, A. P. (Eds.). *Romance op. 47, collected papers on romance syntax, MIT working papers in linguistics 47:115-128*.
- GARCEZ, Angelina. (1997). *Em torno da propriedade da terra*. Salvador.
- GUY, G. (1981). *Linguistic variation in brazilian portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. University of Pennsylvania.
- HASENBALG (1979). *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal.
- HOLANDA, Sérgio de. (2002 [1913]). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HOLM, John. (1988). *Pidgins and creoles*. Cambridge: Cambridge University, 2.v.
- HOUAISS, A . (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- HOUAISS, A . (1985). *O português do Brasil*. Rio de Janeiro: Unibrade.
- KATO, M. (1999). Aquisição e Aprendizagem da língua materna: de um saber inconsciente para um saber metalingüístico. In: CABRAL L. G; MORAES, J. (Orgs). *Investigando a linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral*. Florianópolis: Editora das Mulheres.
- KATO, M. A.; TARALLO, F. (1994). *The loss of VS syntax in brazilian portuguese*. UNICAMP.
- KATO, M. A. (1987). *Os frutos de um projeto herético: parâmetros na variação intra-lingüística*. Comunicação apresentada no Seminário de Sociolingüística. João Pessoa.

- KATO, M. A. (1991). A theory of null objects and the development of a brazilian child grammar. *Crossing boundaries: formal and functional determinants of language acquisition*. Tubingen.
- KATO, M. (1993). Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística. *Actas do congresso internacional sobre o português*. Lisboa: Colibri/APL, v.2.
- KATO, M. (2003a). A evolução do conceito de “parâmetro”. *DELTA*, 19.2: (309-337).
- KATO, M. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A; KOLLER, e. TEXEIRA, J. & LEMOS, A. S. (orgs). *Ciências da linguagem*. trinta anos de investigação e ensino. Braga: CEHUM (U. do Minho), no prelo.
- KAYNE, R. (1989). Null subjects and clitics climbing. In: JAEGGLI, SAFIR, (Eds). *The null subject parameter*. Dordrecht: Kluwer, 239-261.
- KROCH, A. (1989b). Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language variation and change*, 1, p. 199-244.
- KROCH, A. (1994). Morphosyntactic variation. In: BEALS, K. et al. (Eds.). *Papers from the 30th regional meeting of the Chicago linguistics society: parasession on variation and linguistic theory*, v. 2, p. 180-201.
- KROCH, A. (2001). Syntactic change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*, Oxford: Blackwell Publishers Inc., p. 699-729.
- LABOV, W. (1982). Building on empirical foundation. In: LEHAMANN, W. P.; MAKIEL, Y (eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- LAPESA, Rafael (1993). Sobre los orígenes y evolución del leísmo, laísmo y loísmo. In: FERNÁNDEZ, Soriano (Ed.). (1993). *Los pronombres átonos*. Madrid, Taurus, Alfagurara, S.A.
- LIGHTFOOT, David. (1979). *Principles of diachronic syntax*. Cambridge: The MIT Press.
- LIGHTFOOT, David. (1991). *How to set parameters. Arguments from language change*. Cambridge: MIT Press.
- LIGHTFOOT, David. (1999). *The development of language: Acquisition, change, and evolution*. Maryland lectures in language and cognition. Malden.Blackwell.
- LOBO, Tânia. (1990). A Colocação dos pronomes átonos: um estudo comparativo. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, não publicado.
- LOBO, Tânia. (1992). *A colocação dos clíticos em português: duas sincronias em confronto*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado.
- LOBO, Tânia. (2001). *Para uma sociolingüística histórica do português do Brasil: edição filológica e análise lingüística de cartas particulares do recôncavo da Bahia, século XIX*. Universidade de São Paulo/FFLCH. Tese de doutorado.
- LOBO, Tânia, LUCCHESI, D.; MOTA, J. A. (1991). A norma culta brasileira e as prescrições gramaticais: colocação dos pronomes átonos. In: *Estudos (11)*. Salvador.
- LUCCHESI, Dante. (1994). Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil. *Revista internacional de língua portuguesa* 12: 17-28.

- LUCCHESI, Dante. (1997). A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos lingüísticos e literários*, Salvador: UFBA, nº 19, p. 65-83.
- LUCCHESI, Dante. (1998). A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizado: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: *SYBILLE*, Große,
- ZIMMERMANN, Klaus (Eds.). “*Substandard*” e mudança no português do Brasil. Frankfurt: TFM, p. 73-100.
- LUCCHESI, Dante. (2001). As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil, *D.E.L.T.A.*, São Paulo, 17: 1, 2001, p. 97-132.
- LUCCHESI, Dante. (2003). O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 272-284.
- MAIA, C. A. de (1986). *História do galego-português. estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MARTINS, Ana Maria (1994d). *Clíticos na história do português*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de doutorado.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (1981). A sócio-história do Brasil e a heterogeneidade do português brasileiro: algumas reflexões. In: *ABRALIN*: Boletim da Associação brasileira de Lingüística, no. 17, Recife: Editora Universitária/UFPE, p. 73-86.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (2001). De fontes sócio-históricas para a história social lingüística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Para a história do português brasileiro: primeiros estudos*. São Paulo: Humanitas/FFCHL/USP:FAPESP, v.2, t. 2, p. 275-302.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (2001). (Org.). *Para a história do português brasileiro: primeiros estudos*. S. Paulo: USP.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (2002). Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. In: ALKMIM, Tânia M. *Para a história do português brasileiro: novos estudos*. São Paulo: Humanitas/FFCHL/USP:FAPESP, v. 2, p. 443-464.
- MATTOSO Jr., Joaquim Mattoso. (1975). Dispersos. In: UCHÔA, Carlos, Eduardo F. *Série Dispersos*, n.1. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- MATTOSO, Kátia M. Queirós de. (1992). *Bahia, século XIX: uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MAURO, Fradéric. (1991). *O Brasil no tempo de dom Pedro II: 1831-1889*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MENDONÇA, (1933). *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Sauer.
- MONTEIRO, José de Lemos (1994 [1991]). *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza. Edições UFC.
- MONTEIRO, Tânia Penido. (1982). *Portugueses na Bahia na segunda metade do século XIX: imigração e comércio*. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Tese de mestrado.

- MONTEIRO Tânia Penido (1985). *Portugueses na Bahia na segunda metade do século XIX: emigração e comércio*. Porto, Instituto Universitário de Trás os Montes e Alto Douro.
- MOTT, Luís. (1979). Os índios e a pecuária nas fazendas de gado do Piauí colonial. *Revista de antropologia*. São Paulo, v. 22, p. 59-78.
- MUSSA, Alberto. (1996). *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. Dissertação de mestrado.
- MUSSAFIA, A. (1886). Una particolarità sintattica della lingua italiana dei primi secoli. In: *Miscellanea di filologia e linguistica in memoria di Napoleone Caix e Ugo Angello Canello*. Firenze.
- NAMIUTTI, Cristiane (2003). *Um estudo sobre o fenômeno da interpolação de constituintes entre o pronomes clíticos e o verbo na história do português*. Coimbra, Boletim de Filologia, (prelo).
- NARO, J.; Scherre, M. (1993). Sobre as origens do português popular do Brasil. *Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 9, nº Especial, p. 437-454.
- NARO, A. (1978). A study on the origins of pidginization. *Language*, v. 54, n.2, p. 314-347.
- NASH, (1950 [1855]). *A conquista do Brasil*. São Paulo: Nacional.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. (1996). Escravismo policultor e meação. In: *Anais da 4ª reunião especial da SBPC: Semi-árido: no terceiro milênio, ainda um desafio*. (24 a 28 de novembro de 1996). Feira de Santana: Campus da UEFS, p. 36-41.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. (1998). *Da sesmaria ao minifúndio: uma comunidade sertaneja*. (um estudo de história regional e local). Feira de Santana: UEFS e Salvador: EDUFBA.
- NUNES, J. (1990). *O famigerado SE*: UNICAMP. Dissertação de mestrado.
- NUNES, J. (1993). Direção da cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, I; KATO, M. (Orgs). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 207-222.
- NUNES, Antonietta de Aguiar. (1997). Educação na Bahia no século, XIX: algumas considerações. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, nº 93, janeiro/dezembro. Salvador: Bahia.
- NUNES, Antonietta de Aguiar. (2003). *Política educacional no início da República da Bahia: duas versões do projeto liberal*. Universidade Federal da Bahia. Tese de Doutorado.
- OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. (2002). *Recôncavo sul: terras, homens, economia e poder no século XIX*. Salvador: UNEB, p. 77.
- OLIVEIRA, Klebson. (2003). À escuta de novas vozes no português escrito no Brasil: os caminhos de uma edição de atas baianas oitocentistas. Comunicação apresentada ao *IV seminário do projeto para a história do português brasileiro*. Teresópolis. Inédito.
- OTT, Carlos. (1993). *Povoamento do Recôncavo pelos engenhos (1556-1888)*. Salvador: Bigraf. 1v.
- PAGOTTO, Emílio G. (1992). *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. Campinas: UNICAMP. Dissertação de mestrado.

- PAGOTTO, Emílio G. (1993). Clíticos, Mudança e Seleção Natural. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, p.185-206.
- PAGOTTO, Emílio G. (1998). Norma e condescendência, ciência e pureza. In: *Línguas e instrumentos Lingüísticos*. Campinas: Pontes, nº3.
- PAGOTTO, Emílio G. (1999). *A norma das constituições e a constituição da norma no século XIX*. Comunicação apresentada no III Seminário para a história do português do Brasil. Campinas.
- PAGOTTO, Emílio G.; DUARTE, Eugênia. (2004). *Gênero e norma; avós e netos, classes e clíticos no final do século XIX*, Comunicação apresentada no VI Seminário do PHPB.
- PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2004). *Língua barroca: sintaxe e história do português nos 1600*. UNICAMP. Tese de doutorado.
- PALACINSJ, Luís Gomes. (Org). (1987). *História da diocese de Paulo Afonso*. Rio de Janeiro: Se-Si.
- PANG, Eul Soo (1979). *Coronelismo e oligarquias (1889-1940)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- PESSOA, Marlos. (2001). Da carta a outros gêneros textuais. In: DUARTE, M. E. L; CALLOU, D. (2001). *Para a história do português brasileiro: notícias de corpora e outros estudos*. Rio de Janeiro: FAPERG, v.4.
- PINHO, José Wanderley de Araújo (1937). *Cotejipe e seu tempo: primeira fase.1815-1867*. São Paulo: Nacional.
- PINHO, José Wanderley de Araújo (1946). *História de um engenho:1552-1944*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde.
- PINTO, Estevão. (1956). *Etnologia brasileira: fulniôs, os últimos tapuias*. São Paulo: Nacional.
- PONTES, E. (1971). *Verbos auxiliares em português*. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Tese de Livre-docência.
- PRADO Jr., Caio. (1963). *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- PRADO, Paulo. (2001). *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza do brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PRIMITIVO MOACYR (1937). *A instrução e o império: subsídios para a história da educação no Brasil (1854-1888)*. São Paulo: Nacional, v. 2.
- PRIMITIVO MOACYR (1939). *A instrução e o império: subsídios para a história da educação no Brasil (1835-1889)*. São Paulo: Nacional, v.2
- PUNTONI, Pedro. (2002). *A guerra dos bárbaros: povos indígenas e a colonização do Sertão Nordeste, 1650-1720*. São Paulo: Hucitec. USP/FAPESP.
- QUERINO, Manuel. (1905). Os artistas baianos. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, nº 31, p. 93-115.
- RABELO, Domingos Antonio. (1929). Corografia ou abreviada histórica geográfica do Império. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, n. 56.

- RAMOS, Jânia. (1992). *Marcação de caso e mudança sintática: abordagem gerativa e variacionista*. UNICAMP. Tese de doutorado.
- RAMOS, Jânia. (1997a). *A sociolinguística paramétrica: lingüística paramétrica ou variação sintática?* Comunicação apresentada no Seminário de Sociolinguística. João Pessoa.
- RÉVAH, I. (1963). *La question des substrats et superstrats dans le domaine linguistique brésilien*. Romania, 84, p. 433-450.
- RIBEIRO, Ilza. (1995b). *A Sintaxe da ordem no português arcaico: o Efeito V2*. UNICAMP. Tese de doutorado.
- RIBEIRO, Ilza. (2002). Quais as faces do português culto brasileiro. In: ALKMIM, Tânia. *Para a história do português brasileiro: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, p. 359-382.
- RIOS, I. Nancy Araújo. (2003). *Nossa Senhora da Conceição do Coité: poder e política no século XIX*. Universidade Federal da Bahia. Dissertação de Mestrado.
- ROBERTS, Ian. (1992a). *Object movement and verb movement in early modern english*. University of Wales, Bangor.
- ROBERTS, Ian. (1993a). *Verbs and diachronic syntax*. Dordrecht: Kluwer.
- RODRIGUES, Aryon. (1986). *Línguas brasileiras: para um conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- SAID ALI, M. (1908). *Difficultades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Laemmert & C Livreiros.
- SALVI, G.(1990). “La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialettioccidentali della penisola iberica”, *Medioevo Romanzo* 15, p. 177-210.
- SAMPAIO, Consuelo Novais. (Org.). (1999). *Canudos: cartas para o barão*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- SANKOFF, David (1979). *Varbrul 2S*. Programa.
- SANTORINI, B. (1992). Variation and change in yiddish subordinate clause word order. *Natural language and linguistic theory*, 10, p. 595-640.
- SANTOS FILHO, Lycurgo (1956). *Uma comunidade rural do Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no Sertão da Bahia, nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Nacional.
- SCHEI, A. (2000). *A colocação pronominal na lingual literária contemporânea do português brasileiro*. Stockholms Universitet. Tese de doutorado.
- SCHWARTZ, Stuart B. (1988). *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 550-1835*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SENA, Consuelo Pondé de. (1972). Caminhos, vilas e cidades nos sertões de Euclides da Cunha. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador: Editora Mensageiro Fé, nº 85.
- SILVA NETO, Serafim da. (1986 [1950]). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença.

- SILVA NETO, Serafim da. (1975). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença.
- SILVA, Cândido da C. e (2000). *Os segadores e a messe: o clero oitocentista na Bahia*. Salvador: EDUFBA.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da Silva. (1996). Pecuária, agricultura de alimentos e recursos naturais no Brasil-Colônia. In: SZMRECSÁNYI, Tamás. (Org.). *História econômica do período colonial*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, p. 123-162.
- SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello e. (1989). *Urbanização e metropolização no estado da Bahia: evolução e dinâmica*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA.
- SILVA, Lígia Osório. (1996). *Terras devolutas e latifúndio: efeitos da Lei de 1850*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- SISSON, S. A. (1999). *Galeria dos brasileiros ilustres*. Brasília, DF, Senado Federal, v. 1 e v. 3, retrs. (Brasil 500 anos).
- TARALLO, Fernando. (1983). *Relativization strategies in brazilian portuguese*. University of Pennsylvania. Ph.D. Dissertation.
- TARALLO, Fernando. (1987). *Por uma sociolinguística românica "paramétrica": fonologia e sintaxe*. *Ensaio de Linguística*, p. 631-659.
- TARALLO, Fernando. (Org.). (1989). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes.
- TARALLO, Fernando. (1993 [1986]). Sobre a alegada origem crioula do português popular brasileiro. (tradução). In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, p.35-68.
- TARALLO, Fernando. (1993). Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, p.69-106.
- TARALLO, F.; KATO, M. (1989). Harmonia transistêmica: Variação intra e interlinguística. *Preedição 5*.
- TOBLER, A. (1875). *Compte rendu de le coultre 1875*. *Göttingische gelehrte anzeigen, stück 34*: 1057-1082, reproduit dans *V/B V*, p. 395-415.
- TEYSSIER, Paul. (1976). *Manuel de langue portugaise; Portugal-Brésil*. Paris: Klincksieck.
- TEYSSIER, Paul. (1981). *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- TEYSSIER, Paul. (1981). Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIV^e, XV^e et XV^e siècles. *Cahiers de linguistique hispanique médiévale*. Paris, 6:5-40.
- TORRES DE MORAIS, Maria Aparecida C. (1995). Mudança na colocação dos clíticos na história do português. In: *Boletim da ABRALIN*, 17, p. 32-40.
- TORRES DE MORAIS, Maria Aparecida C. (1997). A sintaxe dos verbos e clíticos no português. In: *Anais do I Encontro de CelSul*, v. 1, p. 792-800

TORRES DE MORAIS, Maria Aparecida C. (1998). Para uma abordagem diacrônica do Português Brasileiro. In: CASTILHO, A. (Org.). *Para a história do português brasileiro: primeiras idéias*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, v. 1, p. 121-142.

TORRES DE MORAIS, Maria Aparecida C.; RIBEIRO, Ilza (2005). Contraste da sintaxe dos clíticos no português Europeu e Português Brasileiro. *Linha D'Água*, 17:21-48. São Paulo: Humanitas FFLCH-USP.

VANCE, B. (1989). *Null subjects and syntactic change medieval french*. Cornell University. Ph.D. Dissertation.

WACKERNAGEL J. (1892). Über ein gesetz der indogermanische Wortstellung. *Indogermanische Forschungen* 1, p. 333-436.

WILDBERGER, Arnold. (1949). *Os presidentes da província da Bahia: efetivos e interinos (1824-1889)*. Salvador. Tipografia Beneditina.

VASCONCELOS, Albertina L. (2000). “Ouro, conquistas, tensões, poder, mineração e escravidão – Bahia – do século XVIII. *Revista do instituto geográfico e histórico da Bahia*, Salvador: n. 95, p. 265-274.

VILHENA, Luís Santos. (1969). *A Bahia no século XVIII*. Salvador: Itapuã, 3v.